
THE V GAMES SERIES
VEN
bestselling authors
KER DUKEY
K WEBSTER

Ker Dukey & K. Webster

#2 Ven

Série The V Games



Tradução Mecânica: Magali Dias

Revisão Inicial: Valentina

Revisão Final: Asli, Flavia

Leitura Final: Mika

Data: 12/2019

Ven Copyright © 2018 Ker Dukey & K Webster

SINOPSE

O nome Vetrov vem com expectativa. Meu papel neste mundo é simples: fazer o que o Pai pede e viver minha vida como ele planejou.

Meu futuro já está escrito: governar o império.

Valores antigos. Regras antigas. Dinheiro antigo.

Até ela.

Tudo o que faço é sem propósito.

Tudo o que faço é vazio.

Mulheres. Dinheiro. Poder. Não significou nada.

Até ela.

Quando a rosa Volkov apareceu na minha casa como um pacote desonrado, entregue em mãos por um príncipe Vasiliev, comecei a abrir meu próprio caminho.

Jurei fazê-la florescer mais uma vez.

Ela me consumiu.

Ela. Ela. Ela.

Mas você não pode amar uma rosa e esperar não ser danificado por seus espinhos.

Ela me cortou profundamente.

E eu sangrei.

Minha alma se foi.

Tudo o que resta é um monstro frio e calculista.

Eu sou Veniamin.

Vulcânico. Vitorioso. Valente. Vetrov.

Quando você entra no meu mundo para jogar, prepare-se para perder. No final, sempre encontro o espinho no meu lado, e o arranco.

A SÉRIE

The V Games

Ker Dukey & K. Webster



The V Games – Personagens

(por ordem de poder e influência)

Famílias Principais:

Família Vasiliev (Anfitriã do The V Games – drogas/tráfico humano/negócio de armas)

Yuri – pai (Pakhan[1]) (52)

Vera – mãe (45) Deixou-os logo depois que os gêmeos nasceram.

Vlad – irmão mais velho (22)

Vika – irmã gêmea (18)

Viktor – irmão gêmeo (18)

Família Vetrov (tráfico humano/ramo imobiliário e construtora legítimos)

Yegor – pai (Pakhan) (59) - Anna – mãe (45) Falecida

Veniamin 'Ven' – irmão mais velho (28)

Niko – irmão do meio (18) Falecido

Ruslan – irmão mais novo (17)

Família Volkov (donos da Volkov Spirits e outros vários negócios)

Leonid – pai (Pakhan) (55)

Olga – mãe (46)

Diana – irmã mais velha (24)

Irina 'Shadow'[2] – irmã mais nova (18)

Vas – filho da empregada (18)

Anton – guarda-costas de Diana (51)

---

[1] Pakhan é o nome dado aos chefes das organizações mafiosas russas.

[2] Sombra

Família Vokoboynikov (óleo e gás)
Iosif – pai (Pakhan) (61)
Veronika – mãe (55)
Ivan – irmão mais velho (30)
Artur – irmão mais novo (28)
Alyona – irmã mais nova (19)

Famílias Secundárias:

Família Orlov (importantes traficantes de droga)
Arkady – filho primogênito (28)

Família Koslov (traficantes de armas menores)
Stepan – único filho (19) Novo aprendiz de Vlad no The V Games.

Família Egorov

Outros personagens:

Oleg – traficante de armas de Vlad
Darya – garota no porão
Rada – criada dos Vasiliev
Danill – compradora de mulheres de Vlad

Vulcânico.

Vitorioso.

Valente.

Vetrov.

Prólogo

Ven

O passado...

Estou sendo perseguido.

Cabelo castanho. Olhos dourados. Pequena diva retorcida. Vika *fodida* Vasiliev.

Eu gemo enquanto entro na casa dos Volkov para escapar da criatura tentando me perseguir. É como se ela sempre tivesse um farol para quando estou por perto. Costumava ser fofo quando ela era pequena, mas agora é irritante.

Eu ouço a voz de Yuri Vasiliev na sala de estar quando me aproximo, então diminuo meu ritmo para escutar. Pequenos passos soam de algum lugar atrás de mim, forçando-me a me aproximar da parede e me esconder nas sombras da minúscula perseguidora me procurando. A voz de Yuri aumenta o volume, vindo da porta aberta a alguns metros de distância. Ele está conversando com meu pai, Yegor Vetrov, e outro chefe da Primeira Família, Leonid Volkov, sobre a traição de um de seus associados, Alfred Baskin. É o tema da maioria das conversas ultimamente. Alfred era um chefe da Segunda Família envolvido nos assuntos de negócios dos Vasilievs, portanto *nossos* negócios. Ele se meteu em problemas com a lei por delitos ao dirigir embriagado e, em vez de ser um homem e de receber sua punição, tornou-se um rato. Não há nada que meu pai despreze mais que um traidor. Em nosso mundo, os traidores precisam ser eliminados como o câncer. Você tira todas as partes para impedir que a doença se espalhe. Se você mostrar fraqueza, os outros pensarão que têm essas opções. Toda a sua família pagará o preço pelo seu engano.

— Não há novas informações há semanas, — Leonid grita, sua voz percorrendo o corredor e saltando das paredes. A tensão é tão palpável, eu posso sentir isso, e ainda nem entrei na sala.

Alfred quebrou todas as regras que o mantinham em riqueza, segurança e boa reputação com as Primeiras Famílias. Em troca de tempo de prisão, ele forneceu as informações para os homens da lei sobre uma das remessas de meu pai — uma remessa que ele só tinha conhecimento porque Yuri Vasiliev e meu pai concordaram que Alfred poderia escolher as mulheres que Vasiliev desejaria. O carregamento foi apreendido, mulheres foram levadas sob custódia preventiva e cinco dos homens de meu pai foram presos e acusados. Mas, ao contrário de Alfred, esses homens sabiam onde depositar sua lealdade. Ajuda que nunca houve um rastro de papel para nós dessas chegadas. Meu pai não chega onde está cometendo erros juvenis.

Não tendo uma grande prisão, os homens da lei aplicaram mais pressão sobre Alfred por mais informações, mais segredos, eles queriam prisões que poderiam destruir o império.

— Precisamos dar um exemplo com esse bastardo, — rosna Leonid, e um zumbido de acordos ressoa.

Alfred deu-lhes informações sobre todas as Primeiras Famílias, mas sem provas sólidas, tudo o que podiam fazer era seguir-nos a qualquer momento em que deixássemos nossa propriedade na esperança de levá-los a algo que pudessem usar contra nossos reinos, para nos destruir.

Eles subestimaram com quem estavam jogando.

Nós não tememos e vacilamos. Nós não corremos e nos escondemos. Nós não perdemos.

Eu sorrio com esse pensamento enquanto meu pai anuncia que o escritório do governo virou chacota, e um arrepiante coro de risos se escoa da sala.

O governo vasculhou todas as partes de nossos negócios legítimos para encontrar falhas ou pistas dos nossos negócios não tão legítimos. Infelizmente para eles, com o dinheiro vem o poder, e o alcance das

Primeiras Famílias está longe da cadeia alimentar. Depois que alguns favores e subornos foram feitos, tudo foi varrido para debaixo do tapete, desaparecendo como neblina na luz do sol, graças principalmente aos contatos de Vasiliev dentro do gabinete federal.

Uma vez que tudo acabou, Alfred já havia fugido com sua esposa, Monica, e sua filha, Kira. Kira tem mais ou menos a mesma idade que Diana, é alguém com quem crescemos, mas isso não impediu que nosso pai falasse sobre como a sua morte acontecerá quando ela estiver sob seu controle. Eu conheço os lados mais obscuros deste negócio, inferno, eu vivi isso, mas matar crianças não é algo que se encaixa bem comigo. A esse respeito, fico feliz que Kira esteja se escondendo com seu pai traidor. Por que ela deveria pagar pelos pecados de seu pai? Se vivermos por esse lema, todos nós estamos fodidos.

— Eu o quero uma vez que o tenhamos sob custódia, — papai resmunga.

— Absolutamente não, — Yuri zomba. — Vou levá-lo para minha propriedade, onde ele pode ser devidamente tratado.

Eles continuam discutindo sobre quem vai matar Alfred assim que ele for encontrado: alguma novidade? Mas não é isso que me deixa no limite. Não, eu sei que em cerca de três segundos uma garota de dez anos vai me encontrar. Todos os negócios da família serão deixados de lado enquanto ela me incomoda, até que Yuri a coloque em seu carro e a leve para casa.

Ela é chata e má. Sua fachada fofa não me engana, mas engana seu irmão mais velho, Vlad, que vai aprender a tempo que sua irmã mais nova é mais uma Lolita muitos anos à sua frente dos seus dez anos nesta terra.

Inferno, tanto ela quanto seu irmão gêmeo são bem mais velhos para sua idade, apenas Vika finge que não.

Meu irmão mais novo, Niko, e eu os chamamos de problema duplo.

Eu tento passar pela sala de estar para pegar uma bebida antes de ter que lidar com essa merda, mas meu pai me chama. — Veniamin, venha aqui. — Ótimo, sóbrio.

Sendo o mais velho, certos deveres são esperados de mim. E agora que tenho vinte anos, sou chamado para mais reuniões do que gostaria de participar. No ano passado, quando eu tinha dezenove anos, fui colocado no primeiro V Games anual. Minha vitória fez a nossa família ganhar *muito* dinheiro. Foi brutal, e eles ainda estão trabalhando nos problemas, mas Yuri Vasiliev estava em algo quando os projetou.

Aquele dia foi um banho de sangue. Matar ou morrer.

Um jogo que eu não tinha opção a não ser vencer.

E eu ganhei. Nos conquistou um status mais prestigioso. Mais dinheiro. Mais atenção de todas as variedades. Mais tudo. Mais sangue nas minhas mãos do que jamais poderei lavar.

— Pai, — saúdo quando entro na sala de estar. Eu examino as pessoas na sala, então meus olhos se fixam em Diana. Eu dou uma olhada duas vezes. Porra, ela é linda. Faz apenas um mês, talvez dois desde que a vi pela última vez, mas ela está mudando tão rapidamente que parece que não consigo acompanhar.

Ela sorri para mim. Ela exala confiança. Aos dezesseis anos, ela deveria estar fazendo coisas que os adolescentes fazem, coisas que eu *fiz* quando adolescente, mas ela não faz. Diana é obediente e focada, decidida a trazer orgulho ao nome de sua família. Eu a respeito imensamente. E se ela fosse um pouco mais velha, eu poderia persegui-la contra os desejos do meu pai. Ela não é para mim. Foi o que ele me disse uma vez quando descobriu que desfrutávamos da amizade um do outro, e aquela porra me irritou. Eu não gosto que me digam o que posso e não posso ter. Chame isso de lado rebelde da minha natureza. Mas sempre atendi aos seus desejos, então plantei a semente em minha mente que as coisas nunca se tornarão físicas entre nós, não importa o quanto ela desabroche em uma sedutora tentação. Ela parece ter feito exatamente isso ultimamente. Desabrochar. Como uma rosa, bonita e

ardente, abrindo-se em um dia quente de verão para revelar todas as camadas escondidas no interior.

Ela sempre foi agradável para os olhos, com características impressionantes e grandes olhos azuis que parecem lagos glaciais que você deseja nadar. Mas agora? Agora ela parece ter desabrochado sua feminilidade... e ela a possui. Ela ordena aos paus para ficarem de pé e prestar atenção. Caralho, o meu com certeza está prestando atenção.

— Diana. — Eu aceno para ela, então tomo o lugar ao seu lado no sofá. Suas costas estão retas, o queixo erguido. O cabelo comprido e sedoso cor de chocolate desce pelas suas costas. Ela vira a cabeça ligeiramente, olhando-me com aqueles olhos azuis gelados e brilhantes. Eles são pálidos com manchas brancas através da íris, luminosos e de tirar o fôlego. Ela está usando uma cor ousada nos lábios, que me faz pensar em coisas que nenhum homem deveria sobre alguém da idade dela.

— Eu gostaria que você treinasse alguém para os próximos V Games, — meu pai diz, arrastando minha atenção para longe da chave de cadeia na sala.

E então Yuri diz. — Vlad também. Eu sei que ele ainda é jovem, mas eu quero que ele esteja pronto, e depois da sua performance no The Game, acho que você é o homem certo para isso.

Vlad já tem muito potencial. Ele é forte, focado e determinado.

— Claro, — eu digo a eles. Não mencionei que vou trabalhar respeitando meus estudos universitários, já que isso só vai me arranjar olhares irritados de ambos. Esses homens não acreditam em educação. Eles acreditam em experiências de vida e poder familiar. E enquanto essas coisas também são boas na vida, uma boa educação o levará ainda mais longe. Um dia, os dois homens verão que seus herdeiros são mais inteligentes e espertos do que eles jamais foram.

Um dia.

— Veni! — Uma voz grita atrás de mim. Sem olhar, sei que o pequeno cão do inferno me encontrou.

Eu gemo antes de ser abordado por trás. Vika Vasiliev lançou seu corpo ossudo sobre as costas do sofá e tem os dois braços ao redor do meu pescoço. Eu olho para o seu pai, implorando para que ela saia. Ele simplesmente sorri como se estivesse se divertindo com o comportamento da pequena terrorista. Eu tiro seus braços de cima de mim e a sento entre Diana e eu. Ela me deixa feliz por não ter irmãs.

— Estamos tendo uma reunião, — eu admoesto. — Vá brincar com seu irmão.

Seus olhos ambarinos brilham, então ela parece lembrar-se de seu papel na frente do querido e velho pai. Ela mostra a língua para mim. — Quero brincar com você.

— Vika, — diz Diana, com sua voz adocicada. — Irina está no solário. Talvez você devesse ver se ela pintará seu lindo rosto.

Vika envaidece-se ante o elogio e agarra minha mão. — Papai diz que um dia eu vou ter que casar com um Vetrov. Vou casar com você, Ven.

Eu torço meus lábios com desgosto. Ela não é só dez anos mais nova que eu, mas ela é irritante *pra* caralho. — Ruslan é mais a sua idade, — eu resmungo em voz baixa. Ele tem nove, e quase tão chato. Eles seriam uma combinação perfeita.

— Não! Ai credo! Eu odeio o Rus! Quero casar com você...

— Vá em frente, princesa, — Yuri diz com voz firme, um aviso baixo em seu tom. — Deixe os adultos conversarem.

Ela bufa e sopra uma lufada de ar, os braços cruzados enquanto faz beicinho. — Eu quero casar com Ven, papai. Quero isso mais do que o pônei que pedi.

Que pirralha. Já desempenhando um papel para o pai dela.

Ele acena um tchau, e ela sai andando com raiva sobre o piso de madeira.

Eu definitivamente vou precisar de uma bebida.

Felizmente, depois de meia hora de conversa, Yuri e meu pai dispensam Diana e eu. Nós vamos para o quarto de Diana. É legal e tem um sofá. Nós geralmente vamos para lá ouvir música enquanto nossos

pais fazem negócios. Diana sempre tem a melhor conexão com a melhor vodca que esse país já viu. Ela gosta de rock, o que me faz rir. Ela é sempre tão séria e direta. Talvez a pequena Di tenha uma tendência rebelde.

— Treinamento para o The Game, hein? — Ela pergunta enquanto caminhamos pelo labirinto de corredores em sua casa enorme.

— Sim, — eu grunho.

Ela para e agarra meu pulso. — Você não parece satisfeito.

Seu toque é quente. Em alguns anos, eu poderia dar em cima dela. Eu já fodi e fugi de muitas mulheres na minha curta vida, mas Diana é o tipo de garota que você faz amor e mantém. Inteligente, mal-humorada e linda. — Prefiro não passar meu último ano na faculdade usando o meu tempo de estudo para treinar pessoas a lutar.

Ela me sorri. — Deus me livre que façamos o nosso próprio nome.

— Somos uma ameaça para eles, — suspiro, inclinando meu ombro contra a parede. — Um dia, vamos assumir tudo e não haverá nada que nossos pais possam fazer a respeito.

Suas sobrancelhas se contraem de forma pensativa e ela balança a cabeça. — Eu acho que você está tramando algo. — Ela libera meu pulso e levanta a mão. Eu endureço quando ela corre os dedos ao longo da minha barba espessa. — Eu gosto disso em você. Isso combina.

Eu quero dizer a ela que eu gosto da cor de seus lábios maduros, mas me abstenho. Por pouco.

— Pinte-me, — Vika grita com Irina do corredor. — Diana disse que você tinha que me pintar.

Encolhendo-me, vejo aquela merdinha com as mãos nos quadris tentando dar ordens a Irina. Eu reviro meus olhos. — Não consigo tirar essa garota de cima de mim. Porra. Se ela me vir, vai me deixar louco até a hora de ir.

Diana ri. — Sei como solucionar isso. Vamos jogar.

Eu levanto uma sobrancelha interrogativa enquanto ela desliza as mãos para a parte de trás do meu pescoço e pressiona seu corpo macio contra o meu. Seu cheiro é doce, como as rosas que mamãe costumava

cultivar antes de morrer. Eu a inalo. Ela inclina a cabeça para cima e parte os suculentos lábios vermelhos.

— O que estamos fazendo? — Eu pergunto, minha voz rouca e profunda enquanto olho seu jovem rosto bonito.

Ela sorri para mim e meu coração bate forte no meu peito. — Estamos jogando um jogo, Ven. Um jogo onde pequenos peões entendem seu lugar em nosso mundo entre reis e rainhas. — Seus lábios pressionam os meus, e estou atordoado ainda por um momento. Então, minhas palmas acham seus quadris para atraí-la mais perto de mim.

— Diana, — eu aviso contra seus lábios.

— Apenas me siga, — ela murmura antes de enfiar a língua na minha boca.

No momento em que sua língua dança com a minha, eu gemo. Não sei onde ela aprendeu a beijar tão bem, mas não estou reclamando. Sua boca... seus lábios cheios e suculentos... são para beijar. Destinados a me beijar.

Porra.

Estou beijando uma garota que não devo sequer tocar por mais dois anos, e mesmo assim, ela estará destinada a outra pessoa. Se Yuri Vasiliev planeja uma união para Vika e um Vetrov, então ele vai querer outro nome poderoso para um de seus filhos, e Diana Volkov é um prêmio a se ter.

Eu mordo seu lábio e ela solta um gemido que vai direto ao meu pau. Estou prestes a fazer coisas que vão me colocar em uma fodida tonelada de problemas quando um grito estridente ecoa pelo corredor.

Nós nos separamos, e Diana me mostra um sorriso satisfeito.

Um jogo.

Certo.

Pena que meu coração trovejando dentro da minha caixa torácica não leu o maldito memorando.

Eu olho para a fonte do som, encontrando Irina e Vika olhando para nós. Os olhos de Irina estão arregalados, a boca entreaberta. Vika

está chorando e joga a boneca que estava segurando. Arrastando meus olhos delas, olho de volta para Diana. Minha palma encontra sua bochecha e não posso deixar de acariciá-la ali. Então corro meu polegar sobre o lábio inferior, vermelho e inchado do nosso beijo.

Ela me dá um sorriso suave antes de se afastar. — Eu tenho um pouco de lição de casa para fazer. Vamos marcar para ouvir música depois?

Seu guarda-costas, Anton, dá a volta na esquina e me olha com cautela. — Tudo bem, senhorita Diana?

Ela fica rígida, mas concorda. — Perfeito, — ela responde. — Nós estávamos apenas jogando um jogo.

— Entendo, — diz ele, estreitando os olhos para mim como se não acreditasse nela. — Permita-me levá-la ao seu quarto.

Ela balança a cabeça e pega o braço que foi oferecido. Eles se afastam e ela me olha por cima do ombro. Antes que eles desapareçam na esquina, ela me mostra um de seus sorrisos brilhantes e bonitos, e guardo a imagem em minha memória para que eu possa revisitá-la... quando tiver o pau na palma da mão mais tarde.

Não sei que tipo de jogos estamos jogando...

Mas com certeza quero ganhar.

Eu quero ganhar... ela.

Capítulo Um

Ven

Presente - nove meses antes dos The V Games...

— É verdade, Ven, — Vika me diz, um sorriso maligno em seus lábios. — A preciosa Diana e aquele velho, Anton, estão aprontando nas costas do meu bom irmão.

Ela atingiu um ponto *mais baixo de todos os tempos*, mesmo para ela.

Que besta odiosa e vil.

— Suas mentiras vão matar pessoas inocentes, Vika, — eu respondo quando agarro seu braço e a olho com desdém. — Diana não é nada como você, então pare de insinuar.

Eu quero jogá-la no chão e mostrar aonde é realmente seu lugar, aos pés de homens e mulheres como nós, não se misturando e infectando o lugar com suas mentiras cruéis e jogos mentais.

Ela puxa o braço para trás e diz: — Eu os vi com meus próprios olhos. Eles estavam se beijando como estudantes do colégio antes de desaparecer em seu quarto de hotel quando saímos para comprar meu vestido.

Mentiras. Mentiras. Mentiras.

Isso é tudo que a Vika faz.

Vika pode ser bonita em todos os sentidos da palavra, mas ela ainda é a mesma criança detestável que costumava me aterrorizar. Agora, ela só tem mais armas em seu arsenal, e não é só a mim que ela vive para atormentar. Vika gosta de deixar todos infelizes ao seu redor. Uma vez, foi meu irmão. Niko a amava verdadeiramente, acredito. Ela o perseguiu quando percebeu que nunca colocaria suas garras na minha pele. E ele caiu na armadilha, sendo fisgado por completo. Mas ele

nunca pôde casar com ela porque perdeu a vida nos últimos V Games. Meu peito ainda dói com a morte do meu irmão.

— Esquece, — eu respondo, em seguida, bebo minha dose de vodca.

— Não, — ela sussurra. — Eu não vou deixar passar. Vou dizer a Vlad tudo e assistir aos fogos de artifício.

Ignorando-a, saio para encontrar Diana. Eu tenho passado mais e mais tempo com Vlad apenas pela oportunidade de vê-la. Toda essa besteira de casamento arranjado é ridícula. Qualquer um com dois olhos pode ver Vlad e Diana batendo de frente. Ambos são malucos por controle e poder.

Eu a encontro saindo da sala de jantar. Seus seios balançam no vestido transparente e sexy que ela está vestindo enquanto anda, lembrando o meu pau o quanto nós ansiamos por ela.

— Vlad, — Irina grita do corredor. — Vlad!

Alarmada, o sorriso de Diana se apaga e ela corre para ajudar sua irmã. Eu corro atrás dela, como um cachorro doente de amor. Diana quase é arrastada por Vlad enquanto ele grita de seu escritório com a fúria de um tornado F5[3]. Ela bate contra mim e meus braços cercam sua cintura estreita para impedi-la de cair no chão. Eu a solto sem querer. Eu não posso exatamente abraçar, tatear e cheirar o pescoço da noiva de Vlad sem que o inferno se solte.

— Vlad? — Diana chama, o medo fazendo sua voz tremer.

Por que ela tem medo dele? Ele incutiu isso dentro dela?

Serei amaldiçoado se deixar alguém machucar Diana. Nem mesmo meu amigo.

Ele olha para ela, a raiva transformando suas feições em um rosto que eu nunca vi antes. Estou chocado com o modo que Vlad, sempre equilibrado, perdeu a porra da cabeça. O que diabos está acontecendo?

---

[3]Tornado F5 — a escala Fujita é a escala que mede a intensidade dos tornados, a escala vai de F0 de menor intensidade a F5 de maior intensidade.

— Onde está Anton? — Ele grita tão mortalmente, ela começa a chorar. Meu coração bate acelerado e minhas palmas das mãos suam.

Vika não teve tempo de contar a ele as mentiras que ela me alimentou momentos atrás, então, a que diabos ele está se referindo?

— Vlad, — ela implora, seus olhos derramando lágrimas de traição.

Não.

De jeito nenhum.

Anton é velho *pra* caralho. Ele é um ninguém. Um empregado. Homem de aluguel.

Mas está escrito em seu rosto. Seu lábio trêmulo, sua pele pálida perdendo todo o rubor que geralmente coloria suas bochechas. Seu olhar é o indício revelador, a verdade gravada nas lágrimas que jorra dele.

É verdade. Eu posso ouvir em sua voz. Vika não estava mentindo. Droga.

Os olhos de Irina se enchem de lágrimas enquanto ela fica ao lado de Vlad. Eu sinto sua dor. Isso não é bom para Diana. Isso é muito ruim, na verdade.

— Diana, — Vlad ruge.

Ela salta ao tom dele, e eu luto contra a necessidade de virá-la para mim e perguntar: *por que ele?*

— E-eu pedi a ele q-que ficasse em seu quarto essa n-noite, — ela gagueja, os soluços fazendo com que seu corpo trema.

Quero tanto tê-la na segurança dos meus braços, mas isso não seria bom com as acusações sendo jogadas contra ela. Isso só alimentaria o fogo tão selvagem nos olhos de Vlad.

Vlad corre em direção às escadas, e as sobe de três em três. Irina e Diana o perseguem, o nome de Vlad em ambos os lábios quando elas o chamam, mas ele é mais rápido. Eu sigo atrás deles, imaginando o que diabos está prestes a acontecer, enquanto já estou com um pressentimento de que vai ficar sangrento. Vlad não é um homem com quem se mexa. Desde que ele tinha dezesseis anos de idade, ele tem

sido um homem... um assassino... um acerto de contas que você não queria ter lançado em seu caminho.

Ele abre o que eu acredito ser a porta do quarto de Anton com um chute, e ouço o arrastar de pés e Anton perguntando: — O que está acontecendo? — No entanto, está no tom dele: A mentira. A culpa. Ele sabe. Sabe que sua vida termina hoje. Porque você simplesmente não fode um Vasiliev e vive para contar sobre isso.

Eu caminho para o espaço da porta aberta e vejo Vlad acertá-lo com força com o punho fechado, saboreando o rangido de seu maxilar. A cabeça de Anton vira ao lado, e então ele ataca. Mas Vlad, sob minha orientação letal e as lições cruéis de seu pai, treinou toda a sua vida e pode facilmente se esquivar de seus socos. Com movimentos rápidos que Anton não consegue acompanhar, Vlad envolve uma corda no pescoço dele. Ele o obriga a entrar no corredor e amarra a outra ponta da corda ao corrimão.

— Vlad! — Diana e Irina gritam em uníssono.

Mas é muito tarde. Ele está numa névoa de raiva e nada o trará de volta. Só estou aqui para garantir que nenhuma delas atrapalhe e se torne um dano colateral. Ele pega a faca, e com força suficiente, mete-a na virilha de Anton, enfiando a lâmina até o punho.

Faíscas de energia do assassino dentro de mim disparam pelo meu corpo enquanto admiro seu estilo. Vlad tem talento para as punições, com certeza.

Eu sempre o admirei por seus apetites perversos.

— Não! — Diana grita enquanto Vlad arrasta a faca até o estômago de Anton, rasgando a carne, fazendo uma abertura até o peito dele. Os sons são doentios para aqueles além de nós.

Vlad se levanta, depois chuta-o sobre o corrimão, como se ele estivesse matando o gado em uma Fazenda.

Gritos ecoam ao meu redor e gritos ecoam abaixo. Um forte estalido do seu pescoço quando ele quebra, e o espatifar de seus intestinos batendo no chão de pedra causa outra onda de gritos.

Poético realmente. Meus olhos são atraídos de volta para o fogo no olhar de Diana. Seus punhos batendo em Vlad com força surpreendente.

— Não! Seu monstro! Oh, Deus, o que você fez? — Ela soluça histericamente enquanto bate e agarra nele. Eu me movo em direção a eles, caso ela esteja próxima de receber a faca ainda agarrada firmemente na mão de Vlad. O sangue reveste suas calças e pulsos.

— Ele era um animal, — Vlad rosna, afastando a mãos dela como se ela fosse contagiosa.

Um animal? Escolha incomum de palavras para alguém transando com sua noiva. Ele foi estripado como um mesmo assim.

— Eu o amo! — Ela grita, soluços abalados. Meu próprio coração palpita ao ouvir essas palavras.

Vlad pega seus pulsos e a arrasta para o quarto dela. Me arrepio e meus punhos se apertam com a necessidade de impedi-lo de maltratar Diana, mas sei que devo ir com cuidado. Eu não quero fazer nada disso pior para ela, ou perder uma amizade de longa data, quando Vlad está bem dentro do seu direito de estar chateado agora.

— Amava. Você o amava, Diana. Mas você não pode amá-lo agora porque ele está morto. Agora, pegue suas coisas e caia fora da minha casa, — ele ruge. Ele bate a porta, deixando-a para arrumar suas coisas. Meus ombros caem de alívio que ele a deixou sozinha para fazer as malas.

Seus soluços penetravam nas paredes do outro lado da porta. Eu quero ir até ela, mas Irina e eu estamos olhando para Anton balançando, ela em choque e eu me perguntando o quão irritante será limpar essa bagunça. Não apenas no sentido literal. Há pelo menos trezentas pessoas presentes nesta festa hoje à noite.

Jantar e um show?

Nunca há um momento de tédio quando Vika está envolvida, e ela deve ter informado Vlad antes que ela me provocasse com sua informação.

Eu me pergunto onde a pequena víbora caótica e astuta está agora. Provavelmente celebrando sua vitória. Ela sempre teve ciúmes de Diana.

Outro soluço pesaroso ressoa pela porta, tirando minha atenção do corpo de Anton. Talvez Vlad tenha feito alguma coisa com ela e depois a tenha fechado dentro do quarto, para que não possamos vê-la sangrando.

Baque.

— Você a machucou? — Eu pergunto, olhando para a porta de Diana, toda a calma e firmeza sumindo ao pensar nela com dor.

Suas narinas se abrem e seus olhos âmbar parecem brilhar de fúria.

— Você também está transando com ela? — Ele grita, me empurrando.

Foda-se esse babaca.

Eu lhe dou um soco que acerta o seu queixo. Sua cabeça vira para o lado, e o filho da puta ri. Ele cospe sangue e assobia: — Que erro foi esse, droga. — *Amigo*.

Ele bate com um ombro no meu peito. Nós brigamos, batendo nas paredes e derrubando fotos no chão. Um soco no rosto dele, um soco no meu.

— Parem com isso! Pare com isso, Vlad, maldito seja! — Irina grita, tentando nos separar. Mas ela pode muito bem estar a milhões de quilômetros de distância gritando para o abismo. Vlad saiu fora de si, e o animal que reside dentro dele tomou o controle. Eu vou pegar a sua brutalidade e devolver direto a ele. Deixá-lo exaurir-se e livrar-se dessa agressividade para que ele poupe Diana.

Eu consigo afastá-lo para longe de mim com um forte empurrão, e ele cai para trás, direto na pequena Irina. Seus olhos se arregalam quando ele colide com ela, e as pernas dela cedem. Porra. Eu me inclino para frente enquanto ele se vira. Mas ela cai para trás, longe de nós dois. Ele estica as mãos para agarrá-la, mas pega nada além de ar.

Os suaves baques quando ela cai pelas escadas para o meu coração.

Vlad e eu vamos a seu socorro, mas ela está no final da escada antes que possamos chegar até ela, aterrissando na poça de sangue e tripas deixadas por Anton.

Yuri Vasiliev e Vas Volkov estão parados na parte inferior da escada olhando para Vlad.

Antes que ele possa alcançá-la, o irmão de Irina, Vas, a coloca em seus braços. Ela se agita e abre os olhos. O sangue reveste sua pele e encharca seu vestido. Seus olhos estão cheios de dor.

Droga! Por que eu tive que me envolver?

Porque é a Diana.

— Eu estou bem, — murmura Irina, tentando sair de seus braços, mas ela é muito fraca. — Eu estou bem. — O abraço de Vas se intensifica, e ele se afasta da bagunça sangrenta com sua irmã em seus braços.

Eu preciso fugir.

Agora.

Antes de fazer algo realmente estúpido.

De volta para casa para formular um plano. Um plano genial *pra* caralho. Vlad não vai deixar barato, e eu serei um maldito se deixar que ele envergonhe e destrua Diana para saciar seu ego despedaçado.

Ela é nossa amiga desde que éramos crianças, pelo amor de Deus!

Sem outra palavra para Vlad ou qualquer um, saio pela porta da frente, um homem com uma missão.

***

Quando entro na propriedade, meu pai está saindo da casa, com o brinquedo do mês em seu braço. Ela está ostentando um lábio partido, mas ele não parece se importar que seu encontro desta noite mostre sinais de seu tratamento pesado.

Sua testa franze quando eu saio do carro e marcho em direção a ele.

— Nós estávamos saindo. Já acabou? — Ele grunhe.

— Sim, — eu grito.

Deixo que ele *me* siga para variar, e me movo pela casa passando como um furacão. Entro em seu escritório e vou direto para o bar, me servindo um copo do seu uísque caro. Ele é um bebedor de bourbon, e é uma mudança agradável quando preciso limpar minha mente. Minhas juntas doem por causa da briga com Vlad, e eu realmente gosto desta dor. A adrenalina ainda zumbe sob minha pele, mantendo meu coração batendo rapidamente. Pensamentos de Diana correm pela minha mente, e não posso deixar de sentir uma profunda necessidade de protegê-la. Suas indiscrições com Anton são lamentáveis. Decepcionante não é uma palavra forte o suficiente, mas condená-la por isso é injusto. Ela nem sequer teve a chance de explicar suas ações.

— Veniamin, — meu pai grita ao entrar em seu escritório. — O que diabos está acontecendo? — Antes que eu tenha uma chance de responder, Ruslan e Vika retornam da festa. Eles devem ter saído ao mesmo tempo em que eu. O sorriso doentio de Vika faz minha mão se contrair. Talvez matar um Vasiliev não seja uma má ideia, afinal.

— A merda bateu no ventilador, — Vika cantarola, caminhando até onde eu estou de pé, servindo dois copos de uísque antes de se arrastar até o meu pai e entregar-lhe um. Ele não lhe dá nenhuma atenção além de tomar a bebida como se ela nem estivesse no escritório. Ela passa por Ruslan e fica com o segundo copo para si mesma. Pequena bruxa.

— Você disse a ele? — Eu exijo dela.

Franzindo os lábios, ela revira os olhos. — Não, e eu não sei por que você teve que se envolver. Não parece bom, e meu irmão não é uma pessoa que você queira bater de frente. Confie em mim, o preço é alto, — ela retruca, lançando um olhar na direção de Ruslan.

Pobre idiota.

Ele realmente pensou que estava recebendo uma noiva. Em vez disso, ele está recebendo toda uma carga de problemas e, inevitavelmente, desgosto.

— É melhor alguém me dizer o que diabos aconteceu... e agora, — papai rosna, indo para sua mesa e sentado atrás dela, um rei em seu trono.

— O noivado de Diana e Vlad está terminado, — Ruslan o informa. Um bufo de Vika atrai a atenção do meu pai.

— Você vai continuar nos insultando, mulher, ou vai explicar melhor o que ninguém está confessando? — Ele bate com a palma da mão na escrivaninha e seu copo cai no chão com um líquido âmbar derramando sobre a madeira.

Ele estala os dedos na direção de Vika, um gesto para ela limpar a bagunça. Isso faz com que seu rosto aqueça e seus olhos ardam de raiva. Eu sorrio por isso.

Conheça o seu lugar, pequena bruxa.

Ela sai tempestuosamente do cômodo e, como um cachorro bem treinado, Ruslan segue atrás dela.

Sirvo outra bebida ao meu pai e caminho para colocá-lo em sua mesa. Seus olhos examinam as contusões que brotam sobre a minha pele do gancho direito de Vlad. Eu ensinei aquele filho da puta muito bem.

— Diana e Vlad tiveram um desentendimento por alguns rumores de que ela era infiel, — afirmo, trazendo meu próprio copo aos meus lábios e derramando o frenesi em chamas na minha garganta.

— E você quer me dizer por que você parece um saco de pancadas? — Murmura.

Eu sorrio, e então ele sabe que não é nada para se preocupar. Suas relações comerciais significam mais para ele do que qualquer outra coisa, incluindo seus filhos, então se ele acha que há uma chance de Vlad e minha luta serem sérios, ele irá se transformar na entidade demoníaca que todos nós sabemos que fica sob o traje de poder.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, alguns sons ecoam pela casa, seguidos por tiros. Quando se aproxima de onde estamos, eu *a* escuto. Diana. Sua voz em pânico disparou um tremor no meu dedo no gatilho.

— Por favor, — Diana implora. — Não me traga aqui, Vlad. — Eu ouço suas palavras antes que ela apareça.

Vlad aparece na entrada do escritório do meu pai. A fúria que sai dele em ondas é quase visível. A atmosfera muda e engrossa. Ele arrasta Diana para o espaço em frente à mesa do meu pai. Minha arma estava na minha mão em um piscar de olhos, e apontada para ele assim que ele entrou. Vika e Rus entram atrás dele e se aproximam do nosso pai. Vika está aqui para o show, e Ruslan, porque é seu dever estar como uma frente unida com o nome de Vetrov.

— Que porra você está fazendo? — Eu exijo, meu temperamento irritadiço com os maus tratos a Diana.

— Você já tem uma boceta que vai usar o sobrenome Vetrov. O que é mais uma? Você parece interessado nela, Veniamin, — ele berra, seu controle normal saindo do hospedeiro que normalmente habita seu corpo.

Esta versão do Vlad é uma loucura, e assusta as pessoas *pra* caralho.

Este é o Vladimir do *V Games*.

Formidável. Vingativo. Mortal.

Eu dou um passo à frente, mas hesito quando ele joga Diana com força em mim. Eu pego seu corpo para impedi-la de bater no chão. Suas mãos agarraram meus braços e seu corpo se dobra contra o meu para se apoiar. Sua estrutura inteira vibra nos meus braços. Vlad puxa a faca perversa ainda manchada com o sangue de Anton e começa a usá-la para rasgar uma bolsa que ele trouxe com Diana.

— Oh, como caem os poderosos, — Vika bufa para Diana. Eu quase deposito Diana no sofá para que possa ir torcer o pescoço de Vika, mas o som da parte de trás da mão de meu pai batendo na sua cara ressoa pela sala. Ela cai no chão como um saco de batatas. Ele a atingiu na frente de seu irmão como uma demonstração de força e poder. Vlad não é o único alfa na sala. Somos três, e nenhum recuaria para o outro. Eu não vou tirar os olhos dele nem por um segundo.

— Você é um maldito idiota, — digo rispidamente, abraçado a Diana. Ela estremece e chora, e isso me faz querer envolvê-la em meus braços e nunca deixá-la ir.

— Comece a treiná-la, — Vlad rosna enquanto destrói suas coisas, pedaços de roupa caindo no chão. — Pai quer que um Volkov prove seu nome nos The Games. Eu acho que ela mereceu essa honra — ele esbraveja, jogando a bolsa no chão e encarando Diana uma última vez. Ele a deixa com suas palavras de despedida. — Divirta-se no inferno.

Silêncio.

Diana sai dos meus braços e cai de joelhos, recolhendo os restos de suas roupas.

Eu me inclino para ajudá-la e ouço um grunhido de meu pai. — Veniamin. Fique de pé. Vika, ajude Diana.

Rangendo os dentes para evitar explodir com ele, caminho para sentar na cadeira em frente à mesa do meu pai e descansar minhas mãos juntas no meu colo. Tenho que me segurar para evitar a vontade de desobedecer e voltar a ajudar Diana, onde suas roupas íntimas estão espalhadas pelo chão para que os olhos gananciosos testemunhem.

— Ela pode ficar aqui com a gente, — eu digo ao invés de perguntar.

Os olhos do meu pai brilham, mas então ele pega o telefone e coloca no ouvido. Depois de alguns segundos silenciosos, ele fala no receptor.

— Leonid, — ele fala, seu tom áspero. — Algo que pertence a você acaba de ser depositado no chão do meu escritório. — Silêncio, e então, — Isso terá um preço. — Mais silêncio.

— Muito bem, mas esteja avisado, embora meus filhos tenham o coração mole de sua mãe, eu não.

Com isso, ele termina a ligação e fica em pé. — Vá encontrar um quarto para ela Veniamin, — ele ordena, — e faça isso na *minha* ala da casa. — Ele se aproxima de Diana, que olha para ele com os olhos cheios de lágrimas. Ele sorri, tocando seu queixo. — Ouvi dizer que você

gosta de homens mais velhos. — Ele lambe os lábios de uma maneira lasciva antes de liberá-la e nos deixar.

Diana funga e passa a mão no rosto, removendo todos os fluidos que tentam escapar dela. Vou até ela e ajudo a se levantar. Ela está um pouco instável, mas eu lhe dou a força que falta.

— Eu não vou dormir com seu pai, — ela diz através dos dentes cerrados. — Eu prefiro ir para inferno.

Com uma mão acaricio seu cabelo para acalmá-la. — Eu nunca deixaria isso acontecer, — murmuro baixo. — Agora, venha.

Eu a guio pelo corredor até a minha ala da casa e abro a porta de um dos cômodos vagos, perto o suficiente para que possa ouvi-la indo e vindo. Ela se afasta de mim e corre direto para a cama, se jogando de bruços e gritando no travesseiro. Fechando a porta, eu pego uma das cadeiras que está no quarto e me sento. Leva cinco minutos para ela se acalmar e se sentar. Seus olhos estão manchados de maquiagem preta e seus costumeiros lábios vermelhos e perfeitos estão borrados e desbotados. Fios de seu cabelo escuro se soltaram de seu penteado, e uma das tiras de seu vestido está arrebentada, revelando a pele suave de seu ombro. Apesar de tudo, ela ainda é incrivelmente bonita. É quase doloroso olhar diretamente para ela.

Ela é beleza e graça envoltas em videiras de caos.

Ela é minha rosa.

Minha Diana.

— Não deveria terminar assim, — ela geme, segurando o edredom em seus punhos. — O noivado foi tão rápido, e eu sabia que precisávamos parar... — Ela funga, linhas de expressão marcando sua testa. Seus olhos estão abatidos enquanto pensa em tudo o que aconteceu. — Eu sei o que você está pensando. — Ela levanta os olhos para encontrar os meus. — Que eu sou uma prostituta.

— Eu não acho isso, Diana. Estou um pouco chocado, mas todos nós temos nossos segredos. — Quero que ela saiba que ainda sou seu amigo... que nem todos a classificarão como prostituta e a descartarão como bens danificados. Porra, nós vivemos em um mundo de

pecadores, criados por criminosos, ensinados a mentir e corrompidos logo que somos tirados do peito de nossa mãe. O que eles podem esperar quando um de nós estraga tudo?

— Mas por que Anton? — Eu acho que a pergunta saiu dos meus lábios depois de perguntar em minha mente repetidamente desde o momento em que descobri.

Ela fica de pé, envolvendo os braços na sua cintura para se consolar. Seus pés pisam sobre o tapete em direção à janela onde ela para e puxa as cortinas para o lado para olhar sobre os hectares de floresta.

— Começou como algo para ele desviar os olhos de algo precioso... muito precioso para ele sujar. — Ela suspira e me olha por cima do ombro — E então se transformou em algo mais. Eu não sei, Ven. Quando isso é tudo o que você conhece desde que tinha dezesseis anos, eles se tornam parte de você, acho. — Ela suspira.

Dezesseis?

Porra, ele era um maldito monstro.

— O que você quis dizer com ele desviar os olhos de algo precioso?

Eu me levanto e me aproximo dela sem pensar. Ela está sofrendo e isso invoca algo dentro de mim.

Sua cabeça se curva e depois se levanta com uma inspiração. — Irina sempre teve essa beleza sobre a qual ela nunca teve consciência. É o que a torna tão preciosa e atraente, — ela respira.

Penso na idade de Irina quando Diana tinha dezesseis anos. Meus dentes cerram e minhas mãos se fecham em punhos tão apertados que as unhas perfuram as palmas das minhas mãos. Aquele filho da puta doente.

— Ele era um predador, — eu grunho, irritado com o fato de que ele está morto e não consigo colocar minhas mãos nele.

— Não. — Ela balança a cabeça, girando nos calcanhares para me encarar. O azul dos olhos dela é tão vibrante, inundado de lágrimas.

Eu agarro seus braços e olho nos seus olhos. — Sim, Diana, ele era. E você foi uma vítima.

— Não, — ela tenta novamente, seus cílios se abrem e fecham enquanto seu cérebro luta contra a verdade. Suas lágrimas escorrem pelas suas bochechas e um soluço sacode seu corpo inteiro.

Eu a pego contra o meu corpo, segurando-a enquanto ela quebra e compreende o que Anton era. Enquanto ela admite para si mesma que não era amor o que a mantinha amarrada a ele, mas medo. Medo de que ele voltasse suas atenções para sua irmãzinha. Ela estava protegendo Irina dando a um monstro seu próprio corpo, mente e alma.

— Maldição, Diana, — eu digo enquanto acaricio seus cabelos. — Por que você tem que ser tão corajosa?

Ela se afasta, olhando para mim com seus olhos azuis e cristalinos encharcados de lágrimas.

— Porque que outra escolha eu teria?

— Você vai ficar bem agora, — digo a ela com pura convicção. — Eu prometo.

Ela sorri, e as lágrimas que ameaçavam se derramar momentos antes finalmente caem em suas bochechas agora inchadas. — Você tem que dizer isso. É seu trabalho treinar-me para os Jogos. — Ela ri, mas é leve e sem graça.

Minhas mãos apertam seus ombros e eu faço uma careta. — Você não vai entrar nos Jogos. Vlad está apenas com raiva. Vai passar.

Ela limpa o rosto com um movimento da palma da mão e eu a puxo contra o peito mais uma vez. — Obrigado, Ven.

Vou ajudá-la a se encontrar novamente.

Reconstruir e recuperar o que ele roubou, e então vou dar a ela tudo o que ela merece.

Eu prometo mostrar-lhe a diferença entre um monstro e um mestre.

Capítulo Dois

Diana

Uma semana depois...

Morta. Vazia. Oca. Acabada.

Estou na casa dos Vetrov há quase uma semana e mal me mexi. A pena é uma emoção poderosa. Viciosa e vil. É implacável, pois tenta raspar todo o momento feliz da sua vida por dentro. Você fica se sentindo em carne viva. Sangrando e dolorida. Simplesmente não vai embora.

Eu não tenho esperança.

Cada vez que tento pensar em algo que me traz alegria, lembro-me de tudo o que estava arruinado. Minha irmã não é mais um lugar seguro. Irina, com seus cabelos loiros e inocentes olhos azuis, tem dormido com o inimigo.

Por que, Irina?

Por que Vlad, de todas as pessoas?

No entanto eu sei o porque. Vlad é incrivelmente bonito e brutal de uma forma que faz a maioria das mulheres igualmente temer e salivar por ele. Ele tem o tipo de poder que emana dele que é tão quente, você quer sentir a queimadura contra sua carne. Tenho certeza de que minha doce e angelical irmã está amando cada segundo sendo atacada pelo próprio diabo. Ele pedindo-lhe para pecar.

Amargura se arrasta pelo meu coração.

Ele tirou Anton de mim, depois roubou Irina.

Eu estou gritando, mas minha alma chora. Enquanto olho para a parede pintada de um azul-marinho intenso, tento lembrar os bons momentos com Anton. Ignoro as palavras verdadeiras que Ven falou.

Ele era um predador.

Ele pode ter sido um predador e eu fiz o que tinha que fazer para detê-lo, mas em algum momento ao longo do caminho me apaixonei... forte e rápido, por um homem tão velho quanto meu pai. Ainda me lembro do dia em que decidi avançar. Em Anton. Foi logo depois que eu beijei Ven pela primeira vez.

Ven não tem ideia, ele foi meu primeiro beijo. Eu fantasiava sobre beijar Veniamin desde o dia em que ele completou dezesseis e eu tinha doze anos. Ele tinha músculos. Lembro-me dele tirando a camisa e olhei atordoada para todas as curvas do seu corpo. Isso foi antes de barbas, pelos do corpo e tatuagens. Ele ainda era selvagem, no entanto. Forte e feroz. Eu estava encantada em sua festa de aniversário, onde todos nós fomos convidados. Ele nadou na piscina interior, os músculos das costas se contraíram e enrijeceram com cada braçada. Veniamin Vetrov foi minha primeira paixão.

Quando finalmente o beijei anos depois, fiquei emocionada. Mas então, tudo o que aconteceu foi lembrar a maneira como Anton olhou para a minha irmã e eu sabia o que tinha que fazer.

***

Anton me oferece seu braço e eu saio com ele, meus lábios ainda com o sabor de Ven. Menta com um toque de álcool na língua. Eu poderia ter passado horas beijando-o. Horas correndo meus dedos pela sua barba. Eu queria rastejar em seu colo e agarrar seu cabelo comprido enquanto olhava em seus ferozes olhos verdes esmeralda.

Claro, conseguir o que você quer e fazer o que precisa acontecer são duas coisas diferentes. Minha mãe me ensinou isso. Às vezes, você tem que fazer escolhas difíceis. — Irina, — cumprimenta Anton enquanto passamos.

Os olhos azuis da minha irmã ainda estão arregalados por ter testemunhado o beijo entre eu e Ven. Vika, a pequena pirralha, soluça como se sua vida tivesse acabado. Acabou. Ela nunca se casará bem ou terá uma boa vida. Ela é muito mimada e só pensa em si mesma. Quando você é egoísta e as coisas não correm do seu jeito, isso te esmaga e te

afunda. É um testemunho de sua força, no entanto, quando você pega o que é entregue a você e o manipula em algo que funciona para você.

Eu sabia que chegaria a isso, eu seduzindo Anton. É a única maneira. E eu me permiti um primeiro beijo roubado do homem que eu adorava, porque eu sabia que uma vez que eu começasse, não havia como voltar atrás. Eu seguiria até o fim.

Quando o meu pai descobrir, ele matará Anton.

E pelo que ele quer fazer para minha irmã, com base no olhar imundo em seus severos olhos castanhos, eu ficarei feliz em me sacrificar pela equipe Volkov para conseguir o que eu quero no final: a morte de Anton.

Ele me leva para o meu quarto, longe de nossos visitantes, e começa a se afastar. Eu o paro apertando seu cotovelo. Suas sobrancelhas franzem quando me olha. Eu posso admitir que ele é bonito de uma forma distinta, mas o brilho em seus olhos me aterroriza. Como olhar para as profundezas do inferno. O mal dança lá descaradamente.

Seja corajosa, Diana.

Eu alcanço aquelas janelas do abismo e chamo o demônio.

Eu. Eu. Eu.

Não ela.

— Anton, — murmuro enquanto corro as palmas das mãos na lapela de seu terno.

— Senhorita Diana. — Sua voz é rouca, mas ele não recua.

— Eu estive pensando muito em você, — eu admito.

Tramando sua morte, na verdade.

Seus olhos se estreitam e ele se aproxima, seu corpo duro pressionando o meu, a ereção dura em suas calças. Minha respiração se acelera com o medo, mas engulo e forço um sorriso.

— Garotinhas não precisam pensar em homens adultos, — ele rosna, seus dedos correndo pelo meu cabelo escuro.

Mas homens adultos podem pensar em garotinhas?

Eu suprimo um arrepio.

— Eu não sou uma menina, — eu sussurro. Não como ela. Eu posso aguentar isso.

As pontas dos dedos dele acariciam o lado da minha garganta, e ele as corre sobre o inchaço do meu peito, me testando.

Eu não vou vacilar.

Fui testada toda a minha vida pelo meu pai. Não assim, mas em todos os aspectos que ele pôde.

Ela é beleza e graça envoltas em videiras de caos.

Ela é minha rosa.

Minha Diana.— Ele vai me matar, — ele diz, seu polegar roçando meu mamilo.

Meu corpo reage e, surpreendentemente, a sensação não é indesejável. — Ele não precisa descobrir. — Mas, eventualmente, ele irá. Isso me faz sorrir.

Sua palma desce para o meu quadril, seus dedos gentis enquanto ele me acaricia. — Não aqui neste corredor. — Ele abaixa os lábios nos meus e eu quase engasgo com o cheiro de sua colônia. — Eu irei até você hoje à noite.

Eu pisquei e ampliei meu sorriso. — Eu não posso esperar, — minto. Na verdade, estou com medo. Posso realmente lidar com isso? Vai doer?

Ele se inclina para frente, esfregando sua ereção em mim e captura minha boca com a dele. Seu bigode, grosso e áspero, raspa meu lábio superior enquanto ele me beija. O beijo não é doce e nem arrebatador como o meu primeiro, momentos atrás. Estou sendo dominada. Sinto o medo agarrando meu peito, e eu contenho um grito para Ven vir me ajudar.

Eu não posso fazer isso.

Meu pai não vai acreditar em mim. Não sem uma prova sólida. Anton está com ele desde antes mesmo de conhecer minha mãe. Eles são como irmãos. Eu preciso matar dois coelhos com uma cajadada... mantê-lo longe da minha irmã e encontrar uma maneira de derrubá-lo com tudo isso.

Sua língua mergulha na minha boca, me sufocando e eu aperto seu bíceps. Eu não poderia afastá-lo agora se tentasse. Estou chocada com o quão forte ele é. Enquanto ele me beija, duro e castigador suas palmas tatearam minha pele através do meu vestido. Quando uma desliza para baixo para apertar minha bunda através da minha calcinha, eu solto um gemido.

Ele se afasta e olha para mim, o ardor flamejante em seus olhos. — Eu gosto desse som, — ele reflete em voz alta. — Você fodeu o Vetrov mais velho?

Eu pisco em choque com a sua pergunta mordaz. — N-não. Sou virgem.

Seu sorriso é sombrio e retorcido enquanto agarra minha bunda com força suficiente para me fazer gritar. — Não por muito tempo, pequena Diana. — Ele aponta para o meu quarto. — Virei à meia-noite.

E com isso, o demônio se afasta sem olhar para trás.

Tarde demais para recuar agora.

***

Eu pisco para afastar a lembrança enquanto a dor puxa as cordas do meu coração. De todas as boas memórias, por que tenho que pensar na primeira vez? Como ele entrou no meu quarto como prometido. Tirou a minha roupa e subiu em cima de mim. Seu corpo era tão grande e duro. Eu chorei lágrimas silenciosas no escuro, com medo do que estava por vir. Ele pressionou seus lábios por todo o meu corpo em lugares que eu nunca havia sido tocada antes. E então ele empurrou seu pau dentro de mim. Ele teve que segurar minha boca para abafar o meu grito enquanto me rasgava. Eu chorei incontrolavelmente, arrancando a pele de seus ombros enquanto ele lentamente e brutalmente me penetrava. Quando tudo acabou, ele saiu e disparou seus fluidos sobre o meu estômago, me sujando, estragando minha pele imaculada e roubando minha inocência. Ele me disse para tomar anticoncepcionais e que estaria de volta. Enquanto limpava o sangue das minhas coxas mais tarde, e olhava para os meus olhos vazios no

espelho, soube que tinha perdido uma parte de mim mesma, mas eu ganhei esse jogo no processo.

Ele *era* um jogo, depois de tudo.

Anton era um peão.

Um maldito e estúpido peão.

Depois daquela noite, o recebi na minha cama. Cada noite ficou mais fácil que a primeira. Então, depois de vários meses transando sob o teto do meu pai, caí sob um feitiço, uma ilusão de que era normal, amor.... Um dia, parei de tramar a sua morte e comecei a implorar por seus toques. Sua boca. Seus dedos. Seu conhecimento sobre o meu corpo. Ele habilmente jogou com o meu corpo. Bastou três palavras dos seus lábios para mudar o jogo que eu estava jogando.

Eu te amo.

Uma única lágrima desliza do canto do meu olho e molha a cama abaixo. Eu adoraria um banho quente agora, mas mal consigo me mexer. Ven veio para me verificar algumas vezes, mas não nos falamos. Se não fosse por ele, eu provavelmente estaria na cama de seu pai contra a minha vontade, fazendo pequenos herdeiros pelo nome de Vetrov. Eu devo a Ven por intervir e me proteger. Ele tem feito isso muitas vezes.

A culpa se espalha através de mim.

Ven é um aliado aqui. Eu preciso começar a tratá-lo como um. Preciso tirar a cabeça da minha bunda e voltar a ser a jogadora calculista que sou. Posso ter perdido Ven como meu naquele dia quando me ofereci a Anton, mas ele nunca esteve longe. Namoradas vinham e iam. Eu vi as prostitutas que ele tinha nos braços. Já ouvi falar de suas depravações sexuais e indiscrições com as empregadas. Mas esse homem não é o que conheço. Não aquele que me beijou no corredor anos atrás.

Preciso encontrá-lo novamente, e precisamos voltar ao nosso plano original... sobre o qual só brincávamos de passagem.

Jogar esse jogo melhor do que nossos pais.

Trabalhar atentamente e inteligentemente. Superá-los. Vencer.

Pare, retroceda e voltemos a ser aqueles jovens inocentes que querem mais do que o que foi destinado a nós.

Quando o osso se rompe, ele cresce mais forte, e o coração faz o mesmo. *Eu farei* o mesmo.

Essa estadia na casa dos Vetrov é um contratempo, mas talvez eu precisasse de tempo para me recompor e pensar. Sem ter que me preocupar com Irina todos os momentos de todos os dias, posso começar a lançar um novo plano. Um que me tem, e talvez Ven, perto do topo. Yegor, Yuri, meu pai e Vlad… todos eles podem ir se foder.

Eu sou Diana Volkov.

Minhas ramas são espinhosas, emaranhadas e intermináveis.

Eu vou sufocar todos eles. Assista-os sangrar nas minhas mãos.

Uma linda e delicada rosa na superfície, mas um monstro cruel por baixo.

Imortal.

Cruel.

Vou me espalhar como uma doença e infectar todos eles.

O jogo acabou de começar.

***

Pela primeira vez em uma semana desde que cheguei, me arrastei para fora da cama. Ven mencionou que haveria um jantar em família, e eu seria amaldiçoada se o perdesse. Preciso que Yegor veja que não sou uma mulher arruinada. Eu sou uma tempestade chegando, e é melhor ele fechar as escotilhas.

Tenho o prazer de encontrar vestidos para o meu gosto no armário. Lembro-me de uma empregada ontem entregando-os. Ela me disse que eles eram presentes de Ven. Eu definitivamente devo a ele por isso. Da próxima vez que nos encontrarmos, vou pará-lo e pedir desculpas. Novamente. Mas desta vez, vou me certificar de que ele sinta que é verdadeiro. Quero assegurar-lhe que não sou uma mulher frágil. Que ele pode confiar em mim. Nós podemos ser sócios. Juntos, podemos formular um plano.

Escolho um simples vestido longo, preto de mangas compridas que está no cabide. Fico chocada ao encontrar um falcão-peregrino bordado, adornado com pedras preciosas, estampado na frente. O decote é baixo e ousado, mas acentua o pássaro. Meu brasão da família. Um lembrete.

Eu não sou fraca.

— Obrigada, Ven, — eu digo em voz baixa com o primeiro sorriso em meus lábios em quase uma semana.

Eu seleciono uma calcinha de renda preta da gaveta, outro presente do meu amável novo anfitrião, e renuncio a um sutiã. O vestido é muito ousado com o decote que vai até a metade do meu tronco, passando pela parte de baixo dos meus seios. Você poderia ver o sutiã, e isso não vai acontecer. Eu jogo o vestido na cama junto com a calcinha e tomo meu primeiro banho quente desde que eu cheguei. Produtos de higiene pessoal luxuosos revestem as prateleiras do banheiro, e eu me sirvo de tantos quanto posso. Não é até que eu esteja seca, maquiada e com o cabelo liso passado na chapinha que me sinto como a velha Diana. A jogadora poderosa. A rainha desses jogos.

Eu sorrio quando saio do banheiro, minha toalha ainda em volta do meu corpo. Quando entro no quarto, quase me engasgo ao ver Yegor Vetrov sentado na minha cama com a minha calcinha nas mãos. Sua barriga bastante grande se estica contra os botões de sua camisa. Eu tenho nojo dele. Eu tenho nojo desde que eu tinha doze anos e ele olhou para mim de biquíni na festa de aniversário de dezesseis anos de Ven. Se não tivesse irritado o pai, eu teria mostrado o dedo do meio para o pervertido. Por sorte, Yuri Vasiliev distraiu-o com negócios. Como sempre.

— O que você está fazendo aqui? — Eu exijo, minha voz baixa e mortal enquanto agarro a toalha apertada.

Ele olha para mim. — Esta é minha casa, garota. Eu posso ir onde quiser. — Quando ele se levanta, com o rosto vermelho do esforço, eu tenho que apertar meus dentes para evitar fugir dele, ou apertar a

sua garganta estrangulando-o até a morte. Eu sorrio. Valeria a pena ver o olhar em seu rosto.

Ele se inclina para mim com um olhar mortal. Yegor pode ser um bastardo gordo, mas ainda é maior que eu. Ele tem a mesma altura que Ven e os mesmos ombros largos. Suas mãos sozinhas são tão grandes quanto meu rosto. Eu o vi batendo em uma empregada ou duas, e soube que se ele bater em você, você terá contusões por semanas. Estou sem armas, então eu tenho que jogar o jogo.

— Como está Ven? — Eu pergunto, mudando de assunto e tentando não engasgar com o cheiro de uísque em seu bafo.

— Meu filho está bem. Eu acho que ele deseja um casamento entre vocês, — Admite, sua língua saindo para lamber o lábio inferior.

Meu coração acelera com as palavras dele... um sentimento que eu nunca achei que fosse sentir de novo. Imagens de Ven e eu andando em um corredor com ele para me dar seu sobrenome são nada além de uma provocação. Se fosse fácil, Ven e eu teríamos sido pareados por nossos pais antes que Anton tivesse a chance de sacudir meu mundo. Amargamente, permito que mais ódio chegue a meu coração ante os velhos homens das poderosas Primeiras Famílias. Eles poderiam ter nos unido como era correto, e evitado uma menina menor de idade viver horrores inimagináveis.

Eu engulo o nojo. Agora que Anton morreu, minha mente não é tão obscura e complicada. Eu vejo pelo o que aconteceu. Ele abusou de seu poder sobre mim e, finalmente, me condicionou a aceitar o abuso... até mesmo ansiar por isso.

— Eu gosto muito de Ven, — eu admito. — Ao contrário de Vlad Vasiliev, eu realmente gosto do seu filho.

Os olhos de Yegor se estreitam para mim.

— Vou deixar meu filho decidir seu destino por enquanto. Ele sempre permaneceu frio, mas quando se trata de você, o fogo brilha em seus olhos. Isso me lembra de como ele aniquilou no V Games quando era mais jovem. Esse é o filho para o qual eu quero passar o meu império. Não aquele que fode prostitutas toda vez que visita Moscou.

Não aquele que fica em segundo plano em silêncio. Não aquele que despreza o nome de sua família e tudo o que defendemos. — Ele agarra a toalha e a puxa do meu corpo. Ele é mais forte do que eu e a toalha cai, me deixando nua para esse bastardo. Mas eu não hesito. Mostrar medo é alimentá-lo, e o filho da puta já está gordo o suficiente. — Eu posso usar você, garotinha. — Seu dedo polegar aperta meu mamilo, e ele torce com força suficiente para que um suspiro de dor passe por meus lábios. — Eu posso usar você para moldar a fera que vive dentro dele. Jogue bem suas cartas, e você vai conseguir ser uma Vetrov. Ele pode encher sua boceta com sua semente e trazer mais crianças Vetrov para a briga. Você deve se considerar tão sortuda depois da desonra que trouxe ao seu pai.

Eu começo a abrir a boca para discutir com ele, mas ele torce mais forte, me fazendo gritar.

— Se você fizer o oposto, porém, e transformar o meu filho mais velho em um covarde como seu irmão mais novo, você será minha, garotinha. Eu vou fazer de você minha máquina de fazer bebês. Vou forçá-la a usar meu anel e sobrenome enquanto coloco bebê após bebê em sua boceta usada. Seu pai só deve ter tanta sorte que você tenha... — ele sorri maldosamente para mim, — opções.

— Foda-se, — eu rosno, minha saliva pulverizando seu rosto. Quem diabos ele pensa que é? Eu já não estou sob o comando de ninguém. Não mais.

Sua língua gorda se projeta, e ele lambe um pouco da umidade que eu cuspi em sua pele. — No devido tempo, garotinha, podemos realizar nosso desejo.

Ele libera meu mamilo e sai do quarto, deixando-me à beira das lágrimas. Não vou me curvar ou me quebrar por um homem como Yegor.

Estamos todos jogando um jogo aqui.

Eu apenas jogarei melhor o meu.

Eu tenho que jogar.

Capítulo Três

Ven

— Você está lindo, — Vika ronrona enquanto ela entra na sala de jantar.

Nós somos os dois primeiros aqui, e eu já odeio a minha decisão de chegar cedo. Esperava que Diana estivesse e pudéssemos conversar. Em vez disso, me dei um momento livre com a futura esposa do meu irmão. Ela é linda, sem dúvida. Esta noite, ela usa um vestido curto e prateado que abraça todas as suas curvas. Se eu não a conhecesse toda a minha vida, provavelmente a foderia. Com meu pau entre os seus lábios. Manteria sua boca grande quieta. Mas eu a conheço. Sei que ela goteja com ódio, veneno e desgosto por toda a raça humana. E isso a torna feia apesar de tudo que é bonito em suas feições.

Ela é vil.

Mas graças a Deus, no próximo final de semana, ela pertencerá ao meu irmão em todos os sentidos da palavra. Assim que o casamento acabar, talvez ela se acalme.

Ignorando-a quando ela se aproxima, eu tomo o meu copo de vodca e gosto da queimadura quando ela desce pela minha garganta. Ela sorri enquanto arranca o copo vazio da minha mão. Com suas esferas ambarinas nas minhas, ela lambe o copo onde meus lábios estavam.

— Mmmm, — ela geme. — Tão delicioso.

Prostitutas desesperadas são tão embaraçosas.

Eu balanço minha cabeça para ela. — Você está jogando um jogo perigoso, mulher, — eu aviso, meus olhos levantando para ver Ruslan entrar na sala de jantar.

Na maioria das vezes, ele é um filho da puta idiota. Alto e magro. Enquanto Niko e eu parecemos mais nossa mãe, que sua alma descanse na paz de Deus, Rus se parece com o nosso pai, menos a

barriga. Ele não aperfeiçoou a carranca característica do nosso pai, mas ele está chegando lá. Agora que ele é prometido a uma Vasiliev, uma certa arrogância que me lembra meu velho pai emana dele. Não demorará muito para que nosso Pai o tenha moldado em uma pessoa malvada como ele. Se eu não odiasse tanto Vika, sentiria pena dela. Ela não percebe o quão cruel a família Vetrov pode ser. Nosso brasão familiar não é um falcão nobre como o Volkov, ou uma águia feroz como a de Vasiliev. Nosso brasão é um urubu barbudo. Garras ferozes. Cara de ódio. Carne pendurada no seu bico. A pequena Vika não durará muito tempo como uma mulher nesta casa com uma boca como a dela. Pai simplesmente não aguentará. Realmente irônico, desde que ela se assemelha a tal criatura.

— Oi, minha linda noiva, — Rus cumprimenta quando a abraça por trás. Ela está rígida em seu abraço e o ódio violento explode em seus olhos. — Olá.

Eu sorrio para ela. — Ela estava apenas me dizendo como está ansiosa para o casamento, — eu minto, amando o olhar feio que ela atira em mim.

Rus sorri. — Estou ansioso para a noite de núpcias.

Com isso, eu rio. — Guardando-se para o casamento, hein?

Vika se afasta dele e cruza os braços sobre o peito, chamando atenção para seus seios. Rus lambe os lábios. Eu olho para longe

— Sim, — Vika corta. — Estou me guardando para o casamento.

Eu não a desafio pelo fato de que sei que ela estava transando com Niko quando eles estavam namorando. Vika, ao contrário do meu irmão mais novo, não é virgem. Inferno, eu até peguei ela e Niko juntos uma vez. Ele estava transando com ela por trás, seu cabelo torcido em seu punho, e ela nunca pareceu mais linda. Eu suponho que ela realmente amava meu irmão. Ter que se casar com Ruslan deve ser horrível para ela. Fico irritado por sentir pena dela, e eu tento afastar isso.

— Entendo, — eu murmuro. — Que adorável.

— Mas isso ainda não me impede de tentar, — diz Ruslan com um sorriso perverso quando ele afasta seus braços por trás e se esfrega contra o cabelo dela. — Certo, Vik? — Sua palma tateia seu peito, e eu rio de sua reação horrorizada. Meu riso morre na minha garganta quando todo o ar é sugado da sala... ou talvez apenas dos meus pulmões.

Lá, parada na porta, está Diana.

Beleza, graça e elegância equilibrada.

A imagem da perfeição.

Seu batom vermelho-sangue acentua seus lábios. Lábios que eu provei uma vez antes. Lábios que eu cobicei mais vezes do que posso contar. Seus olhos azuis atentos e intensos. Ela não está mais derramando lágrimas. Essa é a Diana que conheço muito bem. O adversário digno neste grande jogo chamado vida.

O vestido que mandei fazer especialmente para ela com o meu alfaiate em Moscou serve nela como uma luva. O V que mergulha e aponta para o falcão cintilante mostra as curvas de seus seios nus. O tecido esconde seus mamilos, mas mostra apenas o suficiente para trazer água na boca. De repente eu estou repensando o vestido. Se fosse apenas ela e eu, então foda-se, sim, o vestido é perfeito. Mas não, vou ter que dividir esse vestido com meu irmão mais novo e meu pai. Meu pai vai salivar sobre os peitos dela. Ela será uma tentação que ele vai querer.

Sobre o meu maldito cadáver.

Um grunhido sai de mim quando passo por Vika e Ruslan como se eles não existissem. O cabelo de Diana está cheio de ondas cor chocolate, e o pescoço dela está nu. Eu quero colocar as melhores joias em volta de sua garganta. Mas o que seria ainda melhor seria minha mão direita. A mão com as letras P.O.D.E.R. tatuadas em cada dedo. Quão linda seria ver minha pele tatuada e com cicatrizes contra sua pele sedosa? Porra, todo o sangue correu direto para o meu pau.

— Diana, — eu cumprimento quando chego perto dela, minha voz baixa e gutural. Meu pau está doendo na minha calça. A necessidade de

tê-la é intensa. Isso sempre esteve aí, sob a superfície. Ela nunca foi realmente algo atingível para mim. Uma fantasia. Um fodido sonho. Mas agora, com Anton morto, Vlad a tendo desonrado, e ela em minha casa, a esperança é real. Uma fera real e verdadeira.

Eu *vou* tê-la.

Eu só tenho que jogar bem.

Se me aproximar, obviamente, com os olhos postos nela, o meu pai fará algo para sabotar isso. Está na natureza dele. Desde que eu conheço os jogos melhor do que ele, eu o supero em cada turno. Isso não será diferente.

— Você está linda, — murmuro. Em vez de agarrar sua garganta, pego sua mão delicada, levo-a para minha boca e beijo sua articulação do meio. Eu não lhe faço a pergunta na minha língua, não com a Vika intrometida por perto, mas, em vez disso, imploro com meus olhos.

Você está bem?

Diana levanta o queixo de maneira corajosa e, sem sucesso, tenta tirar a mão da minha. Seus olhos azuis cristalinos não entregam nada no sentido de suas emoções, mas suas palavras sim, embora codificadas. — Estou aqui.

Meu olhar deixa seus olhos e trilha para seus lábios deliciosos. Então, deixo meus olhos vagarem pelo pescoço delicado até a clavícula exposta. Devagar, eu aprecio o quão divino os seus peitos ficam no vestido. *Sim você está aqui.*

— Junte-se a mim para uma bebida depois do jantar? — Ela pergunta. Um flash da garota vulnerável do meu passado cintila em seus olhos.

— Claro, moya roza. — *Claro, minha rosa.*

Seus lábios levantam de um lado em um pequeno sorriso. — Obrigada.

Eu solto a sua mão e ofereço-lhe meu braço. Ela pega e me permite guiá-la até a mesa de jantar para doze pessoas com velas e decoração extravagante. Meu pai não poupa despesas e gosta de jantar como se ele fosse o maldito rei da Rússia. Ele sentará na cabeceira da

mesa, como sempre, comigo à sua direita e Ruslan à sua esquerda. Eu guio Diana para se sentar ao meu lado. Com ela sentada, fico em pé enquanto espero pelo meu pai. Ruslan acomoda Vika e imita minha posição, mas atrás de sua cadeira. Eu posso odiar meu pai, mas não me atrevo a desrespeitá-lo. Uma falta de respeito daria a ele uma desculpa... uma razão para abusar e balançar o poder na minha frente como uma maldita cenoura. Eu gosto de não dar-lhe nada.

Papai entra na sala, o rosto vermelho e com batom manchado ao longo do colarinho. Não é a cor de nenhuma das mulheres sentadas a esta mesa, mas lembro-me de uma jovem empregada usando essa cor. Não tenho certeza se as empregadas que o pai contrata limpa alguma coisa além da sua "merda de maçaneta".

— Pai, — eu saúdo com um aceno de cabeça.

— Pai, — Ruslan imita.

Ambas as mulheres sentadas à mesa acenam com a cabeça como uma demonstração de respeito, o que é surpreendente vindo dessas duas. Pai se senta e seguimos o exemplo. Garçons entram na sala e começam a nos servir.

— Como estão as mulas que você obteve de Moscou? — Papai pergunta enquanto começa a comer. — Elas já estão prontas para a venda?

Sua barba, mais curta e mais cinza que a minha, agarra as migalhas do frango à parmegiana. Eu evito curvar meu lábio em desgosto.

— Todas as dezessete, — eu digo com um aceno de cabeça. Diana está quieta ao meu lado. Ouvindo. Sempre ouvindo. Foi uma característica que notei nela quando éramos mais jovens. Ao observá-la ouvir, eu também escutei. Ela me ensinou uma valiosa habilidade para a vida, e eu usei isso para minha vantagem desde então.

— Eu pensei que eram vinte, — o pai grunhe.

— Duas congelaram até a morte. Uma se enforcou. — Minhas palavras são frias e sem inflexão.

Diana endurece ao meu lado. Depois de viver com os Vasilievs, ela não deveria ser novata quando se trata de mulheres traficadas. Vlad e Yuri são dois dos nossos maiores compradores. Os Vetrovs fazem negócios sob o artifício de imóveis, o que eu realmente gosto muito, e a razão pela qual fui para a universidade... enquanto traficamos drogas e mulheres a portas fechadas. O setor imobiliário, embora lucrativo, não está no mesmo nível financeiramente para nossas tendências mais desagradáveis.

— Malditos invernos russos, — pai reclama.

Eu dou de ombros enquanto cutuco alguns feijões verdes.

— Quero que você leve Ruslan da próxima vez que for ao celeiro. Mostre-lhe as cordas. Ele é velho o suficiente agora, — o pai grunhe.

Os olhos de Rus se arregalam em choque. Pai propositalmente o deixa fora de todos os negócios. Agora que ele tem dezoito anos, está pronto para se casar com uma Vasiliev no próximo fim de semana, ele conquistou seu direito no mundo obscuro de papai.

— Eu não quero mais encontrar mortos, — papai rosna. — Traga-as para o matadouro aqui, se você precisar. O incinerador as manterá aquecidas ao lado dos porcos.

Vika faz um som de desgosto, e o pai olha para ela.

— Você disse alguma coisa? — Ele rosna para ela.

— Não, não disse, — defende Ruslan.

— Ainda bem. As mulheres devem ser vistas. Seus olhos se movem para Diana. — Não ouvidas.

Vika bate o copo, derramando vinho na mesa. — Mantenha sua cadela na linha, — ele esbraveja para Rus.

Rus endurece em seu assento e olha para Vika. — Fique quieta.

Reprimo um bufo. Diana treme de raiva, mas ela permanece em silêncio. Com cortes precisos, ela corta o frango e come sem fazer barulho. Tive medo que ela tentasse morrer de fome ou algo assim. Eu deveria conhecê-la melhor. Diana precisará de sua força. Eu praticamente posso senti-la calculando ao meu lado. Quero empurrá-la

contra a minha cama e chupar seu lábio inferior carnudo com meu pau aninhado contra sua boceta até que ela me conte tudo.

Eventualmente conhecerei tudo o que acontece dentro de sua mente.

— Yuri vai querer uma, — o pai grunhe em torno de um bocado de comida.

— Apenas uma?

— Uma pequena. Você sabe como ele é um filho da puta doente, — papai cuspiu, lançando um olhar venenoso para Vika.

Ela é sábia o suficiente para morder sua língua. Todo mundo sabe que Yuri Vasiliev é um pervertido. Um maldoso pervertido que compete com o meu pai na mesma liga. Defendê-lo apenas mostraria sua fraqueza.

— A menor vai para Yuri, — eu digo enquanto mordo um pedaço de frango.

— Sim. Quem mais? — Pai bebe o seu vinho, em seguida, esbraveja para uma das empregadas para encher sua taça. — Eu quero que você e Ruslan escolham entre elas, veja se alguma daria uma boa criada. Está meio que faltando ajuda aqui ultimamente. — Ele olha para a mulher enquanto ela instavelmente serve o seu vinho.

— Como vamos escolher, pai? — Rus pergunta, suas sobrancelhas franzidas.

— Se ela tem seios bonitos e sua boceta é apertada, ela vai ser uma boa empregada, — diz o pai com uma risada sombria.

O garfo de Vika cai no prato dela com um barulho. Suas bochechas vermelhas de fúria. — Meu noivo deve testar a mercadoria? — Ela exige, furiosa. — E levar doenças para o nosso quarto?

Pai a ignora e fala com Ruslan. — Eu prefiro aquelas que gritam.

— Isso é absolutamente ridículo! — Vika rosna, como se ela se importasse com Ruslan. Ela não se importa. Está procurando por uma briga. Ela vai ter uma também. E já estou entediado dessa merda. — Eu não vou deixar o meu...

— RUSLAN! — Pai ruge. — Faça com que ela se comporte antes de eu fazer isso por você!

Ruslan, com um olhar frenético nos olhos e desesperado para agradar meu pai, bate com força no braço dela com o cotovelo. Ela grita em choque, esfregando a pele furiosamente. Diana fecha as mãos em punhos no colo. Estendendo a mão, eu cubro seu punho e aperto.

Este é um jogo para peões.

Nós não somos peões.

Portanto, este não é o nosso jogo para jogar.

Os olhos normalmente ferozes de Vika brilham com lágrimas não derramadas. Mas só por um momento. Ela consegue contê-las enquanto bebe seu vinho.

— Como eu estava dizendo, — pai continua, — as sobras, podemos vender para as Segundas Famílias por um preço elevado. Eles estão sempre com fome de nossos restos. Vai garantir alianças com a família Egorov, com certeza. Eles estão cheirando e lambendo minha bunda por quase uma década. Hora de lhes dar um pedaço da torta. Eu observei como eles cresceram ao longo dos anos. Eles ainda estão presos no status de Segunda Família, mas não ficam atrás de Iosif Voskoboynikov. Iosif pode fazer uma fortuna com seus royalties de petróleo e gás, mas nós não damos a mínima para seus negócios legítimos. Nós, as Primeiras Famílias, nos preocupamos com o que você traz para o mundo subterrâneo. O petróleo e o gás não solidificam seu lugar nos The Games. As mulheres, no entanto, fazem.

Diana permanece em silêncio, seu vinho intocado. Ela está bem tensa, mas apresenta uma fachada descontraída. Eu quero puxá-la para o meu colo e acariciar seus cabelos. Quero prometer a ela que vamos reorganizar as coisas e nos mover para o topo.

Eu dou-lhe outro aperto, que faz sua mão relaxar e enroscar meus dedos da minha mão direita com a dela. Meus dedos pretos tatuados proclamando “PODER” são uma promessa. Juntos, podemos pegar tudo. Eu alcanço meu copo com a mão esquerda. Rosas vermelhas com galhos cheios de espinhos cobrem sua extensão, mas

tem que olhar realmente para ver o que diz os nós dos dedos. Ninguém nunca chegou perto o suficiente ou se importou em olhar.

Eu bebo da minha taça, meus olhos em Diana. Ela olha minha mão por um segundo, mas ela não vê de verdade. Um dia ela irá ver.

— Para o casamento, quero segurança extra. As coisas estão voláteis ultimamente depois que a senhorita Volkov desprezou seu noivo. Precisamos fazer as pazes com os homens Vasiliev. Vlad não virá, nem a garota Volkov que ele está claramente fodendo, mas Yuri estará aqui. Eu quero ter certeza de que ele será observado. Ele é o pai da noiva, afinal. Deixe-o bêbado e dê a ele a melhor mula. A mais jovem e mais apertada. Além disso, dê-lhe as chaves da sala escura no porão. Quero que ele seja mimado e foda feliz. — O pai esfrega a barba suja com o guardanapo de linho, sem perceber as migalhas. — Ruslan, eu quero que você e Ven partam amanhã para Moscou. — Ele olha para mim, estreitando os olhos. — Deixe Ruslan testar o que ele quiser e leve-o ao bordel que você tanto ama. Treine meu garoto.

Outro barulho quando Vika joga o garfo no prato.

— Não, — Vika assobia. — Eu não vou deixar meu futuro marido foder prostitutas e...

— Pelo menos então eu iria foder alguma coisa, — Rus responde ríspido para ela, suas palavras violentas como as do pai.

O pai rosna. — Você não deixa que meu filho toque você?

As narinas de Vika se inflamam. — Ainda não somos marido e mulher, Yegor, e também não quero que ele toque em nenhuma prostituta. Eu não quero que os filhos de alguma vagabunda apareçam e maculem a vida de meus futuros filhos. Basta de constrangimento, você não acha? — Ela sorri para Diana, suas palavras destinadas a atingir um nervo sobre Vas.

Maldita garota idiota.

Fodida Vika, ela tem desejo de morrer.

Eu gostaria de poder tirar Diana desta sala e roubá-la. O que quer que esteja por vir não será bonito. Eu aperto a sua mão e seguro

firme. A merda está prestes a acertar o ventilador, e nós ficaremos respingados com isso.

Levantando-se, Diana se desculpa. — Estou satisfeita e cansada. Obrigada pelo jantar.

Meu pai olha para ela, e todos nós assistimos sua bunda balançar enquanto ela sai da sala. Esse vestido é magnífico nela, acentuando todas as curvas de sua figura feminina.

— Veja, Vika, é assim que uma dama se comporta, — papai replica. — Ela conhece o seu lugar.

— Diana é uma fodida puta que abre as pernas para homens velhos e decrépitos. Isso me deixa doente, — Vika cospe, dando-lhe um olhar sujo antes que ela fique de pé.

Meus punhos apertam e luto contra a vontade de pular e enterrar minha faca no pescoço dela. No entanto, eu não tenho a chance. Uma veia incha na garganta do meu pai. Ele estende a mão e agarra seu pulso quando ela tenta passar por ele, impedindo-a de fugir. Seu aperto é forte, fazendo-a estremecer de dor. Os olhos de Ruslan brilham, mas não pela irritação que nosso pai discipline sua futura esposa; é excitação pela possibilidade.

Levantando-se, o pai puxa-a de volta para a mesa, girando-a, então ela está de frente para nós. Ela tropeça em seus calcanhares e solta um grito quando ele a empurra para frente, forçando-a a cair para a mesa com uma mão em sua espinha. Com um baque, seu peito colide com o prato de jantar. Seus movimentos são rápidos, habilidosos por tratar as mulheres dessa maneira ao longo da vida. Ele levanta o vestido, mostrando a sua bunda para ele. Ela tenta lutar, mas não é páreo para ele.

— *Me solte*! Eu sou uma Vasiliev! — Ela grita. — Você não pode me tratar assim!

Nosso pai lança uma risada feliz. Inclinando-se sobre ela, ele zomba: — Você não é nada, a menos que consideremos que você seja.

Arrancando a sua calcinha, ele a mete na boca de Vika para que fique calada, e as mãos dela se enterram na madeira da mesa enquanto

ele abre a calça. Seus olhos se arregalam e uma única lágrima desce quando ele aperta seu pau e a penetra. Ela está olhando diretamente para mim, e tenta alcançar-me com a mão, mas estou muito longe, a mão afrouxa sem conseguir.

— Velho nem sempre significa decrépito, — o nosso pai geme com estocadas curtas e duras, sua barriga batendo contra sua bunda. — Você vai aprender o seu lugar, Vika, e não vai mais negar a sua boceta a Ruslan. Se ele não puder ser um homem e te foder, eu com certeza o farei.

Ele rosna e se move para frente, movendo seu corpo de modo que quase parece que ela está tendo uma convulsão silenciosa. O suor escorre pela sua testa e Vika ficou flácida, imóvel, com os olhos desprovidos de toda emoção. Ela não lhe concede nem um som, nem gritos, nem suspiros. Ela está calculando sua vingança. Mentes como as dela sempre fazem. Ela não tem medo de homem, brigas, feridas ou cicatrizes. Uma mulher sábia aprenderia com seus erros, mas não Vika. Ela os vê como nossos erros. Alimenta-se deles e se fortalece até que esteja pronta para atacar.

Ele sai de dentro dela e cai em seu assento, seu pênis ainda ereto.

— Ruslan, — ele grita, e meu irmão com a cara vermelha está de pé. Nosso pai aponta entre as pernas abertas de Vika. — Essa é a sua boceta. O buraco é onde o seu pequeno pau vai entrar.

— Eu sei como foder, — defende Ruslan.

Estou cansado desse espetáculo.

— Vika, — eu grito, fazendo-a reviver. — Vá tomar banho e vá para a cama.

Ela levanta-se hesitante, a comida do prato do nosso pai grudada na sua roupa, arranca a calcinha da boca. Engolindo em seco e empurrando o vestido para baixo, ela pisca algumas vezes antes de se mexer. Ela passa por Ruslan sem fazer contato visual. Quando ela se aproxima da saída, suas pernas ganham velocidade e ela sai correndo da sala.

— Vê como ela ouve seu irmão? — Pai fala a Rus com um sorriso.

Uma das empregadas entra com a sobremesa, e o medo atravessa suas feições quando vê a bagunça na mesa e o pênis do pai ainda ereto. — Eu tenho sobremesa para *você*. — Seu sorriso é feroz quando ele arrasta a menina para colocá-la de joelhos e agarra a parte de trás de sua cabeça antes de empurrar-se em sua boca. Ela tem ânsia de vômito e começa a engasgar, mas ele não a deixa erguer-se.

Ruslan range os dentes, e então sai da sala.

— Ótimo jantar em família, — eu digo secamente enquanto me levanto, levando um prato de sobremesa comigo enquanto passo por ele.

Uma refeição Vetrov nunca é completa sem um pouco de drama.

Capítulo Quatro

Diana

Trocar para calça e casaco de moletom é mais o estilo de roupa de Irina, mas estar perto de Yegor no jantar foi nauseante, e eu queria cobrir o máximo de pele possível. Os olhos dele continuaram passeando sobre mim como uma cobra venenosa querendo se esconder debaixo do vestido que Ven me presenteou.

E as palavras cruéis de Vika não foram nada menos do que o que eu aprendi a esperar dela.

Meu meio-irmão Vas pode ser o resultado de uma indiscrição, mas ele está presente para me manter informada sobre Irina e até os negócios do meu pai. Ele está fazendo um esforço para ser um bom irmão. Não é culpa dele que nosso pai pegou meu poder e o colocou em suas mãos. Eu aprendi há muito tempo atrás que os homens sempre tomam, tomam, tomam. Não mais. Já não deixarei os homens governarem meu destino. Irina estava certa desde o começo.

Eu gosto do poder. Eu só preciso ser corajosa e dar uma mordida. E eu vou morder.

A biblioteca aqui tem o dobro do tamanho da anterior na mansão dos Vasiliev. É minha parte favorita da casa. Ninguém mais vai lá, e é onde eu pretendo passar o resto da noite lendo uma vez que tenha coragem de fazer uma ligação. Em primeiro lugar, pego o celular que Ven conseguiu para mim e paro no nome de Irina. Foi o primeiro número que guardei, mas ainda tenho que ligar. Meu coração troveja quando pressiono a ponta do meu polegar.

O tom de discagem soa e, em seguida, uma série de bips antes: — *A futura Irina Vasiliev não pode atender ao telefone neste...*

A voz de Vlad soa, seguida por Irina rindo e brigando pelo telefone. Eu deixo o celular cair no chão como se fosse uma chama queimando minha mão. *Futura senhora?*

Estive fora por uma semana.

Minha pele aquece, e uma onda de náusea ameaça antes de me acalmar, me deixando tonta. Eu desligo o telefone e saio rapidamente do meu quarto. Quando me viro para o corredor, meu corpo colide com Vika.

Ela cai no chão, desajeitada e fraca. Consigo evitar cair sobre ela com a mão na parede.

— Olha onde você está indo, — ela grita para mim. Seu vestido está levantado e sua bunda está em exibição. Sem calcinha, típico. Era mais do que provável que ela esperasse que Ven passasse o pé por ali debaixo da mesa. Ela rapidamente desce seu vestido que está coberto de manchas de comida, e fica de pé, batendo na minha mão antes de fugir.

Um dia, alguém vai ter que ensinar a essa cadela mimada uma lição, e espero que seja eu.

Ruslan está apressado atrás dela, e pelo olhar em seu rosto, ele não está feliz. Talvez ele surpreenda a todos e seja o único a lhe ensinar uma lição. Embora eu duvide. Vejo os dois desaparecerem de vista, e quando me viro, encontro um Ven muito bem vestido andando em minha direção. No jantar, eu realmente não tinha prestado atenção em como ele estava bonito e beirando a perfeição, porque seu pai escroto estava lá, e foi preciso me esforçar muito para não enfiar o meu garfo nos seus olhos. Eu não sei por que a geração mais velha acredita que as mulheres são só boas para uma coisa e nada mais, mas mesmo que eu não possa suportar Vika, a maneira como ele falou com ela me irritou. Mais por causa das palavras que ele me disse não uma hora antes. Eu fui direto para o chuveiro quando sai para limpar seus dedos sujos da minha pele.

Ele é vil.

Eu não vou ser seu brinquedinho sujo.

Eu prefiro ser sem teto do que ir para a cama com ele.

Ven está segurando um prato de doces. — Sobremesa? — Ele sorri. Há algo quase imundo na maneira como ele diz a palavra e aperta

o maxilar. Eu me vejo respondendo o seu entusiasmo pelo açúcar. Sua barba é grossa e esconde metade de seu lindo rosto. Seus olhos são como uma floresta verde depois de uma chuva, e a maneira como ele me olha, às vezes, tão expressivo e caloroso, mas poderoso e avaliador, quando se fixam em mim, fica difícil me concentrar em qualquer outra coisa. Sua pele tem uma cor avermelhada nessa luz fraca, e se eu não o conhecesse bem, juraria que ele vivia em algum lugar onde o sol beija sua pele. Seu cabelo castanho está penteado para trás. É longo e grosso, e me pego imaginando como seria passar as mãos por ele. Seu corpo é forte e alto, e a tatuagem colorida que aparece do colarinho promete uma série de beleza por baixo.

— Você é o melhor amigo que uma garota pode ter, — digo a ele, levantando na ponta dos pés para colocar um beijo casto em sua bochecha. O músculo em seu rosto se contorce quando eu me afasto. Seus olhos estão fechados e temo que eu tenha ultrapassado o limite, mas quando eles se abrem, suas pupilas engoliram toda a cor. Eu me sinto como um coelho preso no olhar de um predador. Há um desejo em seu olhar, feroz e mortal, e meu estômago se contorce.

Ven teria sido um melhor partido para mim. Mas tenho medo de chegar muito perto dele para o caso de ser afastada. Eu não posso lidar com mais mágoa.

Abrindo a porta do quarto, hesito em convidá-lo a entrar. De repente me sinto consciente da minha escolha do pijama. Ele me segue para dentro e coloca os doces em uma mesa colocada em frente a uma janela do chão ao teto, com vista para as árvores na parte de trás da propriedade.

Isso me lembra de quando Irina e eu éramos mais jovens.

Irina.

A dor de perdê-la nunca diminui. Sei que nem sempre será assim, mas agora, ela está presa na bolha do Vlad, e eu sou um lixo para ele. Eu não vou forçar mais problema, *ainda*. Mas um dia, ele precisará compreender o fato de que eu não fiz o que fiz para irritá-lo. Era apenas

uma rotina para mim, um feitiço em que estava tão envolvida que não conseguia enxergar mais além, ou uma saída dela.

— Estou saindo de manhã a negócios. Eu estarei ausente por pelo menos dois dias, — Ven me diz, passando a mão pelos perfumes da minha penteadeira que apareceram no mesmo dia dos vestidos. Ele pega um e tira a tampa para sentir o cheiro da doce fragrância. Fechando os olhos, ele saboreia o cheiro, em seguida, olha para mim. — Eu odeio deixá-la aqui sozinha.

— Então não me deixe, — eu respondo quando passo o dedo na calda que está no prato.

Os cantos de sua boca se erguem. — O que você quer que eu faça em vez disso? — Coloca o perfume na mesa e pega os brincos que eu usei para o jantar.

— Deixe-me acompanhá-lo. Posso ser útil e recompensar você por toda a sua gentileza.

— Diana. — Ele diz meu nome tão desesperadamente que minha respiração para. Sua cabeça se curva e ele fecha os olhos e engole em seco, o movimento balançando seu pomo de adão.

— Ven?

Ele abre os olhos e sorri para mim, balançando a cabeça. — Muito bem. Você vem com a gente. Arrume uma mala e esteja pronta de madrugada.

Com isso, ele sai com pressa e fico confusa e atordoada com as possibilidades. Esta é a oportunidade perfeita para aprender mais sobre o império de Vetrov.

Aprenda, se infiltre, governe.

Eu mordo meu lábio com antecipação. Então, pego uma mala para embalar.

Que os jogos comecem.

Capítulo Cinco

Ven

De pé e olhando pela janela da suíte da cobertura que reservei para essa viagem, engulo a minha raiva ao ouvir Vika reclamando sobre os lençóis que não têm contagem de fios suficientemente elevada.

Ruslan insistiu que ela se juntasse a nós para que não ficasse em casa sozinha com o pai. Suas palavras foram: — *Eu não vou ter minha futura esposa grávida do meu irmão ou irmã, e você sabe que se eu a deixar aqui sozinha, ele estará dentro dela antes mesmo de sairmos da garagem.*

Ele tinha razão.

Não significa que a presença dela seja mais agradável.

Eu a sinto antes de ouvi-la ou vê-la. *Diana.* — Nós estamos em um hotel cinco estrelas, Vika. A contagem de fios será o melhor que existe e não tem nada a ver com o porquê de você estar com frio à noite. Talvez seja a sua personalidade gélida ou o coração gelado deixando você amarga à noite, — insulta Diana, e uma risada ressoa do meu peito.

— Ruslan, — Vika ofega. — Você vai permitir que essa puta fale comigo desse jeito?

Meu corpo fica tenso. Ela está prestes a passar por esta janela. Por que essa mulher não aprende seu lugar? Você pensaria que, depois do tratamento do meu pai, ela pensaria duas vezes antes de abrir a boca, mas aqui está ela, estufando o peito, cuspindo suas palavras vis. Um tapa ressoa ao redor do espaço aberto, e a cabeça de Vika se vira ao lado. Diana está parada ao lado dela, os ombros retos, os olhos entrecerrados.

— Você me desrespeita de novo e vai ser mais do que um tapa que você recebe, *cadela*. — Diana acentua a palavra, então caminha até a cozinha como se nada tivesse acontecido.

Vika segura a mão no rosto e olha para Diana. — Ruslan? — Ela ofega. Ele encolhe os ombros, jogando nozes em sua boca e mudando os canais de esportes. Quando ela sai enfurecida da sala, os olhos de Ruslan piscam para mim e voltam para a tela. Ele sabe que Diana está fora dos limites. Ela é minha... ou será.

É uma sensação incomum, os sentimentos intensos que tenho em relação a Diana. Eles estão lá há anos, enquanto a admiro de longe. Sonhei com ela. Imaginei como ela ficaria debaixo de mim. Toda mulher sem rosto em que eu entrei era ela... sempre ela. Eu quero aqueles lábios vermelhos rosados explorando a minha pele, a sua bunda vermelha pelas marcas das minhas mãos. Sua boceta escorrendo com a minha porra. Esse cabelo enrolado no meu punho enquanto eu estou entrando nela, duro, e nos tornaremos uma maldita entidade.

Porra, meu pau precisa de um pouco de atenção.

Ela está na minha mente, vivendo na essência da minha alma. Suas garras estão enterradas profundamente, infectando minha corrente sanguínea. Ela me tem sob seu maldito feitiço.

Eu não sei o que é não *desejá-la*. Ou não *amá-la*.

Eu acredito no destino. E nós estamos predestinados. É por isso que as coisas não deram certo com Vlad. É por isso que ele a trouxe para mim. Eu deveria tê-la reivindicado anos atrás. Encharcar aquela pele macia com o meu esperma. Deixar os seus lábios machucados com meus beijos bruscos. Mergulhar tão profundamente nela, que ela não saberia onde ela começa e eu termino.

— Então, já estamos indo? — Ruslan pergunta, olhando para o relógio, um relógio que eu comprei para seu aniversário de dezoito anos. Meu irmãozinho está crescendo. É hora de ele aprender o básico e começar a trabalhar. Perdemos não apenas um irmão em Niko, mas um ativo para nossos negócios. Ruslan terá que aprender rapidamente e pegar o jeito. Ele terá que honrar o nome da nossa família e entrar na escuridão do nosso mundo com os olhos abertos e pulso firme.

— Diana vai se juntar a nós, — digo a ele. Suas sobrancelhas quase alcançam seu couro cabeludo e seus lábios se contraem para

falar, mas ele pensa melhor e simplesmente balança a cabeça em concordância. — Vika não irá, — eu digo bruscamente.

Ele encolhe os ombros. — Ela está cansada de qualquer maneira. Ela pode ficar aqui e descansar.

***

As mulas são mantidas em condições menos que humanas. Preciso discutir planos com o pai para comprar mercadorias mais bem cuidadas. Papai não se importa com a qualidade das mulheres, mas é por isso que ele não senta à frente da mesa dos V Games. Qualquer um pode obter uma prostituta suja das ruas: barata, desagradável e aberta para qualquer coisa que sua mente depravada possa conjurar. Mas uma mulher de status, uma mulher que não foi fodida por uma frota de manipuladores antes mesmo de chegar ao seu destino, são mais difíceis de encontrar. Os homens querem uma boceta apertada e um rosto bonito. Essas mulheres não causariam nem um espasmo no meu pau.

Minha atenção recai sobre Diana.

Seu rosto é impecável, nenhum sinal de repulsa, nenhum julgamento sobre esse lado obscuro de nossos negócios. Ela usa sua máscara perfeitamente, mas eu tenho estudado essa mulher desde que eu era adolescente, e no penetrante azul de seus olhos, vejo a desaprovação. O transportador fica olhando para ela, e eu sei o que ele está pensando.

Porque ela está aqui?

Quem é ela?

Ela tem um preço?

Não, filho da puta. Não há dinheiro suficiente no mundo para comprar uma rosa tão preciosa quanto essa.

— Todas elas foram testadas e limpas. A papelada está aqui, se você tiver a transferência pronta.

Papelada.

Não há como escapar de tal coisa, mesmo em nossos negócios? Precisamos assinar contratos e lidar com a papelada.

— O que aconteceu com esta aqui? — Diana pergunta, olhando para a caixa onde uma pequena mulher loira se senta encolhida contra as barras traseiras. Ela está suja, como as outras, mas há sangue manchando sua calcinha. Todas as mulheres foram despidas até ficarem de calcinhas brancas e sem sutiã.

Ele segue seu olhar e grunhe. — Oh, o médico foi um pouco bruto.

— Então ele deveria ser punido. — Diana estreita os olhos no transportador. — Essas mulheres são mercadorias, para serem vendidas intactas. Seus preços são altos demais para uma exibição de péssima qualidade, — ela diz.

Ele lança seu olhar entre Diana e eu, de boca aberta. — Quem é a fod...

Eu levanto minha mão para parar suas palavras. — Cuidado, — eu aviso.

— Eu sou Diana Volkov. — Ela avança, com os ombros para trás, a coluna reta, sem uma gota de medo em seus olhos. — Sou uma empresária, boa, e também não aceito ser menosprezada porque não tenho um pau entre as pernas. Quando eu falo, eu sugiro que você ouça, porque mesmo sem um pau, o meu ainda é maior que o seu. Agora, acho que podemos falar sobre a negociação do preço, não é?

Agora *meu* pau está duro.

***

O restaurante dentro do hotel está lotado, mas estou tão consumido assistindo Diana bebericar seu vinho tinto, é como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo, não apenas no salão. O líquido molha seu lábio inferior, e quero alcançar o outro lado da mesa, puxá-la pelo pescoço, chupar o lábio cheio na minha boca e morder, fazendo com que uma onda carmesim de sangue apareça ali. Eu a deitaria de costas, rasgaria suas roupas e me deleitaria com a porra da sua boceta até que essa ânsia que sinto seja saciada. Porra, essa mulher do caralho.

Ruslan voltou para a cobertura para checar Vika. Pobre coitado.

— Por que você está me olhando fixamente? — Diana pergunta, colocando a taça na mesa. — Eu passei dos limites? — Ela aperta o lábio com os dentes, e sei que devo dizer a ela que *sim*, porque meu pai não ficará satisfeito por ela falar em nosso nome, mesmo que ela tenha conseguido um preço ridiculamente baixo pelas mulheres. Ela disse tudo àquele homem que eu estava pensando e teria dito, mas foi refrescante vê-la ter seu poder de volta. Ela é como uma flor pisada desde que as coisas não saíram bem com Vlad.

Eu sei que a cabeça dela não está bem, não totalmente. Ela ainda está quebrada, mas está juntando as peças de si mesma e reconstruindo. Eu quero ajudá-la com isso. Estar lá para testemunhar isso.

Mas estou preocupado em mostrar a ela minhas emoções... estar aberto para ela ler, porque sei que no fundo ela ainda não está pronta, e a recusa ao meu avanço seria devastador para nós dois.

Para a nossa amizade.

Para o nosso futuro.

Para minha raiva.

Eu tenho que esperar. Controlar-me até que eu saiba que ela possa lidar com isso. Essa conexão que compartilhamos tem raízes profundas. Eu posso esperar. Ela vale à pena esperar.

— Você foi magnífica, — eu digo a ela, apreciando o sorriso que inclina seus lábios carnudos.

— Oh, bom, — diz ela aliviada. — Eu sei que deveria ter deixado você fazer o seu trabalho, mas isso me irrita ao ver as mulheres maltratadas e usadas antes mesmo de chegarem ao comprador.

Meus pensamentos, exatamente.

Eu não dou a mínima para o que os homens fazem com as mulheres que compraram, mas as que eu estou pagando deveriam pelo menos ser aceitáveis. Vendíveis. Utilizáveis. Essas mulheres servem por agora, mas eu quero uma seleção mais desejável na próxima vez. A donzela em perigo ou uma virgem é tão rara nos dias de hoje, os

homens querem comprá-las e vão pagar preços ridículos. Acho que é hora de expandir nossos negócios e encontrar novos fornecedores.

— Você quer sobremesa? — Eu ofereço.

Ela sacode a cabeça. — Eu tomei vinho demais, acho. Estou um pouco tonta, — ela admite, suas bochechas corando num vermelho cereja que combina com seu batom.

— Então vamos subir para você poder se deitar. — De pé, puxo sua cadeira e ofereço meu braço, pelo que ela parece grata. Uma loira no bar, bem gostosa e de seios grandes me olha enquanto passo, mas eu a ignoro. Se fosse qualquer outra garota que estivesse ajudando, eu a deixaria e voltaria para a loira. Mas não é qualquer garota. Essa é a Diana.

Qualquer coisa que não seja ela é como uma alternativa inferior. E foda-se, mas eu quero o melhor.

Ela está me mudando, e a parte louca é, eu não me importo.

— Obrigada, — diz ela, descansando a cabeça contra o meu bíceps. — Eu só bebi duas taças. Que vergonha. — Ela ri e ganha olhares de muitos admiradores. A beleza de Diana é daquelas eternas que todas as gerações podem apreciar. Como a clássica estrela de cinema pitoresca. Ela deveria estar colada em outdoors em todo o mundo. Mas ela não está. Ela está aninhada no meu braço, e eu sou um sortudo filho da puta.

O elevador se abre para a nossa suíte na cobertura e Diana e eu saímos. A cena diante de nós nos para.

Que porra é essa?

— F-foi um acidente, — Ruslan gagueja. Ele está em cima de uma Vika inconsciente. A blusa dela está aberta, os peitos à mostra e a saia ao redor da cintura. Há uma gravata em volta do pescoço dela, e as calças de Ruslan estão em torno dos tornozelos. Claramente ele estava no cio com ela como um porco no chiqueiro.

— Ela está morta? — Eu pergunto. A última coisa de que preciso é descartar de um corpo aqui, e informar aos Vasiliev que Vika não chegou ao altar pela segunda vez.

— Não. — Ruslan empalidece quando se afasta e levanta as calças.

Diana corre e verifica seu pulso. — Está estável. — Ela franze a testa, olhando para mim.

Ruslan bufa e joga as mãos no ar em frustração. — Ela seguia falando e falando que eu não sou um homem. Eu não quis que ela desmaiasse. — Ele se levanta e deixa a sua futura noiva estendida como se ela fosse uma prostituta por qual pagou.

— Ela deu o consentimento para que você a fodesse? — Diana pergunta.

— Ela é minha noiva, porra — ele esbraveja. — Não é da sua conta, Volkov.

— Ruslan, — eu rosno. — Vá encontrar uma prostituta para foder e deixe-nos lidar com Vika.

— Ela vai ser minha esposa, — diz ele novamente, como para convencer a si mesmo e não a nós. Depois da maneira como meu pai se comportou, não é de admirar que Ruslan esteja se perdendo.

Violar mulheres nunca foi excitante para mim. Eu prefiro que elas tremam ou ofeguem de necessidade. De qualquer maneira, me perturba ver meu irmão seguindo os passos de nosso pai tão rapidamente.

Ruslan não sai. Em vez disso, ele desaparece em seu quarto, nem mesmo tentando se desculpar ou consertar sua cagada.

Diana já tirou a gravata do pescoço de Vika e cobriu os seios dela. — Ela é uma pirralha horrível, mas tem a idade de Irina. Ela é filha de alguém. Uma irmã. — Ela balança a cabeça. — Eu gostaria que alguém olhasse por Irina se as situações fossem invertidas. Posso atirar nele? — Ela pergunta, e seu rosto está tão sério que não sei se ela está brincando.

— Não, — eu digo a ela com um sorriso. — Mas eu vou dar uma surra nele se isso te fizer sentir melhor.

Ela suspira e pega uma manta de pele sobre o braço do sofá. Ela então coloca um travesseiro sob a cabeça de Vika e se senta ao lado dela, acariciando a cabeça dela com a mão. — Eu esperarei com ela até

que acorde. Você vá descansar um pouco. Provavelmente é melhor você não estar aqui quando ela acordar.

— Vou preparar um banho para quando ela estiver acordada. Eu estarei no final do corredor se você precisar de mim, — digo a ela, acariciando sua bochecha antes mesmo de perceber que fiz isso.

Sua boca se curva em um sorriso suave, fechando os olhos e inclinando a cabeça, empurrando sua bochecha na palma da minha mão. — Obrigada, Ven.

— Pelo quê? — Eu pergunto, meu tom áspero.

— Por ser você. — Ela não abre os olhos, mas eu vejo as rusgas em sua testa.

Ela está sentindo isso. Sentindo o que eu sempre soube estar lá.

Em breve, moya roza.

Em breve vou te nutrir, e você florescerá.

Capítulo Seis

Diana

Estou tremendo de raiva. Por Vika, de todas as pessoas. Que tipo de filho da puta nocauteia sua noiva só para fazer sexo com ela? Ruslan é como o pai dele. Farinha do mesmo saco.

Vika abre os olhos e olha para mim confusa. — Eu estou no inferno?

Mesmo meio confusa, ela ainda pode ser uma cadela. Eu rio baixinho. — Bem, você ainda irá se casar com Rus, então sim.

À menção de seu nome, suas narinas se dilatam e lágrimas jorram de seus lindos olhos âmbar. Ela tenta se sentar, mas estremece.

— Ven, preparou um banho. Venha, — eu digo a ela. — Deixe-me ajudá-la.

Normalmente, Vika não aceita ajuda, mas hoje ela se agarra a mim quando nos levantamos. Ela está tremendo e débil. Isso me faz querer colocar uma bala na cabeça de Ruslan. Ven achou que eu estava brincando. Não estava.

Eu a guio até o banheiro, onde a água ainda está correndo. Ven não está em lugar nenhum, o que é bom. Ele está me distraindo quando preciso pensar. Há muito o que pensar e fazer. Não posso fazer isso com ele fazendo meu coração apertar e tamborilar no meu peito.

Eu preciso de dureza.

Se quisermos ser algum tipo de parceiros, preciso que ele seja duro também.

Não no sentido literal.

O banheiro está perfumado com sais de banho de lavanda, e eu sou grata que ele pensou em adicioná-los. Fecho a porta atrás de nós e ajudo-a a retirar o vestido. Ela tem alguns hematomas em seu pequeno corpo. Comparada com a pequena Vika, sou uma mulher amazona. Ela provavelmente usa cerca de três tamanhos menores do que o meu

tamanho quarenta e dois. Seus seios são grandes e eu tento não olhar, imaginando se eles foram comprados ou naturais. Ela pega meu olhar e encolhe os ombros.

— Presente do décimo sexto aniversário do meu pai, — diz ela simplesmente.

Eu tento não recuar com o quão assustador é isso. Que tipo de pai compra mamas para sua filha adolescente em seu aniversário? Um Vasiliev, eis quem.

Eu simplesmente aceno para ela e a ajudo no banho. O esperma de Ruslan está seco na perna dela. Isso me enoja. Ele é tão porco. Com o tempo, ele só vai piorar. Homens como ele devem ser castrados.

Ela se senta na espuma quente e solta um gemido. Eu pego uma barra de sabão e começo a lavá-la. Por um momento, com os olhos brilhando de desespero e tristeza, parecendo tão pequena na banheira gigante, ela me lembra uma criança. Da menininha, que aos dez anos de idade, levava seus bonecos extravagantes e penteava os cabelos. Ela tem a mesma idade que Irina. O pensamento me faz querer ajudá-la apesar de sua malícia habitual. Eu não posso ter minha irmã, então talvez eu a tome de Vlad como ele pegou a minha.

— Sinto muito, — eu ofereço suavemente.

Toda a tristeza desaparece quando ela vira a cabeça e me encara furiosamente. Veneno praticamente goteja dela.

— Eles vão pagar, — ela sussurra. — Yegor, aquele gordo bastardo estuprador e seu filho horrível. — Ela estreita os olhos para mim e suas narinas se abrem. — Assim como Niko e Viktor. Você não destrata Vika Vasiliev e vive para contar.

Niko e Viktor?

Ela tem algo a ver com a morte deles?

Eu olho para ela em estado de choque, mas tento não revelar isso. — Os homens do nosso mundo são feras terríveis.

Ela pisca para mim, com lágrimas de raiva rolando por suas bochechas. — É por isso que eles vão todos morrer.

— Vika, — eu começo, querendo me desculpar por ser tão dura com ela. Antes de mais nada, preciso de uma amiga na casa Vetrov. Pelo que parece, ela também.

— Volte a ser a amada da Rússia, Diana, — ela cospe, sua raiva irradiando. — Você sempre consegue o que quer no final.

Seu ciúme pelo meu relacionamento íntimo com Ven ainda é um animal vivo dentro dela.

Eu deixo cair o sabão na água com um plop e fico de pé. — Você deve estar tão delirante, — eu digo em um tom brusco. — Porque não há nada sobre este mundo... — Eu aceno em volta de mim e olho para ela, — que eu quero. Nada, Vika.

Com essas palavras, eu me viro e deixo-a por sua própria conta.

Há uma coisa que quero, mas não me permito considerar isso.

Até lá, vou continuar jogando esse jogo estúpido até ganhar.

E então, eu farei meu *próprio* mundo.

Um mundo onde eu escolho quem está nele.

***

— Mais negócios? — Eu pergunto do banco do passageiro do SUV preto alugado.

Ven encolhe os ombros e me lança um sorriso torto. — Algo parecido. Relaxe, Diana.

Suas palavras só me fazem endurecer mais. Eu não posso relaxar. Muito está borbulhando dentro de mim. Tenho coisas para fazer. Pessoas para matar. Fortunas a tomar.

Ruslan balbucia no banco de trás e Vika está estranhamente quieta. Depois de seu banho na noite passada, ela agiu como se o estupro dela nunca tivesse acontecido. Tanto quanto eu a odeio, ela é bastante resistente. Melhor Rus tomar cuidado. Ele pode ser maior e mais forte, mas a Vika superará essa erva daninha a qualquer dia.

Nós chegamos a um prédio pintado todo de preto. Estampado de branco na frente, diz: Klub Chernyy. Uma porta está deixando as pessoas entrarem, mas devagar. Tem de haver pelo menos cem pessoas

na fila, e ela envolve a lateral do prédio. Ven estaciona na frente como se nós estivéssemos entrando direto.

— Nós vamos pra balada? — Eu pergunto, levemente horrorizada.

Ven ri. — Tire o pau da sua bunda, Diana. Vamos nos divertir um pouco.

Eu bufo enquanto deslizo para fora do SUV. Rus tenta colocar o braço em volta de Vika, mas ela praticamente rosna para ele e desvia os ombros. Ele sorri para ela ironicamente. Depois da noite passada, supus que ele sentiria remorso pelo que fez. Não. Ele só trouxe-lhe joias e fingiu que nunca aconteceu. Ela fez o mesmo, um colar brilhante captando a luz a cada volta de seu pescoço. Mas enquanto ele espera que isso seja superado, ela provavelmente está planejando sua terrível morte neste exato momento.

Ven vem para o meu lado, então sobe os degraus passando pelas pessoas. Ele bate no ombro de um grande guarda-costas na porta, e o cara acena para ele. Eu mostro a Vika um olhar chocado, e ela franze a testa para mim como se também não entendesse. Os olhos verdes de Ruslan brilham com o olhar de alguém que provavelmente nunca esteve em uma boate antes.

Bem, isso faz dois de nós.

Quando você é a mais velha de uma família rica e poderosa, você não tem o luxo de ser jovem. Espera-se que você se comporte como um adulto no momento em que começar a usar palavras adultas. Para mim, sou adulta desde os doze anos. Meu pai, Leonid Volkov, perderia sua maldita cabeça, se eu ou Irina alguma vez pisássemos em um clube, apesar do fato de que estávamos no comércio de bebidas alcoólicas. As visitas aos estabelecimentos dos clientes estavam abaixo das nossas funções dentro da empresa.

Quando entramos no clube muito escuro, muito barulhento e muito lotado, um sorriso brinca nos meus lábios. Leonid... porque me recuso a chamá-lo de pai agora... pode se foder. Espero sinceramente que isso chegue aos ouvidos dele.

As paredes se movem com a batida da música, como se elas tivessem sua própria pulsação. A atmosfera é colorida e excitante. Meu batimento cardíaco acelera um pouco ao ver pessoas pouco vestidas se contorcendo na pista de dança.

Ven olha para mim para certificar-se de que estou o seguindo. Eu passo por algumas pessoas dançando, quase me encharcando de cerveja e suor, e minha bunda tateada pelo menos três vezes antes de entrarmos em uma seção VIP isolada com seu próprio barman. Está escondido dos outros clubbers pelo tecido preto do teto ao chão. Existem vários tipos de móveis otomanos tão grandes quanto o SUV alugado por Ven. Mulheres e homens seminus usando sorrisos de flerte estão todos envoltos na mobília como se fossem acessórios. No meio do otomano, estão dois homens. Mesmo sentados, você pode dizer que ambos são altos, talvez mais altos que Ven, musculosos e assustadores.

Como se eu tivesse convocado o próprio diabo, o homem de pele morena com a cabeça raspada olha para mim. Seus olhos são da cor da obsidiana. Ele tem tatuagens no pescoço e uma longa cicatriz que começa na testa, descendo pela sobrancelha negra, pela pálpebra, pela bochecha e termina no queixo. Seus lábios são carnudos e um anel labial está preso em seu lábio inferior. Ele tem os cílios mais longos que já vi em um homem. É como olhar para uma sombra escura ganhando vida.

E então ele sorri.

Lindamente.

Os dentes mais brilhantes e perfeitos de todos os tempos.

Excitação me atravessa enquanto ele me olha como se eu fosse a sobremesa que ele acabou de pedir. Vika sussurra no meu ouvido: — Ele é gostoso demais. — E ela está certa. Ele é.

O homem ao lado dele inclina a cabeça para cima. Ele é gostoso também. Olhos verdes pálidos e um nariz forte. Seu maxilar é pronunciado. Ao contrário do sujeito ao lado dele, este homem tem cabelos castanhos escuros despenteados que pendem sobre a testa, e pele branca cremosa. Eles são como a noite e o dia, e pela maneira

como seus corpos parecem imitar um do outro, é claro, assim como a noite e o dia, eles não podem existir sem o outro. Ele coça o queixo enquanto olha para mim com a mesma intensidade que seu amigo. Ele também tem tatuagens no pescoço. Sua camisa branca justa de mangas compridas não deixa nada para a imaginação... ele é magro e incrivelmente em boa forma.

— Kuzeny! — Ven berrou sobre a música.

Primos?

Os dois homens se levantam e percebo que são, na verdade, mais altos que Ven. O intenso par lança sorrisos preguiçosos para Ven, e depois arrastam seus olhares para nosso lado. Ruslan se junta à festa e todos se abraçam. Os dois homens se revezam bagunçando o cabelo de Rus como se ele fosse uma criança. Vika está perto de mim. Nós somos as estranhas aqui.

Ven se vira para Vika e eu. — Rodion, Zahkar, esta é minha querida amiga, Diana Volkov, e noiva de Rus, Vika Vasiliev. Senhoras, estes são meus primos, Rodion e Zahkar Vetrov.

Eu percebo que Rodion é o com cabelo, e Zahkar é o homem de pele mais escura com a cicatriz. Rodion se aproxima de nós com Zahkar praticamente preso ao quadril. Estes são primos de Ven, mas eles não são nada parecidos.

— A irmã de Vas? — Rodion pergunta, sua sobrancelha levantada em questão.

Eu ainda estou me acostumando com esse título, e me pergunto como eles poderiam conhecer Vas. — Eu sou.

— Esse filho da puta não me disse que você estava vindo, — diz ele, sorrindo. — Onde ele está afinal? — Ele olha além de nós para a multidão.

Zahkar ri. — Na gaiola. Quando ele não está na gaiola?

Ele está aqui? Em Moscou?

Rodion concorda e depois volta sua atenção para Vika. — Uma Vasiliev, huh? Como Vlad está ultimamente? — Seu olhar escurece para

algo que eu considero luxúria. Apenas o nome Vlad invoca um buraco aberto no meu estômago. — Sentimos falta de vê-lo lutar.

Vika levanta o queixo. — Meu irmão está bem.

— Vocês, senhoras, querem algo para beber? — Ven pergunta.

Ela e eu concordamos. Ven acena para Ruslan ir com ele, deixando-nos com seus intensos primos.

— Quando você faz festa com os *Loucos de Moscou*, você é tratada como rainha. Qual é a sua droga de escolha? — Rodion pergunta enquanto ele acena para uma mulher carregando uma bandeja com uma tampa.

Zahkar levanta a tampa, revelando uma série de drogas. Eu sequer conheço a maioria. Rodion pega algumas pílulas brancas e, em seguida, manda-a embora com um movimento do pulso.

— Estes são o que chamamos de mordidas de anjos, — explica ele enquanto estende a palma da mão. Sete pílulas brancas ficam em fila. Zahkar pega uma e a coloca na língua, os olhos brilhando diabolicamente. Então, com seu olhar em mim, ele pega outra e coloca na língua de Rodion. Rodion arqueia uma sobrancelha para mim. — Pronta para uma mordida, anjo?

— Eu... ah, — começo, mas alguém envolve dois braços fortes e suados ao meu redor, me prendendo. Me assusto e chuto meu agressor com o meu salto. Ele me solta e eu jogo o cotovelo, conectando com o rosto dele. Estou prestes a tirar minha arma e atirar nele quando me vejo encarando os gelados olhos azuis do meu irmão Vas. — Seu idiota! — Eu advirto, meu tom só um sussurro.

— Talvez devêssemos colocá-la na jaula, — diz Rodion, com a voz baixa e sedutora.

— Ela seria divertida de treinar, — concorda Zahkar, correndo os olhos pela minha forma.

Eu não sei o que esta gaiola é, mas eu não quero estar nela.

Vas ri enquanto limpa o sangue do lábio. Ele não está vestindo uma camisa e todas as suas tatuagens coloridas estão em exibição. Ele está sangrando de vários cortes no peito e, por um momento, me

pergunto se ele arruinou meu vestido. Sua calça jeans está baixa nos quadris, revelando uma faixa preta de cueca Calvin Kline.

— O que você está fazendo aqui? — Eu resmungo.

Ele encolhe os ombros e abre a boca quando Zahkar vem para ele com uma de suas pílulas. — Jogando. Só trabalho e nenhum jogo é uma merda, — Vas diz com um gemido depois que ele engole.

— Tenho certeza que nosso pai ama isso, — murmuro.

Zahkar alimenta Vika com uma pílula e meu estômago se contrai com nervosismo. Eu queria que Ven voltasse já. Ele chega e coloca nossas bebidas em uma mesa próxima. Fico chocada quando ele e Rus abrem suas bocas para que Zahkar também possa jogar os comprimidos. Quando Zahkar se vira para mim, ele sorri como se dissesse *você é a única que sobrou.*

Ven pega a pílula e se aproxima de mim. Seu calor corporal quase me queima quando ele se inclina e diz: — Confie em mim, Diana. Você precisa relaxar. — Ele usa o polegar para puxar meu lábio inferior até eu abrir. A pílula ácida é colocada na minha língua. Ven me dá uma bebida forte, e eu engulo o gosto horrível.

— Venha sentar para que possamos conversar, — diz Rodion, dirigindo-se a todos nós. Ele faz um gesto para a mobília antes de tomar um assento. Ruslan segue o exemplo, arrastando Vika pelo braço. Aparentemente com ciúmes de seu primo, ele se senta entre eles. Vas passeia para o outro lado de Vika, e Zahkar se senta ao lado dele. Estou presa ao lado de Rodion, com Ven no meu outro lado ao lado de Zahkar, completando o círculo.

As bebidas são passadas e os caras começam a contar histórias. Aparentemente, Vas conhece bem os primos de Ven. Pelo que eu peguei, Rodion, Zahkar e o irmão mais velho de Rodion, Timofei, possuem Klub Chernyy. E embaixo, há algo que eles chamam de “a gaiola.” Vas fala sobre o oponente que ele aniquilou momentos antes, e eu percebo que eles estão falando sobre uma cena de luta clandestina.

Ven se inclina no meu ouvido, sua respiração quente fazendo cócegas na minha pele. — Por mais que o Pai ame as suas prostitutas,

ele ama o seu sangue. Meus primos criam lutadores. Eles me treinaram bem para o V Games. Eu ensinei ao Vlad o que eu sabia, mas viemos muito a Moscou para treinar. Rodion é implacável na gaiola... ele aniquila um homem em pedaços. Zahkar é um assassino insensível... ele consegue fazer isso com os olhos fechados. Vas também treinou com eles, sob a orientação de Vlad no ano passado. Agora, Vas e meus primos são bons amigos, então ele faz isso sozinho. Se você precisar aprender uma coisa ou duas sobre brigas brutais, meus primos adorariam instruí-la.

Ele sorri, cutucando meu joelho, e me entrega outra bebida que continua sendo reabastecida em nossa mesa por uma garçonete alta e esguia com maçãs do rosto rosa, que deixariam uma modelo de passarela com inveja.

Zahkar diz alguma coisa para Ven, e ele deixa meu pescoço para falar com seu primo. Meu coração bate no peito enquanto a música parece assumir vida. A sala parece lotar e esvaziar. As cores mudam de vermelho para preto e depois vermelho. O que quer que tenham me dado, meus sentidos estão descontrolados.

— Já teve ecstasy? — Rodion questiona, seu rosto perto do meu. Ele cheira bem. Realmente muito bem.

— N-Não, — eu murmuro.

Ele passa a ponta do dedo no meu pescoço e arrepios de prazer passam por mim. É como se o dedo dele estivesse coberto de penas e minha pele brilhasse com o toque dele.

— E quanto ao ácido?

— Eu não uso drogas, — eu sussurro quando meus olhos se fecham. Atrás de minhas pálpebras, cores, padrões e formas dançam diante de mim.

— Esta droga faz o que quer com você, — diz Rodion com uma risada sombria. — É como se ecstasy e ácido fodessem obscenamente... essa droga seria seu filho ilegítimo.

A umidade quente no meu pescoço faz meus olhos se abrirem. Eu não estou mais sentada, mas deitada de costas. Meus dedos estão

unidos aos de Ven, enquanto ele olha fixamente para mim, olhos verde-jade me perfurando. Rodion está do meu outro lado, lambendo meu pescoço abaixo da minha orelha. Eu arrasto meu olhar para Zahkar, que tem minha perna puxada para o lado sobre o corpo de Ven. Ele morde minha pele acima do meu joelho.

Estou tão oprimida com a atmosfera.

Meus pensamentos se foram.

Apenas sensações.

— Eu sinto cor, — eu digo ao Ven.

Ele ri, um som profundo e gutural que nunca deixa de enviar emoções através de mim, e passa a língua ao longo do meu pulso. — Você sente isso?

— Por que estamos fazendo isso? — Eu pergunto. Minha calcinha sob o meu vestido está molhada. Ninguém está me tocando onde eu preciso ser tocada. Rodion morde meu pescoço e eu arqueio.

— Porque você precisa se descontrair, moya roza, — diz ele antes de beliscar meu polegar. — Você está relaxada?

A sala parece girar ao meu redor, como se estivéssemos em um carrossel. Eu torço minha cabeça quando ouço um gemido. O vestido de Vika está preso até a cintura e sua calcinha sumiu. Vas está inclinado sobre ela, suas línguas duelando. *Eles estão se beijando?* Meu irmão então abaixa a cabeça entre as coxas dela e começa a lambê-la. Ela geme enquanto agarra o cabelo de Vas para mantê-lo lá. Seus dedos fodem dentro e fora dela lentamente. Eu quero estar chocada, até mesmo ofendida, por sua exibição descarada, mas estou tão fora de controle das sensações do meu próprio corpo, que está me deixando à deriva da minha moralidade. Eu nem me sinto mais presa ao meu corpo. Sou apenas uma consciência existente no prazer e felicidade. O sorriso se espalhando pelo meu rosto é um que não posso controlar. A luxúria que roda na atmosfera é tóxica e eu não consigo o suficiente.

— Ninguém vai te foder, — Ven rosna, arrastando-me de volta para a nossa própria pequena festa. — Mas se você quer que eles

toquem, isso pode te ajudar a se acalmar. Você passou por um mau período nas últimas semanas.

— Nós festejamos com nosso primo a qualquer momento que ele vem para Moscou, — diz Rodion, em seguida usa os dentes para arrastar o vestido pelo meu ombro. — Nós gostamos de compartilhar.

— Mas ele diz que não podemos foder você, — Zahkar entra na conversa, a palma da mão deslizando até o interior da minha coxa. — Nós queremos, mas você é algo que ele deixou claro para nós que não podemos ter.

Ven sorri para mim. — Vou te proteger e cuidar de você. Deixe tudo ir por um tempo, Diana. Amanhã, você pode voltar a ser feroz e controlada. Esta noite, deixe o anjo morder, e minha família fazer você se sentir bem. — Sua palma desliza sobre meu estômago, e ele levanta meu vestido. Rodion chupa meu pescoço até o ponto da dor. Eu giro minha cabeça novamente para encontrar Vika completamente devassa, deixando Vas tocá-la com sua boca com total desrespeito por Ruslan. Mas ele não está preocupado, aparentemente, quando ele está ao lado dela, recebendo seu pau sugado pela garçonete.

— Ven, — eu murmuro, arrastando meu olhar de volta para o dele.

— Sim? — Seus lábios pressionam o canto da minha boca. Eu gostaria que ele se movesse um pouco para a esquerda e me beijasse. Há uma febre me dominando, e cada toque, cada respiração, cada momento, parece intensificado e erótico.

— Isso está me deixando louca, — eu reclamo.

Ele ri novamente. — Você precisa ser tocada, mmm? — Sua palma encontra meu pescoço, e ele agarra minha carne de forma possessiva antes de deslizar para baixo entre os meus seios para a minha barriga, hesitando a apenas alguns centímetros de onde eu preciso dele. — Onde você quer ser tocada, moya roza?

Zahkar corre a língua para cima, perto da minha calcinha, e um arrepio de prazer me atravessa. Rodion lambe e morde meu ombro, sua boca ficando cada vez mais perto do meu peito.

— Em todos os lugares, — eu sussurro.

Uma mão quente empurra dentro da minha calcinha, e eu olho para baixo para ver a quem ela pertence. A mão tatuada de Ven está enterrada sob o tecido enquanto ele procura minha carne encharcada. A ponta do seu dedo desliza ao longo da minha fenda, e eu grito. Lentamente, ele empurra um dedo para dentro e eu quase apago pelo prazer. Essa droga me deixa indiferente a tudo, menos a orgasmos alucinantes. Ele não me fode com o dedo como eu quero. Em vez disso, ele provoca meu clitóris com o dedo úmido. Como um relâmpago correndo pelo céu, o zumbido do prazer se espalha por mim, iluminando todas as minhas terminações nervosas. Zahkar tira meus sapatos e vai beijando até meu pé. Sua língua corre ao longo do meu osso do tornozelo, enviando mais rajadas de excitação através de mim. Rodion desce a frente do meu vestido para expor meu peito. Ele não me toca com nada além de sua língua. A ponta corre um círculo em volta do meu mamilo, e então ele abandona-o para beijar meu pescoço mais um pouco.

Isso é enlouquecedor.

A boca de Ven passa sobre a minha, mas ele não me beija. Seu olhar é ardente enquanto ele observa minhas expressões. O prazer é esmagador. Está se construindo profundamente dentro do meu núcleo a cada segundo que passa. Dentes mordem meu peito e eu grito. Ven gira a cabeça para encarar feio seu primo antes de morder meu lábio inferior, sua barba raspando meu queixo.

— Onde está aquele filho da puta, Vas? — Alguém ruge, interrompendo nossa diversão. Eu me assusto como se alguém ligasse uma mangueira fria e nos encharcasse. Rapidamente me cubro e fecho minhas pernas. Vergonha toma conta de mim. A enormidade de me comprometer pelo simples prazer de um orgasmo envia constrangimento por mim. No entanto, talvez seja assim que a vida é para as mulheres normais? São todas essas coisas que eu perdi crescendo como Volkov?

Meus olhos se dirigem para o homem de cara ensanguentada, que entrou cambaleando em nosso santuário, empenhado em chegar ao meu irmão. Vas não está interessado. Ele passou de lamber Vika para transar intensamente com ela, com força suficiente para fazê-la gritar, e Rus desapareceu com a garçonete.

O intruso se move para Vas, mas Zahkar, rapidamente seguido por Rodion, pula de pé. Ven percebe que minha respiração parou e minha luxúria não foi totalmente saciada. Ignorando o intruso, ele coloca a mão em volta do meu pescoço e olha nos meus olhos. Minha boceta aperta e minhas entranhas dançam com a intensidade. Ele gentilmente me persuade a deitar, sua mão retornando ao meu núcleo. Ele não para o jeito que ele esfrega o meu clitóris quando sua boca encontra meu ouvido. — Observe-os. Eles são lutadores brilhantes.

Meus olhos colados em seus primos, vejo como eles circulam o homem sangrento. Rodion arranca sua camisa, revelando todo o seu peito tatuado e ruge para o homem. Zahkar, como uma pantera silenciosa, circula para suas costas, e captura os braços do homem, prendendo-os atrás dele. Rodion mergulha a mão no bolso e, quando a tira de volta, usa um objeto brilhante do tipo soco-inglês. Letal e violento. Recuando, seus músculos das costas se contraem antes de bater com o punho no rosto do homem com um ruído brutal. Dentes voam pelo chão.

— Venha, doce Diana, — Ven cantarola contra o meu ouvido, seus dentes encontram o lóbulo da minha orelha. — Bota tudo pra fora.

Eu tenciono, a necessidade de gozar é esmagadora. — Ven...

Sou pega olhando para Rodion quando ele dá golpe após golpe fatal, esmagando o rosto do homem além do reparo. O sangue. A violência. As drogas. Os momentos de tensão sexual. Eu perdi o controle. Um branco brilhante explode ao meu redor quando meu clímax me alcança. Ven empurra um dedo dentro de mim, e minha boceta aperta em torno da espessura dele.

E então fecho meus olhos.

Eu deixo de ser a irmã mais velha.

A filha mais velha.

A Diana preparada e educada.

Eu estou livre.

Eu.

Diana.

Capítulo Sete

Ven

Com uma sobrancelha erguida, tomando meu café preto, vejo quando Diana entra na sala de jantar da nossa suíte na cobertura. Cabelo elegante e perfeito. Maquiagem feita até a perfeição. Seu vestido azul-marinho de mangas compridas a atinge acima dos joelhos, e suas botas de couro marrom param logo abaixo, revelando uma pequena lasca de pele. Quando ela percebe que eu estou descaradamente checando-a, ela limpa a garganta.

— Meu irmão está na cama com Vika, e Ruslan não voltou na noite passada. Eu deveria estar preocupada com Yegor matando Vas? — Ela pergunta, seu queixo erguido de uma maneira régia.

Eu rio e dou de ombros enquanto coloco meu café na mesa lateral. — O que acontece em Moscou fica em Moscou? — Pisco para ela, indicando que lembro como ela gozou ao meu toque na noite passada.

Suas bochechas ficam rosadas e ela caminha até a janela. Está nevando muito e não estou ansioso para sair. Levanto-me da cadeira e ando atrás dela. Ela fica tensa, mas não se afasta. Cheiro seu cabelo enquanto aperto seus quadris.

— Pai não vai descobrir, — eu digo a ela, olhando para seu reflexo no vidro. — Vou me certificar disso. A noite passada foi só por diversão. Ninguém precisa saber.

Pai não toleraria Vika deitando com qualquer outro homem. Fico feliz que Ruslan tenha fugido com uma das mulheres do clube, para que ele não visse Vas passar das preliminares a foder completamente a noiva dele. Vas sempre foi um dos que estica a coleira que lhe foi dada. É parte do que faz dele um grande lutador. Ele precisa tomar cuidado, no entanto. Enquanto Ruslan pode ter sido legal com ele brincar com

sua futura esposa, porque ele estava claramente obtendo seu próprio prazer da puta do bar, pai perderia sua cabeça se ele percebesse isso.

Pai definitivamente não vai descobrir isso.

Pai e eu sempre tivemos um ponto de vista diferente sobre a maioria das coisas na vida, isso incluso. Se ele soubesse metade das coisas que fiz, ele perderia a cabeça. Se ele soubesse que meus primos não só compartilham bocetas um com o outro, mas também gostam do pau um do outro, ele os deserdaria.

— Quando chegarmos em casa, quero me encontrar com Vas sobre o que restou da minha parte do Império Volkov. — Ela suspira, os ombros se curvando levemente. — Tenho medo de como será essa resposta.

— Diana, — eu rosno quando a viro para me encarar. — Leonid não é nada sem você. Vas é um rápido aprendiz, mas ele é mais adequado para a jaula do que para um escritório.

— Sem Volkov Spirits, estou ficando louca. Era a minha vida, — ela murmura, seu olhar caindo. — Eu coloquei tudo em nome de Irina para salvaguardar a nossa propriedade, mas agora ela está... — ela vagueia, derrotada.

Eu coloco meu dedo sob seu queixo e levanto a cabeça até que nossos olhos se encontrem novamente. Ela tem chupões do meu primo que ela tentou e não conseguiu cobrir espalhados por todo o lado esquerdo do pescoço. Eu amo as contusões em sua pele. Roxa, azul e sexy pra caralho. Deixo minha junta correr ao longo do lado de sua garganta. — É hora de fazer uma nova vida, moya roza.

Seus olhos se fecham e eu me inclino para beijá-la. Ela separa seus lábios carnudos, então vulneráveis. Meus lábios pressionam contra os dela, e eu a beijo lentamente, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Como se isso fosse algo que temos feito por uma eternidade. Como se eu a possuísse. Aqueles lábios. Esta língua. A porra do seu corpo para simultaneamente ferir e adorar. Seu coração para consertar. E a porra da sua alma para devorar e se fundir com a minha.

Nossas línguas dançam preguiçosamente uma com a outra. Ela tem gosto de menta e doçura, assim como me lembro de tanto tempo atrás. Queria que fosse apenas ela e eu aqui. Encontraria uma maneira de levá-la para a minha cama e lhe mostraria que nossos corpos foram feitos um para o outro. Meu pau endurece, seu fascínio me tentando perigosamente. Infelizmente, não estamos sozinhos, e este momento não é para ninguém além de nós.

— Eu tenho que voltar, mas não consigo encontrar minhas calças, porra. — Vas reclama quando sai do quarto de Ruslan.

Eu me afasto de Diana, saboreando seu suspiro quando me viro para enfrentar seu irmão. Seu cabelo castanho está apontando para todas as direções e ele parece que foi atingido por um caminhão. Ele tem marcas de garras nos ombros e chupões no pescoço. O lençol da cama está envolto em volta da cintura, delineando a forma de seu pênis flácido. Ele está carregando um monstro. Não é de admirar que a pequena Vika gritasse de sua suíte a noite toda. Sem dúvida ela estará andando mancando pela próxima semana.

— Você olhou na varanda? — Eu pergunto com uma sobrancelha arqueada. Quando Diana desapareceu em seu quarto na noite passada, Vas e eu compartilhamos um cigarro, mas fomos interrompidos quando Vika o atacou como um gato no cio. Assisti com diversão enquanto eles rasgavam as roupas um do outro e ele a fodia contra o corrimão. Se eu soubesse que Vas poderia mantê-la longe do meu pau, eu teria empurrado essa união há muito tempo.

— Droga, — ele geme enquanto passa através das portas. O ar gelado entra, e ele começa a reclamar alto enquanto chuta a neve descalço até encontrar sua calça jeans. Ele as pega e elas estão endurecidas. — Droga!

Diana solta um suspiro e eu rio do idiota. Ele volta para dentro e sacode a calça jeans.

Balançando a cabeça para o meu quarto, eu digo: — Tenho jeans que cabe em você. Se vista e saia daqui antes que meu irmão apareça. Acho que ele pode não estar tão interessado em você fodendo sua noiva.

Vas resmunga enquanto sai da sala de estar. Dez minutos depois, ele volta vestindo um dos meus suéteres também. Ele encontra seus sapatos e casaco logo atrás da porta. Quando está vestido, parte para a porta.

— Vas, — diz Diana quando se aproxima de seu irmão.

— Eu sei, eu sei. Vou me comportar. — Ele sorri. Mentiroso.

Ela ri. — Você é um pirralho. — Ela o abraça, e então suavemente pergunta: — Como está Irina?

Ele agarra os ombros dela e a afasta. — Você realmente quer saber?

— Claro. Ela é minha irmã, — ela sussurra.

Ele me lança um olhar culpado antes de voltar para ela. — Você conhece nosso pai, e eu tenho homens em todos os lugares. Sempre observando.

Ela acena com a cabeça. — Ela está bem?

— Eles foram a uma joalheria e ela saiu usando um anel de noivado brilhante. Ainda não foi confirmado, mas uma das criadas de Vlad, chamada Rada, disse que os ouviu conversando sobre se casar. — Ele passa os dedos pelos cabelos bagunçados. — Eu sinto muito.

Diana simplesmente assente. — Continue a ficar de olho nela e me mantenha informada. — Ele bagunça seus cabelos, e então, ele se foi.

— Com licença, — ela murmura antes de seus saltos estalarem alto enquanto ela corre para o seu quarto, batendo a porta atrás dela.

***

— Vamos ver, — digo a Rodion. Eu tenho uma mochila cheia de dinheiro que estou esperando para entregar aos meus primos, mas primeiro preciso ver pelo que estou pagando.

Rodion não está no modo de dono do clube no momento. Ele está no modo de combate. Seu cabelo castanho escuro escorre de suor e seu olho está inchado. Sem camisa e vestindo apenas um short de basquete, ele passeia pelos quartos dos fundos atrás da gaiola até

chegarmos a uma porta fechada, tira seu protetor bucal e enfia no bolso.

— Onde está a garota Volkov? — Ele pergunta enquanto digita um código para entrar na sala.

— Com dor de cabeça.

Quando bati na porta dela para ver se queria vir comigo, ela fingiu uma dor de cabeça. Eu podia ouvi-la chorando do outro lado. Até uma mulher feroz como Diana tem seus momentos de fraqueza. E porque ela é feroz, se recusa a deixar as pessoas vê-la dessa maneira. Até eu.

— As mordidas de anjo devem ser chamadas de mordidas do diabo, — diz ele com uma risada.

Eu sigo meu primo maluco para o quarto. Zahkar, vestindo algo semelhante, está ao lado de um homem, um Taser em seu aperto. Seus olhos se encontram e eles se comunicam sem falar. Isso é coisa deles desde que a mãe de Rodion, minha tia, tirou Zahkar da rua quando ele tinha apenas dez anos de idade. Os meninos se tornaram melhores amigos. E o que minha tia e meu tio nunca souberam, muito mais que amigos. Esses dois são como gêmeos. Duas metades de um todo. Eles gostam de ter uma terceira pessoa em seus relacionamentos, mas se eles não têm uma, eles apenas se fodem.

— Ele é meu? — Eu pergunto, admirando o lutador que carrega marcas vermelhas em todo o seu peito. Zahkar pressiona o Taser contra o lado do homem. O homem recua e treme, mas ele não se abate. Meu primo retira a corrente elétrica e dá um alívio ao lutador.

— Impressionante, — eu concordo. — Mas pode lutar?

Rodion bufa. — Ele matou os últimos três homens que jogamos no ringue com ele. Um soco na garganta toda vez. Esmagou completamente suas traqueias. Ele é um *zver*. — *Uma besta*.

Eu jogo a mochila cheia de dinheiro aos pés de Rodion. — Quando posso levá-lo?

— Em algumas semanas. Ele é quase tão bom quanto Vas, — diz Rodion. — Vas é mais rápido. Mas esse cara grande, se ele te pega, ele não vai deixar você ir embora.

Franzo a testa para o fato de que ele não é tão habilidoso quanto Vas. Vlad treinou Vas, o que significa que por procuração, treinei Vas. Eu solto um suspiro. Vou ter que treiná-lo mais quando voltarmos para casa, para que ele possa ser melhor que Vas.

— Ele tem um nome? — Pergunto.

O olhar negro de Zahkar encara o meu. — Não.

Rodion encolhe os ombros quando ele caminha até Zahkar e pega o Taser da sua mão, seus dedos demorando-se em seu "irmão." Um momento depois, ele acerta o homem novamente. O homem faz um som de assobio, mas novamente, não esmorece. — Nós o chamamos de Hiss. — Ele entrega o Taser de volta para Zahkar.

— Ok, manda o Hiss quando ele estiver pronto. Depois do casamento do meu irmão. Ele gosta de pau ou boceta? — Eu questiono, meus olhos correndo entre meus primos.

Rodion me lança um sorriso diabólico enquanto desliza a palma da mão no short de Hiss. — Hmmm, eu diria que ele gosta de boceta, — diz ele, acariciando por baixo do tecido. Hiss rosna sua desaprovação por ter a mão de Rodion em seu pau. — Mas por outro lado, sua boca diz uma coisa e seu pau diz outra.

Zahkar bate no braço de Rodion e ele afasta a mão rápido. Os sinais de ereção são evidentes no short de Hiss, para seu próprio desgosto.

— Eu o encontrei com as bolas enfiadas profundamente na bunda de uma puta no banheiro do clube no andar de cima, — diz Zahkar. — Ele gosta de boceta. — Rodion olha para ele, esfregando o ponto dolorido em seu braço.

— Vou dar mulas para ele. Todas as mulheres. Espero que isso o satisfaça e torne-se um bom incentivo para que ele tenha um bom desempenho. O que você diz, Hiss? — Eu pergunto, meus olhos correndo para o homem gigante.

— Eu ficaria honrado em ter uma recompensa, senhor, — Hiss responde.

Pelo menos ele é mentalmente capacitado. Rodion e Zahkar treinam os melhores lutadores porque entram em suas mentes e fodem com eles. Eles gostam de puxar as cordas juntos. Os Loucos de Moscou, como são conhecidos por todos no mundo subterrâneo. Como resultado, meu pai solta uma fortuna em seus lutadores customizados para o The V Games.

— Eu vou ver vocês no casamento de Rus. — Eu aceno para os dois. — Diga ao seu irmão mais velho que ele deve aparecer. — Timofei é um bastardo malvado, mas nós o amamos do mesmo jeito.

Rodion joga o braço sobre o ombro de Zahkar e sorri para mim. — Você poderia ficar, primo. Nós temos uma coisinha doce na nossa casa. Eu sei como você adora brincar conosco.

A última vez que estive aqui em cima, fodemos com uma gostosa mulher britânica. Pele lisa e quase negra. Cabelo encaracolado castanho escuro. Cílios longos e lábios suculentos. Ela gostava de ter todos os buracos preenchidos. Vendo meus primos penetrarem duplamente em uma cadela enquanto você fode sua boca é erótico pra caralho. Uma semana atrás, isso teria sido algo simples. Meu pau já está chateado comigo por não saltar na oportunidade.

— Eu vou ter que passar.

Rodion inclina a boca para o ouvido de Zahkar e sussurra alto o suficiente para eu ouvir. — Ele está caído na mulher Volkov. — Então ele puxa o lóbulo da orelha de seu *irmão* com os dentes antes de se afastar para me considerar. — Se ela quiser brincar conosco, leve-a de volta a Moscou. Vamos brincar mesmo, primo. — A desonestidade sombria dança em seus olhos.

— Talvez. — Minha mentira é apenas isso. Uma mentira.

Ambos riem e eu aceno para eles quando saio.

Talvez não.

Capítulo Oito

Diana

Este lugar tem sido um turbilhão de atividades, e encontrei consolo dentro das paredes da biblioteca na última semana. O planejamento do casamento me deixa nauseada, mas sei que hoje vou precisar me comportar para as núpcias de Vika e Ruslan. Ainda estou um pouco surpresa por ela estar disposta a fazer isso depois do que ele fez em Moscou, mas ela lida com as coisas de maneira diferente do que eu faria.

— Senhorita Diana, seu vestido chegou, — uma empregada me informa, tirando minha concentração do terceiro livro que tentei ler hoje. Eu coloco-o na mesa e me levanto. Silenciosamente, sigo-a para o meu quarto, onde ela aponta para o vestido pendurado dentro de uma capa transparente.

Ven precisa parar de me mimar.

Um sorriso enfeita meus lábios enquanto eu o imagino em uma loja de roupas extravagantes selecionando tecidos e dizendo a eles o meu tamanho. É doce e atencioso.

Sou grata por sua generosidade, no entanto. Isso alivia o fardo de eu não ter que voltar para casa para pegar minhas próprias roupas. O último lugar que quero estar é de volta para casa.

Abrindo a capa protetora, corro minha mão sobre o tecido vermelho e suspiro alto. É impressionante. Extravagante. Perfeito.

Ele nunca desaponta.

Eu me assusto quando a voz profunda de Ven fala da porta. — Vermelho é a sua cor, Moyá roza.

Colocando a mão no meu peito, eu rio. — Você me assustou.

Viro-me para absorver sua aparência quando ele entra no meu quarto. Seu terno preto de três peças se molda à sua estrutura musculosa. O colete que ele veste é cinza-carvão com lascas de tecido

vermelho. Um sorriso preguiçoso está em seu rosto bonito, e sua barba foi aparada, dando-lhe um olhar refinado. Ele inclina a cabeça, uma sobrancelha levantada, enquanto ele me pega corajosamente verificando-o. Um sorriso puxa seus lábios enquanto ele acena para a empregada sair. — Eu acho que estaria ostentando um buraco de bala, se isso fosse verdade.

Mordo meu lábio e baixo o olhar, segurando o riso que quer borbulhar dos meus lábios. Isso *é* verdade. Quando eu levanto meus olhos, seu olhar intenso me perfura.

— Eu pensei que você pode precisar de ajuda com o zíper, — ele me diz, sua voz rouca. O fogo se inflama em seus olhos verdes... fogo que estou me acostumando a ver dele ultimamente... me queimando direto ao núcleo.

Não achei que iria querer alguém por um longo tempo depois do que aconteceu com Vlad. Depois do assassinato de Anton, e tendo que aceitar o tipo de pessoa que ele realmente era, meu plano era tentar me concentrar apenas em reconstruir minha vida.

Mas não posso continuar a negar como penso em Veniamin a cada minuto.

A cada olhar.

A cada toque acidental de seu corpo contra o meu. As palavras silenciosas não ditas. A ânsia crescente sempre que estamos juntos em uma sala. É como uma atração magnética desesperada para nos completar. Destruir esse desejo ardente e não agir de acordo com ele é uma cruel autopunição que ninguém merece.

Por que eu sempre me nego?

Ele foi minha primeira paixão. Aquele que secretamente desejei quando era uma adolescente. Isso foi antes de Anton pisar em minha vida e me fazer uma mulher. Agora que Anton morreu e minha mente clareou, é como se eu estivesse de volta em minha antiga casa.

Dezesseis anos. Olhando para o rosto viril de Ven e seus brilhantes olhos verdes, desejando que ele me beijasse... que me levasse para sua cama e me mostrasse o quanto ele também gosta de mim.

Passei por ele para fechar a porta e ele acompanha todos os meus movimentos com os olhos. Nenhuma palavra é falada, apenas a conversa muda de nossas mentes e corpos. Sua atenção é exclusivamente minha, e eu amo a sensação de calor que seu olhar traz à minha pele. Não apenas quente, mas ardente. Um olhar incinerador que me arrasa.

Encorajada por seu olhar exposto de necessidade, levanto a blusa do meu torso. Lentamente. De uma forma dolorosamente torturante para nós dois. O tecido faz cócegas em minha pele e meu fôlego fica preso. Eu cuidadosamente puxo-a sobre a minha cabeça para não estragar o penteado que criei esta manhã.

Jogando o tecido no chão, levanto o queixo e permito que ele veja tudo de mim.

Meus seios estão à mostra para ele.

E assim está a minha alma.

Olhe para mim, Ven.

Queira-me.

Toque-me e me saboreie.

Reivindique-me e me marque.

Faça-me sua.

O martelar do meu coração zumbe em meus ouvidos enquanto eu saio da minha calça. Sua inspiração é audível. Eu não estou usando calcinha. Como o vestido deve servir como uma luva, ela nem é uma opção.

Suas mãos vão para seus quadris, os botões em seu colete puxando levemente. Com os dedos tatuados na calça preta, a tinta colorida parece mais notável. As rosas entre os nós dos dedos parecem mais vermelhas e mais reais. Sua ereção é espessa e saliente por trás do tecido de suas calças. Pesado e dolorido por mim, isso eu posso ver.

Minha pele aquece sob o seu olhar quando tiro o vestido do cabide, minha bunda agora em exibição para ele. Abaixo o vestido para o chão e me inclino para entrar nele, dando-lhe um show.

Provocadora. Vixen[4]. Sedutora.

Eu sorrio ante meus pensamentos.

Deslizando a seda macia pelo meu corpo, percebo que é como uma segunda pele. O abraço do tecido sobre a minha pele me faz gemer suavemente em apreciação. Eu procuro sua expressão enquanto olho por cima do meu ombro. Ele deu vários passos para mais perto. Sua proximidade faz meus joelhos enfraquecerem com a necessidade.

— Diana, — ele murmura, sua voz rouca e reverente. Molhando os lábios com a língua, ele observa cada centímetro meu coberto de seda carmesim.

Eu giro para encará-lo completamente. Como se minha ação o chamasse, ele vem para mim, dois passos rápidos, seu corpo envolvendo o meu no momento em que eu tomo meu próximo fôlego. Ele se inclina para o meu pescoço, me inalando, mas não me tocando completamente em qualquer lugar.

Toque-me... por favor.

— Eu amo o seu cabelo assim. — Ele finalmente toca um dedo ao longo do comprimento da minha garganta nua. — Você tem um decote tão elegante, moya roza.

Meus olhos se fecham por vontade própria, e o ar ao nosso redor é como uma névoa de luxúria. Estou perdida.

Eu prendo a respiração, esperando que ele me beije, me toque, me derrube e me arrebate como um animal selvagem, mas ele não o faz. Ele se move em volta de mim muito devagar, mantendo seus lábios tão perto. Seu hálito quente faz cócegas e excita minhas terminações nervosas. Em movimentos moderados e tortuosos, ele sobe o zíper do

---

[4]Vixen — uma mulher linda, gostosa e sexy que pode ficar quieta na vida cotidiana, mas se transforma em uma rainha no quarto. Uma mulher reprimida que tem muitos desejos sexuais. Quando uma pessoa desencadeia suas fantasias nelas.

vestido pela minha espinha, um dos seus dedos acariciando a pele das minhas costas enquanto faz.

— Pronto, — ele respira no meu ouvido uma vez que termina.

Estou tão tonta, se ele não estivesse atrás de mim, me ancorando, temo cair no chão em uma poça.

Sou arrastada de minhas fantasias dele fazendo coisas sujas para mim quando o calor de seu corpo foge e um frio gélido me cobre. Sem outra palavra, ele caminha até a porta e sai do quarto.

Eu solto um gemido audível.

Agora estou toda quente e incomodada com um casamento para participar.

Eu vou precisar de uma bebida.

***

A casa dos Vetrov está repleta de pessoas. A sala principal foi completamente transformada em um local deslumbrante. Flores em grandes vasos adornam todas as superfícies. Cadeiras revestidas com tecidos caros ficam em fileiras, criando um corredor para Vika passar. Melodias suaves tocam por toda a propriedade, e os empregados dão voltas com bandejas de comida e vinhos.

Aceno com a cabeça em saudação quando os rostos familiares sorriem para mim, e sinto-*o* antes de eu perceber seu físico impressionante. Ven. Ele está parado em um grupo de cerca de seis outros homens, mas estou puramente focada em seus movimentos animados e no levantar de seu peito enquanto uma risada ressoa dele. O riso arrebatador soa, e sem querer tiro minha atenção de Ven para escanear os homens com quem ele está. Os primos de Moscou parecem ainda mais deslumbrantes à luz do dia e vestindo ternos.

Um cavalheiro mais alto, se possível, está com eles, e ele tem os mesmos olhos de Rodion, então suponho que ele seja o irmão mais velho, Timofei.

Timofei ri junto com os outros, mas é mais medido e contido. Ele observa a multidão enquanto escuta e interage. Interessante.

— Eles são problemas quando todos estão juntos em uma sala, — uma voz profunda sussurra ao meu lado. Eu viro meu olhar para ver um homem mais velho ao meu lado. Ele está bem vestido de terno para rivalizar com o de Ven. Seu cabelo é salpicado de listras brancas e linhas de idade mostram sua experiência de vida sobre suas feições. Ele é robusto e bonito. Tatuagens cobrem as mãos e ele usa anéis de prata, mesmo nos polegares. Virando um líquido âmbar de um copo em sua boca, ele observa o grupo, depois vira os olhos escuros para mim.

— Meus meninos adoram seu primo, Veniamin. Ele é uma boa influência sobre eles. Você deve ser Diana.

Como ele saberia disso?

— Sim, — eu digo, virando-me para ele e oferecendo a minha mão. — Sinto muito, você me tem em desvantagem.

Ele olha para a minha mão estendida e sorri. Não é cruel, mais intrigado. Sua estrutura é quase gigante em comparação com a minha. Ele se inclina como se quisesse me inalar, e eu me mantenho firme, inabalável. Não afetada. Eu não vou murchar sob a sombra de qualquer homem novamente.

— Eu não sou do tipo de apertar as mãos, — ele me diz antes de pressionar os lábios na minha bochecha e ficar lá por um segundo a mais do que o apropriado. — Eu sou Andru Vetrov, irmão de Yegor, e tio do noivo.

Só de saber que ele é irmão de Yegor faz com que um punhado de pelos se levante no meu pescoço. A geração mais velha dos Vetrovs é conhecida por ser implacável, perversa e astuta.

— É um prazer, — eu minto. — Tenho que ir verificar a noiva. Por favor, me dê licença. — Outra mentira. Não vi Vika o dia todo. Ela pode ser uma noiva fugitiva pelo que sei, mas a necessidade de me separar do irmão de um homem que detesto se torna primordial. Não me permitirei estar em nenhuma circunstância onde estou à mercê de homens como ele.

— É claro, — diz ele, divertimento em sua voz.

Enquanto eu ando pelo corredor em direção à cozinha, Vlad aparece e meu estômago quase vem voando para fora da minha boca. Minhas mãos tremem e pernas enfraquecem. Eu não o vejo desde que ele assassinou Anton, me jogou fora como lixo, e me informou sobre seu caso com minha irmãzinha.

Baque.

Eu não sou a mesma garota de um mês atrás. No entanto, ele ainda me faz murchar dentro de mim. O hematoma em meu ego ainda está colorido em minha alma, a dor de saber que ele planeja se casar com Irina a qualquer momento, e me proibiu de assistir me corta tão profundamente que temo que ele me veja sangrando. Quando ele vira o corpo na minha direção, entro em pânico e, com pressa, desapareço no quarto mais próximo. A maçaneta gira sob minha mão e eu deslizo para dentro com um suspiro aliviado. Um escritório não utilizado. Eu descanso minha cabeça contra a porta e respiro fundo duas vezes. Não vou conseguir me esconder aqui para sempre, ou dele, mas apenas o choque de vê-lo me pegou de surpresa. Ele vendo a dor ainda evidente em meus olhos não é algo que eu quero. Doutrinar minhas emoções quando envolve Irina sempre foi difícil para mim, mas não impossível. Ele não vai conseguir um show hoje.

Alguns sons arranhados seguidos por um gemido profundo zumbem de dentro da sala, e me viro abruptamente para garantir que estou de fato sozinha. Meu coração dispara enquanto sigo o som, me aventurando mais profundamente no local e parando quando chego a uma porta adjacente. O grunhido soa novamente. Que diabos?

Tensão aperta minha garganta quando alcanço a maçaneta, preocupada com o que posso encontrar lá dentro.

Se for uma escrava sexual amarrada, vou...

Eu abro a porta, me preparando para o que quer que esteja dentro, e fico em silêncio atordoado quando vejo uma bunda nua impelindo em uma pilha de tule creme.

Minha boca se abre e eu pisco algumas vezes.

Vika olha por cima do ombro de quem está fodendo-a, com os olhos arregalados de choque. Ele nem sequer notou que eles têm companhia e ainda martela nela em seu maldito vestido de noiva.

Por favor, seja Ruslan.

Esse pensamento é como um mantra em meus pensamentos, mas quando ela bate em seu ombro, e ele se detém para descobrir qual é o problema, percebo que minhas esperanças estão frustradas. Ele se vira para olhar por cima do ombro para onde ela está olhando, e meus olhos se arregalam quando eles travam com um par azul familiar.

Vas.

Eu me viro e coloco a mão no meu quadril, inclinando a cabeça em descrença. Yegor matará os dois por tal desrespeito.

— Eu poderia ter sido qualquer um. Você está completamente louco, Vas? — Eu esbravejo, a enormidade do risco que eles estão tomando pesando no meu peito. Vlad e todas as memórias de como eu fui tratada pela minha indiscrição estão em primeiro plano na minha cabeça, especialmente depois de acabar de vê-lo.

— Sim, eu estava fodendo-a loucamente, — ele brinca.

Eu ouço seu zíper subir e o babado do vestido dela ser colocado de volta no lugar. Ele caminha até mim e dá um beijo na minha bochecha.

— Isso não é uma piada. — Eu olho feio para ele.

Ele dá abaixa o cabelo bagunçado com a palma da mão, um sorriso malicioso no rosto e pisca para mim. — Acalme-se, mana. Nós não fomos pegos.

Sim, você foi!

Irritada, saio do quarto com Vas nos meus calcanhares.

Vika faz sua aparição no armário, eventualmente, suas bochechas coradas revelando seu segredo. Ela parece tão bonita, mas também tão jovem... jovem demais para ser noiva de um homem que não ama nem gosta.

— Não haja toda puritana para nós, Diana. Nós todos sabemos que você gosta de dormir por aí. — Ela sorri para mim, e eu quero

limpar esse olhar diretamente de seu rosto com uma sacudida em seus ombros e uma palma em sua bochecha.

Em vez disso, ofereço a ela um aviso. — Anton foi cortado do esterno ao pescoço por aquela 'foda'. Eles ainda estão limpando pedaços dele das rachaduras no chão. É isso que você quer para Vas, Vika? Porque vou ser amaldiçoada se deixá-lo morrer por uma rápida enfiada em você.

— Agora, senhoras, — Vas apazigua, suas mãos levantadas em rendição. — Ninguém está me matando, e ninguém vai descobrir que nos divertimos um pouco no armário. — Ele pisca novamente, e por mais que eu queira ficar brava com ele, ele não torna isso fácil. Ele tem um charme sobre ele que lembra Ven.

— Seu irmão está aqui, — digo a Vika, mudando de assunto.

— Oh, aposto que ele está. O bastardo, — ela zomba, correndo para a porta e desaparecendo através dela.

Voltando minha atenção para Vas, balanço minha cabeça com desaprovação. — De todas as mulheres, Vas, por que ela?

Ele coloca um dedo nos lábios e sorri sombriamente. O brilho nos olhos dele é diabólico. — Para ter olhos e ouvidos em todos os lugares. Ter aliados em lugares elevados. Para jogar o jogo, minha doce irmã. Você, de todas as pessoas, sabe como esses jogos são jogados.

Meu coração pula. — Vika não é alguém com quem jogar. Ela é mais astuta que você ou eu.

— Deixe que me preocupe com isso. Só fui eu por um longo tempo antes que o presente de ter irmãs fosse concedido a mim. Obrigado por sua preocupação, mas confie em mim. — Ele mais uma vez pressiona um beijo na minha bochecha, e então, estou sozinha. Ele tem razão. Estou sempre me preocupando e cuidando dos meus irmãos e vejo onde isso me levou.

Eu ando até o grande espelho colocado sobre uma lareira na parede central e verifico meu cabelo e maquiagem. Eu não mostrarei fraqueza a Vlad. Ele vai ver que não vou ficar deprimida por muito

tempo, e quando eu estiver de volta ao topo, é do seu negócio que vou atrás.

***

A cerimônia de casamento é demorada, e me sinto intoxicada pelo cheiro de Ven que está sentado à minha direita, empurrando sua coxa contra a minha. Vlad está no lado oposto da sala e eu ainda não cruzei com ele desde que fugi mais cedo. Bebi três taças de champanhe e uma dose de algo que Rodion chamou de vodca do arco-íris. Meu sangue está fluindo quente e minha mente está um pouco confusa... exatamente o que eu preciso para aguentar esse circo.

Quando a cerimônia finalmente acaba, permaneço com o resto dos convidados para celebrar a união.

Vika está chapada novamente ou é a melhor atriz do mundo. Ela finge um show impressionante. Sorrindo e tocando Ruslan. Representando a esposa amorosa para a multidão.

Eles passam por nós, e Vika se inclina para receber um beijo e um abraço de seu cunhado.

— Parabéns, — digo a ela.

Ela semicerra os olhos para mim, em seguida, me pega em seus braços, me puxando para a sua altura. — Cheguei mais longe do que você, — ela sussurra no meu ouvido antes de me libertar. Bruxinha.

A mão de Ven de repente desliza na minha, seus dedos se entrelaçando com os meus. Olho para onde nós estamos unidos, depois para ele. Ele mostra-me um lábio curvado, e minha mão aperta a dele quando Vlad limpa a garganta, anunciando sua chegada.

— Vlad, finalmente ligado pela família. Sempre soube que este seria o nosso futuro. Desde criança, você sempre foi como um irmão, — Ven diz a ele, oferecendo sua mão livre em saudação.

Vlad agarra e aperta sua mão. — Vamos esperar que eles não matem um ao outro então. — Vlad nem sequer olha para mim. Desgraçado. Eu quero agarrá-lo e exigir saber onde Irina está, como ela está. Mas Ven me mantém ancorada a ele. Eu apenas me concentro nele, no que ele fez por mim.

Não vou dar a Vlad a satisfação de me ver vacilar mais uma vez. Ele tomou lágrimas e dor suficientes de mim. Ele não conseguirá mais. Nós não somos feitos daqueles que nos quebraram, mas daqueles que nos reconstruíram quando desmoronamos. Eu devo a Ven por ficar firme. Para ficar com ele e ser forte.

Uma mão pesada desce no meu ombro, e me assusto um pouco quando viro para ver nosso mais novo visitante.

— Hora de ficar bêbado. — Rodion balança as sobrancelhas perfeitamente arrumadas para mim, e eu não poderia concordar mais.

Capítulo Nove

Ven

Bebidas fluem, discursos são lidos, e beijos para a noiva e o noivo são cronometrados e celebrados. Vika está fazendo um trabalho fantástico em tornar sua felicidade crível, e é sem dúvida devido ao aviso que meu pai deu a ela antes do casamento. Ele não aceitaria nada além de um desempenho perfeito dela hoje. Seu orgulho é tudo para ele, e com toda a nossa extensa família na cidade, só para ver Ruslan se casar depois da tragédia de nossa perda de Niko, a excelência foi exigida. Não houve limite de despesa. Quando os Vetrovs celebram, comemoramos por dias e todos falam sobre isso por meses, se não anos, depois. Ao contrário das comemorações de aniversário na mansão Vasiliev, isso será discutido pelas razões certas... não pelo massacre do guarda-costas.

O vestido vermelho de Diana chama minha atenção, e eu vejo sua bunda balançar enquanto ela dança com duas crianças, cada uma segurando uma das mãos. Ela vai ser uma mãe maravilhosa um dia.

— Veniamin, você algum dia vai compartilhar aquilo com a gente? — Rodion pergunta, colocando a mão sobre o meu ombro e seguindo o meu olhar.

— Não, — eu grunho, bebendo a bebida na minha mão.

Zahkar ri sombriamente. — Justo, primo. Bem, nós ainda gostaríamos de conversar com ela. Falar é permitido, hmmm? Estamos prontos para avançar com nossos planos de expansão e nossa nova aventura com a vodca do arco-íris. Bebida é a especialidade dela, não? — Pergunta ele.

Sim. Isso é realmente perfeito. Ela está com fome de afundar os dentes em um novo empreendimento.

— Deixe-me falar com ela primeiro, — eu digo a eles. — E não mencione isso a ninguém por agora.

Eles olham entre si, depois de volta para mim. — Você tem um acordo.

Meus olhos se voltam para Diana, e minha espinha endurece quando meu pai se aproxima dela. Eu vejo o minuto em que ela percebe. O brilho desaparece de suas bochechas e suas mãos soltam as crianças e se fecham em punhos. Ele se inclina para frente, sussurrando algo em seu ouvido, e seu queixo enrijece em resposta.

— Venham, — digo aos meus primos antes de caminhar através da sala em direção a Diana e sua companhia indesejada. — Pai, — eu saúdo quando me aproximo.

Ele sorri para Diana antes de voltar sua atenção para mim. Diana exala e me oferece um sorriso tenso.

— Yuri está aqui, e eu tenho as mulas que você pediu na casa de exibição lá atrás, — eu digo ao meu pai, distraindo-o de olhar lascivamente para a mulher que não pertence a ele.

O brilho que ilumina seus olhos diante da perspectiva de mulheres para atormentar é arrepiante. Batendo nas minhas costas, ele gesticula com uma curva dos dedos para uma empregada. Ela se apressa e lhe oferece um copo da bandeja. Ele pega, bebe o licor e faz um gesto para ela ficar parada. Rodion lhe dá um olhar avaliador e lambe os lábios. Ele está acostumado a foder empregados. Em seu clube, todos querem ser fodidos por ele. Meus primos têm a reputação de agradar as mulheres. Papai termina sua bebida, o tempo todo olhando para mim como se estivesse testando minha paciência.

— Você vai nos seguir, — ele informa a empregada, quando coloca seu copo vazio na bandeja.

Ela engole e balança a cabeça em concordância.

— Vamos ver o que você tem para nós, Veniamin. — Ele sorri, assumindo a liderança.

Nós seguimos atrás dele, deixando o barulho da festa, para descermos o caminho de pedra em direção à parte de trás da casa.

A casa de visualização fica a uma curta caminhada pela entrada dos fundos da casa, construída separada para ser nosso alojamento,

para negócios e privacidade. Realizamos leilões aqui, e quando não está sendo usado para leilões, é usado por prazer em reuniões quando as Primeiras Famílias se reúnem e querem jogar.

O ar fresco atinge meu rosto enquanto entramos na entrada da garagem. Há uma nova camada de neve que range sob nossos sapatos. Rodion tira um frasco do bolso. É de ouro maciço e incrustado com diamantes formando a letra R.

— Você mesmo fez isso? — Eu provoco, a condensação ondulando dos meus lábios.

Meu pai resmunga. — É quase tão bonito quanto você.

Rodion apenas sorri para nós e inclina o recipiente em seus lábios. — Vocês todos estão com inveja porque eu pensei em trazer algo para aquecer o sangue. Está congelando.

— É uma caminhada de dois minutos. Você é russo, pelo amor de Deus. Gelo corre em nossas veias, — zombo, socando-o no braço, fazendo-o quase derramar sua bebida.

— Continue assim, filho da puta, — ele avisa.

— Parem de brigar como colegiais, e me passe a porra da bebida — Zahkar grita.

Nós diminuímos os passos quando chegamos aos quartos e eu aceno para eles entrarem. — Divirtam-se. Eu tenho algumas coisas para fazer em casa, — eu os informo.

— Yuri já está aqui? — Meu pai pergunta, e eu aceno em confirmação. O pensamento de testemunhar Yuri domar uma mulher não está no topo da minha lista de fantasia. Caçar minha rosa vermelha, no entanto, está.

Rodion e Zahkar seguem meu pai para dentro com sorrisos estampados em seus rostos. Há muitas mulheres por aí.

Eu abraço a noite escura e fria, enquanto ela se envolve em torno de mim como uma garra fria de morte no curto passeio de volta para a casa principal.

Quando estou dentro, vejo os convidados reunidos para assistir Vika e Ruslan posar para as fotos do casamento, mas Diana não está em lugar nenhum.

Eu verifico o quarto dela, depois o escritório. Assim que me viro para sair da sala, vejo um vislumbre de vermelho através das pilhas de livros nas prateleiras.

— Você está se escondendo? — Eu murmuro, e quase ouço seu coração acelerar.

— Se estiver, você vai caçar? — Ela murmura de volta, seus olhos olhando através de uma lacuna na prateleira.

Estalo a língua e balanço minha cabeça. Em vez de me aproximar dela, fico parado onde estou.

Calmo. Controlado. Paciente.

— Um bom caçador não persegue sua presa, — eu digo, diversão no meu tom. — Um bom caçador espera.

— Pelo quê? — Ela pergunta, aparecendo por trás de uma das pilhas de livros.

— Para a presa vir a ele. — Eu levanto uma sobrancelha e sorrio.

Ela morde o lábio e sedutoramente desliza a mão pelo braço como se estivesse com frio e tentando aquecer sua pele. — E se a presa não quer ser capturada? — Ela dá um passo em minha direção, seus olhos me despindo e implorando para que eu a dispa ao mesmo tempo.

— Um leão não pede permissão para comer, Diana, — eu rosno, e sua respiração trava.

A sala está esquentando e meu pau está latejando.

— E se o caçador se tornar a presa? — Ela brinca, dando mais dois passos em minha direção.

Vou deixá-la brincar, mas sua mente é pura demais para ser a caçadora. Ela não tem ideia de como é estar dentro de uma mente selvagem.

— Caça não é um esporte, moya roza. A presa nem sabe que eles estão no The Games.

— Isso é verdade, — ela responde, enrolando o braço atrás das costas e lentamente abaixando o zíper do vestido.

Filha da puta.

O tecido se enruga e cai de seus ombros para baixo de seus seios, tronco e quadris antes de bater no chão com um puff quase silencioso.

Ela sai do tecido, com os saltos altos, mostrando a definição muscular em suas pernas longas e tonificadas.

Erguendo uma das pernas e colocando o pé no braço da poltrona à minha direita, sua boceta está em plena exibição para os meus olhos. Minha boca está salivando ante a visão. Ela está nua lá, e tem lábios carnudos, com um clitóris escondido lá dentro.

Ela curva o dedo para eu me aproximar.

Eu solto minha gravata e caio de joelhos na frente dela, ansioso por um gosto.

— Quem se curva para quem? — Ela sorri, passando a mão pelo meu cabelo, arranhando levemente o couro cabeludo. Ela acha que ganhou, mas está muito enganada.

Colocando minha mão sob o joelho, movo sua perna para descansar sobre o meu ombro, meus lábios respirando o ar quente contra as dobras da boceta. Sem nem sequer tocá-la, ela geme. Eu pressiono minha boca na parte interna da coxa dela e chupo. A pele floresce numa profunda mancha roxa quando me afasto com um estalo. Deslumbrante.

Suas mãos apertam meu cabelo. Eu seguro as bochechas da sua bunda e a levanto, ficando de pé e fazendo-a ofegar. Ela se agarra a mim e eu sorrio, caminhando para uma mesa contra a parede de trás. Eu a deito, forçando-a a se recostar, colocando os saltos de seus sapatos na beirada.

Pressiono suas coxas, alargando-as, fazendo-a se abrir para mim para que eu possa absorver e armazenar a visão de sua boceta rubi rosada se abrindo para mim como uma rosa fresca desabrochando. Seu peito sobe e desce, fazendo seus seios grandes balançarem. Seus

mamilos estão duros e ela é um sonho molhado direto de um livro de fantasia.

— Agora quem está de costas para o caçador? — Eu pergunto, gemendo. Seus olhos brilham em desafio, mas ela não faz nada para se levantar.

Eu puxo um frasco de cocaína do bolso, abrindo a tampa e bato uma linha logo acima de sua fenda.

— Eu posso sentir seu cheiro, Diana. Nós somos só animais. Diga-me que você quer que eu lamba sua boceta bonita e apertada, — exijo, e sua respiração fica presa.

— Não. — Ela engole em seco.

Eu me inclino e cheiro a linha de cocaína de seu monte, sabendo que minha barba vai se arrastar através de seu clitóris quando eu cheiro. Afastando-me, lambo meus lábios e olho para ela. Seus fluidos estão cobrindo a abertura de sua boceta, e está me matando não comê-la viva, mas eu preciso que ela peça por isso, que implore muito por isso.

— Peça-me para deslizar minha língua em sua boceta, Diana, — digo novamente.

— Não, — ela responde, desafiadora.

Eu abro minha calça e libero meu pau. Está pesado, grosso e prestes a explodir se eu não der um pouco de alívio. Seu olhar se lança aos meus movimentos, e ela lambe os lábios, sua mão descendo pelo torso. Eu bato na mão dela para que ela não possa se tocar. Sua pele se inflama em uma linda cor cereja.

Aperto meu pau e bombeio com movimentos firmes e lentos enquanto meus olhos devoram seu clitóris enrugado. Deslizando dois dedos para baixo em suas dobras, recolho seus sucos e lambuzo meu pau em sua excitação, saboreando os movimentos de suas costas arqueando da mesa por causa do meu toque.

Ela quer mais. Precisa disso.

— Peça-me, — eu exijo, batendo as pontas dos meus dedos contra o clitóris. Firme e rápido.

— Não, — ela geme, seus quadris saltando para a frente.

— Peça-me, — repito, mais duas pancadas, mais fortes desta vez.

— Oh, Deus.

Seus gemidos são música para meus ouvidos.

— Apenas me peça, — eu quase imploro, batendo de novo.

Seu corpo espasma e treme. Mais fluidos vazam de seu buraco, e eu vou ceder e empurrar meu pau dentro dela em um minuto.

— Por favor, — ela finalmente implora quando eu bato seu clitóris novamente.

— Por favor, o que, moya roza?

— Me lambe Ven. Porra, coma minha boceta.

Sim, senhora.

Eu mergulho nela como um homem agonizante, sentindo seu primeiro gosto de água depois de ficar encalhado em um deserto.

Minha língua entra em seu buraco apertado, buscando, punindo e dando prazer, tudo de uma vez.

Abro-a usando meus dedos e provo cada centímetro dela, provocando e beliscando seu clitóris. Eu a como, apressado e sujo. Minha saliva a reivindicando, marcando-a. Ela acolhe minha língua contra sua carne, empurrando seus quadris para cima e minha cabeça para baixo com as mãos no meu cabelo. Ela geme tão profundamente que reverbera através de seu corpo para o meu.

Com um coração palpitante e uma necessidade de devorar e conquistar, eu lambo, como, mordo e a chupo. Eu pego o frasco da mesa e coloco uma pequena quantidade em meus dedos antes de mergulhá-los em sua boca e deixá-la chupá-los. Puxando-os e baixando-os para sua boceta, os afundando nela, um, depois dois, passando por suas dobras, suas paredes parecidas a um torno me consumindo. Eu bato meus dedos com força e rapidez e enrolo-os para acariciar seu pequeno feixe de nervos, batendo no lugar para mandá-la em espiral. Seu corpo se contrai contra mim, suas coxas apertando contra o lado da minha cabeça, mantendo-me um prisioneiro disposto. Suas unhas cravam profundamente no meu couro cabeludo, então

aumento a intensidade, usando minha língua lisa para pressionar e me contorcer contra o clitóris até que seus gritos de prazer quebram o ar e ecoam ao meu redor, fazendo meu pau pulsar insuportavelmente.

Sucos esguichando passam por meus dedos e escorregam pela sua bunda. Eu roubo tudo, coletando cada gota.

Ela levanta o corpo da mesa e se inclina para frente, envolvendo as mãos em volta do meu pau, como se ela precisasse estar me tocando. Acariciando, esfregando vigorosamente. Suas pequenas mãos têm que retorcer-se para contornar toda a minha grossura. Seus olhos estão consumidos pela luxúria, suas bochechas coradas. Seus seios balançam com seus movimentos, e eu os seguro, apertando enquanto ela puxa meu pau, seu polegar girando sobre a ponta. Sua respiração é rápida e sincronizada com a minha.

— Porra, — ela xinga, me afastando e deslizando da mesa de joelhos. Eu inalo, meus olhos se arregalam quando ela aperta seus seios juntos. Sentindo o que ela quer, me distancio e dobro os joelhos levemente para que possa bater no topo de seus seios com meu pau.

Diana, estendida para mim, é um espetáculo para ser visto, mas Diana nos joelhos é algo completamente diferente. Porra, vou gozar antes que ela abra a boca. Seus lábios vermelhos e carnudos se abrem e sua língua rosa e úmida se ergue, coletando o pré-sêmen da ponta.

— Merda, mulher, — eu assobio.

Ela empurra seus seios contra mim, envolvendo meu pau entre eles e aperta. Seus lábios se fecham sobre a cabeça do meu pau, e o prazer passa por mim enquanto ela chupa, devora e engole.

Minhas mãos apertam seu rosto enquanto eu assisto hipnotizado enquanto ela fode meu pau com os seios. Eu tive mulheres chupando meu pau muitas vezes, mas nenhuma se compara a isso. Vejo as manchas vermelhas do batom de Diana na minha pele e minhas bolas se apertam.

— Vou gozar, moya roza, — eu grunho em aviso.

Ela olha para mim através de seus cílios escuros e grossos e bombeia seus seios contra o eixo mais forte. Seus lábios se afastam e eu

gozo como uma torneira quebrada, espalhando por todo seu rosto, lábios e queixo. Ela se inclina para trás de modo que a faixa branca espirra nos seus seios, sua língua para fora e implorando por restos.

— Foda-se, mulher.

Ela quer tudo e, porra, quero dar a ela.

Sento-me na cadeira e puxo-a para o meu colo. Nossa nudez um contra o outro parece tão certa. Acariciando seu cabelo enquanto sua respiração quente faz cócegas no meu pescoço é o céu do caralho.

Eu poderia ficar assim a noite toda.

Com minha preciosa e suja Diana.

Capítulo Dez

Diana

Acordo com um latejar no meu crânio e meu estômago revirando. E nua. O pânico me atravessa por um momento, até que me lembro dos eventos que se desdobraram na noite passada. Eu praticamente ataquei Ven, e então ele me atacou. Com nossas bocas.

Minhas coxas apertam com o lembrete.

Estou deliciosamente dolorida com a maneira como os dedos dele me sondaram. A maneira que ele bateu no meu clitóris e me comeu como nunca poderia ter imaginado. Foi incrível, e agora minha carne está sensível de onde sua barba me arranhou.

Eu secretamente esperava que ele me levasse para a cama e terminasse a nossa noite naquele momento, mas ao invés disso, ele me puxou para seus braços e me segurou.

Meu peito dói com a lembrança.

Todo o desejo sexual caiu no esquecimento quando me agarrei ao seu corpo, lágrimas quentes mal contidas em meus olhos, desejando que ele pudesse apagar todo o mal que havia acontecido.

Nesses momentos, ele fez.

Ele acariciou meu cabelo e sussurrou palavras não altas o suficiente para meus ouvidos, mas algo que eu podia sentir em minha alma. Então, ele enrolou o casaco em volta de mim e me levou para o meu quarto. Passei a noite sozinha, embora desejasse que ele tivesse ficado comigo.

Uma batida na porta me faz lutar para puxar meus cobertores para cobrir meus seios nus. — Quem é? — Eu grito, minha voz rouca de sono.

A porta se abre e Ven entra no meu quarto. Meu coração dispara ao vê-lo tão bonito. Ele está vestido com um novo terno hoje. Um dos seus mais modernos versus o tradicional que ele usou para o

casamento. Ele agarra seu corpo delicioso. Mas o que me faz derreter é o sorriso em seu rosto enquanto ele carrega uma xícara de café fumegante.

— Meu herói, — eu grasno.

Ele ri enquanto coloca na mesa de cabeceira. — Se você soubesse os pensamentos maldosos que eu estava tendo ontem à noite, quando me forcei a deixar você nesta cama, você não diria essas palavras. — Sua ponta do dedo tira uma mecha de cabelo dos meus olhos. Eu me inclino em direção ao seu toque. Preguiçosamente, seu dedo corre ao longo do lado externo da minha orelha e desce pelo lado da minha garganta antes que ele deixe a mão descansar ao seu lado.

— Você está muito de ressaca ou está pronta para fazer algum negócio hoje? — Ele pergunta, seus olhos verdes brilhando de excitação.

Eu pego o café e quase gemo quando sinto o cheiro dele. Quando tomo, deixo escapar um som de apreciação. — Estou mais do que pronta para fazer alguns negócios. Qualquer coisa para não me sentir como uma princesa banida. Eu preciso fazer alguma coisa. — Olho para o meu café com uma carranca enquanto penso no Volkov Spirits. Eu trabalhei tanto com a Irina nisso. Outra pontada por não ter visto minha irmã ontem à noite bate forte. — Eu simplesmente não sei o que fazer.

Ven senta ao meu lado, sua coxa dura e musculosa quente contra a minha através do lençol fino. Seu braço forte envolve minha cintura e ele beija o topo da minha cabeça. Tudo sobre isso é tão íntimo, mas natural. Com Ven, sempre foi fácil. Nossa risada. Nossa conversa. Nossos beijos. Se eu não tivesse que interceptar Anton de causar arrepios em Irina e, depois, ficar presa em sua teia de controle, acho que essa coisa com Ven teria acontecido há muito tempo. Sem nada em jogo, sou livre para fazer o que quiser. E aparentemente, eu quero Ven.

— Eu tenho algumas ideias, — ele ressoa. — Eu vou mantê-la ocupada, moya roza.

Eu me viro para considerá-lo. De perto, ele é tão bonito. — Obrigada.

Ele se inclina para frente e beija minha testa. — Tome banho. Por mais que eu goste de ver meu esperma no seu cabelo, duvido que você queira fazer negócios desse jeito.

Eu zombo e toco meu cabelo. Com certeza, está endurecido em um ponto. — Vá! — Eu digo a ele, rindo. — Saia daqui para que eu possa me preparar.

Ele desliza para fora da cama e enfia as mãos nos bolsos. A ação puxa o tecido sobre sua bunda esculpida, me dando mais de um show. Quando ele chega à porta, ele se vira e me lança um sorriso diabólico. — Para o registro, eu adoraria que você fizesse negócios aparecendo assim.

Ele sai silenciosamente do quarto e eu fico tocando a parte dele que ainda está em mim. Um lembrete sujo. Trago o cabelo para o nariz e inalo o cheiro almiscarado persistente.

E então a bile sobe na minha garganta.

Largo a xícara de café na mesa de canto, salpicando-a, e corro para o banheiro. Mal cheguei ao banheiro antes de vomitar. O café que amo tanto volta incrivelmente amargo. Eu vomito mais um pouco. Não há nenhum traço de álcool no meu vômito desde que eu não bebi tanto na noite passada, então por que estou doente esta manhã?

— Senhorita Volkov, — uma empregada fala do meu quarto. — Trouxe um café da manhã a pedido do Sr. Vetrov. Por favor, deixe-me saber se é isso que você quer.

Bato a boca com as costas da minha mão e fico de pé com pernas trêmulas. Quando espio pelo canto, ela está arrumando a cama. Seus longos cachos loiros me lembram da minha irmã, e uma pontada de tristeza explode dentro de mim.

— Senhora? — Eu pergunto.

Ela se assusta e se vira, os olhos arregalados ao ver o meu estado adoentado. — O nome é Allina. O que você precisa?'

— Ginger ale [5] e biscoitos.

---

[5]Ginger Ale é um refrigerante de gengibre bastante popular em outros países.

Seus olhos se arregalam e ela assente. — Sem panquecas e bacon, então? — Meu estômago se agita.

— N-não. Por favor, leve embora.

— Claro, senhorita Volkov. Deite-se. Eu voltarei com seus pedidos. — Assim que ela sai, eu rastejo de volta para a cama.

Cinco minutos.

Tudo que eu preciso é de cinco minutos para que isso passe, então eu vou ficar boa de novo.

Eu espero.

***

— Onde estamos indo? — Eu pergunto a Ven.

O clima está positivamente assustador hoje. A neve é brutal e pungente. Estou vestida com minhas roupas de inverno mais pesadas e ainda estou com frio até os ossos. Ven, no entanto, como se fosse um urso nascido na selva, usa um longo casaco e uma touca, mas nada mais a respeito do vestuário exterior. Ele caminha ao longo de um atalho até um prédio atrás da casa recentemente limpa. É escorregadio nos tijolos pavimentados, e até agora tive que agarrá-lo duas vezes para não cair.

— A casa de exibição, — diz ele por cima do ombro, sua voz profunda não se perdendo no vento como a minha parece continuar fazendo. Ele chega à porta e destrava. Assim que nós entramos, eu sinto o cheiro.

Sexo.

Sexo sangrento e obsceno.

E os gemidos que ouço não são de prazer.

Gemidos de dor.

Chorosos.

Ele entra e eu sigo. Uma vez que estamos a salvo do frio, ele fecha a porta atrás de mim. Esta manhã, há apenas uma hora, esse cheiro me deixaria doente. Mas a doença deve ter sido uma pequena ressaca. Depois das bolachas e do ginger ale, eu estava tão bem quanto antes.

Além disso, fiz uma amiga.

Meu pai ficaria horrorizado.

A doce Allina é muito parecida com a Irina, eu não poderia não ser sua amiga. Olhos azuis inocentes. Um sorriso constante. Bochechas sempre coradas. Muito bonita e jovem. Eu me preocupo com sua posição aqui com o nojento Yegor rondando a grande propriedade. Ela me garantiu que Ven a designou para mim e que ela não estaria visitando outras partes da mansão. A isso eu sou grata. Se aprendi alguma coisa, é que sua funcionária pode ser só isso num momento, e no outro, elas estão te dando um irmão.

Os pensamentos de Vas fodendo a noiva ontem à noite ficam em segundo plano enquanto examino a sala. Ou salas, sim. Há uma grande na frente, mas várias salas menores estão de cada lado das paredes. Há peças abandonadas de roupas, chicotes e brinquedos sexuais aleatórios espalhados pelo meio.

— O que é este lugar? — Eu exijo.

Ven se vira e me observa com uma carranca feroz. É uma que ele normalmente não reserva para mim. Sua carranca de negócios. Isso é negócio, me lembro. — A casa de exibição, — diz ele novamente. — Ontem à noite, nossos convidados puderam jogar, mas hoje vamos eliminar o útil do inutilizável. Verificaremos quais mulas podem ser vendidas e quais as que vamos manter. Estamos procurando a melhor para treinar para os jogos. Sexy, sedutora, inteligente. O resto, nós vamos vender. Aquelas que são elegantes, vamos querer classificá-la em uma categoria diferente. Aquelas levarão etiquetas de preço elevados quando nós vendermos aos cazaquistaneses. Isso é algo que eu quero que você seja responsável. Estarei treinando o Hiss, meu mais novo aprendiz do V Games, e poderia usar a ajuda extra.

Estamos classificando as mulheres para vender.

Adorável.

— Claro, — eu respondo, meu tom conciso. — Vamos começar.

Ele me guia para o primeiro quarto. Uma jovem com sangue espalhado nas coxas está deitada encolhida no chão. Uma mulher mais velha, mais ou menos da minha idade, ajoelha-se ao lado dela enquanto

acaricia seu cabelo. Ambas as mulheres estão completamente nuas e sujas. Ambas estão tremendo.

— Primeiro de tudo, — eu grito, raiva inflando dentro de mim. — Se você planeja fazê-las valer algo, isso não vai servir, Ven. — Eu aceno minha mão para elas. — Está congelando aqui, elas estão suja e sem roupa, e é simplesmente ridículo.

Ele arqueia uma sobrancelha para mim e se inclina contra o batente da porta. — Notado. Roupas e banho. Há um banheiro neste edifício com chuveiros. Eu vou arrumar algumas roupas.

— Quantos anos você tem? — Eu pergunto a mulher mais velha.

— Vinte e cinco. — Ela levanta o queixo e me perfura com um olhar ardente. Eu admiro sua força.

Virando-me para ele, eu digo: — Eu a quero no comando na minha ausência. Ela pode gerenciar as mulheres aqui e se reportar diretamente a mim. Certifique-se de que ela tenha contato direto comigo. Eu tiro meus olhos de volta para a mulher com cabelo preto e um olhar gelado. — Nome?

— Nonna.

— Nonna, faça com que essas mulheres sejam limpas. Nós vamos trazer roupas e comida. Eu quero que você faça uma lista do que você precisa para tornar este lugar habitável. — Viro minha cabeça para Ven. — Não vou ter essas mulheres vivendo como animais. Somos Volkovs e Vetrovs. Primeiras Famílias. Nós não nos comportamos como lixo.

Suas sobrancelhas se erguem e seus olhos se estreitam, mas ele não discute. — Mais alguma coisa, senhorita Volkov?

— Eu quero ver e falar com cada uma delas. — Meus olhos caem para o sangue nas coxas da jovem. — Elas precisam de atenção médica. Envie um médico. Quero estar presente durante os exames e falar com o médico pessoalmente. Veja para que seja uma mulher.

Saio da sala e parto para a próxima. Ven agarra-me pelo meu cotovelo, seus dedos fortes me machucando apesar das minhas muitas

camadas. Quando ele me vira e me empurra contra a parede, pânico me paralisa. Fui muito longe?

Seus dedos estão gelados enquanto ele agarra meu queixo com a mão sem luvas. — Você é tão gostosa quando está no seu elemento de comando. — Sua boca encontra meu ouvido, e ele puxa o lóbulo com os dentes, enviando correntes de necessidade varrendo através de mim.

Relaxo com o toque dele. — Estou falando sério, no entanto. Eu quero o que pedi.

— Você pode ter o que quiser, moya roza. Tudo o que você tem a fazer é pedir. — Pensamentos da noite passada... ele exigindo que eu implore por sua boca... vêm me inundando. Um suspiro escapa dos meus lábios. — Ven...

Ele beija a lateral da minha bochecha perto da minha orelha, sua barba me fazendo cócegas. — Agora não, Diana. Nós temos trabalho a fazer. Você pode pedir isso mais tarde, quando estivermos sozinhos.

Desgraçado.

Sujo, delicioso, adorável bastardo.

Capítulo Onze

Diana

Três dias depois...

Cuidar da saúde das mulheres e das necessidades básicas exigiu toda a minha atenção. Passei muito tempo com essas mulheres, mas especialmente com a médica delas. Ela odeia Yegor, aprendi através de conversas simples e usei isso para minha vantagem. A Dra. Oksana Sokolov estava enojada por ter que tratar as mulheres agredidas e abusadas sexualmente. Eu prometi a ela que cuidaria pessoalmente para que suas condições melhorassem e esses homens parassem de lidar com elas como animais.

Nenhuma de nós falou do fato de que estamos preparando-as para venda, e não teremos controle sobre o que acontece depois. No entanto, até esse momento pelo menos temos a capacidade para fazer o que pudermos.

— Isto é preliminar, mas eu terei mais para você mais tarde, depois que alguns dos outros resultados do teste chegarem, — diz ela, entregando-me o relatório. Gravidez em duas das mulheres, DSTs em mais da metade delas, lesões vaginais e anais em muitas, e uma série de outras questões médicas que precisarão ser abordadas.

— Oksana, — eu digo quando ela começa a arrumar sua bolsa. — Antes de você ir, queria saber se você poderia me examinar. Tenho estado um pouco estressada e tenho acordado com enjoos todos os dias. Talvez você possa me prescrever algo para a doença? Não tenho certeza se é um vírus ou o quê.

Seus olhos se estreitam e eu esmago a sensação que se insinua dentro de mim.

É uma doença.

Definitivamente não é uma ressaca. Não bebi uma gota desde o casamento há três dias. Ven esteve viajando a negócios com Yegor, então tenho reinado livre sobre a casa desde que Ruslan e Vika ainda estão fora em sua lua de mel. Eu pude verificar as mulheres, fazer um plano para a venda delas, e explorar todos os cantos da mansão.

— Quando foi a data do seu último período? — Ela pergunta incisivamente, como se eu fosse uma das mulheres que ela estava checando.

Semanas. Já faz semanas.

Eu balancei minha cabeça para ela. — Eu não estou grávida.

Eu não estou.

Eu não estou.

Eu não estou.

Tento não pensar nas poucas vezes em que Anton e eu estávamos com tanta pressa de fazer sexo, já que não tínhamos tantos momentos sozinhos na casa dos Vasiliev, que esquecemos completamente os preservativos.

Eu não estou grávida.

— Você sabe, na sua idade, eu vou aconselhar que façamos um teste de gravidez para ter certeza. Isto é, a menos que você não tenha tido relações sexuais. — Sua voz fica suave quando ela se aproxima de mim. Seu cabelo castanho curto está escondido atrás das orelhas e seus olhos castanhos são gentis. — Senhorita Diana, vamos apenas ter certeza.

Meus olhos se formigam de emoção. Eu não posso lidar com isso agora. Estou apenas doente de estresse. Isso é tudo.

— Se você não está grávida, o teste vai descartar, — ela me garante. — Então, posso te tratar o que é que te aflige.

Eu finalmente aceno resignada. Não posso mais negar isso. Não tive meu ciclo de acordo com meus cálculos, mas eu esperava que fosse por estresse. Meus seios estão doloridos e estou doente a cada manhã. Mas se estou grávida com o bebê de Anton, uma tempestade pior do que as que eu já enfrentei estará seguindo na minha direção.

Ela pega um copo de plástico da bolsa e aponta para o banheiro, como fizera com todas as mulheres. Derrotada, tiro isso dela e entro no banheiro. Minhas mãos tremem quando eu faço xixi no copo. Eu fecho a tampa e entrego a ela pela porta. Enquanto ela testa, lavo minhas mãos, depois espirro água no meu rosto.

Eu não estou grávida.

Simplesmente não estou.

Mas quando saio do banheiro e ela franze a testa para mim, eu sei. Lágrimas vêm aos meus olhos e rolam pelo meu rosto. Anton era um monstro. Mas às vezes ele não era. Às vezes ele era bom, amoroso e gentil. Ele teria ficado tão orgulhoso de ter sido pai. Meu peito dói e se abre.

Um bom pai até quando?

Eu afasto esses pensamentos horríveis. A maneira como ele olhou para Irina em uma idade tão jovem. Como ele fodeu uma garota de dezesseis anos porque ele podia. Estou feliz que o bastardo esteja morto.

— O aborto é uma opção, — diz Oksana. — Um dos meus amigos mais próximos é capaz de fazê-lo com segurança. Mesmo secretamente em sua própria casa.

Eu levanto minha cabeça, já balançando pra frente e pra trás. Eu agarro minha barriga lisa e sussurro minhas palavras para ela. — Este bebê não fez nada de errado.

Ela segura as duas mãos, ainda embainhadas em luvas de látex. — Eu concordo, mas estou apenas lhe dando opções. Você parece um pouco apavorada. É do Sr. Vetrov? Eu sei que você não é casada ainda, mas pela visão de uma estranha, parece que as Primeiras Famílias amariam essa união. Vocês dois têm bastante química.

Eu pisco para ela em choque, lágrimas quentes rolando pelas minhas bochechas.

Bebê de Ven?

Suas palavras simples fornecem uma solução. Se Yegor sabe que estou grávida do bebê de Anton, ele encontrará uma maneira de mata-lo ou a mim. Mas do filho mais velho dele?

Eu corro para Oksana e a abraço. — Obrigada por tudo isso. Vou encontrar uma maneira de contar ao Ven sobre o bebê. — Até mesmo ela, uma amiga recém descoberta, não deve conhecer o verdadeiro pai. — Mas, por favor, não diga nada a ninguém até que eu tenha encontrado coragem para contar a ele.

Ela me abraça de volta. — Claro que não, senhorita Volkov. Nós, mulheres, temos que nos unir.

Eu me afasto e pego os relatórios da mesa. — Por favor, dê-me licença. Tenho algum trabalho para fazer e coisas para pensar também.

Ela balança a cabeça respeitosamente. — Boa sorte.

— Eu vou precisar disso.

Capítulo Doze

Ven

Quatro dias sem ver Diana e estou ficando louco. Passar quatro dias com meu pai no Cazaquistão é suficiente para levar um homem ao limite. Se eu tiver que vê-lo foder mais uma garota tão jovem quanto Ruslan, vou vomitar em todos os meus malditos sapatos Versace.

Ruslan e Vika devem voltar para casa de Moscou esta noite também. Toda a família será reunida. Honestamente, não dou a mínima para ninguém além de Diana. Felizmente, pude dar-lhe um celular e manter contato com ela na minha ausência. Ela está lidando com as mulas lindamente, como eu sabia que ela faria. Foi um teste... um teste que ela passou com louvor. Agora, é hora de recompensar minha doce cheirosa rosa.

Não dou adeus ao meu pai enquanto ando pela neve e entro em nossa casa. Até a casa cheira como ela agora. Uma casa onde sempre me senti fora do lugar, ela me deixa ansioso por entrar. A persigo pelo perfume dela e a encontro no escritório situado na minha ala. Seu quarto fica a apenas algumas portas da minha.

Quando entro no cômodo, ela está sentada na mesa. Documentos estão espalhados na frente dela e ela tecla em um computador. Seu cabelo escuro foi torcido em cima de sua cabeça e preso com uma caneta.

Porra, ela é gostosa.

Ela me sente e levanta seus olhos azuis gelados para os meus. Ao me ver, afeição enche seu olhar. — Ven, — ela cumprimenta enquanto se levanta.

Meu olhar cai para os seios dela, quase derramando-se de um vestido preto justo com um decote baixo. Seus quadris são curvilíneos pra caralho, e estou desesperado para estudar cada centímetro dela

com meus lábios. Eu planejei ir devagar, mas agora que a provei, é tudo que eu posso pensar.

— Moya roza, — eu rosno enquanto rondo a seu encontro.

Ela dá a volta na mesa e dou uma espiada nos joelhos sensuais dela. Apenas Diana pode fazer os joelhos parecerem sexy. Eu quero morder e chupar seus joelhos, de todos os lugares. Suas botas de couro preto mostram suas panturrilhas tonificadas e lhe dão vários centímetros, colocando-a quase tão alta quanto eu.

— Como foi o Cazaquistão? — Ela questiona.

— Chato.

Ela arqueia uma sobrancelha. — Oh? Não encontrou nada para entretê-lo então?

Eu paro de andar quando nossos corpos estão separados por centímetros. Ela ainda tem que olhar para cima mesmo com todos os centímetros adicionados em seus sapatos. Com cada fôlego irregular que ela toma, seus seios tocam meu peito. — Há apenas uma coisa que eu quero.

— Seus primos me disseram que você sempre encontra entretenimento, cada vez que você está fora fazendo negócios, — ela desafia com um sorriso.

Minhas mãos encontram seus quadris e eu a puxo para o meu pau dolorido. Com ela pressionada contra mim, mal consigo pensar direito. Eu posso, no entanto, agarrar-me às suas palavras por um momento, enquanto a confusão se instala.

— Você falou com meus primos?

Suas palmas deslizam pelo meu peito, e ela tira meu casaco coberto de neve dos meus ombros. Deixo-o cair no chão antes de agarrar seus quadris novamente.

— Rodion me deu o número dele no casamento, — ela responde.

— Claro que deu, — eu rosno.

Ela ri, o som soando como sinos. Absolutamente lindo. — Ele estava sendo amigável.

— É disso que meu querido primo chama?

Seus dedos puxam minha gravata enquanto ela desfaz o nó. Ela pintou os lábios de um vermelho sangue que mexe com todas as minhas partes masculinas. Esses mesmos lábios mancharam meu pau apenas alguns dias atrás.

— Eu me senti sozinha e precisava de alguém para conversar, — ela diz enquanto tira a minha gravata e a deixa cair no chão.

— Você poderia ter me chamado.

— E interromper você com o seu entretenimento? — Ela brinca.

Eu deslizo minhas palmas para sua bunda e aperto-a o suficiente para fazê-la gritar. — Eu não fodi ninguém, Diana. Eu não fiz nada porque há apenas uma pessoa que quero.

Seus olhos azuis, sempre mordazes e calculistas, suavizam. — Sério?

Meus lábios encontram seu pescoço nu, e eu beijo suavemente sua pele.

— Sério.

— Faça amor comigo, Ven, — ela pede, sua voz tão carente como nunca ouvi isso. — Por favor. Você disse que tudo que eu tinha que fazer era pedir e você me daria. Eu quero isso. Quero você.

Eu me afasto para analisar seu olhar. Seus olhos são tão reveladores. A vergonha pisca momentaneamente, substituída pela determinação.

— Seu coração ainda pertence a Anton, — eu a lembro, mas já estou abrindo o zíper do vestido dela.

— Não, — ela soltou bruscamente. — Foi tudo uma porcaria fictícia que ele criou manipulando uma adolescente. Eu vejo isso agora. Mas isso? — Seus dedos deslizam em meu cabelo, segurando. — Isso sempre deveria acontecer. Começou quando éramos jovens. — Seus olhos azuis brilham com desejo, e posso dizer que ela acredita nisso com todo o seu coração.

— Você tem certeza? — Eu rosno quando tiro meu paletó e o jogo no chão. Meus dedos começam a voar através dos botões da minha

camisa. — Uma vez que eu comece com você, mulher, eu não poderei parar. Beijar você todos esses anos atrás foi uma tortura, porque nunca evoluiu para mais. Tive que assistir você ser exibida por seu pai na frente dos Vasilievs como se você fosse um pedaço fodido de carne. No momento em que eu reivindicar você, você é minha.

Ela balança a cabeça, com lágrimas nos olhos azuis. — Promete?

— Com a minha maldita vida, — eu juro.

Seu vestido escorrega de seu corpo e atinge o chão a seus pés. Eu dou um passo para trás para apreciar seus peitos saindo de seu sutiã preto. Sua calcinha rendada combina com o sutiã, mas ficaria mais bonita enfiada em sua boca.

Ela se inclina, usando movimentos lentos e sedutores e abre suas botas. Seus olhos permanecem nos meus enquanto ela os tira. Eu sorrio porque suas roupas íntimas são sexy, mas ela usa meias felpudas rosa sob as botas. Um pequeno vislumbre da jovem que se esconde sob a casca dura Volkov.

— Deixe as meias, — eu instruo, um sorriso puxando meus lábios.

Ela ri. — Estas não são sexy.

— Mas você é, e você está usando-as. — Eu me aproximo dela novamente e agarro sua bunda, puxando-a para mim. — Você se lembra de todas aquelas vezes em que ficamos no seu quarto enquanto nossos pais falavam sobre assuntos idiotas por horas?

Seu corpo relaxa enquanto ela me observa com olhos grandes e inocentes que eu lembro tão bem. — Nós ficávamos bêbados e ouvíamos música. — Ela morde o lábio e pisca para mim.

— Garota tímida, — eu provoco quando eu a levanto, instigando suas pernas finas ao redor dos meus quadris. — Nós fizemos mais do que isso.

— Nós flertamos — ela concorda. Seus dedos se enroscam na parte de trás do meu pescoço. — Tocamos e provocamos. Nós nunca nos beijamos. Não quando era só você e eu, não importa o quanto eu quisesse.

Eu ando com ela para fora do escritório e pelo corredor, para o meu quarto. Fechando a porta atrás de mim, tranco a fechadura antes de ir até a cama. — Eu queria beijar você também, moya roza. Fazer cócegas em seus pés sexy em suas meias bonitas, era tão provocador.

Ela desliza pelo meu corpo e se levanta diante de mim enquanto desabotoa seu sutiã. Ela escorrega de seu corpo, revelando seus seios perfeitos para mim. — Por que você nunca me beijou?

Um rosnado ressoa de mim. — Porque você era muito jovem.

Seus polegares engancham em sua calcinha, e ela os desliza por suas coxas cremosas. Elas caem em seus tornozelos e ela sai delas. Sua boceta lisa está à mostra, e minha boca está necessitada para saboreá-la novamente. — Eu não sou muito jovem agora.

— Não, você não é, — eu concordo.

Ela se aproxima de mim e habilmente começa a desfazer meu cinto. Em poucos segundos, ela tem minha calça e boxer empurradas pelas minhas coxas. No momento em que sua pequena mão envolve meu pau, eu assobio de prazer. — Eu sempre quis que você cruzasse a linha, — ela admite. — Tantas vezes, eu senti sua ereção através de sua calça. Eu não sabia o que fazer com isso na época, mas gostaria que você fizesse isso.

Eu deslizo meus dedos em seu cabelo e aperto-a com força para que possa inclinar a cabeça dela para cima. Meus lábios batem nos dela, e eu a beijo como queria há todos aqueles anos atrás. Ela trabalha meu pau com a mão enquanto ela usa o pé para terminar de tirar minha calça. Então ela me puxa.

Nós caímos na cama, uma confusão de membros nus, mãos carentes e línguas desesperadas. Ela geme e isso me deixa louco de necessidade.

— Faça amor comigo, — ela implora novamente. — Agora, Ven. Por favor.

Suas pernas me envolvem enquanto ela tenta me puxar para mais perto. Com as mamas dela esmagadas contra o meu peito e meu pau esfregando contra sua boceta lisa, estou prestes a enlouquecer. Eu

esperei minha vida inteira para tê-la. Agora, parece que está passando rápido demais. Agarrando seus pulsos, eu a prendo na cama. Seus olhos azuis são frenéticos e carentes.

— Ven...

Ela tenta usar as pernas para me puxar contra ela. Tão forte. Eu esfrego meu pau grosso contra sua fenda, amando o jeito que ela estremece de prazer.

— Vou passar horas comendo sua linda boceta, — eu digo a ela, meus quadris empurrando lentamente contra seu clitóris. — Horas, moya roza.

Ela sacode a cabeça. — Muita tortura. Eu preciso de você agora. — Suas mãos se mexem, e ela se contorce, mas meu aperto é brutal.

— Por que a pressa?

Toda urgência sangra dela como fonte de lágrimas em seus olhos azuis deslumbrantes. Seu lábio inferior balança e foda-se se eu não sinto que apenas quebrei seu coração com uma pergunta.

— Ven, eu só preciso disso. OK? Você pode confiar em mim quando eu digo que só preciso de você? — Uma lágrima corre pela sua têmpora.

Culpa queima dentro de mim. Algo não parece certo. Sua dor sobre Anton ainda está provavelmente guerreando dentro dela. Eu seria um idiota por apressar isso.

Mas eu vou ser um idiota se não fizer, com base na resposta dela.

Soltando suas mãos, eu passo minha mao no seu rosto e beijo-a novamente. Ela tem gosto de café e doce Diana. Meu pau esfrega contra ela, ocasionalmente cutucando sua entrada. Quando ela desliza a mão entre nós para guiá-lo dentro dela, eu a deixo. Vou dar a ela o que ela quer e, com o tempo, faremos as coisas como eu quero.

Mal estou dentro dela, logo após a coroa do meu pau, quando minha outra cabeça funciona o suficiente para usar algum senso comum. — Preservativo, — eu digo entredentes.

— Basta tirar fora, — ela sussurra.

Ela cava seus calcanhares na minha bunda, me puxando mais para dentro dela. Porra, ela é apertada. Eu rosno contra seus lábios, e então volto a beijá-la como se nossas vidas dependessem disso. Meu corpo está no piloto automático quando eu empurro forte nela. De novo e de novo. Assim como queria fazer todas aquelas vezes em que ficávamos bêbados no quarto dela. Precisou de incrível força de vontade naquela época, e agora... agora eu não tenho que recuar.

Posso tê-la.

Ela é finalmente minha.

— Ven, — ela grita. — Sim, oh Deus!

Eu agarro seu grande peito e belisco o mamilo sensível. Ela choraminga como se eu fosse muito rude com ela, então afrouxo o aperto um pouco. Meus quadris nunca param de balançar. Eu os trabalho de uma maneira que esfrego contra seu clitóris com cada batida nela. Pelo jeito que ela agarra meus ombros e arqueia as costas, sei que ela está chegando perto de gozar.

— É isso, moya roza, deixe meu pau sujo, — eu gemo contra seus lábios. — Eu quero esses deliciosos sucos encharcando minha cama.

Um som abafado escapa dela momentos antes que ela jogue a cabeça para trás e estremeça com o orgasmo. Eu deveria me retirar e pintar seu estômago com faixas do meu esperma, mas sua boceta está me ordenhando da melhor maneira possível. Meu próprio clímax bate forte e eu me sinto bombeando nela.

Deslize para fora, Veniamin.

Saia de sua boceta perfeita.

Não a encha com sua semente.

E, no entanto, não escuto uma maldita coisa que tento dizer a mim mesmo. Gozo com um som gutural. Reivindicando e possuindo. Meu pau jorra violentamente dentro dela, pintando seu interior com meu sêmen.

— Porra, — eu assobio quando caio contra ela, meu pau empurrando mais fundo dentro dela quando deveria estar tirando.

Quando começo a amolecer, os sucos quentes saem do corpo dela e encharcam minha cama.

— Você não saiu, — ela murmura.

Em pânico, ergo-me nos cotovelos e examino seu olhar. — Você está chateada?

Ela sacode a cabeça rapidamente e suas bochechas ficam rosadas. — Eu quero isso. *Tudo* isso.

Tenho quase trinta anos e não pensei muito em ter uma família. Mas com Diana? Eu posso ver tudo. Esposa, filhos, um maldito cachorro. Com ela, quero tudo.

— Eu vou cuidar de você, — prometo, meu pau já endurecendo com o pensamento de possuí-la completamente. De uma vez por todas. — Vai acontecer.

Ela enfia os dedos no meu cabelo e balança a cabeça. — Eu estou pronta.

— Eu estou pronto pra caralho também.

Já estou pronto há muito tempo.

Capítulo Treze

Diana

As manhãs são piores. Esconder meus enjoos de Ven é quase impossível. Todas as manhãs, nas últimas duas semanas agora, escorrego de debaixo do braço pesado e corro para o meu quarto, onde posso vomitar minhas entranhas. Allina, calada, espera por mim com ginger ale e bolachas. Ela jurou fidelidade a mim. Se ela permanecer leal, quando eu deixar este inferno onde Yegor me observa com um interesse lascivo mal contido, ela virá comigo. A culpa de saber que estou carregando uma criança que não pertence a Ven está corroendo minha consciência, mas a necessidade de sobreviver está colidindo com minha moral. Meu amor por ele sempre esteve lá, dormente, esperando para ser despertado. A confiança é tudo para homens como Ven, como deveria ser, mas eu o engano todas as noites quando entro em seus braços. Eu preciso contar a ele. Ele pode ter as respostas, entender e me amar de qualquer maneira. Mas e se não? Lágrimas quentes caem nas minhas bochechas, mas eu rapidamente as limpo.

Depois de limpa, costumo ir ao meu escritório, onde trabalho nas tarefas que Ven me deu em relação às mulheres. Hoje, porém, encontro Vika sentada na cadeira do meu escritório e meus pelos se arrepiam.

— Então, — diz ela arrogante. — Você está fodendo Ven, huh?

Cruzando meus braços sobre o peito, eu olho para ela. — Não que seja da sua conta, mas sim.

Seus olhos âmbar brilham como chamas cintilando em uma lareira. — Por quê? Você sabia que eu sempre o amei, mas você foi lá de qualquer maneira. — Ela se levanta da minha cadeira e dá a volta na minha mesa. Seu olho está ostentando uma contusão azul e ela acaricia o braço esquerdo.

Meus pensamentos derivam para o passado, não muito tempo depois que eu beijei Ven só para afastá-la de aborrecê-lo.

— Eu te odeio, — diz Vika da porta do meu quarto. — Você é como uma das prostitutas do papai.

Eu arqueio uma sobrancelha, abandonando meu livro de romance para olhar a garota de dez anos malcriada. — Como? As putas do seu pai te ensinaram a falar como uma?

Ela zomba quando entra no meu quarto. Seus lábios estão manchados de rosa escuro e está claro que ela encheu o sutiã. — Eu ia me casar com ele, mas você o roubou.

Eu não o roubei, mas ela não sabe disso.

Eu tive minhas mãos ocupadas. Com Anton. Eu me levanto da cadeira e estremeço com a dor entre as minhas coxas. Ele é tão grande e dói muito a cada vez. Eu estremeço e afasto as lembranças daquele homem excitado em cima de mim.

— Ele nunca foi seu, Vika, — eu a lembro. — Nossos pais decidem. Você sabe disso.

Ela zomba de mim. — Eles ainda não escolheram. Ele ia ser meu. A família dele e a minha são as melhores. É o que deveria acontecer.

— Ele é bom demais para você, — eu digo, perdendo a calma. — Ele sempre será bom demais para pessoas como você e sua família.

Ela olha boquiaberta para mim como se eu tivesse batido nela. — Nossa família é a melhor, — ela grita.

Dando de ombros, olho para a garotinha. — Você não sabe nada, querida. Este mundo é muito grande e muito complicado para você. Você está jogando com homens com os quais não tem direito.

Seus olhos se estreitam para mim. — Eu vou contar ao meu pai.

— Eu vou contar ao meu, — ameacei de volta.

Temos uma batalha de vontades até que uma presença fria enche a porta.

— Tudo bem aqui? — Anton pergunta.

Vika bufa. — Diana está se comportando como uma das prostitutas do meu pai. Falando sobre coisas sujas que ela vai fazer com Ven Vetrov.

O Maxilar de Anton enrijece, mas ele se afasta para deixar o pequeno demônio passar. Assim que ela sai, ele fecha a porta atrás dele e vira a fechadura. O medo sobe pela minha garganta.

— Isso é verdade? — Ele pergunta, sua voz baixa e mortal enquanto ele ronda em minha direção.

Eu levanto meu queixo bravamente, embora esteja apavorada. Eu ainda estou tão dolorida da noite passada. Não quero fazer isso de novo. Eu não gosto disso. — Ela tem só uma queda por ele e acha que eu o quero.

— Você quer?, — ele exige. Sua palma bate para agarrar minha garganta e eu estou empurrada contra a parede atrás de mim. — Você quer Ven Vetrov?

— N-não. Ela apenas o quer para si mesma, menina boba, — eu sufoco, lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas. — Eu quero você. — Mentiras.

Seus olhos estreitam enquanto ele analisa meu rosto. — Bom, — ele murmura. — Porque eu odiaria ter que deixar este trabalho para ir trabalhar para outra família. Vika parece precisar da minha proteção. Os Vetrovs são homens maus. E se aquela garotinha está em perigo, talvez seja meu dever protegê-la. Afinal, eu fiz um ótimo trabalho protegendo você deles.

Sua mão desliza sob o meu vestido, e ele me apalpa por cima da calcinha. Eu choramingo porque está doendo.

— N-Não, — eu sussurro. — Fica comigo. Proteja-me. Por favor. — Eu posso odiar Vika, mas ela é jovem como minha irmã. Eu me encolho ante o pensamento de Anton fazendo as mesmas coisas terríveis para ela que ele faz comigo.

— Boa menina, — ele murmura. — Boa resposta.

— Olllá, — Vika diz, me puxando para o presente. Ela pode ser mais velha agora e mais bonita, mas ela ainda é a mesma pirralha de antes.

— Você é uma mulher casada agora, — eu zombo. — Aja como uma. Ven está disponível, e eu também. Supere isso, criança.

Ela está boquiaberta para mim. — Eu não sou criança...aaiiiii!

Quando eu agarro seus bíceps para afastá-la de mim, ela grita. O braço que ela estava acariciando é puxado para o peito e as lágrimas escorrem pelas suas bochechas. Toda a raiva a ela sangra e desaparece quando observo a mulher triste e patética. Anton estava certo. Alguns dos homens Vetrov são de fato homens muito maus.

— Ruslan fez isso com você? — Eu exijo, meu sangue fervendo com o desejo de atirar com uma pistola na sua bunda.

Ela ri, fria e sombria. — Não. — Ela aponta para o rosto. — Ele fez isso comigo. Meu braço é cortesia do papai Vetrov. — Um arrepio a atravessa. Eu nunca vi Vika tão abatida e quebrada.

— Aquele bastardo, — eu assobio.

Seus olhos se levantam e ela franze a testa. — Você sabe que gosta quando ele me machuca.

Meu Deus, ela é insuportável às vezes.

— Você ainda é a mesma menina fazendo joguinhos que não deve jogar. Você não sabe nada sobre mim, Vika Vetrov. — Dizer seu novo sobrenome é uma alfinetada, mas ela precisa ser lembrada. Ela é um deles agora.

— Eu vou dizer a Yegor que você está transando com o filho mais velho dele. Eles vão te forçar a casar com ele. É isso que você quer? — Suas narinas se abrem. — Yegor não tem medo de levar a nora para a cama se você está se perguntando. — Mais lágrimas enchem seus olhos, mas elas não derramam. — Ele vai fazer o mesmo com você, — ela avisa.

Um aviso, nesta ocasião, não é uma ameaça contra mim, mas suposto para me proteger. Eu ando até ela e sussurro em seu ouvido. — Ele não fará isso comigo. Vou cortar seu pau e alimentá-lo com ele antes que deixe isso acontecer. Fui abusada uma vez, nunca mais. — Coloco seu cabelo atrás das orelhas e olho para a menina no corpo de uma mulher. — Mantenha sua boca fechada e fique longe de problemas. E pelo amor de Deus, pare de foder meu irmão.

Ela sorri para mim. Por uma vez, é genuína e bonita. — Seu irmão é o único destaque da minha nova vida. Não posso fazer promessas, Diana. Sinto muito.

Com isso, ela sai da sala, deixando-me com nada além de preocupação e seu perfume desagradável. Essa garota vai se matar.

Uma batida na porta me assusta. Eu me viro, grato por ver Ven ali. E está tão lindo como sempre. Sua camisa de preta está desabotoada em cima, e ele não está usando gravata. Um colete de cor ameixa se ajusta em seu torso elegante e musculoso, e me vejo encarando-o descaradamente. Calça preta abraça suas coxas tonificadas e ele está usando um par de sapatos de couro caros e brilhantes. Suas mangas estão enroladas, revelando seus antebraços tatuados. Deus, ele é um bastardo sexy.

— Bom dia, moya roza, — ele cumprimenta quando ele vem valsando para mim e me puxa contra ele. Ele beija o topo da minha cabeça e eu relaxo em seu abraço.

— Bom dia.

Ele me segura por um momento, seus dedos acariciando meu cabelo. A culpa sempre me corrói. Essencialmente, estou jogando com ele... fingindo para o único homem que realmente amei, então posso convencê-lo a acreditar que o bebê que estou carregando é dele.

Isso é tão errado. Não posso continuar com isso. Eu preciso seguir... mas não posso.

Ven, de todas as pessoas, não merece isso.

Mas se as famílias descobrirem que estou carregando o filho bastardo do meu falecido amante, quem sabe qual será o meu destino. Yegor não é o tipo de sentir constrangimento de ânimo leve. Eu não ficaria surpresa se acabasse estuprada, morta e enterrada atrás da casa. Ou pior ainda, alimentando aos porcos no matadouro. Viva.

— Você está tremendo, — Ven ressoa. — Você está bem? Vika mexeu com você? Eu quase fui atropelado por ela no corredor.

Eu balancei minha cabeça enquanto me afasto. — Você conhece Vika. Ela é sempre uma pirralha. O que está acontecendo?

Seus lábios esticam em um sorriso infantil que faz meu coração derreter. Ele nunca terá que saber. Anton tinha cabelos castanhos, quase da mesma cor que os de Ven. Eu posso passar a criança como dele. Tudo vai ficar bem. Ven será um bom pai. Deixaremos a casa do monstro que é seu pai, e começaremos nossa nova vida como deveríamos ter feito no dia em que fiz dezoito anos. Eu lhe darei seus próprios filhos e este bebê será meu segredo, amado por um homem digno de paternidade.

Eu sou uma pessoa horrível.

Ele enfia a mão no bolso e me entrega um cheque dobrado. — Aqui.

Franzindo a testa, eu tiro isso dele e abro. O cheque é endereçado a mim em quinhentos mil dólares. — O que é isso? — Meu estômago mergulha com o choque e mais culpa. Eu não o mereço.

— Um presente, — diz ele com um encolher de ombros.

— Joia é um presente, — eu digo secamente. — Isso é uma loucura. Por que você está me dando dinheiro?

— É o capital inicial. Para o seu novo empreendimento de bebidas alcoólicas e destiladas. Volkov Spirits é um navio afundando agora que não tem você, e nós dois sabemos disso, — diz ele com um resmungo.

— Vlad pode ficar com isso. E ao invés de tentar recuperá-lo deles, você pode começar seu próprio. Não é como se você já não tivesse dois dos maiores donos de boate em Moscou enrolados em seu dedo mindinho. — Ele sorri. — Podemos nos encontrar com Rodion e Zahkar para discutir a distribuição. Eles estão querendo um fornecedor para sua vodca do arco-íris de qualquer forma. Isso é bom e algo que você é mais do que capaz de fazer.

Estou chocada. Dinheiro para começar meu próprio negócio... e um negócio em que sou boa. — Eu vou te devolver, — eu juro, minha voz embargada.

Ele me abraça em seu peito. — É um presente, Diana. Aceite isso. Você pode me pagar fazendo disso um sucesso. Mas, sério, não quero nada em troca.

Levantando a cabeça, dou-lhe um sorriso com olhos lacrimosos. — Então eu aceito, Veniamin Vetrov. Obrigada. — Deslizando minha palma entre nós, aperto seu pau até que endurece em meu aperto. — Isso não é pagamento, é um presente. — Eu ofereço um sorriso sensual.

Seu gemido quando caio de joelhos é toda a coragem que preciso.

Eu posso fazer isso, fingir, simular que ele é o pai.

Eu *vou* fazer isso. Fazer o que desejo em meu coração para ser verdade para nós dois.

O futuro do meu coração, e o futuro do meu bebê depende disso.

Capítulo Quatorze

Ven

A vida é muito boa agora. Tudo o que eu queria que acontecesse está acontecendo. Diana sempre pareceu como algo que eu não poderia ter, quase fora de alcance, mas não mais. Agora não. Agora ela é minha e eu nunca vou deixá-la ir.

O som dela vomitando no banheiro me acorda do sono. As torneiras se abrem e, em seguida, seus passos suaves batem nas tábuas do assoalho enquanto ela volta para a cama. Preocupação franze minha testa quando me viro e esfrego a mão sobre seu estômago. — Tudo bem? — Ela parece endurecer sob o meu toque, e isso tensiona meus músculos. Anton ainda vive dentro da garotinha que ela já foi, e se eu pudesse apagar todas as lembranças dele, faria isso em um piscar de olhos. Mas não posso, então vou ter que provar para ela que ela está segura.

— Tive que fazer xixi, — ela murmura, esfregando a palma da mão sobre o meu antebraço. — Me desculpe se acordei você. — A mentira desliza de seus lábios com facilidade, e minha mente começa a acelerar.

Tem sido quase todos os dias desta semana que ela acordou cedo para vomitar, e não sou ingênuo em pensar que um vírus iria atacá-la em certos momentos do dia e continuar por tanto tempo. Ela tem tentado esconder isso de mim, mas a cada dia, ela escorregou para fora da cama e passou um tempo no banheiro, arfando. Nós deveríamos ter sido mais cuidadosos, e pensado mais nisso, mas porra, se ela não está doente, a ideia do meu bebê crescendo dentro da sua barriga me dá uma emoção como eu nunca senti antes.

Eu não a pressiono nisso. Ela provavelmente está apavorada. Quero tranquilizá-la de que tudo vai ficar bem, então a puxo para os meus braços e a cheiro. — Você nunca tem que ter medo em meus

braços, moya roza. Você pode me dizer qualquer coisa que te incomode, e farei tudo que estiver ao meu alcance para erradicar sua preocupação.

Seu suspiro é audível quando ela entra no meu abraço e planta um beijo suave no meu peito.

E então o corpo dela relaxa contra o meu. O silêncio se expande, até que seus roncos suaves me permitem saber que ela adormeceu.

***

— Mais uma vez, — eu grito para Vas.

Hiss, meu novo aprendiz para o The V Games, agacha-se com um haltere sobre os ombros, e quando ele se levanta, Vas bate quatro golpes rápidos em sua costela tensa.

— Ele está ficando muito mais forte. Sua intolerância à dor é impressionante. — Ruslan sorri para mim, sua nova barba crespa parecendo muito com a do pai.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto ao meu irmão, minhas costas se endireitando enquanto eu o estudo. Se ele está aqui para espionar para o querido e velho pai, vou usar o pequeno bastardo como saco de pancadas para o Hiss.

— Pai me enviou por você, — ele me diz. — Ele tem alguns assuntos para discutir que são muito sensíveis para serem feitos pelo telefone.

Eu franzo a testa e olho para ele antes de retornar meu olhar para Vas, que está adicionando chutes rápidos ao abdômen de Hiss.

— Ele ainda poderia ter ligado e me pedido para ir ao seu escritório, — eu grunhi.

— Eu queria vir e ver como Hiss está indo, — diz Rus, sorrindo enquanto cruza os braços sobre o peito. — Estou pensando em ter meu próprio lutador treinado.

— Nosso lutador representa o nome Vetrov, — digo entredentes. — Não precisamos de combatentes individuais.

Ele não teria a menor ideia sobre treinar um lutador. Eu tentei dar-lhe lições por anos, mas ele simplesmente não tem habilidade para isso.

— Se ele é nosso lutador, então por que você o tem aqui lutando com *ele*? — Ele cuspiu a última palavra, gesticulando com uma inclinação do queixo para Vas e estreitando os olhos.

Como se na sugestão, Vas olhou para nós e deu um sorriso desdenhoso antes de voltar a bater Hiss.

— Porque, irmãozinho, — eu sorrio, colocando a mão em seu ombro, — Vas é um lutador excepcional. O melhor, na verdade. E homens como ele são quem Hiss se colocará contra no The Games. Vas está aqui como um favor, então não vá tagarelar e perder seus dentes, sim? — Passo por ele e grito para Vas, — De novo.

Quero que Hiss seja capaz de levar uma surra e nem mesmo senti-la quando chegarem os jogos. Vlad terá Stepan direcionado para Hiss apenas para provar que ele treina um lutador melhor. Ele está errado.

Os pés de Ruslan batem atrás de mim enquanto eu os deixo para treinar e caminho de volta para a casa principal para ver meu pai. Quando terminar, darei uma desculpa para atrapalhar o dia de Diana... levá-la para almoçar e depois deliciar-me com ela pelo resto da tarde.

— Como está à vida de casado, irmão? — Pergunto a Rus.

Ele suspira e balança a cabeça, as sobrancelhas franzidas.

— As coisas estão ruins assim? — Eu reprimo uma risada ante sua desgraça.

— Pai acha que sou incapaz de disciplinar Vika.

Eu levanto uma sobrancelha. — E o que você acha?

Nós paramos do lado de fora da porta do escritório do pai. Ruslan coloca a mão na madeira com painéis e a abre. — Eu acho que ele subestima sua influência ao longo dos anos, — ele me diz em um suspiro silencioso.

— Aí está você, — cumprimenta o pai, esfregando as mãos e sentando-se atrás de sua mesa. — Sente-se.

Curioso, faço o que ele pede, cruzando o tornozelo para descansar no joelho. Ele parece quase alegre, o que é incomum para ele.

— Preciso que você vá pegar uma mercadoria muito valiosa. — Ele sorri antes de deslizar um documento sobre a mesa.

Eu pego e estudo a mulher olhando para mim. Cabelos loiros, olhos escuros, inegavelmente bela. — Quem é ela?

— A filha de Alfred Baskin. — Ele bate a mão sobre a mesa como se fosse o remate de uma piada, e o sorriso de satisfação que ele tem se torna sombrio e mortal.

— Kira? — Eu sussurro. Ela tinha dezesseis anos da última vez que coloquei os olhos nela, mas ela deve estar na faixa dos vinte anos agora. E isso foi antes de seu pai desgraçar o nome de sua família, dando provas contra as Primeiras Famílias e quase enviando homens muito poderosos para a prisão, incluindo o chefe de cada Primeira Família. Nosso pai é um deles.

Pelo que soubemos ao longo dos anos, ele está sob intensa proteção policial. Papai deve ver o choque escrito no meu rosto, meu queixo frouxo e a sobrancelha franzida em plena exibição.

— Eu os encontrei, Veniamin, — ele brada orgulhosamente, recostando-se em sua cadeira.

— Alfred? — Eu insisto.

Eu adoraria colocar minhas mãos naquele bastardo traidor. Ele poderia ter arruinado a todos nós. O pagamento custou milhões a todos para que fosse abafado, mas ele já estava submerso na proteção de testemunhas e ninguém poderia encontrá-lo. Rus se inclina para frente para olhar a imagem em minhas mãos.

— Ela é gostosa. — Ele sorri. Nós dois ignoramos sua resposta juvenil quando o pai responde à minha pergunta.

— Não. Acontece que a esposa da erva daninha o abandonou e voltou às suas raízes.

— Inglaterra? — Eu rio em descrença. Kira sempre costumava falar em inglês para imitar sua mãe, apesar de ter nascido em Moscou.

— Eu odeio sotaques ingleses. A Sra. Baskin sempre soava como a fodida Mary Poppins, — zomba Rus. Mais uma vez, sua explosão é ignorada. Como diabos ele sabe como Mary Poppins soa?

Papai desliza outro pedaço de papel pela mesa.

— Eles receberam novos nomes, mas ela procurou a família e agora eu tenho ela e Kira.

Sento-me para frente, segurando o pedaço de papel. — Você quer usá-las para pegar Alfred? — Eu suponho.

Os olhos do meu pai se arregalam e as pupilas se dilatam, expandindo a cor ao redor deles. — Oh, eu vou usá-las para pegar esse filho da puta, e então ele vai assistir as duas morrerem antes que sua própria vida seja lentamente drenada dele. A esposa quero trazida aqui, e a filha quero mantida em algum lugar seguro até o The V Games, — ele diz, as rugas em torno de seus olhos mais pronunciadas com seu sorriso voraz.

— Você quer que ela entre nos The Games? — Pergunto, incrédulo.

Rus ri e senta na cadeira.

Pai acena com a cabeça. — Você entende o valor de tal prêmio para os homens que querem vingança contra Alfred? Ela vai ter uma recompensa muito alta em sua cabeça, e ela é nossa, Veniamin. Ninguém mais sabe do paradeiro delas ainda. Nós a manteremos a salvo, guardada até The Games, e veremos o preço nela subir. Então, seu lutador será o único a acabar com ela, e ele fará com que seja longo e doloroso para todos verem o que acontece quando um lobo sai da alcateia. Nós coletaremos a recompensa e a glória.

— Puta merda. — Rus sorri, esfregando as mãos. Talvez falar sobre isso com ele na sala não fosse uma boa escolha. Rus não foi realmente testado com informações valiosas antes, então não está claro se ele pode manter um segredo.

— Ok. — Esse é um plano perfeito pra caralho. Há uma razão pela qual nosso pai é poderoso e temido. Nosso negócio exige baixas de guerra e, infelizmente, são os inocentes criados pelos culpados que têm que pagar o preço. Eu não concordo com muitas das formas antigas, mas esses métodos estão em vigor desde o início dos tempos, e há uma

razão pela qual eles ainda são usados hoje. O medo é o melhor motivador em um mundo como o nosso.

— Eu conheço o lugar perfeito, — digo a ele, levantando-me.

— Leve Ruslan com você para buscá-la. Traga Monica para mim, mas mantenha Kira, — ele instrui. Sua voz diminui. — E, Veniamin, isso é da maior importância.

Ruslan pula de pé e acena com a cabeça em compreensão. Ele não precisa saber o que acontecerá se seus lábios derramarem os negócios da família.

— Concordo, — eu digo a ele com um aceno de cabeça antes de virar para sair.

— Diana e Vika não poderão viajar com você, — acrescenta com firmeza. — Eu não quero que a localização de Kira saia. Deve ser mantido em segredo. Eu não quero que as pessoas saibam sobre ela ainda.

Irritação por ter sido ordenado a fazer o que me foi dito, ainda, na minha idade, misturada com a insinuação de que Diana pode não ser de confiança, me faz parar e fechar os punhos. O pensamento de deixar Diana faz meus músculos ficarem tensos. — Rus, nos dê um minuto, — eu digo ao meu irmão, meu tom áspero, enquanto ando até uma mesa lateral para me servir uma bebida. Quando a porta se fecha atrás de Rus, me viro para encontrar meu pai me observando.

— O que é isso? — Ele pergunta, estreitando os olhos enquanto me examina. Há momentos em que me inclino à sua vontade, é o que se espera de um filho, mas me recuso a permitir que ele continue tratando Diana como se ela não tivesse valor. Ela é tudo para mim, caralho, e antes de Vlad desgraçá-la em público, ela era bem respeitada e bem sucedida. Estou cansado de quão rápido você pode cair das graças quando você faz algo com o qual o chefe das Primeiras Famílias não concorda.

— Diana, — digo baixinho, encontrando seu olhar severo com o meu próprio feroz. — Eu quero casar com ela. — E eu vou, não importa o que ele diz.

Ele ri e acende um cigarro. — Ela é um bem danificado, garoto. — Ele solta uma nuvem de fumaça em volta dele.

Rolo meu pescoço e conto até três para segurar minha aversão pelo seu apreço a ela.

— Não para mim, e está acontecendo, — eu o informo. — E antes que você diga mais alguma coisa, deveria saber que não vou tolerar que alguém a maltrate por algo fora de seu controle. Ela foi seduzida por alguém encarregado de mantê-la segura. Seu pai é culpado por não saber o que estava acontecendo sob seu teto.

Ele apaga o cigarro e o silêncio desce. Ele está me avaliando. Não é muito frequente eu enfrentá-lo, mas isso não é da conta dele. É sobre o meu futuro, sobre a minha Diana, e quando se trata dela, não há nenhuma opção em que eu não a pegue. Está acontecendo. Eu desisti de todos os meus próprios sonhos para administrar esse negócio com ele. Eu sempre planejei sair sozinho e deixar Niko ser herdeiro, mas a vida tem um jeito de foder com seus planos. Quando percebo que ele ainda está apenas estreitando os olhos para mim, acrescento um pouco de combustível ao fogo.

— Ela também está carregando meu filho, — acrescento com um sorriso.

Seu corpo inteiro tensiona, e seu rosto fica vermelho de fúria. — Ela só está aqui há dois meses.

Como isso importasse. Ele sabe como funciona a biologia, e é apenas um palpite da minha parte. Eu não tenho certeza, mas estou esperançoso.

— Isso é relevante? Isso sempre ia acontecer. Ela deveria sempre ter sido minha. — Eu estreito meus olhos e passo a mão pela minha barba.

Ele se vira na cadeira, de costas para mim por alguns segundos silenciosos, e então está de pé.

— Tudo bem, — ele concorda rapidamente. — Quando você voltar, nós celebramos. O casamento deve ser tratado rapidamente, e o anúncio da gravidez logo depois. — Ele traz sua caixa de charutos e a

coloca na minha mão antes de soltar uma e lentamente tirar seu cortador do bolso. Ele faz um show de cortar a ponta.

— Isso é uma coisa boa, pai, — asseguro-lhe, deixando escapar um suspiro de alívio. — Uma nova geração.

Ele sorri e eu acho que é genuíno. — Eu sou um pai feliz. Espero que ela tenha um filho. — Ele pousa a mão no meu ombro e aperta. Esse é o maior carinho que recebi dele em muitos anos, e fico surpreso com a facilidade com que ele cedeu. Talvez ele planejasse isso e pudesse ver isso acontecer antes que acontecesse.

— Um filho ou filha será um presente, — asseguro-lhe.

***

Eu deixo seu escritório mais leve. Eu esperava uma briga dele em relação a Diana, mas parece que ele está me dando algumas indulgências ultimamente. Na verdade, não importa o que ele pensa da minha decisão. Ela tem e sempre será minha escolha, com ou sem sua bênção. Ela vai se tornar um Vetrov.

Aproximando-me de seu escritório, o receio ante o pensamento de ter que deixá-la aqui me envolve. Conhecendo sua condição potencialmente grávida e meus planos para ela, o pai não vai tocá-la, mas ainda assim, ela se sente vulnerável sozinha aqui. Talvez eu faça o Vas ficar até o meu retorno.

Ela está sentada em sua mesa trabalhando, seus olhos colados ao monitor no escritório que eu lhe atribuíra. É temporário, no entanto. Eu vou ter algo construído para ela, eventualmente, algo com uma visão de um belo jardim de rosas, então ela terá a vista e o sol para iluminar e aquecer sua pele. Como se sentisse minha presença, seus olhos se levantam e se chocam com os meus. Seus lábios se inclinam nos cantos e ela relaxa na cadeira, apoiando as mãos no colo. Sua blusa de seda estica um pouco mais apertada do que o habitual contra os seios dela, delineando-os para os meus olhos gananciosos.

— Ven, — ela suspira.

Vou em direção a ela, meu olhar nunca se afastando do dela. — Estava apenas vindo para ver se você estava livre para o almoço, — eu

digo a ela, passando os olhos sobre sua forma, apreciando cada pequeno detalhe dela. Suas bochechas estão rosadas, o vermelho viajando pelo pescoço elegante que mostra uma marca fraca dos meus dentes. Meus olhos traçam o canal de seus seios que balançam quando ela ri, fazendo meu pau tencionar e lutar pela liberação. Seus mamilos endurecem, e a blusa não faz nada para esconder isso da minha visão. Sua língua desliza para umedecer seu lábio inferior. — Na verdade, eu já comi. — Ela afasta a cadeira da sua mesa com ela ainda nela e descaradamente arrasta a bainha de sua saia até as coxas.

— Mas se *você está* com fome... — ela brinca quando chega aos quadris, mostrando sua calcinha branca de algodão. Ela está sempre usando renda ou seda, então esse visual de algodão colegial é uma provocação ou ela precisa lavar roupa.

— Um leão está sempre com fome, — eu rosno, atraindo-a.

Ela se levanta, empurrando sua calcinha pelas pernas e chutando-as para mim com um pé. Eu agarro e a trago ao meu rosto para inalar o cheiro dela. Há um pequeno pedaço de umidade bem no centro, e meu pau se força contra o meu zíper dolorosamente. Ela levanta a saia um pouco mais e recosta-se na cadeira. Ela levanta uma perna e coloca o salto do sapato no canto da mesa.

— Então coma, — ela instrui. Há um som audível de sua garganta. Ela quer ser a chefe e estar no controle, mas ela ainda duvida de si mesma comigo. É insignificante, mas está lá. Eu vou ter que trabalhar isso com ela. Eu caio de joelhos, atendendo sua ordem, deixando-a ter sua vitória agora. Em cerca de um minuto, ela estará se contorcendo em todo o meu rosto, me implorando para não parar.

Ela sabe quem é o verdadeiro chefe.

Sua pulsação na garganta está latejando enquanto eu lentamente trilho meu olhar pelo corpo dela, até que estou paralisado na separação dos lábios de sua boceta rosa e nos deleites molhados escondido por dentro. Agarrando suas coxas, finco meus dedos em sua carne até que ela choraminga. Um rosnado sai dos meus lábios enquanto percorro

seu núcleo, provando-a. Ela tem comido frutas pela bandeja há pouco, e tem um gosto tão doce quanto os morangos que ela devora.

— Não basta olhar, Veniamin. — Ela geme em um suspiro desesperado. Eu sorrio e tento evitar uma risada.

— O que você quer que eu faça? — Eu pergunto com uma sobrancelha arqueada.

Seus olhos se estreitam e suas bochechas se avermelham. — Se você vai ser idiota sobre isso, vou apenas me satisfazer, — ela responde com irritação. Sua mão desliza para baixo da pélvis e sobre o monte liso para encontrar seu clitóris escondido dentro de seus lábios. Suas costas se arqueiam quando as pontas de seus dedos começam firmes movimentos circulares. Observo seu buraco escorregadio se contrair, e sucos vazam lentamente de dentro dela.

Porra, ela é gostosa.

Ela é a total fantasia de secretária do escritório, estudante e bibliotecária embrulhada em um pacote apertado pra caralho, e ela é minha para manter.

Sua outra mão desce para se juntar à diversão, e dois dedos empurram dentro de seu pequeno buraco apertado. Ela grita, e os sons vibram através de mim, fazendo com que meu pau se sacuda. Eu abro meu zíper e coloco meu pau pulsante na palma da minha mão, apertando-o com força. A amostra de sua excitação enquanto ela saqueia sua boceta quase me faz gozar. Se sua boceta não me tivesse tão absorvido, eu me levantaria e gozaria por todo o seu lindo rosto. Ela morde o lábio, e não sei se devo comer sua boceta, foder seu rosto, ou envolver minhas mãos em volta do pescoço e apertar até que ela provoque seu próprio orgasmo. Eu me afasto e apenas a observo até que ela esteja pronta para algo com a minha grossura.

— Oh Deus, — ela grita, esfregando seu clitóris mais forte, mas ela não está recebendo o que ela necessita.

— Deixe-me mostrar-lhe como isso é feito, — eu rosno. Afasto a mão dela e abaixo minha boca para sua carne, sugando e girando minha língua. Ela agarra meu cabelo e força meu rosto mais contra ela,

seus quadris pulando. Ela vai cair da porra da cadeira em um minuto, e amo quão carente ela está. Seu corpo fica tenso quando eu chupo forte seu pequeno clitóris, e ela grita de prazer, encontrando sua liberação. Eu a arrasto da cadeira e abaixo-a sobre meu pau saliente, passando por suas paredes apertadas até que ela esteja empalada em mim. Seus braços envolvem meu pescoço, e seus lábios provam seu sabor dos meus. Nossos quadris balançam em sincronia. Ela é quente e perfeita ao meu redor.

— Vou viajar por alguns dias, — eu digo a ela entre beijar seus lábios, queixo, pescoço.

— Oh Deus, ok, eu vou também, — ela murmura, levantando sua bunda e soltando-a de volta. Ela aperta e me ordenha, e é preciso concentração para não explodir dentro dela agora.

— Você não pode desta vez, mas vou pedir a Vas para ficar aqui enquanto estiver fora. — Cravo meus dedos em seus quadris e guio seus movimentos.

— Quanto tempo? — Ela ofega, suas mãos me adorando em todos os lugares.

— Quatro dias. — Deve levar mais tempo, mas não vou passar a última noite longe de casa, para voltar para ela mais cedo. Também comprarei o anel enquanto estiver fora e nos oficializaremos quando voltar.

— Nós podemos sobreviver a quatro dias, — ela respira contra o meu pescoço, então suga minha pele entre os dentes.

Seu corpo se contrai e estremece contra o meu, atraindo minha própria liberação. Porra, ela faz sentir-me em casa. Ficamos em silêncio, recuperando o fôlego, e perdendo o efeito da animação enquanto meu pau amolece dentro dela.

— Ven? — Ela murmura, ainda enterrada no meu pescoço.

— Hmmm? — Seu corpo perfeito pressionado contra o meu é algo que eu nunca vou me cansar.

— Vou sentir sua falta.

Uma risada sacode meu peito. São apenas quatro dias, mas porra, vou sentir falta dela também.

— Vou sentir sua falta, moya roza.

Depois de um minuto, ela se afasta e levanta o corpo do meu. Um frio corre sobre meu pau com a perda de seu calor. Eu subo minha calça e a ajudo ficar de pé, puxando a saia para o lugar.

Quando estamos ambos decentes, ela abre um site de busca de propriedade em seu computador e vira o monitor para me mostrar. — Estou pensando em ver este lugar para a empresa. — Ela está brilhando, e eu não tenho certeza se é o sexo, o que eu espero que seja uma gravidez, ou o fato de ela estar ansiosa para iniciar este novo empreendimento.

— Tem tudo que precisamos para começar, e é barato. Uma ótima localização também. Quando você voltar do seu negócio, você irá ver comigo?

Inclinando-me, pego sua bochecha e deixo um beijo sussurrado nos lábios dela. — Claro.

Ela se inclina para o meu toque e se move para mim para que seu corpo esteja nivelado com o meu.

— Obrigada, Ven.

— Pelo quê? — Eu rio.

Seus olhos não têm diversão enquanto ela segura seus olhos nos meus. — Por tudo. Por ser você e por se importar comigo.

Seguro um dedo sobre seus lábios para detê-la. — Eu mais do que me importo com você. — Eu olho entre nós para sua barriga e ponho a mão lá. Seus olhos se expandem e ela empalidece.

— Você sabe?

— Está bem. Nós fomos descuidados com a contracepção, mas isso, Diana — digo, apontando entre nós — isso sempre foi predestinado. E meu bebê crescendo dentro de você me faria tão feliz.

— Ven... espere... eu... o bebê. — Ela balança a cabeça, mas eu não posso suportar ver lágrimas em seus olhos. Ela está com medo. Eu odeio que ela tenha passado por tanto, mas não mais.

Tiro a lágrima perdida que escorregou de seu olho, seguro seu rosto entre as minhas mãos e a beijo. Nossos lábios batem dolorosamente juntos e é a perfeição. Perfeição brutal. Somos nós.

Capítulo Quinze

Diana

Vergonha já está me corroendo. Me sinto doente e não tem nada a ver com estar grávida. Minhas mãos tremem, então sento-me nelas, tentando esconder, mas não há ninguém na sala, então é inútil.

Como posso continuar com isso?

É tão cruel.

Ven merece muito mais que isso. Do que eu. Eu fiquei tão apegada a ele, que perdi de vista o quão egoísta e mal isso seria para ele.

Quando ele voltar, direi a ele. Eu preciso confiar que ele me ama e vai fazer o certo por mim.

— Você parece que viu merda na sua comida, — zomba Vika, entrando na sala de jantar e sentando-se à minha frente. Uma empregada segue logo depois e coloca um prato na frente dela. Não é Allina. Mais uma vez, ela está longe de ser encontrada. Eu acho que Yegor se livrou dela porque sabia que eu gostava dela. Ele é tão mesquinho.

— Qual é o seu problema, afinal? Você não pode estar sentindo a falta de Ven já. Faz apenas algumas horas e eles acabaram de embarcar no avião. Ruslan insiste em me informar sobre cada segundo de sua aventura. — Vika revira os olhos. — Ouvi que seu irmão está aqui durante a viagem de negócios deles? — Ela pergunta, colocando uma garfada de carne em sua boca na última palavra.

— Sim, Ven pediu-lhe para ficar apenas para minha própria paz de espírito, — eu digo a ela, liberando minhas mãos presas. Eu pego meu garfo e cutuco a comida no meu prato, ainda não estou interessada em comer.

— Você está preocupada com Yegor? — Ela franze a testa. — Ele tocou em você?

— O quê? — Eu balancei minha cabeça. — Não.

Seu corpo está rígido. Passo por cima de sua aparência e noto um novo machucado no pescoço dela. Parece uma impressão digital.

— Ele está tocando *você*? — Eu pergunto, sem saber o que vou fazer se ela me disser que sim.

O homem é um animal. Vlad deveria se envergonhar por deixá-la aqui com o grande lobo mau.

— Eu posso lidar com ele, — ela sussurra. — Não se preocupe. — Ela deixa cair o garfo no prato, fazendo um som barulhento, e então cruza os braços sobre o peito grande, quando me estuda. — Então, você vai me dizer o que está te deixando tão tensa?

Estou tentada a responder "Ven" só para me livrar dela, mas não estou com vontade de brigar com ela agora. — Nada. Estou bem.

Ela bufa, o lábio curvados e joga as mãos no ar. — Bem, eu tentei. Onde esta Vas?

Eu franzo a testa. — Treinando, acredito. Não faça nada estúpido, Vika, — eu aviso. — Esta é a casa de Yegor.

— Ok, Diana, — ela diz docemente enquanto se levanta. Ela sorri antes de sair correndo.

Deus, Vas ficar aqui é uma má ideia.

Empurrando meu próprio prato, me levanto, mas congelo quando Yegor entra na sala.

— Saindo tão cedo? — Ele pergunta, sua voz baixa e ameaçadora.

Meu ritmo cardíaco dispara no peito. — Eu não estou com fome.

Quando vou passar, ele bloqueia meu caminho e dá um pequeno empurrão em meus ombros.

— Senta. Eu estive procurando por você.

Eu engulo a bílis subindo na minha garganta. A última coisa que quero fazer é ficar com Yegor Vetrov. Sozinha. A última vez que estivemos sozinhos, ele me assustou pra caramba. — Meu irmão está realmente esperando por mim.

Ele sorri. — Vas está preocupado com Hiss. Eu verifiquei os monitores de vídeo. Agora, sente-se, — ele grita, autoridade encharcando sua ordem.

Merda.

Sento e agarro minha faca ainda sobre a mesa. Ele se senta ao meu lado e coloca uma pasta na mesa. Uma empregada entra e coloca dois copos à nossa frente. A mulher serve a Yegor uma bebida de uma garrafa de champanhe e a mim um líquido branco de uma jarra. Ele a dispensa com um movimento do pulso e ergue o copo, apontando para o meu.

Eu levanto o meu para o meu nariz e, em seguida, tomo um gole. É leite.

— Para a família, — diz ele, e eu só quero sair. Isso não vai bem. Posso sentir isso na essência do meu ser.

Ele inclina o copo para os lábios e engole, usando a mão para forçar a minha aos meus lábios para imitá-lo. Eu engulo a bebida e limpo a minha boca. Ele sabe da gravidez. É por isso que ele está me dando leite e não champanhe. Tem que ser. Ven contou a ele?

Merda dupla.

— Ven sempre gostou de você, Diana. E, inferno, todos nós sabemos o porquê. — Ele arrasta um dedo sobre a minha bochecha, e eu empurro o vômito para baixo ao seu toque. — Você é uma grande mulher.

— Eu também gosto muito dele. — Tento firmar a minha voz, mas ela fica trêmula, e me odeio por isso. Homens como ele se alimentam de medo... de ódio e nojo.

— Ele me informou que pretende se casar com você após o seu retorno, — diz ele casualmente. Meu coração se agita no meu peito. O quê? Oh, Deus.

É por causa do bebê. O bebê que nem é dele.

Quero me enrolar em uma bola e chorar. Por que a vida é tão cruel? Por que não poderia estar grávida do filho de Ven, casar com ele e viver feliz para sempre? Eu quase bufo com a minha própria farsa.

Garotas como eu não ficam felizes para sempre.

— O bebê que você está carregando dentro do seu ventre infestado, — rosna Yegor, ódio fervendo de suas palavras, — não é do meu filho. Ele pode ser tolo, bêbado com sua beleza e sua boceta de ouro, mas eu lidei com serpentes toda a minha vida.

Meu peito vai quebrar com a intensidade do meu batimento cardíaco. O enjoo está queimando um buraco no meu estômago e minhas pernas ficaram gelatinosas. Eu preciso sair daqui. Preciso do Vas. Droga. Cavei esta sepultura com minhas próprias mentiras e estupidez. Meu coração se torna um tambor de guerra, e eu engulo o medo e aperto a faca com mais força no meu punho. O suor descendo pelo meu rosto se torna minha pintura de guerra. Congratulo-me com o seu ataque. Eu não vou desistir de bom grado. Essa sempre foi sua intenção. Ele nunca me quis aqui. Ele nunca teria permitido que eu me casasse com Ven.

A rejeitada de Vlad não é boa o suficiente para seu filho.

A filha evitada.

A vadia

Bem, foda-se ele.

— Dra. Oksana Sokolov está na minha fodida folha de pagamento. Você acha que ela esconderia esses registros de mim? — Ele ri, abrindo a pasta e derramando o conteúdo para mim. São todas minhas anotações. As datas dos testes de gravidez.

— Eu fiz uma ligação e ela me enviou tudo. Você não tem poder dentro dessas paredes, e muito menos além delas. — Ele estende a mão em minha direção e agarra minha garganta com um dos seus punhos carnudos. Ele vai me matar, mas não antes de eu colocar o lugar em chamas. Eu não posso cair sem lutar. Não é mais quem eu sou. Ven me mostrou o meu valor.

— Você pensou que você poderia passar este filho bastardo como meu parente? — Ele troveja, sua voz chocalhando meus ossos.

— Eu amo Ven, — abro-me, minha voz rouca em suas garras.

Não que isso importe para ele, mas eu sinto que deveria estar lá, falado.

Ele ri, profundo e brutal. — Você é uma prostituta e acha que pode jogar conosco como fez com os Vasilievs? — Ele levanta-se comigo ainda sob seu aperto, me forçando a ficar de pé.

— Eu vou embora, — digo a ele, mas é um suspiro quando seu punho aperta, cortando o meu ar. — Há apenas um de vocês que precisa ir embora. — Ele sorri, e meu cérebro se esforça para formar uma conclusão para suas palavras, mas então meu mundo escurece enquanto seu outro punho colide com minha barriga.

A dor explode através de mim, escurecendo minha visão por um momento.

Volto a mim, tragando ar.

Não, não assim.

Não permitirei que ele me destrua.

Minha mão com a faca vem para apunhalá-lo. Eu a enterro em seu antebraço estendido que mantém-me presa. Ele me solta com uma maldição, e eu sugo o ar, me inclinando para aliviar a dor no meu abdômen.

O maldito filho da puta do mal.

Mais dor passa por mim e fico tonta.

Concentre-se, Diana.

Tropeço com as pernas trêmulas, procurando pela saída, mas ele já está recuperado. Puxando a faca de seu braço, o sangue resplandece uma trilha até o punho, e ele já está avançando.

— Ajude-me, — eu grito, procurando por algo para me ajudar.

Pego um prato e lanço nele, mas é como jogar bolhas em uma parede. Seus olhos estão em chamas, e seu corpo empurra o meu muito menor. Eu ataco com um uppercut[6], dando um soco perfeito e jogando

[6]Uppercut é um soco utilizado em várias artes marciais como no boxe, kickboxing e muay thai. Este golpe é lançado para cima, com qualquer uma das mãos.

a cabeça dele para trás brevemente, mas minha mente fica confusa e a sala começa a desvanecer de vista.

Que diabos?

Concentre-se, Diana.

— Eu sei que lutadora você é, Diana querida, — ele rosna, agarrando-me pelos cabelos.

Minhas mãos se contraem para levantar e socá-lo, mas são como pesos de chumbo ao meu lado. Minhas pernas começam a enfraquecer e minha visão se confunde. A mesa entra e sai de foco, e os copos sobre ela aparecem e desaparecem.

Oh Deus, o leite.

Ele me drogou.

Eu caio no chão, e sua risada assombra minha sanidade.

— Você foi desajeitada e teve uma queda feia da escada, — ele zomba cruelmente, sua bota surge zunindo, atacando minha barriga.

Não.

Eu tusso e vomito, um grito saindo de dentro de mim. Eu não posso mover meus membros. Não posso nem mesmo proteger minha barriga deste entregador da morte.

— Por favor, — eu grito.

Ele se ajoelha e eleva violentamente minha cabeça usando meu cabelo como alavanca. — Você tem sorte de eu não enfiar a mão dentro de você e puxar o bastardo do seu maldito útero. Você irá deixar minha fodida casa. Vai deixar meu filho. Eu preferiria matá-lo a vê-lo zombar do meu nome casando-se com você. — Ele solta meu cabelo e minha cabeça bate no chão com um baque antes de eu apagar.

Nada.

***

Tudo está duro. A dor explode em mim com a consciência. Uma superfície dura e fria está abaixo de mim enquanto abro meus olhos. Eu engasgo quando as lembranças do que aconteceu me assaltam de uma só vez.

Não.

Não.

Não!

Inclino minha cabeça para olhar para mim mesma. Estou no chão na parte inferior das escadas. Sangue cobre minhas coxas, e dor, não física, patina sobre minha alma com o que isso significa. Ele me levou para as escadas e deixou meu bebê sangrar do meu ventre bem aqui no chão frio.

— Diana?!? — Vika grita, seus saltos batendo no chão. — Vas! Vas! — Ela grita, e eu nunca a ouvi soar tão... humana antes. — O que diabos aconteceu? Oh, Deus, você está sangrando.

— O bebê, — eu resmungo, estendendo a mão entre as minhas pernas, choque deixando a minha mente confusa e minhas mãos trêmulas. Seus olhos se expandem e ela pega minha mão para me impedir de me tocar.

— Que porra é essa! — Eu ouço gritar, e então Vas está na minha visão.

— Chame uma ambulância! — Vika grita.

— Foda-se, eu vou levá-la. Abra a porra da porta, — ele ordena, pegando-me do chão. Eu choro de dor e lágrimas cegam meus olhos.

— Ela disse 'o bebê', — diz Vika, e ele apenas grunhe enquanto me leva para o frio.

O alívio de deixar aquele lugar é tão avassalador que eu soluço.

— Tudo bem, Diana. Tudo bem, — Vas me assegura, colocando-me na parte de trás de um carro. Vika desliza para o outro lado, pegando minha cabeça em seu colo e acariciando meu cabelo.

— Ven, — eu digo sufocado, antes que a luz desapareça e eu sucumba à dor mais uma vez.

Capítulo Dezesseis

Ven

O avião mal tocou no chão quando ligo meu celular, ansioso para mandar uma mensagem para Diana para dar notícias. Deixá-la me enervou. Não é que ela não possa lidar sozinha, mas só tive um mau pressentimento. Minha intuição sempre foi algo da qual me orgulhava, e não algo que muitas vezes ignoro.

No entanto fiz.

Isso vai me deixar louco até voltar para casa e tê-la de volta nos meus braços.

Ruslan se estica ao meu lado e boceja alto. Ele passou o voo inteiro flertando com a aeromoça. Quando ela cortou a vodca e ficou na parte de trás do avião, ele desistiu e desmaiou.

Meu telefone finalmente volta à vida.

Assim que começa a zumbir com chamadas e textos perdidos, o pavor começa a enraizar-se dentro de mim. Porra. Algo está acontecendo... e eu sabia disso. Passei por todas as chamadas perdidas de Vika e Vas e aterrissei no último texto que Vas me enviou.

Vas: Diana está no hospital. Me liga.

Que porra é essa?

Eu me levanto e passo meus dedos pelo meu cabelo. Ruslan está olhando para o seu próprio telefone, então deve estar recebendo a mesma informação. As aeromoças do nosso avião particular estão nos ajudando com nossa bagagem. Passo rudemente por elas e levo meu celular ao ouvido para chamar Vas.

— O que aconteceu? — Eu rosno no momento em que ele responde. — Ela está bem?

Ele solta um bufo áspero. Estresse. Ele soa muito estressado, o que me deixa muito estressado. — Ela está viva, mas... — ele se interrompe, com dor em sua voz.

— Mas o quê? — Eu exijo.

Atrás de mim, posso ouvir Ruslan falando com Vika e ele está dizendo para ela se acalmar.

Porra!

— Ela teve uma desagradável queda pelas escadas, cara, — diz Vas. — Havia... havia muito sangue.

O mundo ao meu redor gira. — Ela está bem?

— Ela está bem. Adormecida.

— Nosso bebê?

Seu silêncio é minha resposta. Meu punho se aperta em volta do telefone e a vontade de arremessá-lo no chão é esmagadora. Mas é minha linha de ligação com Diana. Não posso destruí-lo.

— Eu estou no caminho de volta, — eu grito para ele antes de desligar. Ruslan já está fazendo arranjos para nós voarmos de volta.

Porra. Porra. Porra.

Aguente firme, querida. Estou voltando para casa.

Tudo vai ficar bem. Eu não vou te deixar de novo.

***

Quando chego ao hospital, quase oito horas depois, já está no meio da noite. Estou cansado demais, mas preciso vê-la. Quando eu localizo uma enfermeira perto de seu quarto, a mulher sorri tristemente para mim.

— Vas disse que você estava vindo. Nós normalmente não permitimos horários de visitas tão tardios, mas fazemos exceções às vezes.

O dinheiro faz as pessoas dobrarem as regras o tempo todo.

—Obrigado, — eu grunhi.

Ela me guia para um quarto e eu deslizo para dentro. Vas e Vika estão sentados lado a lado no sofá. Assim que entro, ambos estão de pé. Os olhos de Vika estão vermelhos, e o sorriso normalmente satisfeito de Vas se foi. Ambos parecem abatidos e deprimidos.

— Bem, até amanhã. O médico disse que ela poderia voltar para casa em poucos dias. Vou me certificar de que tudo esteja pronto, — Vika me diz.

Eu dou a ambos um aceno de cabeça e eles saem.

Meu coração dói, mas finalmente consigo arrastar minha cabeça para ela.

— Moya roza, — murmuro enquanto me aproximo dela.

Ela não é mais a mulher como uma flor vibrante desabrochando. Não, ela está quebrada. Tão quebrada. Seu cabelo castanho está emaranhado e coberto de sangue. A pele normalmente corada está pálida. Doente. Branca. Lábios que geralmente fazem biquinho, coloridos de um vermelho brilhante, estão rachados e perdendo a cor. Ela tem um intravenoso bombeando fluidos nela. Pelo que percebi depois, através de uma mensagem de Vas enquanto eu esperava voltar, ela não só perdeu nosso bebê, mas começou a sangrar. Eles tiveram que dar à minha doce Diana uma transfusão de sangue. Sua vida dependia do delicado equilíbrio.

Mas ela sobreviveu.

Diana sempre foi uma sobrevivente feroz.

Eu ando até seu corpo imóvel e adormecido, e agarro sua mão fria. Ela parece tão frágil.

— Sinto muito, — eu sussurro.

Seu corpo se encolhe levemente durante o sono e suas sobrancelhas escuras franzem. Um pequeno gemido começa a sair do peito dela. Vê-la assim está me quebrando também. Eu não aguento. Sentando na beira da cama, levanto sua mão e beijo seus dedos.

— Eu te amo, — eu confesso para ela. — Eu sempre amei.

Suas feições relaxam. Isso vai ser difícil para ela. Perder algo que criamos e já amamos é difícil para mim, então nem posso começar a imaginar a dor que ela está sentindo.

Eu fecho meus olhos quando a exaustão toma conta. Quero rastejar nessa cama com ela e dormir por uma maldita semana. Em vez disso, permaneço duro como uma estátua. Ela precisa de mim forte por

ela. Eu serei sua rocha enquanto ela sofre pela angústia que sem dúvida tentará roubá-la de mim.

Serei amaldiçoado se eu deixar.

Somos uma equipe, ela e eu.

Vou colocar mais bebês dentro dela. Somos jovens. Nós ainda temos tempo.

— Veniamin.

O grasnido suave e sussurrado me faz abrir meus olhos. Os olhos azuis normalmente grandes de Diana estão embotados. Vazios. Ela pisca para mim, seu rosto sem emoção.

— Sinto muito, moya roza, — eu murmuro, meu peito doendo.

Ela estremece e olha para longe de mim, roubando minha alma com sua ação. Diana não lida bem com a tristeza. E assim como fiz quando ela chorou por Anton, vou ajudá-la nisso. Eu vou trazê-la de volta para mim.

— Nós vamos passar por isso, — asseguro a ela, minha voz suave. — Eu nunca vou sair do seu lado novamente. Vou te levar embora assim que você estiver bem. Nós vamos nos casar e engravidar novamente. Então nós podemos...

— Pare, — ela interrompe, virando seu olhar fulminante ao meu. Lágrimas grossas enchem seus olhos azuis, fazendo-os parecerem lagos azuis. Suas narinas se abrem e a ponta do nariz fica rosada.

Ela engole e sua garganta balança. — Eu... — Seu lábio inferior balança descontroladamente, e ela o morde. Uma lágrima escorre pela sua bochecha. Antes que eu possa limpá-lo, ela puxa a mão da minha e rapidamente a limpa com a palma. — Nós n-não estamos fazendo nada disso, — diz ela, enquanto seu olhar quase acusador me prende no lugar com seus vívidos olhos azuis.

— Diana?

— Não, — ela resmunga duramente. — Eu disse pare! — Seus olhos se movem freneticamente, maníacos. O monitor de frequência cardíaca acelera, indicando sua súbita crise de emoção.

— Acalme-se, — eu insisto. Quando pego a mão dela, ela se afasta.

— Vá embora, Ven. Por favor, apenas me deixe.

Minhas sobrancelhas franzem em confusão. — Você não está se sentindo bem. Você não fala isso a sério.

Uma risada alta, dura e maligna ressoa dela. Algo que parece ter saído direto das profundezas do inferno. — Eu nunca vou me tornar uma Vetrov. Eu prefiro morrer. Todos vocês podem ir para o inferno, — ela ferve.

— Você está ficando louca, porra, — eu rosno. — Vou buscar uma enfermeira aqui para te dar uma coisa...

— O bebê era de Anton, — ela grita enquanto tento sair para buscar ajuda.

O tempo para por um momento enquanto tento processar suas palavras.

— O bebê era de Anton, — ela repete, seus olhos frios se estreitando. — Não era teu. Eu nunca carregaria um bebê Vetrov. — O veneno dela atinge meu corpo mais rápido do que uma dose de heroína. Exceto que, em vez de me sentir bem, sinto que vai direto ao meu coração.

Frio.

Mortal.

O fim de algo.

Eu olho para ela. — Você está falando besteira, Diana. Vou chamar uma enfermeira para te acalmar. Falaremos sobre isso amanhã quando se sentir melhor.

Ela deve ter batido a porra da cabeça. Eles precisam fazer uma varredura cerebral e consertar minha garota.

— Não! — Ela grita para mim, suas lágrimas um fluxo constante em suas bochechas. — Você não está me ouvindo. Eu não quero você aqui. Odeio você e cada pessoa em sua família. Odeio todo maldito Vetrov! Escumalha! Assim como meu pai sempre dizia! — Ela está quase histérica. Suas pupilas estão dilatadas e a pele do rosto

manchada com a raiva. — Eu usei você, — ela diz ressentidamente. — Eu amei esse bebê, mas não era seu. — As lágrimas param, e ela olha para mim, nenhuma emoção deixada nela. — Eu só precisava ganhar tempo.

Meu coração, que só pertencera a ela, é arrancado do meu peito. Eu ouço a verdade por trás de suas palavras. Atrás do ódio. E sinto cada uma delas como uma facada no coração . Ela me enganou.

Foi tudo uma farsa de merda.

Um truque.

Ela me usou para manter seguro o bebê do pedófilo doente. Ela se enterrou dentro de mim e brincou com os sentimentos que sempre abrigava por ela, envolvendo suas vinhas ao redor do meu maldito coração e me secando. Como pude ser tão fraco? Tão tolo?

Meu maxilar enrijece e meu coração endurece. — Oh, você jogou bem o jogo, Diana, — eu sussurro com os dentes cerrados, minha voz gelada e cruel. Quero cuspir sangue a seus pés para mostrar o dano que ela está causando em minhas entranhas. E apesar do meu desespero dolorido, me agarro à ideia de que tudo isso é uma piada doentia... um pesadelo do qual vou acordar ainda no avião.

Seu sorriso não é um dos mais bonitos que ela mostrou centenas de vezes. Este é sinistro e maligno. Como se o diabo tivesse deslizado por suas veias e possuído a mulher com quem eu queria dividir o resto da minha vida. — É assim que sempre foi, Vetrov. Nós estávamos condenados desde o começo. Agora me deixe em paz.

Eu fico olhando para ela por um longo momento, querendo memorizar essa versão dela na minha memória, para que eu nunca seja enganado pelo fascínio de uma linda rosa novamente, antes de virar as costas para a mulher que amei. — Tudo entre nós... — Sussurro quase para mim mesmo, mas ela me responde de qualquer maneira.

— Foi uma mentira, — ela termina friamente. — Nós não éramos nada. Eu não te amo! Não posso amar você. Você é um Vetrov e os Vetrov não merecem amor.

***

Três dias depois...

Kira Baskin.

Alvo localizado.

Meu peito parece oco. O coração morto dentro de mim faz meu cérebro curioso. Quer se lembrar. Quer saber. Mas pode nunca saber. Eu não vou permitir que essa dor me corte mais. Certamente não permitirei que minha mente pense nos porquês.

Os porquês de como uma mulher que eu estava tão convencido de que me amava, mas enfim estava me fazendo de bobo.

Ela é um vazio negro para mim.

Uma queimadura na minha memória.

Um maldito carimbo na minha alma.

Algo aconteceu, mas me recuso a olhar para trás e pensar sobre isso por mais tempo.

Sou Veniamin Vetrov.

Primeiro vencedor de guerreiros no The V Games.

Sou esperto, implacável e assustador pra caralho.

Eu preciso me lembrar disso.

Kira logo vai saber disso também.

Eu me perdi nos últimos dias, mas finalmente fiquei sóbrio. Sem mais essa coisa de bêbado por amor.

Nós não éramos nada. Eu não te amo! Eu não posso amar você. Você é um Vetrov...

Eu me tornei entorpecido. Ela queria me pintar como um idiota indigno, me comparar com um homem como meu pai. Isso só prova que ela nunca me conheceu. Ele é um bastardo maldoso e velho em sua essência.

Minha raiva é mais proposital.

Útil.

Controlada e calculada.

Kira sai de seu prédio com a cabeça baixa. O casaco gigante que ela usa cobre a maior parte do rosto, mas por três dias desde que saí do hospital, vigiei sua localização. Observei ela ir e vir. É ela.

Ela caminha rapidamente pelas calçadas cobertas de neve, onde tem um carro estacionado a três quarteirões. Como se ela estivesse enganando alguém. Eu fico para trás, mas a sigo.

Hoje à noite, ela diz adeus à sua vida confortável. Seu pai Alfred é uma puta que vendeu as primeiras famílias. E talvez não fosse um fã de matar Kira quando ela era apenas uma criança, mas ela é toda mulher agora, e pode ser uma alavanca para trazer seu pai bastardo para fora de seu esconderijo. Os Vasilievs ficarão furiosos porque estamos procurando a vingança que eles querem. É uma pena que eles não tenham conseguido todos esses anos, mas os Vetrovs não vão falhar. Não teremos apenas vingança, mas faremos com que os Vasilievs paguem por se envolverem nela.

Estou com sede de sangue. Por desforra. Por qualquer sentimento que não seja dormência. Qualquer coisa que não seja a cova gelada sempre presente na porra do meu coração.

Minha alma ruge dentro de mim, ansioso para dirigir minha raiva e ódio para outro lugar. Eu desejo consumir e destruir. Alimentar a fera que quase foi abatida por uma rosa filha da puta.

Diana... porra, ela era como a rosa mais rara. Tão sedutora, não pude deixar de arrancá-la para meu próprio prazer. Todo o tempo, esquecendo quando você se atreve a agarrar a rosa, você deve estar preparado para sangrar pelos espinhos. E sangrei. Eu só tenho que me culpar. Eu deveria conhecê-la melhor.

Hora de reabastecer minha escuridão e soltar o ódio que agora se infiltra profundamente em mim.

Kira deve pegar minha fúria radiante. Ela olha por cima do ombro, mas não me vê. No entanto, o ritmo dela aumenta.

A tempestade está chegando, querida.

Você pode correr, mas não pode se esconder.

Apesar de não ver nada, ela pode sentir o monstro em sua sombra. Um monstro que vai capturá-la. Um monstro que vai procurar vingança nela.

Estalo meu pescoço e acelero meu ritmo. Em breve, ela vai virar a esquina e mergulhar dentro de seu veículo. Ela vê isso como um fim à vista. Pena que ela nunca vai conseguir.

O ruído da neve gelada e endurecida sob minhas botas e minha respiração pesada não serão ouvidas por ela enquanto carros passam na rua nevada. Eu passo por um bar de onde sai música alta. Ela bate em um homem, e ele oferece um pedido de desculpas animado, mas ela não está interessada e continua indo.

Quando ela se vira mais uma vez, e nossos olhares travam, a percepção passa sobre ela.

Eu estou vindo por você.

Ela sai correndo, deslizando para lá e para cá, e eu corro atrás dela, meus pés mais firmes. Suas botas extravagantes a traem neste momento... quando sua vida depende disso. O meu sapato me ajuda no meu esforço para pegar a mulher. Ela contorna a beira do prédio, indo depressa demais. Seus pés escorregam e ela cai, a cabeça saltando contra um banco.

Eu diminuo meus passos quando me aproximo. Vermelho mancha a neve branca em torno de sua cabeça. Seu cabelo loiro sopra ao vento, cobrindo seu rosto de mim. Eu me ajoelho e toco meus dedos sobre sua pele, empurrando o cabelo de seu rosto.

— Olhe para você, coelho. Fugindo do leão da montanha. — Eu sorrio para ela. — Mas você está presa agora.

Seus olhos castanhos escuros, quase negros, piscam para mim enquanto ela tenta clarear seu torpor. Tiro um pano encharcado do bolso e seguro-o no nariz dela.

— Durma, pequena.

Seus olhos se fecham. Assim que o clorofórmio faz sua mágica, eu a pego em meus braços. Desvio do carro dela e vou direto para o meu SUV de aluguel que estacionei na frente do dela. É preciso algum

manejo com ela em meus braços, mas a coloco atrás. Onde vou não está longe, então não vou precisar amarrá-la.

Ainda.

Eu abandono sua forma flácida e fecho a porta. Então, entro no SUV e dirijo pelas ruas até o meu local. Klub Chernyy. Rodion e Zahkar. Meus primos me ajudarão nos meus esforços. Papai quer que eu mantenha Kira a salvo até o The V Games. Vou mantê-la como ele instruiu.

Mas a salvo?

Ninguém nunca estará a salvo perto de mim novamente. Diana me deixou fraco e ninguém nunca mais verá esse meu lado.

Eu navego pelas ruas nevadas com facilidade. Este bairro é um que estou familiarizado. Assim que o clube aparece, passo por ele e desço uma rua lateral. Não posso carregar uma mulher inconsciente através do clube, então vou para a parte de trás do prédio.

Quando estaciono numa das baias da garagem, uma figura escura vai até a minha janela. Assim que um dos homens de Rodion e Zahkar me reconhece, me dá um aceno de cabeça e, em seguida, digita um código em um painel. A porta da garagem se levanta e eu espero pacientemente. De trás, Kira choraminga. Ela está acordando.

Eu dirijo pela porta aberta para uma garagem. Os carros esportivos dos meus primos ocupam a área, mas há um local aberto que eles deixam para os visitantes. Paro para o local e desligo o veículo. Quando saio, o homem vem até mim.

— Eu preciso de Rodion e Zahkar. Agora, — grito quando levanto a porta traseira do SUV. Ele passa um rádio para alguém. Quando ele vê meu prêmio, solta uma risada sombria. — Por aqui, senhor.

Kira está acordando, mas ainda está atordoada. Eu levanto facilmente seu corpo leve em meus braços e a levo através da garagem fria até o prédio. Posso ouvir a música tocando no clube. O homem não me leva lá, no entanto. Ele me leva além de sua instalação de treinamento de MMA para alguns quartos que eles usam para seus lutadores. Para mantê-los concentrados, os combatentes vivem como

prisioneiros. Trancados em um pequeno quarto com apenas uma cama e um banheiro pequeno. Aqui recebem suas refeições e só saem quando é hora de treinar.

Será o mesmo para a pequena Kira Baskin.

Eu a levo para o menor quarto e a atiro na cama. Quando ela pisca através de sua confusão e me reconhece, fica boquiaberta de horror.

— Veniamin? — Ela diz.

Eu encaro apenas outra mulher traidora em uma longa lista de cadelas que me afetaram de alguma forma. Essa mulher e sua família fizeram sua parte para tentar nos arruinar.

Mas agora vamos arruiná-la.

Capítulo Dezessete

Ven

— Você vai ficar aqui por um tempo, — eu digo a ela, minha voz sem emoção.

— N-Não, — ela gagueja, tocando suavemente o corte na parte de trás de sua cabeça. — Eu preciso ir embora.

Ela é tão pequena e fraca. Eu poderia esmagá-la no meu punho. Uma vez amiga, a garota diante de mim não é nada além de uma inimiga. Será uma honra quebrá-la totalmente.

— Tire suas roupas, — eu grito.

— Você não precisa fazer isso, — ela sussurra. — Você me conhece, Veniamin. Temos um passado. Por favor. Por favor, não me estupre.

Com isso, rio enquanto esfrego minha barba. — Estuprar você? Desde quando tenho que estuprar mulheres?

Ela funga e levanta o queixo. — Eu não quero fazer sexo com você, então será estupro.

— O que faz você pensar que eu *quero* te estuprar? — Eu zombo.

Ela funga. — Obrigada. — Ela bate os cílios. Cadela do caralho está tentando me seduzir. *Bater esses cílios, derramar algumas lágrimas*.

— Claramente você me confundiu com algum herói, — eu assobio quando eu pego um lado de seu casaco e a puxo para cima. — Eu não sou a porra de um herói.

Ela grita e agarra em mim, mas eu facilmente arranco seu casaco. Seu vestido preto vai em seguida. A calcinha que ela usa é simples, e o sutiã, ainda mais. Para um corpo tão bonito, Kira se esconde o máximo que pode. Ela sempre teve uma boca atrevida quando era jovem, mas vestida como uma porra de estudante.

Continuamos nossa guerra enquanto eu arranco seu sutiã e calcinha de seu corpo. No momento em que ela está nua e vulnerável, eu a liberto. Soluçando, ela corre para longe na cama até a ponta e balança, seu olhar acusador em mim.

— Eu não sou o herói de ninguém, — eu rosno em lembrete.

Enquanto ela chora, eu entro no corredor. Ambos os meus primos estão perambulando, parecendo chapados pra caralho. Rodion não está vestindo uma camisa, e Zahkar tem batom manchado em seu colarinho. Eu interrompi alguma coisa. Isso é mais importante.

— Ahhh, querido primo. A que devemos essa visita surpresa? — Rodion pergunta, seu sorriso aparecendo perversamente. Zahkar estreita os olhos para mim, sempre o mais quieto dos dois.

— Eu preciso fazer um vídeo, — eu digo a eles. — De Kira Baskin.

As sobrancelhas de Zahkar franzem enquanto os olhos de Rodion se arregalam. — Pequena Kira? Loira Kira? A mesma Kira que costumava se mostrar para nós roubando cigarros de seu pai quando ela era criança?

— Você sabe o que Alfred fez, — eu digo rispidamente, minha fúria borbulhando na boca do estômago. Não gosto que eles me questionem.

O olhar de Zahkar se torna tempestuoso. Os lábios de Rodion pressionam em uma linha firme. Nenhum dos dois está satisfeito, mas eles podem superar isso. Eles são da família, e a traição de Alfred teria impactado suas vidas também se não tivéssemos acabado com isso.

— Que tipo de vídeo? — Pergunta Zahkar, enrijecendo o maxilar. — Você sabe que a tortura é mais coisa de Rus. Não podemos fazê-la casar com ele... isso já aconteceu. — Ele sorri como se a piada sobre meu irmão realmente me afetasse.

— Se quisesse torturá-la com dor, faria isso sozinho. — Eu prendo os dois com olhares severos — Eu a quero flexível. Quero-a desesperada. Quero-a tão necessitada de prazer e nada mais. Dê a ela o mínimo, mas faça com que ela deseje ser tocada. Privada de alívio,

privada de calor, até que ela esteja tão desesperada que implorará por quem lhe oferecer uma migalha.

Rodion ri como um louco. — Você quer que a gente acaricie a gatinha e faça ela ronronar?

— Quero que você drogue a traidora, provoque-a, e então eu vou fazer um vídeo da prostituta quebrada, implorando. Alfred vai sair do esconderijo, e vamos acabar com esse filho da puta como meu pai quer. Estamos claros, primo? — Pergunto a Rodion.

— Você me deixou duro em necessidade por prazer, — ele responde, passando por mim, já com fome de provar Kira. Kira era uma boa menina quando criança. Exceto por roubar cigarros, ela sempre foi o anjinho de seu pai. Ele pensou que a escondeu bem, mas sua mãe sentia falta de sua família, e Kira não é o tipo que você pode manter em uma gaiola. Ela é como uma gatinha curiosa, desesperada para sair no mundo. Seu pai pode ter dito a ela para ficar dentro de casa e evitar pessoas, mas ela precisa de pessoas.

— Rodion! — Ela grita ao vê-lo. — Ajude-me!

Eu o sigo em sua cela, Zahkar nos meus calcanhares. Raiva ondula dele, mas ele não ousa argumentar com meus desejos. Quando ela me vê de novo, se encolhe.

— Você a machucou? — Zahkar sussurra ao notar o sangue.

— Ela se machucou, — eu digo rispidamente. — Agora, dê-lhe algo.

No momento em que ela percebe que não vão salvá-la, ela começa a gritar. Alto e aterrorizado. Rodion ataca e agarra seus braços agitados. Ele os prende atrás das costas com uma mão e enrola o braço em volta do corpo nu, segurando-a contra ele. Ela se contorce, mas ele é muito mais forte.

Zahkar se aproxima dela, agarrando-a pelo queixo com força brutal. Os olhos verdes de Rodion brilham maliciosamente. Estes dois podem ter história com Kira, mas depois que eles seguiram um caminho sombrio, não há como voltar atrás. Pelo jeito que Rodion sorri, eu sei

que ele vai seguir minhas ordens, desde que ele coloque seu pau nela até o final. E se Rodion foder a pequena Kira, Zahkar logo seguirá.

— Abra, gatinha. — Zahkar empurra uma pílula em sua boca. Ela engasga quando ele se certifica de que desce por sua garganta, usando seu dedo mais longo.

— Meu pai vai encontrá-los, e ele vai acabar com todos vocês! — Ela ameaça, sem verdadeira convicção para suas palavras.

Eu rio alto e profundo. Seu pai é uma bocetinha. Se ele desse a mínima para ela, ele teria vindo para todos nós há muito tempo. Isso foi inevitável no minuto em que ele traiu as Primeiras Famílias... e Kira sabe disso. Não importa se nós compartilhamos uma infância, ela é a inimiga agora.

Dobrando-me para onde suas roupas simples estão em um monte, pego sua calcinha, enrolo-as e enfio-as por seus lábios enquanto Zahkar segura sua boca aberta. Uma vez que são empurrados e ela não consegue falar, aceno para Zahkar.

Seus olhos se arregalam e ela grita enquanto Zahkar passa o polegar pelo mamilo. Lágrimas jorram, mas a carne responde ao seu toque gentil. É um tipo especial de crueldade colocar o corpo contra a mente.

— Quanto tempo até que isso entre em ação? — Eu pergunto.

— Quinze ou vinte minutos, — diz Rodion.

Esfrego meus olhos e balanço nos pés. Eu estou quase esgotado. Não durmo mais que uma hora aqui ou ali nos últimos dias. — Eu quero que você dê a ela o máximo que puder sem uma overdose. Dê a ela qualquer outra coisa para fazer o trabalho. Faça-a complacente.

— E depois? — Rodion pergunta.

— Então, nós brincamos.

***

Três semanas e meia depois...

Três semanas e meia. Já passaram três semanas e meia assistindo Kira o tempo todo. Eu a assisto no vídeo gravando todos os

seus movimentos na cela. No primeiro dia, ela estava desesperada para gozar. Os remédios estavam funcionando bem. Mas como não queríamos que ela gozasse, Zahkar colocou uma coleira de choque em seu pescoço. O mesmo tipo de coisa que você usa em cachorros. Toda vez que ela tenta se tocar, ela é atingida.

Eu começo a cochilar, mas então Rodion entra, cabelo molhado de um banho recente. Ele treinou lutadores o dia todo.

— Alguém te pegou bem, — eu digo com um aceno de cabeça.

Ele aperta seu olho negro e estremece. — Seu primo fodido fez isso.

Zahkar entra na sala, com um sorriso raro e presunçoso. — Você fala demais, irmão.

Quando Zahkar observa minha aparência, ele levanta uma sobrancelha. — Precisa de café?

— Eu tenho bebido muito. É a única razão pela qual ainda estou de pé.

— Eu sei o que você precisa, — diz ele enquanto puxa um saquinho cheio de cocaína. — Esse pó está batizado com anfetamina.

Eu pego o saquinho e abro. Mergulhando meu dedo mindinho, provo. É boa. Pegando um pouco, eu cheiro um pouco, e a agitação imediata na minha corrente sanguínea é um alívio. Apenas o que eu precisava. Estalo meu pescoço e escondo o saquinho para mais tarde.

Eu fungo e aponto para a cela. — É isso que você está forçando ela a tomar?

Seu sorriso é sombrio e sujo ao mesmo tempo. — Não, primo. — Ele abaixa as sobrancelhas e tira um pacote de pó. — Conheça Melanocortin. A ciência é uma coisa linda. Essa beleza recém-descoberta te deixa estupidamente excitado. Ela está tão pronta para explodir, acho que ela deixaria seu irmão transar com ela.

— Foda-se, — Rus late. Ele apareceu aqui há uma semana por ordem de nosso pai. Nosso querido e velho pai quer saber o que está me mantendo longe tanto tempo. Foda-se ele. Eu não preciso estar ao seu dispor. Estou aqui fazendo o trabalho que ele me deu.

— Vamos fazer isso, — afirmo.

Rus pula, mas eu balanço minha cabeça negando. Ele pode assistir.

Rodion não hesita e vai até o quarto dela. Quando ele destranca, ela se senta na cama, ávida por interação humana. Seus olhos quase negros estão maníacos. Com sua juba selvagem de cabelo loiro, ela parece um animal que foi trancado em um galpão e nós somos o sol que ela quer desesperadamente ver.

— Ela precisa de um banho, — Rodion me diz. Não é uma pergunta. Eu posso estar no comando, mas ele a quer limpa.

— Limpe-a, mas não...

— Eu não vou.

Ele agarra o pulso dela e ela se segura nele. Eu os sigo e vejo como ele rapidamente lhe dá banho no vestiário. Nós vemos alguns lutadores curiosos, mas eles não intervêm, apenas lascivamente verificam seus pequenos seios e boceta rosa. Quando ela está limpa e tremendo, Rodion a arrasta de volta para sua cela onde Zahkar espera, sem camisa.

Sabendo que o vídeo está constantemente filmando seu quarto, podemos começar a qualquer momento. Eu retiro minha camisa e me sento na única cadeira no canto do quarto. Rodion dá um pancada em Kira antes de dar um pequeno empurrão, e ela cai nos braços de Zahkar. Ele não é dos que consola alguém, mas a maneira como ele enrola seus braços marrom-escuros em torno de sua cintura pálida e a puxa para seu colo é gentil. Ela se agarra a ele, montando-o como a prostituta que foi preparada para ser. Suas grandes mãos deslizam para sua bunda, e ele aperta suas bochechas antes de separá-las. Ela faz um som carente e mói contra ele.

— Tão desesperada, — diz Rodion quando abaixa a calça de moletom pelas coxas. Sua ereção sai livre e salta quando ele a tira, caminhando até ela e acariciando seu cabelo molhado. Ela inclina a cabeça para o lado, apreciando seu toque. — Você quer dois paus de

uma vez? — Rodion pergunta a ela, a palma da mão deslizando pela espinha.

— Rodion — ela murmura, desesperada.

— Tire a calça do meu irmão, — instrui Rodion, sua voz baixa e autoritária. — Deslize sua boceta gotejante sobre ele. Mostre a ele como você está desesperada, gatinha.

Ela se atrapalha com a calça de Zahkar, mas consegue libertá-lo.

— Coloque um preservativo nele, — eu grito para ela. — Zahkar não precisa engravidar acidentalmente uma Baskin traidora. Não podemos ter nosso nome de família sendo contaminado com pessoas de sua espécie.

Zahkar me lança um olhar que não consigo decifrar. Rodion continua a acariciá-la quando Zahkar tira um preservativo do bolso. Kira tira isso dele com avidez, abre-o e ele geme enquanto ela desliza sobre o seu eixo.

— Você quer fodê-lo? — Rodion pergunta a ela, inclinando-se para beijar seu ombro. — Você quer foder meu lindo irmão?

— Sim, — ela sussurra enquanto se senta de joelhos, tentando afundar em Zahkar.

Rodion agarra seus quadris para impedi-la de fazer isso. — Por quanto tempo, gatinha?

— Por toda a minha vida, — ela responde.

Rodion me lança um sorriso triunfante. — Boa menina. Foda-o.

Ela afunda em seu comprimento e solta um gemido alto que fala com o meu pau. Instantaneamente, fico duro. A cocaína está trabalhando sua mágica. Estou me sentindo drogado. Como se fogo queimasse em mim. Sinto um zumbido com a necessidade de fazer... alguma coisa. Foder. Matar. Alguma coisa. Tiro meu pau e acaricio meu comprimento dolorido enquanto Kira cavalga Zahkar. Rodion empurra suas costas com uma mão e o ombro de Zahkar com a outra, até que Zahkar está de costas, com os seios de Kira pressionados contra ele.

— Eu aposto que você me quer na sua bunda, hmmm? — Rodion pergunta enquanto enfia o dedo no buraco logo acima de onde o pau de Zahkar está preso dentro.

— S-sim, — ela responde.

— Por quanto tempo?

— Para sempre.

Rodion sorri antes de cuspir na mão dele. Ele molha os dedos antes de lubrificar seu pau. Então, ele brinca com seu buraco. Quando ele empurra dentro dela lentamente, ela grita de dor, prazer... não acho que ela saiba. As drogas a deixaram tão feliz e necessitada por isso.

Kira não é mais uma boa menina.

Ela é um anjo preso entre dois demônios, amando cada segundo enquanto eles tentam rasgá-la de dentro para fora. Rodion agarra seus quadris e olha para baixo, onde ele está deslizando dentro e fora dela. A cena é excitante, e me vejo acariciando meu pau mais forte. Minha necessidade de gozar é intensa e esmagadora.

A última vez que eu gozei...

Preto. Desligo essa parte do meu cérebro, ignorando os flashes de seios muito maiores que as da pequena Kira. Ignorando lábios vermelhos carnudos e cabelos castanhos sedosos. Eu certamente não penso em um futuro com uma mulher que me enganou.

Penso nos buracos de Kira sendo esticados pelos meus primos. Imagino como Alfred ficará horrorizado ao ver sua única filha ser fodida em dupla pela minha família. Os gemidos e os grunhidos fazem meu pau sacudir no meu aperto. Essa cadela, toda a família Baskin, pagará por sua traição.

Kira pagará pela traição de Diana.

Só de pensar no nome dela, tenho que empurrar meu eixo mais rápido. De repente, com raiva de permitir esse pensamento, levanto-me e abaixo a calça. Depois que as tiro, vou até meus primos enquanto eles violam essa mulher. Ajoelhando-me ao lado deles na cama, eu pego um punhado de seu cabelo molhado e manobro seu rosto para onde meu pau aponta. A puta gananciosa abre a boca. Rodion e Zahkar observam

cada movimento meu enquanto empurro meu pau além de seus lábios secos.

— Você vai querer o pau do meu primo Ven em sua boca bonita por toda sua vida também, hmmm? — Insulta Rodion.

Ela cantarola em volta do meu pau de acordo. Sua boca molhada e quente é boa, mas quero sua garganta. Eu não solto o cabelo dela enquanto insiro meus quadris ainda mais.

— Deixe-me entrar em sua garganta, — eu ordeno.

Posso senti-la relaxar enquanto empurro a ponta do meu pau em sua garganta apertada. As asas do prazer pulsam na minha espinha e meus olhos se fecham. Enquanto eu lentamente empurro em sua boca, não posso deixar de pensar nela.

Moya roza.

Não.

Raiva me vem à cabeça. Mas não importa o quanto eu tente escurecer minha mente, ela continua aparecendo. A fúria explode, e imagino Diana presa debaixo de mim. Imagino seus grandes peitos saltando enquanto eu fodo sua doce boceta. Cravo nela com força enquanto ela grita para mim.

Em algum lugar além da minha névoa confusa, ouço meus primos grunhindo seus orgasmos, e os sons só alimentam minha necessidade de foder a vil Diana. Eu a fodo até ela jorrar.

— Veniamin! — Rodion grita, arrancando-me do meu torpor.

Abro os olhos e vejo os olhos manchados de lágrimas de Kira olhando para mim enquanto o vômito desliza pelo seu queixo. O olhar de Rodion é furioso, mas ignoro. Seguro meu pau coberto de vômito e masturbo-me para o clímax. Minha porra espirra em todo o rosto da prostituta suja, atingindo os olhos dela. Assim que passa o resto do meu clímax, me afasto deles e saio do quarto para o chuveiro.

O pai dela, Alfred, vai amar aquele pequeno vídeo.

Eu tomo um banho rápido e me troco. Quando cheiro outra carreira do bom pó, entro no clube na caça por vodca e uma prostituta barata.

Assim como nos velhos tempos.

Essa coisa de família não passava de um lapso de julgamento.

Eu não sou um homem de família, e não gosto mais de morenas ou ruivas. Eu vou encontrar alguma cadela loira para me fazer companhia. E desta vez, não vou ter meus primos para me impedir quando eu sujar uma prostituta.

Dentro do clube, travo o olhar numa mulher alta e magra, com a cor da pele de Zahkar. Seu cabelo preto está arrumado num grande estilo afro. Bochechas altas e lábios que chupadores acenam para mim.

Assim como nos velhos tempos.

Não pense em Diana.

Force aquela cadela traidora a sair da sua mente.

— Ei lindo. Eu sou Alanza. — Seus olhos castanhos brilham quando sua língua rosa molha seus lábios.

— Quanto? — Eu pergunto, indo direto ao ponto.

Ela sorri para mim, mostrando seus dentes brancos e perolados. — O primeiro passeio é grátis, sexy. Nós podemos ir daí. — Ela me oferece uma dose.

Viro a vodca, em seguida, bato-a no balcão antes de pegar a mão dela. — Vamos ao passeio.

Capítulo Dezoito

Diana

Já se passaram três semanas e meia desde que voltei para a mansão Volkov. Mas o lugar onde eu cresci não me faz sentir em casa. Está frio e vazio. Meu pai me evita, e nossa mãe está visitando a família no exterior, então eu ando de um lado para o outro, minha raiva inflamando como um vulcão esperando para entrar em erupção. O lugar é solitário e meu coração dói tanto que me esforço para respirar às vezes. Eu vivo pelo momento em que a aurora se rompe e arrasto minha consciência do sono. Por esses poucos segundos felizes esqueço-me... o que perdi, e quem perdi.

Vas passa a maior parte do tempo fora de casa, então ando pelos extensos corredores, planejando minha vingança, e lamentando pela perda do meu filho e de Ven. Meus ferimentos sararam, mas as cicatrizes da minha alma estão em constante dor. Eu não vi Ven desde a noite no hospital quando a névoa da minha mágoa misturada com o coquetel de drogas teve minhas palavras derramando livres como veneno sem mérito. Não quis dizer as palavras que falei para ele, mas a tristeza é uma entidade torturante que se manifesta dentro de nós e se torna mais escura com cada facada de dor que você sente. Minha raiva e pesar eram tão fortes que não pude contê-las... não pude me impedir de deixar toda minha dor sangrar nele.

Nós nunca poderíamos estar juntos. Não depois disso.

Seu pai teria dito a ele sobre o bebê não ser dele e ele teria me rejeitado de qualquer maneira, assim como todo mundo. Não tenho ninguém. As pessoas fazem promessas que quebram tão facilmente. Eu não posso confiar em ninguém para me manter segura. Para cuidar de mim.

Tenho que fazer isso sozinha.

Eu tenho que criar meu próprio caminho. Começar minha própria jornada e criar minhas próprias regras. Meu destino não estava nas mãos de nenhum homem... nem Vetrov, Vasiliev ou mesmo um Volkov. Eu nunca serei passada como um prêmio ou um fardo.

Todos se arrependerão do dia em que me consideraram sem valor.

Meu celular toca com uma mensagem de texto.

Vas: Me encontre no novo centro de treinamento.

Tem sido exigido, novamente, que um herdeiro Volkov se prove no The Games. Vas é um filho bastardo apenas no rebanho Volkov recentemente, e tanto os Vetrovs como Vasilievs querem vingança contra a mulher que constrangeu seus preciosos egos. Meu nome foi exigido mais uma vez e, desta vez, Ven não está aqui para fazer tudo sumir. No fundo da minha mente, nas sombras, eu esperava que meu pai os enfrentasse contra isso, mas como o covarde que infelizmente aprendi que ele é, ele não fez. Em vez disso, ele exigiu que eu treinasse e fizesse nosso nome orgulhoso, ou morresse dentro dos muros dos The Games.

Eu *vou* treinar e colocar tudo o que sou nesses jogos de merda. Eu conheço os Vasiliev, e Yegor Vetrov vai dar uma boa recompensa pela minha cabeça. Isso só aumenta meu valor, e as chances de eu sair caem dramaticamente, e é com isso que estou contando.

Enfio o último dos tijolos de dinheiro na mala, fecho-o antes de descer as escadas e sair pela porta da frente. Eu me esforço para levantá-la no porta-malas, mas uma vez dentro, respiro o ar frio e deixo o vento amargo me preparar para o que está por vir.

A viagem leva apenas quinze minutos. Eu paro no local que Vas me mandou por mensagem, mas franzo a testa quando é um hangar de avião e não um ginásio como eu pensava. Eu saio do carro e procuro por qualquer outro veículo, mas não há nada. É deserto. Pego meu celular e ligo para o número de Vas, só para desligar depois do primeiro toque quando o vejo saindo de uma porta ao lado do hangar. Ele me acena com um sorriso. Outro homem segue atrás dele, e eu paro quando os alcanço.

Ele esfrega as palmas das mãos nos meus braços como se estivesse tentando me aquecer e me cumprimentar ao mesmo tempo. — Estou feliz que você encontrou o lugar.

— Meio difícil de não achar. — Eu levanto uma sobrancelha questionadora.

— Dê-me suas chaves, — ele ordena, mantendo estendida a palma da mão. Eu as deixo cair na sua mão e respiro fundo. Esse dinheiro é tudo que tenho e nem é meu. É o dinheiro inicial que Ven me presenteou. Eu pretendo devolvê-lo em dobro, mas por enquanto, preciso dele.

— Está no porta-malas, — eu o informo.

Ele entrega as chaves para o homem ao lado dele, e sem uma palavra, o homem sai, entrando em meu carro e indo embora. Minha boca se abre, mas me sossego quando a risada de Vas chega aos meus ouvidos. — Está tudo bem, confie em mim. — E eu confio. Tenho que confiar. — Entre. Está congelando aqui fora.

Eu sigo sua liderança e entro no prédio com ele. Minha boca mais uma vez se abre. É enorme e decorado como um ginásio de treinamento de elite. Dois ringues de boxe ocupam a parte de trás do espaço, e os tapetes de combate estão espalhados pelo chão inteiro. Armas, exibidas para treinamento, adornam armários nas paredes dos fundos. Há escritórios e salas em frente a mim.

— O que é este lugar? — Eu sussurro.

— Este é o lugar que vai prepará-la.

Um zumbido soa do escritório perto de onde estamos e Vas revira os olhos quando se vira para entrar na sala. Ele aperta um botão no computador e o rosto de Vika aparece.

— O quê? — Ele grita, e ela estreita os olhos, olhando por cima do ombro para onde eu estou hesitando na porta.

— É a Diana? — Ela pergunta.

— Sim, agora o que você quer? — Vas pergunta, parecendo entediado.

— Rus está fora. Ele foi se encontrar com o Ven. Eles têm alguma missão secreta, como se me importasse, — ela bufa.

Apenas ouvir o nome de Ven faz meu coração colidir com minhas costelas.

— E? — Vas pergunta.

— E... — ela diminui o tom, inclinando-se para o monitor, — assim como a maioria do pessoal. Ele tem seus homens pegando folga na ausência de Ven, o que significa que ele está aqui sozinho.

Eu entro na sala, tentando me posicionar melhor para ouvir a conversa. — Nós vamos falar sobre isso mais tarde, — Vas rosna, sacudindo a cabeça em minha direção.

Vika, tão sutil quanto uma freira com um pepino debaixo da saia, olha diretamente para mim e sussurra: — Tudo bem, mas precisa acontecer logo, Vas. Eu não posso aguentar muito mais. — E com essa afirmação, a tela diminui e ela se foi.

— O que foi aquilo? — Eu levanto meu queixo, apontando para o computador.

Ele range os dentes, o maxilar cerrado e me lança um olhar sombrio. — Nada.

— Vas, — eu advirto. — Você me pediu para confiar em você. Agora você precisa confiar em mim.

Ele suspira, passando a mão pelos cabelos. — Vika tem em mente que somos mais do que somos.

— E?

— E ela acha que, se nos livrarmos de Yegor, podemos ficar juntos.

— Livrar-se dele? — Eu exijo esclarecimentos. Cruzo meus braços sobre o peito e aproximo-me dele.

— Matá-lo.

Oh, Deus.

— E quanto a Rus? Ven? Você acha que eles vão simplesmente virar-se e permitir que seu assassinato fique impune? Não é da natureza deles, Vas, — eu digo exasperada. — Isso nunca vai resistir.

Ele anda até a porta e a fecha, apesar de sermos apenas nós em toda a construção. Ele coloca a mão nas minhas costas e me leva a uma cadeira no canto da sala. Sento-me e observo enquanto ele arrasta outra cadeira para que esteja sentado à minha frente. — Vamos fazer com que pareça causas naturais. Um ataque cardíaco.

— Oh, meu Deus, — eu suspiro, recostando-me na cadeira. Eles falam sério sobre isso.

— Diana, ele é o motivo pelo qual você precisa entrar nos The Games. Ele é o único no ouvido de Yuri dizendo-lhe que não pode ser eu. Ele precisa pagar.

— Eu quero participar, — digo a ele.

Sua sobrancelha arqueia e ele balança a cabeça.

— Você quer entrar no The Games?

Eu balanço minha cabeça e me inclino para frente. — Não, não no The Games. *Participar em* matar Yegor, — eu esclareço.

Seus olhos se arregalam. — O quê? Não. Por quê?

Eu rio, o som feio e amargo. — Porque eu não caí das escadas, Vas.

Seus olhos se arregalam e ele pula de pé. — O que diabos você quer dizer?

Eu digo os fatos, colocando a mão sobre minha barriga. — O bebê. Não era do Ven. Yegor sabia.

— Filho da puta! — Ele berra, pegando a cadeira e jogando-a pela sala. Ela bate na parede e faz barulho no chão de concreto, ecoando alto.

— Então qual é o plano?

— Eu não tenho nenhum plano de merda, — ele rosna. — Apenas maus pensamentos agora. Eu quero matá-lo com minhas próprias mãos. — Seu olhar é furioso. O homem brincalhão que conheço deixou o prédio.

— *Temos* que planejar isso, Vas. Fazer isso para que não possa respingar em nós ou em Vika.

Ele bufa, as sobrancelhas franzidas. — Ela não é facilmente controlada.

— E quanto a Rus? Ela acha que ele vai deixá-la se afastar dele? — Eu pergunto. Seu maxilar se mexe enquanto ele pensa.

— Ela quer matar ele também, — ele finalmente diz.

— Vas! Eles não vão acreditar que ambos de repente tiveram um ataque cardíaco! Yegor é mais velho, mas Rus? — Eu zombei.

— Ela disse uma overdose para ele, — ele responde. — Um mês depois de Yegor estar fora do caminho. — Meus pensamentos derivam para Ven, e meu coração se contrai. Ele já perdeu muito. Isto é muito cruel.

— Rus não, — afirmo, balançando a cabeça veementemente. — Deixe-a se divorciar dele. O que ele fará sem que seu pai lhe segure a mão?

Vas exala com força. — Ela acha que vou me casar com ela.

— Você irá? — Eu pergunto, já sabendo que não é amor para ele. Ela era uma boa transa, fácil e uma maneira de alimentar seu ego sendo a esposa de um Vetrov.

— Ela não é a única. — Seus olhos brilham com ferocidade. Com amor? — Há outra pessoa, e Vika não é ela.

Eu não o pressiono sobre isso, mas meus pensamentos correm com quem poderia ser que pegou o carinho do meu irmão selvagem.

— Você tem que dizer a ela, Vas, — eu digo baixinho. — Diga a Vika que Rus não está nos planos. Convença-a, por favor.

Eu sei que não é justo pedir a ele para fazer isso. Convencê-la significaria usar sua afeição por ele em vantagem própria e enganá-la, mas não posso deixar que Ven perca a todos. Ele vai precisar de Rus, mesmo que o pequeno bastardo seja uma criatura horrenda. É o irmão dele.

— Ok, — ele admite. — Vou me certificar de que ela não faça nada para Rus.

— Obrigada. — Suspirando, eu ando até ele e coloco meus braços ao redor de sua cintura. Ele endurece com o contato, mas depois me envolve em seus braços e aperta.

— Agora, vamos treinar. — Sua respiração quente faz cócegas no topo da minha cabeça.

Sim, vamos treinar.

Penso em como me defendi inutilmente com uma faca na mesa da cozinha quando Yegor soltou seu lado monstro. Eu sei usar armas e usá-las bem, mas as armas nem sempre estarão disponíveis para mim, especialmente nos V Games.

— Mostre-me como usar uma faca, — digo a ele. — Eu quero saber como cortar um homem do queixo até as bolas dele, e quero saber como fazer isso antes que eles tenham a chance de atacar.

O sorriso de Vas é malvado. — *Isso* eu posso fazer.

Capítulo Dezenove

Ven

Cinco meses depois...

— Ofereça-lhe mais, — eu grito na linha.

— Não vale mais.

— Eu não me importo, — eu digo. — Consiga. Isso é uma ordem.

Comprar o negócio de bebidas alcoólicas de Vlad através de uma empresa fantasma tem sido meu foco principal desde que estendi minhas asas e voei sozinho por um tempo. Ele não está interessado de qualquer maneira, mas Diana começou algo bom lá. Tomar e possuir algo que ela adorava tanto me dá satisfação. Vou trazer novas pessoas para administrar a empresa e depois distribuir a nova marca de meus primos ao invés de começar do zero.

Faz sentido. É apenas negócios.

— Você está de volta? — Questiona Zahkar, quando ele pisa atrás do bar e nos serve uma bebida.

— Sim, — eu grunho. — Estava olhando para uma propriedade. — Uma casa que pertencia ao Baskin foi para o leilão anos atrás. Algum empresário comprou para alugar, mas eu a quero. Outra faca para enfiar quando encontramos Alfred.

— Outra propriedade? Você terá toda a Rússia em breve. — Ele arqueia uma sobrancelha, divertido.

— Dificilmente. Apenas as partes que me beneficiam. — Eu sorrio, bebendo num gole o fogo no copo que ele colocou na minha frente.

— Onde está Rodion? — É estranho que um esteja onde o outro não está. Eles são duas metades de um todo. Sempre.

— Ele está trazendo o carro. Nós temos um compromisso com um associado sobre treinar um novo lutador.

Falando de lutadores…

— Rus veio buscar Hiss? — Eu pergunto, batendo no copo para ele reabastecer.

— Na verdade, seu pai o recolheu. Ele queria vê-lo em ação. Ele tem planos para ele, aparentemente.

Eu grunho e me levanto do banquinho. — Ele sempre tem um plano.

— Ele é um Vetrov, — diz ele, seus lábios curvando-se em um sorriso.

— Volto em breve. Quero ver esse seu novo lutador, — eu digo a ele, e com isso, o deixo para pegar minhas coisas.

Hora de ir para casa.

***

— Hora de ir, — eu grito da porta da cela de Kira.

O quarto fede a sexo. Por meses, nós a mantivemos neste lugar. Meus primos e eu a treinamos de uma maneira que vai ensinar a todos o que acontece quando você trai o nome Vetrov. Kira, uma vez a filha de uma família potencialmente poderosa, agora foi rebaixada numa prostituta. Uma sedutora. Um brinquedo sexy. Para os homens usar e abusar. Ela também vai nos fazer muito dinheiro. Uma vez que as outras famílias descubram quem ela é, o lance por sua tortura e morte vai disparar. Ela será usada como uma ferramenta de distração, e então Hiss matará em nome dos Vetrov.

Seu pai, aquele pedaço de merda, não apareceu, mas esperançosamente, quando ele souber do destino de sua esposa e filha, ele vai fugir do esconderijo e nós o pegaremos também. Vou abri-lo da virilha até a garganta e colocar todas as suas entranhas em exibição como um maldito troféu.

Kira se ergue da cama e morde seu lábio carnudo, que logo será pintado de vermelho-sangue… o mesmo vermelho que sem dúvida será derramado de sua carne cremosa. Talvez eu diga a Hiss para reivindicá-

la como uma recompensa para *mim*, para mantê-la por perto para meus próprios prazeres doentios.

Diana passa pela minha mente.

Talvez não.

Já faz meses, mas a mulher ocupa meus pensamentos mais do que devia. Não há cura para mágoa. Inferno, eu tentei beber e acender minha mente em chamas com coquetéis de drogas para esquecer. Mas ela está sempre lá, nos recessos dos meus pensamentos, persistente, como uma entidade vivendo sob a porra da minha pele.

— Onde estamos indo? — Kira tem a audácia de perguntar, arrastando minha atenção de volta para ela.

Ela é bonita. Não como Diana que é linda, mas ela tem um apelo sobre ela. Um pouco magra para o meu gosto, mas muitos homens gostam desse tipo. Contornos finos e peitos pequenos.

— Ven, — ela pergunta.

Eu a ignoro quando estalo meus dedos para ela se apressar. Se soubesse o que espera por ela, não estaria tão calma. Ela estaria tentando fugir. E pobre menina, vai ser duro pra ela. Brutal e sangrento pra caramba.

Todo mundo sabe o que Alfred fez. O preço de sua cabeça será alto por causa dos erros dele. Eu imagino que os jogadores irão eliminar as grandes ameaças primeiro, talvez usar um pouco dos buracos apertados dela, e então Hiss vai cortar sua garganta na frente da janela de visualização das Primeiras Famílias, na beirada da arena reservada para a elite. Os depravados, me incluindo, vão gostar de assistir a retaliação contra a família Baskin.

V é por vingança maldita.

Pena que não poderíamos ter Alfred se juntando a nós para nossa festa.

— Para onde estamos indo? — Kira repete pela milionésima vez, seus olhos castanhos quase negros, suas pupilas dilatadas de qualquer merda que Rodion e Zahkar lhe deram.

— Vamos fazer uma visita a sua mamãe, — eu digo com um sorriso malicioso, finalmente, dando-lhe uma pista. Ela pisca rapidamente, como se estivesse tentando limpar a cabeça. — Minha mãe?

— Sim. Agora vista-se. — Lanço algumas roupas para ela e fico por perto com os braços cruzados sobre o peito.

Meu pai localizou sua mãe algumas semanas depois que pegamos Kira e a guardou para si. Eu não voltei para aquela casa desde que as coisas deram errado com Diana. Não suportaria ver seu fantasma em todos os lugares que olhasse. Ela me fez mal, muito mal, e apesar de tudo, não consigo me livrar dessa dor que tenho por ela.

Os movimentos de Kira são lentos e desajeitados enquanto caminha em minha direção. Ela provavelmente vai ficar mais lúcida enquanto viajamos de volta para The Games, então vou ter que ter certeza de manter algo diferente do meu pau nela para mantê-la drogada.

Alfred Baskin não deu uma chance às nossas famílias antes que ele tentasse nos derrubar de uma só vez. Tenho certeza que não vou dar uma chance a sua família.

Não, Kira vai morrer nessa arena.

Espero para ver se sinto alguma coisa por ela. Qualquer indício do homem que eu costumava ser, quando éramos todos crianças.

Não sinto nada.

Memórias remanescentes *dela* não foram empurradas para os cantos escuros da minha mente, mas empurraram a porta dos fundos e trancaram indefinidamente.

— O que vai acontecer comigo? Seus primos estão vindo? — Kira pergunta, preocupação indicando que sua cabeça está clareando.

— Você vai ver sua mãe na propriedade da minha família. Tenho certeza que veremos meus primos por perto. — Ofereço minha mão a ela. Como quando ela era criança e eu era adolescente. Antes que o pai dela nos traísse.

Ela aceita.

Essa confiança a manterá viva durante trinta segundos no The Game.

E, ainda assim, não sinto nada.

***

O cenário me assombra. Cada parte deste lugar guarda lembranças do que poderia ter sido. O que eu fui tolo o suficiente para desejar. Estou muito sóbrio para essa coisa. Estar em casa me enche com uma sensação de medo. Eu posso ter estado em meu próprio mundinho nos últimos meses, treinando Kira a se comportar como uma boa prostituta, comprando propriedades e tentando adquirir a companhia de bebidas alcoólicas, mas voltar para casa é uma fria dose de realidade.

Ela não está aqui.

Diana.

A cadela traidora.

Encheu minha maldita alma com esperança e amor, apenas para cuspir na minha cara e me dizer que eu tinha sido usado como um peão. Ela estava jogando como a rainha que é, e eu era apenas um movimento para ela.

A rainha correu de volta para sua família, de acordo com Ruslan, mas ele não me atualizou sobre o seu bem-estar desde então, porque o avisei para não fazê-lo. Não quero saber nada do que ela está fazendo. Ela que se foda.

Ela pode ser uma rainha para alguns, mas não para mim.

Eu sou o fodido rei. Não dou a mínima para o que ela faz com seu "reino." Eu tenho o meu próprio para cuidar. Kira sabe disso e se curva com frequência aos meus pés. Todos eles saberão disso no devido tempo.

Um dia em breve, vou possuir todos os castelos deles.

Incluindo o dela.

— Onde estamos indo? — Kira pergunta. Quando saímos do carro, seu calcanhar gruda no chão gelado e ela cai, raspando as pernas.

— Cristo, mulher, — eu rosno, puxando-a de pé. Eu a guio ao redor da casa até o prédio onde as salas de observação estão. Papai tem explodido meu telefone perguntando onde estou. Ele não gosta de ficar esperando.

— Onde estamos indo? — Uma e outra vez, ela faz as mesmas malditas perguntas.

— Indo te preparar. Você deve ser vista junto com outros. Então, você pode ver sua mãe.

Cegamente, ela me segue. Muito drogada, muito ingênua.

O amor faz você fazer coisas estúpidas. Estou levando ela direto para o inferno.

Aceno em saudação aos homens em guarda do lado de fora. Os homens Vasiliev estão aqui, o que significa que Yuri ou Vlad devem estar dentro. Empurrando a porta, vejo que a casa de exibição melhorou. Antes de eu ter Diana liderando os esforços de cuidar das mulas, este lugar era um showroom com gaiolas de vidro para homens verem o prêmio e fazerem suas reivindicações. Mas agora, as mulheres pavoneiam pela sala, agarradas a homens da Primeira Família como garotas de programa de alta classe. Diana pode ter sido uma cadela calculista, mas estava certa quando insistiu que as mulheres fossem tratadas com mais cuidado. Eles são mercadorias, afinal.

Nós vamos ganhar dez vezes mais dinheiro com essas mulheres agora.

Elas estão tão bonitas quanto podem, comportando-se como mulheres de verdade e, graças às drogas que receberam, todas têm as mesmas expressões de “foda-me”.

— Nonna, — chamo uma mulher usando um vestido preto justo, a mulher que Diana colocou no comando. Ela fez um bom trabalho em defender as regras de Diana, mesmo depois que Diana não estar mais aqui. Ela se vira, olha para mim e suas narinas se abrem quando ela vê os joelhos sangrentos da pequena Kira ao meu lado.

— O que é isso? — Pergunta Nonna, enquanto se aproxima e acena para Kira com nojo.

— Seu projeto especial. Eu preciso que ela pareça apresentável... e rapidamente.

Nonna estreita os olhos para Kira, mas acena com a cabeça. Kira relutantemente segue atrás de Nonna enquanto ela se dirige a um dos vestiários.

— E Nonna? — Eu chamo atrás dela. — Encontre os saltos mais altos e a saia mais justa. Eu não posso ter essa gatinha ficando muito longe.

***

— Podemos voltar para o carro? — Kira pergunta enquanto ela agarra meu casaco.

Ela está drogada para caralho.

O que quer que Nonna tenha lhe dado, não é a mesma merda que meus primos lhe dão. Pelo jeito que ela se agarra a mim e continua esfregando meu pau através da minha calça, ela provavelmente está viajando em êxtase direto.

— E fazer o quê? — Eu provoco, minha palma achando sua bunda sobre o vestido que ela está usando agora. Ela geme quando eu a aperto. — Hmmm, gatinha?

— Nós poderíamos foder, — ela sussurra contra o meu ouvido, beliscando meu lóbulo.

Eu rio. — Você é mais uma garota de três paus ao mesmo tempo. Eu não poderia te satisfazer sozinho, — zombo enquanto a guio em direção à sala de visualização onde meu pai espera.

— Por favor, — ela implora. Sua voz treme, medo aparecendo em suas palavras.

Não disse a ela o que deve esperar.

Preciso dela bonita, flexível e pronta.

Empurrando-a contra a parede, aperto seu pescoço e levo meus lábios para seu ouvido. Ela geme de necessidade.

— Nós podemos foder mais tarde, se você for obediente, — eu digo a ela. — Além disso, pensei que você queria ver sua mãe.

Seu corpo fica rígido no meu aperto, seus olhos escuros ficando intensos. — Ela está aqui?

— Sim, e se você parasse de se esfregar em mim como uma gata no cio, eu levaria você para ela, — repreendo.

A risada barulhenta do meu pai chama minha atenção quando eu entro, puxando Kira comigo. A sala está cheia de homens poderosos, todos esperando para ver o prêmio que trouxe comigo. Os olhos de Yuri se voltam diretamente para mim de sua posição em um sofá de couro escuro. Eu examino a sala a procura do meu pai, encontrando-o recostado em seu próprio assento. Ajoelhando-se na frente dele está uma mulher nua e suja que detém a atenção de Leonid Volkov. Ela tem o pau do meu pai e está chupando-o como se sua vida dependesse disso. Talvez sim. Conhecendo meu pai, certamente depende.

— Pai, — eu saúdo quando me aproximo.

Seus olhos verdes brilham de satisfação quando ele vê Kira no meu braço. — Ahhh, a pequena prostituta Baskin. Ela é magra, — ele rosna, um sorriso de lobo no rosto. — Mais fácil de quebrar.

Risadas arrebatadoras saem da sala. Yuri se levanta, seus movimentos são rápidos para um homem de sua idade. Sua presença é como uma fera se manifestando diante de seus olhos. Sua grande estrutura fica ao redor de Kira. — Então, você realmente tem a doce Kira Baskin.

— Em carne e osso. — Eu sorrio triunfante.

— Hmmm, — ele reflete, lambendo a ponta do polegar e espalhando sua saliva em uma de suas bochechas, depois na outra, criando falsas lágrimas. — Em carne, por enquanto.

A mulher no pau do meu pai tenta levantar a cabeça, mas ele agarra um punhado de seu cabelo e empurra-a mais para baixo, fazendo-a engasgar e cuspir em cima dele.

— Onde está seu pai, anjo? — Pai zomba quando ele olha para Kira. Ela finca as unhas em mim através do meu casaco. — Eu não sei.

— Você precisa de um pai? — Ele sorri para ela e lambe os lábios. — Ou talvez você só precise de uma mamãe. — Com isso, ele solta o

cabelo da mulher e lhe dá um pontapé. Ela cai de bunda e vira sua atenção em nosso lado.

— Kirrra? — Ela grita, soando abatida, bêbada talvez, estendendo suas mãos sujas em direção a nós.

— Mamãe? — Kira olha para ela, mas não faz nenhum movimento para ir até ela.

Boa menina.

Eu inclino minha cabeça para baixo e murmuro no ouvido de Kira. — Viu como você foi bem tratada em relação à sua mãe? Nós te demos mais orgasmos do que você poderia contar. Nós te banhamos, vestimos e deixamos você usar maquiagem. Não se esqueça disso, gatinha.

Ela faz um som choroso que me faz sorrir.

Sua mãe se levanta, seus seios flácidos balançando e corre para Kira. Elas se abraçam, mas Kira está rígida. Sua mãe fede demais. Vergões e hematomas decoram sua pele, e quando ela vira o rosto para mim, percebo que ela está perdendo todos os dentes.

— Fuja, baby, — sua mãe gesticula com a boca. — Fuja enquanto você ainda pode.

Papai se levanta da cadeira, esconde seu pau e assobia para dois de seus homens. — Leve as prostitutas Baskin para uma jaula até que estejam prontas para a arena amanhã. O preço da cabeça *dela*, — diz ele, apontando para Kira, — está prestes a ser decidido.

Kira me lança um olhar confuso. — Ven?

— É apenas um jogo, Baskin, — digo sem emoção. — E amanhã, você vai perder.

Um dos homens a agarra pelo cotovelo e segue em direção à saída.

— Espere, — Yuri grita.

Os dois homens param de se mover e olham entre Yuri e meu pai. Meu pai levanta a mão, fazendo sinal para que fiquem.

— Ela nem sequer parece com medo de seu destino, — Yuri rosna.

— Ela está drogada e com tesão. — Eu sorrio, caminhando até ela e persuadindo sua boca a abrir com o polegar. Inclinando-me para frente, tomo sua boca em um beijo brutal. Ela se separa dos homens que a seguram e se agarra a mim, tentando me escalar como se ela precisasse de mim mais do que sua próxima respiração. Ela está tão intoxicada que não percebe o perigo em que está. O coquetel de toxinas correndo em suas veias busca por simulação. Ela está perdendo a cabeça, perdendo o controle. Afasto-me e empurro-a para longe. Ela solta um grito quando os homens a agarram.

— Ela precisa sentir medo, — Yuri se dirige agressivamente a mim, e eu enrijeço. Com quem diabos ele pensa que está falando? — Cria uma presa melhor, — acrescenta friamente. — Yegor? — Ele se vira para o meu pai. — Vou te dar um milhão por ela agora.

Eu sorrio para Yuri e balanço minha cabeça. — Ela não é dele para vender. Ela é minha e vai entrar no The Games. As licitações começarão em dois mil para a morte dela.

Yuri revira a cabeça sobre os ombros e estreita os olhos para mim enquanto ainda fala com meu pai. — Yegor, eu vou te dar cem mil pela *mãe*. — Ele zomba da palavra, como se fosse venenosa.

— Feito. — Meu pai bate nele nas costas. — Ela está um pouco esgotada, no entanto.

Yuri faz uma demonstração de puxar uma faca do bolso interno. É uma faca borboleta com a qual ele é hábil. Ao abrir, as asas se retraem para mostrar uma lâmina prateada e afiada. A mulher no chão, que se parece com alguém que conheci, tenta se afastar para trás, mas se depara com o corpo de Leonid bloqueando sua retirada.

— Não, — ela murmura.

Agarrando um punhado dos tufos que sobraram de seu cabelo, Yuri a arrasta até ele, e um grito salta de seus lábios, ecoando pelas paredes.

— Mãe! — Kira começa a se mover para frente, mas os homens que a seguram não a deixam chegar longe.

— Você ama sua mãe, garotinha? — Insulta Yuri. — É matar ou ser morta no The Games. — Empurrando Mônica para os braços do meu pai, Yuri persegue Kira, pegando sua mão e empurrando as alças da lâmina em sua palma. Ele segura seu braço na frente dela, seus dedos envolvendo seu punho segurando a faca. Ele olha para cima e acena para meu pai, cujos olhos se expandem e brilham de excitação. Papai segura Mônica na frente dele e se move na direção da mão estendida de Kira.

— Não! Não, pare, — Kira implora, balançando o corpo. Mas Yuri a tem em seu poder agora, e não há como escapar. A carne do estômago de Mônica encontra a lâmina lentamente, o sangue escorrendo vagarosamente a princípio. Ela não grita, mas em vez disso olha diretamente para Kira e sussurra: — Tudo bem, amor. Está bem. Você pode fechar os olhos. — Suas palavras têm uma pronúncia defeituosa pela falta de dentes, mas são claras como podem ser.

A carranca de Yuri se torna assassina, claramente enfurecido por Mônica estar tomando o controle, e usa Kira como uma marionete. Ele aperta o pulso dela mais forte e mergulha adiante com mais força. O som de dor de Mônica ofegante faz Kira chorar. A neblina das drogas não é forte o suficiente para salvá-la de testemunhar esse horror.

Agitado que o show não teve o efeito desejado em assustar Kira, Yuri a empurra para o lado e pega a faca para si. Ele mete-o repetidamente no torso de Mônica, até que ela fica tão flácida nos braços do meu pai, que ele a deixa cair no chão com um baque. Seu sangue reveste tudo. O chão onde ela está agora, as paredes, meu pai, Yuri. Eles são como leões que destroçaram o jantar. Eu olho para Kira, mas ela está inconsciente, o choque foi demais para ela.

— Então, apenas uma Baskin entrando no The Games? — Eu brinco.

— Uma é o suficiente. — Yuri sorri, manchas de sangue salpicadas em seu rosto.

— Limpe isso, — meu pai ordena. Eu paro um dos seus homens quando eles tentam pegar Kira. — Deixe-a. Eu mesmo a entregarei ao The Games amanhã.

***

Eu mantive Kira comigo na noite passada. Ela dormiu por doze horas seguidas, depois acordou com um sobressalto, entrou em pânico e tentou fugir do quarto negro onde eu a mantinha. Papai disse para levá-la a uma gaiola, mas eu queria ficar de olho nela. O quarto negro costumava ser o meu favorito, mas agora não tem sentido, assim como o resto dos cômodos desta casa. Eu só a trouxe porque é o único lugar onde eu nunca consegui trazer Diana, então não há nenhum lembrete de que ela foi embora.

Eu gostaria de acender um fósforo na casa, queimar o lote e começar do início tijolo por tijolo.

Kira geme ao meu lado no banco do passageiro enquanto ela acorda. Eu tive que sedá-la para colocá-la no carro. O maldito V Games é hoje. O lance atual na cabeça de Kira é de três milhões. Toda família quer o crédito por buscar vingança, então todos colocam seus dinheiro onde estão suas bocas. Quando você é estupidamente rico, o dinheiro se torna apenas papel em um bloco de notas sem fim.

Deixe-os gastá-lo. Eu vou gostar de reivindicar essa dívida quando Hiss matar Kira.

— Onde estamos? — Kira geme, esfregando as mãos pelo rosto.

— Isso não é mais importante. Para onde estamos indo é o que importa.

— Ven? — Ela murmura.

— Cala a boca e guarde sua voz. Você precisará dela para seus gritos, — eu insulto.

A arena está localizada em alguma terra Vasiliev longe de tudo e de todos. Total privacidade e proteção. Apenas a elite selecionada sabe de sua existência. O edifício é enorme, completamente fechado sem janelas no exterior. Você tem que dirigir por baixo para entrar. É um moderno Coliseu secreto. As salas mantém os competidores até a hora.

Caçadores. Membros da família de elite tentando provar seu valor. Prostitutas para os que buscam prazeres depravados. Os próprios depravados. Guerreiros. E os peões. Todos esperando para serem jogados na cova do leão.

Saindo do carro, entrego as chaves e ofereço meu pulso para ser escaneado. O microchip enterrado logo abaixo da pele dá todos os detalhes de quem eu sou e contém minha marca V Game.

— Obrigado, senhor. — Ele acena, gesticulando para eu entrar no elevador. Arrasto Kira pelo braço e aperto o botão para o andar térreo.

— Eu te conheço toda a minha vida. — Ela funga.

— Cale a boca, — eu rosno, empurrando-a contra a parede do elevador e tirando uma das pílulas que Rodion gosta de dar a ela. — Abra, — eu exijo. Ela tenta lutar, mas depois cede, abrindo a boca como a voraz viciada que ela é agora. Eu forço a cabeça dela para trás para ter certeza que ela engula. O elevador apita, abrindo a porta para o corredor onde estão as entradas e camarotes de visualização das Primeiras Famílias.

Eu vejo as costas sólidas de Vas enquanto ele fala com alguém animadamente. Eu passo, e meus olhos se trancam com os da pequena Irina, que está um pouco longe do lado deles. Agora que ela é a esposa de Vlad e espera uma criança, Rus me disse, ela está fazendo o papel de uma adulta. Chique pra caralho seu cabelo e roupas. Eu posso ver sua barriga inchada e dor esfaqueia meu peito, forçando-me a desviar o olhar.

Pensamentos de Diana exigem atravessar minha mente.

Por uma fração de segundo, enquanto manobramos os corredores para o camarote de visualização das Primeiras Famílias, me permito pensar nela. Como é uma coisa boa que ela conseguiu sair dessa. A perda de um bebê, mesmo não sendo o meu, deve tê-la matado emocionalmente. Diana não consegue lidar muito bem com a dor. O velho eu, gostaria de poder ir para a propriedade Volkov, puxá-la em seus braços e afastar sua dor com beijos, fazê-la me dizer que o que

disse no hospital era tudo mentira. Entretanto, o eu sensato sabe que não deve.

E o novo eu não dá a mínima.

O novo eu agarra a bunda de Kira brutalmente e morde sua garganta, rugindo internamente pelo jeito que ela grita em uma mistura de prazer e dor. É um show... tudo um fodido show, então as pessoas não veem a dor queimando nas minhas veias.

Talvez eu devesse foder a garotinha Baskin antes de mandá-la para o The Games. Enchê-la com um pouco de gozo Vetrov e ver escorrer em suas pernas enquanto todo filho da puta na arena vai pela sua garganta. Meu pau endurece com esse pensamento.

Entramos na sala gigante que as Primeiras Famílias ocupam durante o The Games. Existem vários grandes televisores de tela plana pendurados nas paredes. Eles estão lá porque as Primeiras Famílias são exageradas e gostam de ver todos os ângulos da arena. Eles gostam de ver todos os cantos escuros, todos os cômodos. Essa porra de lugar é como um labirinto quando você está dentro lutando por sua vida. Eu me lembro muito bem de estar do outro lado daquele vidro grosso.

As enormes janelas do chão ao teto permitem que os espectadores vejam os eventos de perto. Muitos pagam para que seus guerreiros tragam suas mortes ou recompensas para as janelas de seus mestres para obter uma experiência pessoal extra. Televisões são desnecessárias neste caso. Hiss sabe que as Primeiras Famílias querem ver a morte de Kira de perto e o sangue dela para manchar essa mesma janela.

Durante a minha temporada no V Games, eu vim até o vidro, bati meu facão sobre ele e assustei muito alguns dos outros espectadores. A recompensa pela minha cabeça era alta, mas eu prevaleci.

Vetrov.

Grandes abutres barbudos.

Nós sobrevivemos e rasgamos cada pedaço daqueles que nos rodeiam, até que eles não são nada além de ossos. A família Voskoboynikov está lentamente se esvaindo por nossa causa. Nós os roubamos pouco a pouco. Nos jogos de hoje, nós vamos tirar ainda mais

dinheiro da Primeira Família mal segurando seu status. Quem quer que eles ponham nos jogos será esmagado por Hiss. Meus primos o treinaram bem. Ele é brutal. Um maldito monstro. Não sente dor e tem uma ideia fixa. Quando eles fecharem as portas da arena e Hiss entrar na briga, ele vai matar cada pedaço de coisa lá, incluindo a pequena Kira Baskin, e nós coletaremos *todo* o dinheiro.

Eu nunca estive mais orgulhoso de ser um Vetrov.

Talvez papai não seja um dinossauro ultrapassado.

Talvez ele saiba o que diabos está fazendo.

Quando entramos, vejo que meu pai já está aqui, aproveitando os holofotes. Ele vive por isso. Fodida realeza. Ele conversa com Leonid e não reconhece nossa presença. Mas passos atrás de mim têm sua atenção.

— Ahhh, Yuri, — diz o pai, todo sorrisos.

Yuri, com Vlad ao seu lado, entra na sala como se fosse dono do lugar. Tecnicamente, ele é. Um dia, The V Games não representará Vasiliev. Ele pertencerá aos Vetrovs.

Papai se esquiva ao meu redor para cumprimentar Yuri, a dupla caminhando até o vidro, sussurrando baixinho. Então, Leonid Volkov e vários dos homens Voskoboynikov se juntam a eles. Uma mão segura meu ombro e me viro para ver Vlad. Eu não falei muito com ele desde que ele deixou Diana na minha porta. Isso parece uma vida inteira atrás.

Ao contrário de nossos pais, que agem como crianças petulantes na maioria dos dias, Vlad e eu somos jogadores mais magistrais. É tudo um maldito jogo.

— Oh, Kira, — ele ressoa, olhando para ela com uma intensidade que a faz endurecer. — Que prazer é vê-la depois de todos esses anos.

Ela engole, mas não responde, terror a silenciando. Espere até ela ficar lá fora.

— Ela pode usar nossa entrada, se não se importa. Está quase na hora, — ele me informa, balançando a cabeça para dois homens vestidos de preto e armados com armas de nível militar.

Eu a solto a seu domínio, ignorando seus gritos pedindo para salvá-la, e volto minha atenção para Vlad.

— A vida de casado está te tratando bem, eu vejo, — digo, estendendo minha mão.

Ele sacode, e um sorriso raro e real puxa seus lábios. A amargura aperta meu coração, mas ignoro isso.

— Quem disse que você não pode se casar por amor? — Ele diz baixinho, para que nossos pais não escutem.

— Eu digo que fazemos o que queremos. Porque nós podemos. — Ele me perfura com um olhar feroz. — Eles vão aprender um dia.

Nossos olhares se dirigem para nossos pais. Grisalhos Envelhecidos. Definhando. Sua força se foi e seus paus não vão funcionar em breve. Tudo o que eles têm é o dinheiro deles. Nós vamos tirar isso também, na hora.

Então, apenas os mais fortes sobreviverão.

Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto ainda. Às vezes, eu me pergunto se existe mesmo uma linha entre os dois. Pelo menos no nosso mundo não parece haver.

— Envie meus cumprimentos a Irina, — digo a ele.

— Eu vou, — diz ele.

Estou prestes a abrir a boca quando alguém me empurra com o ombro. Eu me viro e travo o olhar com Vas. O ódio queima em seus olhos azuis, me fazendo endurecer. Qual diabos é o problema dele?

— Isso é culpa sua, — ele sibila.

Eu olho para ele e Vlad bufa ao meu lado. — O que é minha culpa? — Eu exijo, minha postura endireitando a minha altura total. Eu não gosto de ser abordado com tal desrespeito.

— Diana. — Ele endurece o maxilar, em seguida, lança um olhar vil para meu pai.

O desconforto desliza por mim. Diana está a salvo na propriedade Volkov. — O que *tem* Diana? — Dizer o nome dela dói muito, mas eu ignoro.

Vas zomba e joga as mãos no ar. — Não seja tão obtuso.

Virando minha cabeça, levanto uma sobrancelha para Vlad. — Você sabe do que esse idiota está falando?

O rosto de Vlad está impassível, mas eu vejo a alegria brilhando em suas esferas ambarinas enquanto ele diz suas palavras. — Alguém tinha que representar o nome Volkov. Com certeza não era minha Irina. E Vas? — Ele diz enquanto acena para o irmão de Diana. — Vas está aqui com a gente.

— Seu aprendiz, — digo rispidamente a Vas. — Quem você enviou?

Ele me dá um olhar duvidoso. — Onde diabos você esteve, cara?

Eu pego um punhado da camisa de Vas e o arrasto para mim, nossos rostos a poucos centímetros de distância. — Fale. Agora. Antes que eu te rasgue, membro a membro na frente de todo mundo.

Seus olhos azuis brilham com fúria. — Seu maldito pai, — ele sussurra em voz baixa. — Isto é decisão dele. Ele fez acontecer. Primeiro, ele a espanca para fazê-la perder o bebê, e agora isso? Eu pensei que você se importasse com ela o suficiente para mantê-la fora daqui. Eu a treinei, mas não achei que isso realmente aconteceria. Pensei que você iria parar isso.

Eu pisco em confusão. — Diana está *aqui*? — E meu pai a machucou?

— Não, — Vas desdenha, apontando para a janela além do meu pai. — Ela está *lá*.

Aplausos explodem ao redor da sala, sinalizando que o evento começou. Eu vou até a janela, empurrando meu pai para fora do caminho. Hiss, meu lutador, invade a arena, sem camisa e com sede de sangue. Vejo um flash loiro quando Kira olha ao redor da arena com admiração.

E então eu *a* vejo.

Feroz.

Violência ondulando dela.

Diana.

Não.

Porra.

Atrás de mim, o caos se instala quando os homens de terno começam a gritar ofertas mais altas, e aclamar sua empolgação. Meus olhos estão presos *nela*. Seu corpo está magro e musculoso. Ela se move como uma assassina. Nada como a pobre mulher maltratada no hospital há meses antes.

— Ele vai matá-la. Seu lutador, o melhor fodido lá fora, vai estripar aquela cadela. — Pai me dá um tapa nas minhas costas. — Ela merece depois que ela traiu nossa família.

Ele a machucou.

Ele a machucou, porra.

— Não se preocupe, Veniamin, — diz ele com uma risada perversa, — Hiss tem suas ordens. Ele vai fazê-la sofrer.

Porra.

Porra!

Capítulo Vinte

Diana

Eu me sinto como uma gladiadora sendo jogada no campo de batalha. As portas se fecham atrás de nós, e o medo automaticamente se agarra no ar ao meu redor.

Respire, Diana.

Solto uma respiração irregular, meus músculos tensos. Estou alerta e muito tensa.

Concentre-se, Diana.

O chão de pedra range sob os pés, e meus olhos se expandem, absorvendo a visão diante de mim. Parece muito maior vê-lo de dentro da arena e não da segurança da sala de vidro. O espaço se expande à nossa frente com pelo menos três metros de área de luta aberta, e depois há uma parede de metal com portas fechadas que se estende ao redor do terreno.

A arena sempre parecia circular a olho nu, mas é, na verdade, a forma de uma ferradura. No entanto, ele é dividido em segmentos, o círculo externo deixado desprovido de batalhas guerreiras no passado. Eles lutam aqui como se fosse o Império Romano, e eles são apenas escravos comprados para entreter.

Hiss, o homem que Ven estava treinando, entra pelo mesmo lugar que eu, junto com uma jovem loira. Eu a tinha visto alguns momentos atrás no braço de Ven quando ele passou. A dor de vê-lo com outra mulher foi passageira, quando ela foi trazida e empurrada para a entrada do The Games. Ela tentou voltar, fazendo Hiss sorrir como um predador, aproveitando o medo ricocheteando através de seu corpo.

Eu não sei quem ela é, mas ela estará morta dentro de cinco minutos, sem dúvida. Rapidamente, faço um balanço do resto dos peões entrando em portas separadas de nós. Um barulho alto reverbera do teto quando enormes recipientes são baixados em algum lugar além do

que eu posso ver. Eu já assisti a esses jogos antes e sei que mulheres e homens são mantidos dentro desses contêineres, mimos para quem chega primeiro a eles.

Eu vou evitar os contêineres a todo custo. No ano passado, foi assim que Viktor, apesar de ter uma enorme recompensa em sua cabeça, ficou ileso. Ele estava alerta, ficou nas sombras e matou sem hesitação.

E então, como sempre, eu estava assistindo e fazendo anotações.

Eu me armo com uma das quatro facas que trouxe comigo, cautelosa com a garota e com Hiss. Como se sentisse meu medo, ele se move em minha direção, respirando pesadamente. Seu torso nu ondula, seus músculos se agitam como se demônios estivessem tentando rasgar sua carne para a liberdade.

Meu coração dispara e estou quase congelada de terror.

Pensamentos de Vas me apunhalando de novo e de novo no meu estômago com uma falsa faca de madeira na sala de treinamento me assaltam. No começo, ele me machucou até que eu mal consegui respirar. Sempre me pegou desprevenida. Mas então comecei a aprender suas explicações. Sua respiração. Seus trejeitos. Os olhos dele. E quando aprendi a evitar seus ataques, ele me ensinou como ser a agressora.

Isso não é diferente dos meses e meses que eu treinei.

As facas são reais e as apostas são altas.

Vitória, Diana.

Eu dou alguns passos cautelosos para o lado, mantendo a mulher à minha direita na minha visão periférica. Ela não parece estar carregando armas, mas não sou ingênua o suficiente para confiar nesse fato.

— Vindo para mim diretamente do portão, hein? — Eu pergunto, minha voz fria enquanto mostro um sorriso para Hiss.

Seus olhos se expandem com prazer. — Não, é para durar, — diz ele, e tão rápido quanto o raio, ele puxa uma lâmina e joga em minha direção.

Eu me esquivo, mas não rápido o suficiente, e isso me corta no topo do meu braço. Desgraçado. Uma linha vermelha aparece e começa a escorrer na minha pele.

— Fuja, — ele me avisa, antes de seus olhos se dirigirem para a mulher atrás de mim.

Então, ela está aqui para ser morta assim como eu. Sem dúvida, irritou Yegor Vetrov também. Não é boa o suficiente para o filho dele, talvez?

Hiss vai gastar tempo mutilando-a antes de vir para mim. É o que seus olhos estão dizendo enquanto ele olha entre nós duas.

— Eu não fujo de animais, Hiss, eu os caço. — Eu olho para ele, provocando-o. Vas sabia que eu poderia lutar contra Hiss. Ele me ensinou o que esperar.

Ele vem em minha direção, um assassino frio como pedra. Ele tem três vezes o meu peso e é facilmente 30 centímetros mais alto que eu. Mas treinei sem parar para isso. Vivi e sonhei com isso para ter certeza de que sobreviveria.

Eu tenho que sobreviver.

Eu *vou* sobreviver.

Sinto o cheiro dele quando sua presença invade meu espaço, suor almiscarado e potente. Seu braço pesado se inclina para me bater, mas eu vejo isso vindo e caio de joelhos. Mando um punho fechado para atacar suas bolas com a mão esquerda, em seguida, corto com a lâmina da minha direita ao longo do interior de sua coxa enquanto rolo entre suas pernas, e ficando rapidamente de pé atrás dele. Ele nem sequer se encolhe das minhas punições e me rodeia rápido. Eu recuo para me dar algum espaço.

Minha atenção se volta para a loira, que está encolhida contra as portas de metal. Ela bate com os punhos, esperando que eles a deixem sair.

Ela é um peão.

A dívida de alguém ou comprada para o prazer de alguém.

Eu ouço a respiração de alguém vindo atrás de mim e o coração dispara em meu peito. Giro para ver Stepan se aproximando como uma pantera.

Merda.

Estou presa entre dois assassinos treinados e pagos para me fazer sofrer. Não tem como Stepan ter me procurado por acaso.

Maldito seja, Vlad.

Ele simplesmente não pode deixar passar. Humilhei seu orgulho. O bastardo estava dormindo com minha irmã, mas tudo bem porque ele é homem. Bastardo do caralho.

— Podemos compartilhar, — sugere Hiss para Stepan, como se ele estivesse falando de uma refeição no buffet.

Eu não vou cair sem lutar, seus idiotas.

Eu bato no calcanhar do meu pé para acionar o botão lá, ejetando as lâminas na frente da minha bota. Com uma série de chutes, eu balanço em direção a Stepan.

Chute. Chute. Chute.

A lâmina roça sua bochecha, mas ele facilmente evita meus movimentos. Com um grito, eu soco nele, mas ele é rápido e bloqueia, rindo de mim antes de me empurrar com força. Bato de cara no vidro à prova de balas nos separando dos porcos que ficam excitados assistindo a essa merda. Meu rosto aterrissa com força e meu nariz estala no impacto. O sangue corre pela minha garganta, quase me fazendo vomitar. Passo a mão debaixo do meu nariz e limpo o sangue na minha calça.

Faz apenas alguns minutos, e eu já estou sangrando em dois lugares.

Recomponha-se, Diana.

Hiss e Stepan provavelmente estão se aproximando de mim por trás, mas meus olhos procuram além do vidro pelo meu pai. O que Leonid Volkov pensa sobre sua filha competindo no The Games? Eu não o vejo, mas noto alguém olhando diretamente em frente a mim por

dentro. Travo nos olhos verdes olhando para mim por trás do vidro, e minha alma se esvazia.

Ele está assistindo.

A mão de Ven bate contra o vidro e ele está gritando, mas não consigo ouvir as palavras saindo de seus lábios. A janela é impenetrável. Eu me viro para descobrir que nem Hiss nem Stepan vieram me finalizar. Em vez disso, eles estão lutando brutalmente um contra o outro.

— Desculpe, mas prometi a uma garota — anunciou Stepan, apontando a lâmina para Hiss. — Vá, Diana, — ele resmunga. — Por Irina.

Meu coração salta no meu peito ao pensar em Irina querendo me proteger.

Hiss ruge para mim, mas Stepan está sobre ele. Eles estão trocando golpe por golpe, nenhum deles parece superar o outro. Aproveitando o momento de distração, corro por eles, mantendo uma distância para que Hiss não possa me alcançar. Eu me dirijo para a parede de metal, mas a garota que entrou conosco agarra meu braço.

— Diana? — Ela engasga.

O quê? Ela me conhece?

Eu não quero ficar por perto, então solto meu braço e começo a correr em direção às portas, me levando para outra área dos The games.

Corredores com portas para outras salas alinham-se no espaço a minha frente. Monitores adornam as paredes, atualizando os lances das pessoas que entraram, e vejo o rosto da mulher loira aparecer em uma delas.

Kira Baskin... dois milhões e trezentos mil. Torturar. Estuprar. Matar.

Kira Baskin? O ar corre dos meus pulmões. Eu giro ao redor para olhar para trás e vejo que ela me seguiu pela porta, mas fugiu na outra direção.

— Kira! — Eu grito, alertando-a antes que ela fique muito longe de mim. Ela salta e me lança um olhar de pânico. Aceno para mim.

Nós éramos amigas íntimas quando éramos jovens, mas o pai dela estragou tudo e todos tiveram que se esconder. Ouvi rumores de que Yuri Vasiliev matou toda a linhagem Baskin, até primos de segundo grau, porque ele não poderia ter Alfred.

— Vamos, — digo a ela, estendendo a mão. A última coisa que preciso fazer é me preocupar em manter outra pessoa viva aqui, mas não posso simplesmente deixá-la para as feras. Nós compartilhamos segredos, nossa juventude, sonhos juntos.

Foco. Foco. Foco.

Meu nariz dói e estou com dor de cabeça, mas não posso pensar nisso agora. Tudo está em jogo. Monstros espreitam por toda parte.

Sons de pessoas correndo pelo corredor em nossa direção me chamam a atenção. Eu coloco Kira atrás de mim quando uma mulher descalça e vestindo uma camisa rasgada, corre para nós. Ela não para, continua olhando para trás e, como ela o convocasse com seu próprio medo, um homem enorme aparece, seus passos medidos para intimidar. Ele não está com pressa. O cara esquisito sabe que ela é dele, nada importa. Ele está vestindo calças de couro e nada mais do que uma caveira com chifres... um crânio de veado ou algo parecido. É estranho que ele não carregue arma, como se suas mãos fossem sua ferramenta.

Ele diminui quando vê Kira e eu, mas endireito minha postura e giro meu pulso para mostrar a faca que estou carregando. Ele sorri para mim e continua perseguindo sua vítima. Ele não está atrás de uma briga, apenas de medo e de morte.

Gritos ecoam em torno de nós de todas as direções, e o riso segue.
— Que lugar é este? — Kira engasga, tremendo da cabeça aos pés.

— Inferno, — eu digo a ela, minha voz estável. — Fica perto de mim.

Eu vou em direção a uma das portas e a abro. Há equipamentos médicos dispostos. Uma mesa e ferramentas, como uma sala de cirurgia que você veria em qualquer hospital. Um homem vestido de roupa

cirúrgica fica ao lado da mesa segurando um bisturi. Ele acena com a mão e gesticula para eu entrar.

Não hoje, psicopata.

Bato a porta e me movo mais pelo corredor.

Kira tem que correr para acompanhar meu ritmo. Ela é quase lenta, como se suas pernas não pudessem mantê-la em pé. Uma multidão de pessoas vem caminhando pelo corredor, mas elas nos ignoram e entram em uma das salas à nossa frente. Eu passo pelo quarto e tento outro. Uma mulher vestida da cabeça aos pés em couro, com uma cinta roxa gigante que se projeta de sua virilha ocupa esta sala, com um homem curvado na frente dela sobre o que parece ser um cavalo de ginástica. Os pulsos dele estão amarrados com uma corda que leva aos tornozelos. Uma maçã foi enfiada na boca dele e ele está chorando. Outro homem de terno e gravata fica por perto e olha para a mulher em busca de orientação. Ela acena com a cabeça em nossa direção, e eu entendo isso como um sinal de que ela não gosta de compartilhar. Sua guarda se aproxima e bate a porta na minha cara. Existem quartos após quartos. Alguns destinados à tortura, outros cheios de pessoas fazendo orgias. Todos dementes demais.

— Devemos nos juntar a eles e esperar, — implora Kira, puxando meu braço para me arrastar de volta para uma das salas cheias de pessoas devorando uma a outra sexualmente.

— Não há nada que impeça um idiota depravado de entrar lá e matá-los todos, — eu a informo enquanto a olho. Ela está coçando sua própria pele febril.

— Que drogas eles têm dado a você? — Eu exijo, batendo a mão dela longe dela mesma.

— Eu não sei, — ela sussurra, fechando os olhos.

Estou me arriscando em trazê-la comigo. Vai ser uma noite longa e ela é ignorante sobre a sobrevivência.

Vou me casar com um príncipe, — Kira me diz, rindo. Nós tentamos ficar quietas, mas sempre que ela passa a noite, sempre ficamos em

apuros. Eu posso ter nove anos e espera-se que me comporte, mas com Kira, podemos ser apenas garotas e é divertido.

Suspiro feliz e penso em um certo garoto que acabou de fazer treze anos. — Eu vou casar com um rei.

Lembro-me da garota que tinha sonhos, aspirações para fazer algo com sua vida e, no entanto, aqui está ela, outra vítima dos homens bastardos que ditam nossos futuros. Quando eu sair daqui, estarei me despindo de tudo que esses animais são. Vou criar meu próprio império e fazer tudo o que puder para ver o deles queimando com eles. Eu sinto afinidades com Kira, e sair daqui com ela a reboque será um tapa na cara de Yegor.

— Diana, — Kira avisa, seus olhos se arregalam e apontam atrás de mim. Eu giro, erguendo minha lâmina, e bloqueio uma mulher com um martelo. Ela rosna e me chuta, me mandando para trás. Ela vai para Kira, seu martelo levantado alto. Eu corro para frente, empurro-a para longe e, em seguida, desço sobre ela com uma combinação de chutes que Vas me treinou incansavelmente. Minhas lâminas encontram seu estômago e depois o pescoço. Seu martelo cai e sua mão vai para o pescoço ferido. O sangue vaza através das lacunas em seus dedos. Eu me movo para finalizá-la com uma facada em seu coração. Seu corpo cai no chão com um baque suave.

— Ela está morta? — Kira funga.

— Sim, — eu digo quando pego o martelo e entrego a ela. — Agora, vem, — eu ordeno, no momento em que outro rosto aparece na tela. Artur Voskoboynikov.

Artur Voskoboynikov... um milhão. Torturar. Mutilar. Matar.

Pobre Artur. Outra causalidade do ego de um homem alfa.

Eu olho para trás quando ouço uma porta abrir e vejo Kira desaparecendo dentro de um quarto. Merda. Por que ela não escuta? Eu grito o nome dela, mas é tarde demais.

Abro a porta com cautela e olho para dentro. Há um tanque de vidro no centro da sala, e as pessoas em pé ao redor dele, Kira incluída. Eu deslizo para dentro e me aproximo ao lado dela. Estou prestes a

rasgá-la por ser imprudente quando algo se move dentro do tanque. Há uma menina lá, nua. Ela está olhando para todo mundo enquanto o tanque lentamente enche de água. Estou paralisada enquanto a água continua subindo e engolindo-a dentro dela. Meu estômago enrijece quando chega ao pescoço dela. Sua cabeça se inclina para trás e ela tenta dar um pontapé no fundo para se dar mais tempo. É rápido, consumindo-a completamente. As pessoas que a observam estão paralisadas com curiosidade. Outros estão dando prazer a si mesmos enquanto observam seus olhos crescerem incrivelmente abertos, sua boca gritando enquanto a água corre dentro dela. Então, tão rápido quanto veio, a água recua, e ela fica ofegante no ar enquanto engasga com a água ao mesmo tempo. Suas mãos se esticam contra o vidro enquanto ela luta para levar oxigênio para os pulmões, então a água começa a encher o recipiente mais uma vez. Eu lentamente saio do quarto, arrastando Kira pelo cotovelo comigo.

— Você não pode simplesmente perder-se desse jeito, — eu a repreendo uma vez que estamos fora da sala.

— Eu só não gosto de estar aqui fora, vulnerável, — ela choraminga. — Estou com medo.

Ela tem razão. Estar nos corredores é perigoso para nós. Nós precisamos encontrar algum lugar para ficarmos paradas por um tempo.

Eu viro de volta para o quarto com o cara médico dentro. Há outro homem que se juntou a ele, mais alguém na mesa. O homem que se juntou sai da sombra, e é então que percebo que este deve ser seu guarda, seu lutador, aquele que vai trazer suas vítimas para mutilar. O lutador vem até mim, com os punhos cerrados. Eu bloqueio um par de seus golpes, mas um me pega no queixo, fazendo meu crânio inteiro chocalhar. Ele é forte e minha cabeça balança um pouco. Eu me viro para bloquear outro de seus arremessos de socos e, em seguida, um ruído soa e ele cai no chão na minha frente. Kira fica atrás de onde ele estava, segurando o martelo sangrento, seus olhos selvagens e maníacos.

— Oh Deus, isso foi nojento. — Ela estremece, soltando o martelo que tem um pedaço de cabelo preso a ele.

— Obrigada, — eu sussurro, uma risada genuína fazendo cócegas em meus lábios.

— Fora! — O homem de bata grita, apontando uma broca para nós. O homem em sua mesa está amordaçado e sangrando por vários buracos em seu torso.

— Não. Receio que precisamos pedir emprestado seu quarto — digo a ele, segurando minha lâmina.

***

Gritos.

Cantos.

Grunhindo.

Ruídos vindos de fora da sala são inquietantes à medida que a noite passa. Tornou-se a música-tema para esse pesadelo em que fomos empurradas. Algumas pessoas tentaram entrar aqui, mas depois de ver o homem agora morto na mesa e os outros corpos na sala, eles pensaram melhor e seguiram em frente.

Um estrondo alto tem Kira e eu gritando de surpresa.

A porta é chutada para fora das dobradiças, e um homem entra, empunhando um martelo que pode rivalizar com o de Thor. Assim que ele nos vê, ele sorri. Uma cicatriz puxa seu olho direito, fazendo-o parecer algo de um filme de terror. O sangue reveste sua pele e ele está usando uma blusa de borracha com espinhos saindo dela.

Onde diabos eles acham essas aberrações?

— Eu vou foder você primeiro, — ele zomba, apontando para Kira. Então ele aponta para mim. — E então vou usar a boceta dela como um chapéu enquanto eu te fodo.

A sala parece encolher quando a fera ocupa o espaço.

Meus ataques não farão nada para um homem do seu tamanho. Inferno, até Vas não era páreo para mim quando treinamos. Eu tenho que enganar essa aberração, assim como meu irmão me ensinou.

Tiro meu cinto e o aperto na minha mão livre. Eu caio quando ele se aproxima e enterro minha faca em seu pé, rolando atrás dele. Enquanto ele está momentaneamente preso, pulo em suas costas, envolvo meu cinto em volta do seu pescoço, e giro meu corpo, então estou pendurada nele como um pingente em um colar nas suas costas. Eu pressiono seus músculos e puxo o cinto, na esperança de cortar seu suprimento de ar. Seu martelo bate no chão, e ele balança seu corpo, suas mãos indo para o cinto em seu pescoço. Ele puxa, e meu corpo sacode para cima de suas costas. Merda!

— Kira! — Eu grito.

Arremessando-se em nossa direção, ela agarra minha cintura, puxando-me para baixo. Juntas, usamos toda a nossa força para derrubá-lo. Eventualmente, ele enfraquece e colapsa de cara.

Com um gemido, rolo de suas costas e levo um minuto para recuperar a compostura.

— Ele valia meio milhão, — diz uma voz profunda da soleira que não tem mais uma porta para manter curiosos predadores afastados.

Artur Voskoboynikov.

Parece anos atrás, quando eu estava torcendo para ele namorar minha irmã. Então ele era um aliado. Só posso esperar que ele ainda seja.

— Bom, eu preciso do dinheiro. — Eu sorrio quando me levanto.

Ele sorri de volta para mim e gesticula atrás dele. — Não é mais seguro aqui. Vamos.

Enquanto o seguimos pelo corredor, noto o sangue ensopando seus antebraços e um bastão amarrado às costas dele.

— Você esteve ocupado? — Eu arquejo uma sobrancelha inquisitiva.

— Matar ou morrer. Você conhece as regras, senhorita Diana. Eu só estou matando aqueles que beneficiam minha conta bancária. — Ele pisca, e é como se tivéssemos esbarrado em um café, não em um banho de sangue.

— Desculpe por ter pego seu salário, — eu digo, apontando para o gigante no quarto que acabamos de desocupar. — Há muito mais.

Ele sorri e, com essa frase, meu rosto aparece na tela ao nosso lado, iluminando o corredor escuro.

Diana Volkov... um milhão. Estuprar. Matar.

Encantador.

Yegor não poderia me estuprar, então ele paga para outra pessoa.

O olhar de Artur endurece e não somos mais amigos em um café. Somos dois oponentes. Violência brilha em seus olhos, lembrando-me que ele não é meu aliado.

Eu sou rápida quando balanço minha mão e enterro minha adaga no queixo de Artur. Choque acende seu olhar enquanto suas mãos se enrolam no meu pulso numa tentativa de se libertar.

A emoção queima minha garganta, mas eu a engulo. — Eu sinto muito, — eu sussurro, estremecendo. — Matar ou morrer. Eu não posso correr o risco. — Lágrimas borram minha visão enquanto luto para libertar minha adaga de seu crânio, sua vida rapidamente drenada dele em uma piscina vermelha. Não tenho prazer em matá-lo. De fato, com tudo que vi desde que entrei nesta casa de horrores, é isso que tem bile subindo pela minha garganta. Ele era um amigo, mas já tenho muitos guerreiros atrás do meu sangue, e o pagamento da recompensa é muito tentador para alguém que quer construir um nome para si.

Especialmente um Voskoboynikov.

Seu status de Primeira Família está em jogo.

Ele teria se voltado contra mim.

Para deixar seu pai orgulhoso.

É o que fazemos.

Fogo queima no meu peito quando transformo o ódio pelos homens que dirigem nossas famílias em pura adrenalina não filtrada. Isso zumbe e murmura abaixo da minha pele, me alimentando.

O grito de Kira é ensurdecedor atrás de mim.

Giro minha cabeça para descobrir que Hiss tem um punhado de seu cabelo em suas mãos, o corpo dela achatado contra o dele enquanto ele segura uma faca em sua garganta.

— Largue sua arma, — ele avisa, aplicando pressão em sua garganta, fazendo-a gritar. Droga.

Eu jogo a faca no chão e seguro minhas mãos em derrota. Um sorriso de satisfação se espalha por seu rosto, mas se apaga quando uma multidão de homens vem correndo em nossa direção. Eles colidem comigo, me enviando contra a parede. Minha cabeça bate forte, fazendo-me perder o equilíbrio. Pés pisam em mim como uma horda de javalis selvagens. Dobro meu corpo para cima, mas uma bota colide com meu crânio, e toda a luz desaparece da minha visão.

***

Minha cabeça está latejando e todas as partes do meu corpo estão em chamas. Feridas doloridas me fazem choramingar quando eu recupero a consciência. Sinto minhas pálpebras pesadas, mas as forço a abrir. A luz é intrusiva e estremeço contra o ataque. Um forte cheiro ferroso arde meu nariz, e é então que me torno totalmente consciente de onde estou. Empurro o corpo ao qual estou deitada ao lado e me afasto. Sangue... há sangue por toda parte. Estou de volta ao começo, onde cheguei pela primeira vez. O corpo ao meu lado é de Stepan. Estendo a mão, mas paro quando vejo o corte profundo em sua garganta. A profundidade do corte deve tê-lo matado. Vlad ficará tão zangado com esse resultado. Bom.

Me assusto quando ouço um grunhido atrás de mim. Saltando de pé, minhas pernas protestam e quase caio. Instável, examino meus arredores. Existem corpos por todo o lado.

Kira?

Onde está...

Minha cogitação acaba quando a encontro. O corpo descartado, nu e mutilado da minha amiga... assassinada. Ela está sem um braço e o sangue cobre as coxas de seu estupro brutal. A tristeza toma conta de mim, e eu engasgo e vomito, trazendo a bile enquanto cambaleio até seu

corpo. Seus olhos estão bem abertos, mas sua boca foi costurada com quatro pontos. As punições de falar dos negócios com a lei e tirar da mão que te alimenta. Caio de joelhos e arrasto as pontas dos dedos sobre as pálpebras, forçando-as a fechar. Ela não merecia isso.

Um ruído uivante ecoa ao meu redor, e eu levo alguns segundos para perceber que o som está vindo de mim. Raiva, tristeza, frustração e injustiça borbulham em ondas.

— Eu gosto das gritadoras, Diana, — Hiss grunhe atrás de mim, sua bota pesada se conectando ao meu ombro, me forçando a cair de lado. Ele se abaixa e agarra meu tornozelo, me puxando pelo chão de terra. Pedras raspam minha pele enquanto chuto com o outro pé e tento me agarrar à liberdade. Estendo a mão e puxo uma das outras facas que continua presa na minha perna, mas Hiss a bate na minha mão e deixa meu tornozelo cair para agarrar minha garganta. Ele me levanta sem esforço, como se eu não pesasse nada. Arranho e bato em seu antebraço, tentando levantar meu braço e romper se aperto, mas é fútil.

Com uma sacudida de seu braço, ele joga meu corpo contra uma janela de vidro com um baque. O ar é expulso dos meus pulmões, e o pânico se instala. Eu fecho meus olhos e penso em todo o treinamento que Vas me fez passar.

Aconteça o que acontecer, mantenha a calma. Visualize a vitória, Diana.

Eu não posso deixá-los vencer. Não posso deixar Yegor me derrotar. Não posso morrer aqui.

Eu. Não. Vou. Caralho.

Ele me levanta pelo pescoço e prende minhas costas contra o vidro, meus pés mal tocando o chão. Com uma mão forte e carnuda, ele arranca minha camisa, rasgando-a em duas, fazendo com que o tecido caia, expondo meus seios a ele. Seus olhos se prendem a eles com ganância, é minha deixa.

— Você gosta do que vê? — digo sufocada por seu aperto forte, deslizando a lâmina da minha correia atrás de mim.

Liberando-me, ele sorri e se afasta para admirar minha pele nua em exposição.

Mais uma vez, caio de joelhos e corto a parte interna da coxa enquanto rolo ao redor dele.

Lento. Medido. Cuidadoso. Preciso.

Desta vez, não falho.

Afastando-me dele de bunda, eu olho para ele, esperando o gigante cair.

— Seus pequenos truques não funcionaram da última vez, Diana, e não vão funcionar desta vez, — ele rosna.

Balanço a cabeça e continuo me afastando. — Eu só não fui fundo o suficiente da última vez. — Sorrio, descendo meu olhar em sua nova ferida.

Seguindo meu olhar, ele olha entre as pernas para ver o corte profundo esguichando sangue como um furo em uma mangueira. — Que porra é essa?

— Sua artéria femoral está cortada. Você pode não sentir dor, mas você ainda é humano, — eu o provoco.

Ele balança para frente, sua pele já empalidecendo enquanto a vida flui dele. Quando ele cai pesadamente no chão, a euforia enche meu corpo.

Eu o matei.

Eu venci.

O caos por trás do vidro chama minha atenção. Yegor olha para mim quando uma briga acontece atrás dele. Sentindo-me livre pela primeira vez na minha vida, vou para onde o corpo de Hiss está deitado. Inclinando-me, passo o dedo pelo sangue, depois caminho até a janela. Eu uso meu dedo para pintar meus lábios de vermelho, depois mostro a Yegor meu dedo do meio quando termino.

Foda-se.

Você é o próximo, idiota.

Capítulo Vinte e Um

Ven

Diana...

Diana...

DIANA!

Eu me levanto, ignorando a dor no meu crânio. Ainda estou em nossa sala de exibição, só que estou em um sofá no fundo da sala, e todos os outros, menos Rus, estão na janela. Eu pulo de pé e Rus levanta as mãos para parar minha caça. Ergo um punho para trás e bato no seu rosto. Ele bate no chão como uma pedra atirada de um arranha-céu. O risinho de Vika do canto desaparece quando eu corro para as janelas, abrindo caminho através dos bastardos curtindo o show.

— Que bom que você pôde se juntar a nós, — o pai zomba. — Eu tive que ter Ronald sedando você. — Ele aponta para este "Ronald", um dos seus capangas.

Vlad sorri para mim. — Por sedar você, ele quer dizer que nocauteou você por trás com uma garrafa.

Estendendo a mão, pego uma garrafa de uma das mesas, esmagando-a antes que alguém saiba o que está acontecendo, e enterro nos olhos de Ronald.

Vlad explode de rir quando todos começam a correr como ratos para sair do meu caminho.

— Cadela, — meu pai ruge.

Volto minha atenção para ele e *vejo-a*.

Minha Diana

Ferida, ensanguentada, suas roupas rasgadas.

Mas ela está viva.

Obrigado, porra.

Luto para chegar até a janela e bato nela, mas ela já recuou. Procurando pelos monitores, observo enquanto ela atravessa a arena.

Girando nos calcanhares, corro além do caos do camarote de visualização para o corredor. As pessoas estão dando voltas, ou parecendo muito presunçosas ou furiosas. Um monte de dinheiro trocou de mãos este ano, mas não dou a mínima para nada disso agora.

Tudo o que importa é ela.

Ela pode ter me traído porque Anton distorceu sua mente, mas conheço a verdadeira Diana. Aquela na cama de hospital meses atrás era a vadia que sofreu lavagem cerebral... não a garota com quem eu me sentava no sofá, colocava os pés no meu colo e os esfregava enquanto discutíamos música e tomamos a melhor vodca russa tantos anos atrás. Vê-la depois de todos esses meses, e saber que poderia tê-la perdido permanentemente mudou algo dentro de mim. Nada importa. Nada da animosidade que passou entre nós, nem suas palavras esmagadoras ou olhares raivosos. Tudo o que eu podia ver, pensar, e me importar, era como ela parecia em meus braços. Como ela choramingou quando entrei em seu corpo. Como as palavras *eu amo você* escorregaram de seus lábios em nossos momentos vulneráveis.

Moya roza.

Ela tem malditos espinhos, e eu não poderia estar mais orgulhoso.

Vou pegá-la em meus braços e fazê-la ver, porra, que somos bons juntos. Por um breve momento, fomos. Seus sorrisos. Sua voz rouca. Sua beleza radiante como a porra do sol.

Uma rainha.

Eu a adorava.

Ainda adoro. Porra, ainda adoro pra caralho. Tempo algum pode apagá-la da minha alma.

Ela me desprezou com a as coisas que descarregou em mim. Durante meses, me afligi e senti raiva disso. Mas depois de vê-la aniquilar no The Games, percebo que uma rainha cruel pertence a um

rei vil. Comigo. Nós nascemos um para o outro, mesmo que eu tenha que forçá-la a ver isso. Ela verá isso.

Alcanço o botão do elevador, minha pele tatuada me lembrando: poder. Juntos, nós poderíamos ter todo esse maldito mundo que nossos pais criaram para nós. Eu só preciso dela em meus braços... provar que ela ainda está realmente viva.

As portas se abrem e eu entro. Batendo no botão, as portas se fecham atrás de mim e vislumbro meu reflexo. Já vi esse olhar antes. Quando meu rosto se refletiu no vidro do camarote de visualização no The Games muitos anos atrás.

Vulcânico.

Vitorioso.

Valente.

Vetrov.

As portas se abrem mais uma vez e corro para o corredor. Vou até os guardas que monitoram a entrada e saída das áreas subterrâneas. Os jogadores e peões menos importantes entram no The Games desta rota e eu conheço alguns dos guardas aqui.

— Deixe-me entrar, — ordeno, e recebo um sacudir de cabeça deles.

— Não há entradas até o final, senhor.

— Eu preciso entrar lá agora, — eu grito. Vou pegar minha garota. Ela fez o suficiente. Ela fez até demais.

— Ven, — Vas rosna atrás de mim. Eu inclino minha cabeça e cerro meus punhos.

— Achei que você estivesse vindo para cá. Você não acha que eu já tentei isso? — Ele zomba.

— Não há como protegê-la e ela provou que não precisa de nossa proteção. Está quase no fim. Deixe-a terminar, — ele avisa.

— Não posso. E se algo acontecer entre agora e depois?

Meu coração troveja como se um combustível fosse derramado diretamente em minhas veias. — Confie nas habilidades dela. Ela precisa disso, — ele diz entredentes. — Ela precisa ir até o fim. — E

com essas palavras, ele desaparece para voltar para o camarote de visualização. Porra.

Fico olhando para os monitores como se minha vontade pudesse determinar o resultado. Olhos selvagens e dilatados brilham com sede de vitória. Ela é um animal... selvagem e livre.

Prendo o fôlego quando alguém se aproxima dela, mas ela os desarma com um chute duro na rótula e um punho na têmpora. Boa menina.

Um sorriso genuíno levanta meus lábios quando ela começa a despi-los e usa as roupas para se cobrir.

Eu bato nos monitores para mantê-la na minha tela principal, meus punhos apertados quando ela entra em uma sala onde o voyeurismo é o fascínio. Ela se move para o fundo e se agacha. Ela está cansada.

— Está quase no fim, — eu sussurro, sabendo que ela não pode me ouvir.

Tique... taque... tique...

O tempo passa tão devagar. Os gemidos e murmúrios do sexo que acontece dentro da sala escoa dos alto-falantes, mas não tem o efeito desejado que geralmente ocorre. Sair é a última coisa em minha mente. Cada fibra do meu ser está me dizendo para ir até ela, mas eu não posso, estou preso aqui a observando através de monitores enquanto os segundos, minutos, horas passam.

Tique... taque... tique...

Ela não se mexeu, e nem eu. Ninguém parece ter notado que ela está descansando no fundo da sala. Ela vai fazer isso. Eu quero dar um soco no relógio correndo na tela. Meus malditos olhos ardem, e acho que não pisquei nas últimas horas.

Tique... taque... tique...

Meu coração troveja no meu peito quando o relógio atinge zero.

Uma buzina soa, e as luzes inundam o quarto em que ela está. Paredes e estruturas começam a se mover e se deslocar dentro da

arena. Portas que estavam trancadas se abrem, e é o fodido... fim do jogo.

Eu sigo a imagem de vídeo enquanto ela caminha até o portão de chegada. Ela está cercada por outros jogadores, homens e mulheres que entraram com guardas. Alguns que só entraram para buscar prazer... não de matança ou morte.

Há alguns guerreiros de segunda categoria com recompensas que eles escolheram reivindicar em vez de matar. Mas de todos os guerreiros da Primeira Família, e até mesmo guerreiros independentes que entraram e tentaram matá-la, ela é a única que vejo de pé.

Diana Volkov, vencedora dos guerreiros deste ano no The V Games, é meu prêmio e vou reivindicá-la de uma vez por todas. De todos os guerreiros que as Primeiras Famílias apresentaram, ela sobreviveu a todos.

Minha rosa do caralho.

***

Soluços.

A primeira coisa que ouço são soluços enquanto corro para o portão de onde ela está saindo. A pequena Irina segura Diana em um abraço apertado e está chorando por sua irmã mais velha. As duas mulheres se abraçam. Diana, sempre a irmã mais velha, acaricia seus dedos sangrentos através do cabelo brilhante de Irina em um esforço para confortá-la. Vas está atrás de Diana, sua mão segurando seu ombro em apoio.

Ao contrário de seu pai, Leonid, os Volkovs são uma força impressionante. Diana representou o nome deles no The Games, e ela provou o seu valor.

— Diana, — eu chamo, minha voz rouca. Toda essência do meu ser vibra dentro dos meus ossos para ir até ela.

Irina se afasta e Diana volta sua atenção para mim. Ela parece horrível. Irreconhecível. Minha elegante e linda garota foi transformada em um animal selvagem. Crostas de sangue vermelho-escuro está cobrindo seu nariz. Seu cabelo ruivo escuro está emaranhado e sujo.

Ela está usando o que suponho ser a jaqueta de Vas sobre as roupas que ela roubou de um inimigo.

Olhos azuis perspicazes e severos, me cortam como uma das lâminas que ela usou tão facilmente no The Games. — Veniamin, — diz ela, sua voz sem emoção.

Eu caminho para ela, e Irina entra na frente dela para olhar furiosamente para mim. Atrás de Diana, Vas olha intensamente para mim também. Ainda assim, eles permanecem uma frente unida.

— Diana, podemos conversar? — Pergunto, minhas palavras suaves e totalmente desesperadas. — Por favor. — Eu só quero puxá-la em meus braços, lavar os horrores, e segurá-la até que ela se lembre de quão bons podemos ser.

— Eu acho que ela passou o suficiente. Ela vai precisar de tempo, — Vas diz rispidamente, seus olhos azuis eletrificados com fúria. Ele passa o braço por cima do ombro dela e a leva embora. Parto atrás deles, mas Irina me impede segurando meu braço.

— Deixe-os, — diz ela suavemente, uma mão esfregando sua barriga.

— Eu a amo, — eu resmungo.

Irina franze a testa para mim. — Você o quê?

Eu encontro seu olhar firme como o meu próprio. — Você sabe que eu sempre amei.

Suas sobrancelhas franzem ainda mais. — Eu ouvi um boato que você e Diana estavam juntos por um tempo. Estava feliz por vocês dois. Desde aquele beijo que eu vi quando era criança... — ela sorri, — Estive torcendo por você. — Suas feições endurecem. — Mas ela era diferente naquela época. Doce e pura. E depois…

E então Anton roubou sua inocência. Forçou-a a ser mulher.

— Todo homem que ela conheceu a traiu, Veniamin. Nosso pai, Anton, Vlad e... — ela se interrompe.

E eu.

Eu a deixei lá com meu pai. Deveria saber que ele aceitou minha proposta de casar com Diana muito bem demais. Deixei-a para ser comida pelo grande lobo mau.

Uma presença opressiva me alerta para Vlad. Ele ronda em torno de mim e puxa sua esposa contra ele, suas grandes palmas se espalham sobre sua barriga de grávida. Ela relaxa contra o corpo dele, e sua sobrancelha levanta para mim como se dissesse: *Não se importe comigo.*

— Ela não pode voltar disso e ser a mesma, — sussurra Irina, sua voz tremendo de emoção. — Ela sempre foi tão forte, e estou preocupada que ela nunca será suave novamente.

Ela vai. Quando ela estiver de volta em meus braços. Vou trazer nossa Diana de volta. Minha maldita Diana.

***

Uma semana depois...

Eu olho para o meu relógio pela milionésima vez, ganhando uma risada de Rus. Meus olhos se movem em sua direção. Ele parece presunçoso pra caralho sentado em uma cadeira de couro fumando um charuto. Durante toda a semana, estivemos ocupados coletando nossos ganhos do V Games. Ruslan, apesar de ter feito zero trabalho, foi pago e parece assumir que agora ele faz parte do clube dos meninos grandes. Vika... porra, nunca pensei que sentiria pena dela, exibiu hematomas permanentes esta semana para todos verem. Eu pensei que talvez seu irmão ou pai enfrentasse meu irmão sobre o modo como ele a maltrata, mas eles ignoram.

— Você parece ansioso, pirralho. — *Irmão.* — Você está esperando por um certo vencedor aparecer? — Ele pergunta, sua sobrancelha se ergue.

Deixando escapar um fôlego profundo, ando até o minibar montado no escritório e sirvo um copo de conhaque. — Não estou

ansioso. — Mentira. — Estou ansioso para acabar com essa merda. — Mais mentiras.

— Por quê? — Ele pergunta, genuinamente confuso. — O jantar de comemoração é a melhor parte de tudo isso. Comer. Beber. Ficar muito alegre. — Seus olhos escurecem com a menção da última palavra. Coincidentemente, uma das novas empregadas é chamada Mary.

— Onde está Vika?

Ele franze a testa e seu maxilar enrijece. — Preparando-se.

Ontem à noite, no jantar, Ruslan espancou sua esposa. Normalmente, ela se levanta, mas desta vez, tive que ser o sortudo a pegá-la do chão e levá-la para seu quarto. Um dia desses, ele vai machucá-la tanto que ela não vai voltar. Eu me pergunto se Vlad e Yuri iriam notar então.

Ruslan coça a barba, e evito enrolar meu lábio em desgosto. Vê-lo com o cabelo facial crescendo como o do pai faz irritação crescer dentro de mim. Nós somos os abutres barbudos. Às vezes é quase risível. Isso me faz pensar se Diana vê meu pai... aquele que a machucou, sempre que ela olha para mim.

Meu peito dói.

Nunca serei capaz de desfazer o que ele fez com ela.

Mas quero ser o único a pegar suas peças e mantê-las unidas. Assim como quando ela se entristeceu com a perda daquele monstro Anton. Ela pode ter me dito que não éramos nada, e que eu era apenas um peão no jogo dela, mas sei que não é assim. Não sou idiota. Esta noite, pretendo encontrá-la, segurá-la e mantê-la. Eu vou mantê-la, droga.

— Eu já comecei a avaliar os possíveis lutadores para o próximo ano, — diz Ruslan. — Rodion e Zahkar me encontraram alguém digno.

Eu levanto uma sobrancelha e tomo meu conhaque de um só gole. Batendo o copo, despejo mais. — Talvez você deva competir.

Seus olhos se arregalam e ele fica boquiaberto para mim. — Eu? Eu sou casado. Terei uma família em breve com Vika. Um herdeiro do

nome Vetrov é melhor do que eu competindo, — resmunga. — Eu vou escolher um lutador habilidoso no meu lugar.

Boceta.

— Como estão nossos primos? — Eu pergunto, culpa me incomodando. Estive esperando a tempestade chegar, mas eles estão estranhamente em silêncio. Eu roubei a gatinha deles e a trouxe para o canil para ser abatida. Tenho certeza de que eles estão chateados. Com o tempo, porém, eles vão superar. Ainda estou curioso para saber como eles se sentem comigo agindo pelas costas deles assim.

— Zahkar não fala comigo, — ele solta amargamente. — Mas Rodion estava agindo como uma putinha no telefone. — Seus olhos se iluminam e seu sorriso é lupino. — Oh, ele queria que lhe desse uma mensagem.

Franzo a testa enquanto espero que ele continue. — Hoje, Rus. Pare de jogar jogos.

Suas narinas se abrem, lembrando-me de nosso pai. — Ele disse, e eu cito: 'Aquilo foi um golpe baixo'.

Com um revirar de olhos, dreno outro copo de conhaque. — Embora necessário. Rodion vai superar isso com o tempo. Tenho certeza de que ele não se queixou do bom depósito que eu transferi para a conta dele. — Por manter Kira presa todos esses meses até The Games, eles ganharam uma grande fatia.

— Agora que você mencionou, ele disse que ele e Zahkar conseguiram carros novos, — ele reflete em voz alta.

Provavelmente carros de merda combinando, porque os Loucos de Moscou são extravagantes.

Alguém pigarreia da porta e me viro para ver meu pai. Sua grande barriga se estica contra os botões de sua camisa. Ele é todo sorrisos, e sua barba espessa foi recentemente arrumada, dando-lhe uma aparência distinta e civilizada.

Pena que é uma máscara.

Ele é um diabo com dinheiro.

Não é possível camuflar isso.

Precisei de cada parte de meu controle para não usar um punhal na mão dele... para cortar a arma que feriu moya roza. Vou vingar-me dele por ela na hora certa.

Ruslan se levanta da cadeira e caminha até o pai. Eles apertam as mãos e eu dou-lhe um pequeno aceno de cabeça. É tudo que posso arranjar. Minha raiva quando estou perto dele é potente, e a única coisa que mascara isso é a fodida pilha de nervos em que me tornei em imaginar como será esta noite. Todas as Primeiras e Segundas Famílias estarão presentes no jantar de Leonid Volkov.

Leonid é um homem orgulhoso, mas é um hipócrita do caralho. Tudo o que alguém ouviu dele na semana passada é o quão incrível é sua filha, e como ele está orgulhoso dela, e como sempre soube que ela era a mulher para quebrar o modelo. Agora ela é boa o suficiente para ele. Ele não menciona como implorou a meu pai que a acolhesse por causa da vergonha que ela trouxe para o nome dele.

— Hora de ir, rapazes.

Depois que nós pegamos uma Vika excepcionalmente quieta, nós todos viajamos juntos pela cidade. Temos acesso a estacionamentos separados na mansão Volkov, considerando nossa classificação dentro de nosso mundo depravado. Centenas de carros se alinham na propriedade, e a terra coberta de neve é iluminada com tendas gigantes. No interior, eles serão extravagantes, sem gastos poupados e aptos a servir aos reis. Os verdadeiros reis, no entanto, vão jantar na casa principal. Apenas as primeiras famílias. Até a hora do jantar, espera-se que você troque ideias e converse com as pessoas que estão abaixo de nós. Eu odeio essa coisa.

Eu só quero falar com ela.

Quando paramos em um estacionamento coberto, um dos funcionários de Volkov abre a minha porta. Ando pela casa e ponho meu casaco na recepção. Então, eu procuro meu prêmio. Homens e mulheres tentam me impedir ao longo do caminho para me parabenizar por obter a garota Baskin. Concordo com a cabeça educadamente e deixo meu irmão e meu pai para aproveitarem a glória.

— Ven, — uma voz profunda cumprimenta.

Eu me viro, encontrando um Vas sorridente encostado em um pilar. Seu cabelo castanho escuro foi bagunçado e penteado para trás com gel em um desses estilos que só os de boa aparência podem usar. A última vez que o vi, ele estava preocupado e com raiva. Agora, ele é o bastardo presunçoso que conheço muito bem.

— Vas, — eu saúdo, oferecendo a minha mão.

Ele sacode, em seguida, cruza os braços sobre o peito. — Aproveitando os mimos da sua recompensa? Todos eles conseguiram o show que queriam com Kira. Colocado uma tonelada de dinheiro no seu bolso.

Eu grunho em resposta, meus olhos seguindo a sala de homens e mulheres vestidos com seus melhores trajes black-tie. — Apenas mais um ano sendo um Vetrov. Como se sente ao ser um Volkov e estar ligado à vencedora do V Games?

Seus olhos brilham com maldade. — Bastante incrível.

— E Diana? Como ela está?

Ele enrijece o maxilar e olha para longe. — Ela está bem.

Quero estrangulá-lo por uma resposta tão vaga. — Suas feridas...

— Eu disse que ela está bem, — ele diz rispidamente. Então, ele puxa a gravata borboleta e olha atrás de mim. — Ah, olhe. Os Vasiliev decidiram aparecer.

Virando, noto Vlad e Irina primeiro. Ele está vestido como o filho da puta que ele sempre é, mas Irina parece especialmente bonita. Seu cabelo loiro foi enrolado em ondas que pairam sobre os seios, que estão maiores pela gravidez. O vestido preto que ela usa envolve seu corpo e mostra sua barriga crescente. Vlad, que não é um homem de mostrar suas intenções com muita frequência, e tem o braço em volta da cintura dela possessivamente. Seu olhar é feroz, como se desafiasse alguém a encará-la de forma errada, ou enfrentasse uma segunda rodada do V Games bem aqui na festa de comemoração. Ela é sua fraqueza. E eu entendo isso, porque a irmã dela é a minha.

— Inacreditável, — Vas assobia.

Não é preciso muito para me chocar, mas quando vejo Yuri, fico chocado sem palavras. O velho está mais elegante do que nunca em um terno de três peças, parecendo poderoso. Ele é sempre um que aparece como se ele administrasse tudo, mas é o que ele tem em seu poder que me deixa surpreso.

Uma coleira.

Brilhante, incrustado com diamantes.

Anexado ao pescoço de uma jovem nua. Seu cabelo foi puxado ordenadamente em duas tranças marrons e seu rosto foi pintado com maquiagem. A única coisa que ela usa são luvas pretas e uma porra de rabo peludo.

— Isso é um plug anal? — Eu pergunto a Vas.

Quando olho para ele, seu rosto está totalmente concentrado em Yuri. Seus punhos estão cerrados e seu rosto está ficando roxo de raiva. Ele começa a avançar, mas eu aperto seu braço, parando-o.

— Seja o que for que você está prestes a fazer, — eu assobio baixinho, — não faça. Aqui não.

Ele olha irritado para mim, mas me dá um aceno cortante. — Eu vou matar aquele filho da puta um dia.

Eu o solto e dou um tapa nas costas dele. — Somos mais espertos do que eles, — digo a ele, referindo-se aos nossos pais. — Lembre-se disso.

Ele se afasta de mim, e fico olhando para Yuri enquanto ele desfila seu animal de estimação em torno do jantar, como se isso fosse normal. É estranho pra caralho, mas nossos pais continuam ficando mais ousados e atrevidos em sua velhice. Como se soubessem que vão bater as botas a qualquer momento e querem morrer em grande estilo. Quando aplausos entram em erupção, chamo minha atenção para as escadas da casa dos Volkov. As mesmas escadas que eu segui Diana até o quarto dela todos aqueles anos atrás.

Mas a mulher que está no topo da escada não é uma menina adolescente. Não, uma rainha olha para o seu povo. Régia. Fascinantemente bonita. Poderosa. Ela está vestida com um vestido

longo e justo de lantejoulas vermelhas. Seu decote em V desce baixo em seu peito, revelando seus amplos peitos para todo mundo ver. Meu pau está duro, junto com todos os outros homens com um pau funcionando nesta sala. Ela usa luvas pretas de seda que vão até os cotovelos. Seu cabelo ruivo escuro foi torcido em um penteado alto, mostrando o seu pescoço longo e elegante. É como se alguém lavasse os horrores do The Games diretamente de sua pele. Sem sangue. Sem contusões. Perfeição. Eu sei, depois de tudo o que ela passou, ela ainda está se curando, mas ela de alguma forma conseguiu cobri-lo com maquiagem.

Ela desce o primeiro degrau, e sua coxa cor creme espreita para fora da fenda em seu vestido. As pessoas suspiram e comentam alegremente sobre o quão maravilhosa ela é. Uma semana atrás, eles estavam apostando contra ela e planejando sua morte.

Ela está muito viva.

O colar brilhante que ela usa no pescoço brilha e capta a luz do teto. Não perco o fato de que é um que eu dei a ela quando estávamos juntos. Ela pode odiar o chão em que piso, mas ela sempre foi sentimental da maneira que importa. Quando ela vira a cabeça de lado, vislumbro uma presilha de falcão peregrino cravejado de rubi preso ao cabelo.

Sua coroa.

Se ela se abrisse para mim, eu me curvaria a seus pés agora e a adoraria toda. Algo me diz que não será assim tão fácil. Não depois de tudo que esta mulher poderosa passou. Vai ser como minha passagem pelo The Games. Tudo depende da minha capacidade de ser o vencedor.

Ela desce as escadas e começa a circular na sala. Como ela costumava fazer antes de tudo explodir com Anton e Vlad. Ela está à vontade. Nada vai detê-la. Essa mulher vai deixar toda a Rússia de joelhos... e em breve. Está no brilho nítido e implacável em seus luminosos olhos azuis.

Eu só quero ser o homem ao seu lado, chutando bundas a cada passo do caminho ao lado dela.

Durante horas, vejo-a se misturar, sorrir e rir. Eu os vejo bajular e elogiá-la. Observo-os, indignadamente, como tomam seu precioso tempo... tempo que seria melhor gasto comigo. Quando a noto falando com um nanico de uma das segundas famílias, entro em cena.

— Dá o fora, — digo ao adolescente que não consegue parar de olhar para os seios dela.

Ele começa a reclamar, mas pensa com sabedoria antes de fazer isso. No momento em que ele se foi, olho para o intenso olhar de Diana.

— Diana, — eu saúdo.

Seus lábios carnudos e vermelho-sangue franzem levemente. — Veniamin.

— Parabéns pela sua vitória, — digo baixinho, estendendo a mão.

Ela fica tensa, mas decide que é mais importante manter as aparências do que me dispensar na frente de todos. Sua delicada mão enluvada, que massacrava homens e mulheres a torto e direito há uma semana, é capturada em meu forte aperto. Eu cubro nossas mãos unidas com a minha esquerda e não a solto.

— Você foi brilhante. — Minhas palavras são apenas um sussurro.

Ela tenta puxar a mão, mas eu sou mais forte. Seu olhar examina a sala e se prende a meu pai. Há um lampejo de algo em seu olhar, mas não tenho certeza se é medo ou fúria. Tudo o que faz é me fazer atraí-la para perto de mim. Sua mão livre agarra meu ombro para não cair contra o meu peito. — Se você me der licença, eu preciso ir.

Eu rio, mas é sombrio. — Não até nós conversarmos.

— Você está sendo difícil, — ela fala.

— Como você.

Seus olhos azuis brilham com fúria. — Solte-me.

— Só se você prometer dar um passeio comigo.

— Não posso. — Ela olha de novo na direção do meu pai, que olha diretamente para nós.

— Não se preocupe com ele, — eu digo com convicção. — Você nunca precisará se preocupar com ele novamente, Diana. — Falo

absolutamente a sério dessa vez. Eu o mataria na frente de todo mundo se ele tentasse machucá-la.

— Você está certo. Eu não tenho que me preocupar com ele. Não mais. Cinco minutos, — ela diz rispidamente. — Vamos.

Com meus olhos nos dela, levanto nossas mãos. Seu olhar cai para minha mão esquerda que está por cima. O fogo em seu olhar é apagado quando ela usa esse foco inteligente pelo qual ela é conhecida. Tantas vezes na cama, e ela nunca viu, e pensei que era atitude de mulherzinha apontar isso. Sabia que um dia ela veria, e seria na hora certa.

— As rosas, — ela murmura, as sobrancelhas franzidas. Sua mão sai do meu ombro, e a ponta da mão enluvada traça o D oculto nas rosas e videiras no meu polegar. E então o I no meu indicador. A, N e A estão nos dedos restantes. — Presunçoso, você não acha? — Ela sussurra, suas palavras não tão venenosas quanto provavelmente pretendia.

— Tenho isso tatuado na minha mão desde que tinha vinte anos de idade, Diana. No mesmo dia, tive PODER tatuado no outro lado. Eles são um só para mim.

Ela engole em seco e endurece seu olhar. Levantando o queixo, ela diz: — A conversa. Cinco minutos.

Eu beijo as costas da mão dela e começo a andar. Eu não a solto.

Juntos, nossas mãos unidas, eu a acompanho através da multidão de pessoas, mostrando a todos a quem ela pertence. Mesmo que ela não tenha aceitado isso ainda. Ela pode ser uma potência, mas ela precisa do domínio, da reivindicação grosseira e ardente de um amante. De um homem. Ela precisa de mim. Eu deveria ter ficado no quarto do hospital e me recusado a sair. Mostrado a ela que não iria fugir. Que não iria abandoná-la. Não vou vacilar quando testado. Eu falhei com ela. Mas nunca mais. Eu vou dar a ela o meu lado negro que ela anseia. Escuridão e luz, firme e suave… vou dar a ela tudo.

Abro a primeira porta a que chegamos, eu a empurro e a fecho atrás de nós. É um pequeno lavabo. Nenhum lugar para ela fugir. Bom.

— Fale, Ven, — diz ela friamente.

Eu a empurro, inalando seu doce aroma floral. Ela recua, mas sua bunda bate na parede. Não há realmente nenhum lugar para ela ir, e na realidade, ela não quer fugir para qualquer lugar. Seus olhos estão em chamas, porque não importa quanto tempo se passou desde que estive dentro dela, ela ainda pode me sentir lá, como as coisas eram quando éramos apenas nós naquele momento. Suavemente, envolvo minha mão ao redor de sua garganta e pressiono minha testa na dela. Ela respira fundo.

— Pare.

Recuo e considero sua expressão hostil. Metade dela reage à minha proximidade e à familiaridade disso, enquanto a outra metade está na defensiva e com medo. Passando meu polegar ao longo do lado de sua garganta, eu a acaricio.

— Eu te dei tempo, — digo a ela. — O tempo acabou.

Ela olha para mim. — Não vai dar certo. Nós não podemos.

— Sim, nós podemos.

Quando ela começa a se mover, eu aperto mais sua garganta e a mantenho no lugar. Meus lábios salpicam beijos suaves em seu lindo rosto. Ela estremece quando beijo o seu nariz. Eu me lembro do jeito que ela foi esmagada contra o vidro. Sem dúvida, ainda dói. Suavemente, beijo para afastar a dor. Sua pulsação sob o meu polegar é errático e trovejante. Deslizo minha outra mão para seu quadril.

— Encare isso, moya roza, — eu murmuro. — Nós estamos destinados a governar este mundo juntos. Foi predestinado muito antes de nossos pais decidirem qualquer coisa. Nós tomamos essa decisão. Talvez tenha sido em silêncio, mas ainda assim uma decisão. No momento em que você me beijou naquele corredor quando tinha dezesseis anos, ficamos ligados. Eu sabia, e esperei até você estar pronta.

— Eu nunca estarei pronta, — ela diz sufocada.

— Você vai, — eu rosno e belisco o lábio inferior . — E quando eu achar que você está pronta, estarei lá para você.

Ela me empurra, mas pressiono meus quadris contra os dela, prendendo-a contra a parede. Um gemido suave escapa dela, me estimulando. Deslizo a palma da minha mão pela sua garganta até o seu queixo, e viro seu rosto para que possa beijá-la. Ela separa seus lábios e eu não perco tempo. Eu beijo sua boca perfeita. Provo sua alma.

Sua língua duela com a minha, dois iguais tentando estabelecer o domínio. Nenhum de nós ganha. Somos superados pelo outro e é absolutamente bonito. Posso dizer o momento em que ela cede porque seu corpo relaxa, suas palmas pousam no meu peito, e então ela está me tocando avidamente. Eu a beijo com uma promessa. Com meus lábios e língua, juro-lhe que cuidarei dela.

— Ven... —Meu nome gemido em seus lábios é o suficiente para quase me deixar de joelhos. Mas então o feitiço seria quebrado.

Eu a beijo mais profundamente, silenciando-a.

Suas palmas voam pelo meu pescoço até o meu maxilar. No momento em que suas mãos tocam minha barba, ela endurece. Eu quase gemo frustrado, sabendo que acabou.

— Vetrov, — ela sibila, sua palavra falada com desgosto.

Eu me afasto para olhar para seu rosto furioso. — Eu não sou ele. — Beijo sua boca novamente, mesmo que ela pareça há segundos de me estripar.

— Mas você é parte dele. — Ela engole em seco, uma tristeza sombreando suas feições e drenando sua fúria de momentos antes.

— Isso não é justo, — resmungo, descansando minha cabeça contra a dela.

— O que ele fez comigo... — Ela estremece, sua mão descansando sobre sua barriga lisa.

— Eu não sabia, Diana. Deus, eu não sabia, porra. Pensei que você tivesse caído. Perdi tudo naquela noite também. — Coloco minha mão sobre a dela, descansando em sua barriga, a dor me atravessando. — Você me disse que o bebê era meu.

Ela balança a cabeça, me empurrando. — Eu não disse essas palavras, Ven. Você apenas presumiu isso, e eu permiti. Estava errada por isso, eu sei. — Sua voz ganha volume. — Mas olhe onde eu estava e as razões pelas quais estava lá. — Ela movimenta as mãos, como se pudesse me implorar para entender só com o gesto. — Fui descartada depois de ser enviada para casar com alguém que não amava. Eu só deveria obedecer e fazer o que me foi dito, e quando eu quebrei as regras, minha vida se tornou suja. Tudo o que eu trabalhei para me tornar, todo sonho que tive, foi levado. — Lágrimas iluminam seus olhos enquanto o fogo acende em suas veias. — Você não me tratou como eles, como eles esperavam que você tratasse. Eu nunca pensei que você iria me querer depois que aquilo aconteceu, e lá estava você, me curando, me aceitando, me fortalecendo quando me senti tão pequena e sem valor, — ela chora.

Eu quero envolvê-la na segurança dos meus braços, mas sei que ela não terminou e precisa falar disso.

Ela funga e limpa uma lágrima perdida. — Eu tive esperança pela primeira vez na vida, e então descobri que estava grávida. Era tarde demais. Eu já estava muito envolvida. Você estava enraizado dentro de mim, Ven. A ideia de te perder depois de nunca ter realmente nada foi só…

Eu a puxo em meus braços, mas ela empurra meu peito.

— Sinto muito pela mentira. — Ela me olha intensamente nos olhos. — Sinto muito pela dor que causei a você. Isso era o que eu queria evitar.

— Você poderia ter me contado. Eu teria superado isso. Por que você me afastou? — Imploro para saber.

As linhas desaparecem em sua testa e ela se endireita, alisando o vestido. — Porque seu pai bastardo preferiria outro filho sob a terra, do que de braços com a desonrada, — ela afirma, de fato.

Filho da puta.

— Ele pagará por tudo que fez com você. Marque minhas palavras, — eu prometo. — Nós vamos fazê-lo pagar. Eu juro.

Sua raiva se derrete e ela levanta o queixo. Ela me dá um pequeno empurrão, até que minhas costas estão pressionadas contra a outra parede. Um sorriso puxa seus lábios, e perversão brilha em seus olhos enquanto ela endireita minha gravata borboleta.

— Eu sei, Veniamin. Acredite em mim, eu sei.

Ela começa a se afastar, mas agarro seus quadris.

— Diana... — Franzo a testa para ela. — O que você quer dizer?

— Quando se mora entre os lobos, — ela me diz, puxando suavemente minha barba, — aprende-se a jogar como um.

Com isso, ela corre do lavabo, me deixando confuso e com uma ereção. Não tenho tempo para processar suas palavras porque Ruslan aparece quando saio atrás dela.

— O jantar está começando, — diz ele, apertando com força o braço de Vika.

Ela estremece, mas não se afasta. Fogo resplandece em suas esferas ambarinas, me lembrando muito de Vlad. Eu vi esse olhar em seus olhos quando o treinei para The Games. Como ele ficava chateado por apanhar de mim repetidamente. Então, ele só explodiu. Ficando louco pra caralho. Vika nutre a mesma raiva. Está arranhando a superfície. Ruslan merece as garras.

Eu os sigo para a sala de jantar preparada apenas para as Primeiras Famílias. Por uma questão de respeito, Leonid Volkov deu sua posição de chefe de mesa para o meu pai. Yuri sempre lidera os jantares de comemoração, já que é todo o seu show, mas apesar da vitória Volkov, Leonid sabe, financeiramente falando, que os Vetrovs os superam. Papai se senta em uma das pontas, e começa a assediar uma das empregadas. Eu localizo Diana e a escolto para se sentar ao meu lado. Ela se senta, sem discutir, e eu tomo meu assento entre ela e meu pai. Rus e Vika sentam-se à nossa frente, com Vas à esquerda de Vika. Irina se senta ao lado de Vas, e Vlad está entre ela e Yuri, sentada no outro extremo. Em frente a Irina está Leonid e Iosif e Ivan Voskoboynikov. Ambos os Voskoboynikovs usam expressões sombrias

por uma infinidade de razões. Eles perderam seu amado filho e irmão, e estão prestes a perder seu lugar nesta mesa.

Yuri estala os dedos, e seu pequeno animal de estimação vem rastejando do canto da sala para se sentar no chão ao lado dele. A expressão feroz de Vas quase não é contida. Felizmente, ele tem Irina para acalmá-lo. Ela dá-lhe um sorriso suave e diz algo para ele. Ele relaxa e acena para sua irmã.

Enquanto Yuri e meu pai se revezam parabenizando a todos pelos V Games deste ano, eu me inclino e sussurro para Diana. — Falei a sério o que disse.

Ela vira a cabeça e sorri para mim. Fria. Calculada. Perfeitamente linda. — E eu falei a sério o que disse.

Do outro lado da mesa, Vika permanece em silêncio, seus olhos malignos brilhando. Ruslan a apalpa sob a mesa e belisca seu pescoço, mas ela não age com nojo como de costume. Seus olhos estão em Diana. Se eu não a conhecesse melhor, diria que essa cadela está interessada nela.

Algo está prestes a acontecer.

Posso sentir isso.

Essas duas mulheres poderosas sabem disso.

Empregados começam a trazer o primeiro prato da refeição chique de hoje.

Quando Diana pega a faca na mesa, eu a paro com a mão na coxa dela. — Não faça isso. Você não vai chegar até ele antes que um de seus guardas lhe corte a garganta.

Ela ri e é sexy pra caralho. Malvado, mas sexy. — Oh, Ven, não sou tão imprudente. — Relaxo na cadeira e olho para Vas. Ele voltou a usar sua expressão presunçosa. O jantar continua, através de cada prato sem ninguém ser esfaqueado. Pai pode merecer isso, mas eles a matariam em um instante. Vou matá-lo eu mesmo, mas não pode ser aqui. Precisamos encobri-lo e fazer com que pareça um acidente, ou eu poderia simplesmente cortar sua garganta aqui, e exigir tomar seu assento no trono Vetrov. Não consigo pensar em nada que eu queira

menos do que governar seu império. Prefiro deixar desmoronar e construir o meu e o de Diana das cinzas.

— Você tem alguma coisa a dizer? — Papai pergunta a Diana. Eu quase cuspo minha bebida ante as possibilidades de coisas que ela gostaria de dizer. Ela é feroz enquanto se senta lá entre todos os homens que a machucaram. Eles tentaram roubar tudo dela, mas aqui está ela, forçando todos a testemunhar sua grandeza.

Ela se endireita e demora-se olhando para cada pessoa na mesa antes de falar. Quando fala, ela é elegante e com classe. — Obrigada a todos por esta noite adorável. Não posso imaginar qualquer outro lugar que preferiria estar além de estar aqui. Agora mesmo. Está perfeito.

O pai franze a testa e toma a bebida, seu olhar nela. — Isso mesmo? Talvez você deva nos contar sobre como tentou salvar a garota Baskin. Uma traidora da Primeira Família. O que acontece na arena, fica na arena, sim. No entanto, adoraria saber por que você... — Ele range os dentes, seu rosto ficando vermelho. Seus dedos gordos puxando seu colarinho e gotas de suor se formam em sua testa. — Jesus, que tipo de pimenta você colocou nessa coisa? — Ele rosna, depois empurra uma empregada próxima a ele. — Encontre-me algo que não tem gosto de mijado pelo diabo.

Ela se arrasta para pegar o prato e sai com ele. Outro empregado reabastece sua bebida e foge. Ele a engole. Seu rosto vai de vermelho para roxo. Leonid pega uma empregada e sussurra em tom áspero, sem dúvida, passando uma mensagem para o chef.

— Eu adoraria saber por que você pensou que poderia salvar aquela boceta, — o pai sibila para Diana. — Ela... ela... — Ele tosse e seus olhos lacrimejam. — Traga-me outra bebida, inferno!

Diana se levanta e vai até uma mesa de serviço. Ela serve uma bebida e depois vem para o meu pai. Meus nervos estão no limite quando ela pousa a bebida e ele a agarra.

Ele engole, mas depois começa a tossir e engasgar. Um gemido dolorido escapa dele enquanto ele agarra sua garganta, e seus olhos se arregalam quando olham para Diana. — Leite? — Ele engasga.

Seu sorriso é de vitória, uma piada interna, talvez.

Ruslan pula de pé e começa a bater nas costas do pai.

— Eu acho que ele está engasgando! — Meu irmão grita.

Ninguém se move.

Vika ri.

— Vika! — Ruslan rosna.

— Oh não, — ela diz falsamente.

O pai encara Diana enquanto ele fica sem ar. — V...você... — Outro ataque de tosse. As pessoas correm em seu auxílio. Não são pessoas da nossa mesa, além do meu irmão. Todos nós olhamos para ele. Quando ele não consegue recuperar o fôlego, ele cai para frente. Seu rosto bate na mesa com um *ruído* alto e ele cai para o lado. Pesado com seu corpo deslocado de um lado, a cadeira tomba e ele cai no chão. Diana o evita e caminha de volta para onde eu estou sentado, olhando para o corpo rígido do meu pai. Yuri começa a cheirar a comida em seu prato, e Vlad empurra o prato na frente de Irina para o meio da mesa e fica em pé.

Tiro meu olhar do meu pai agonizante e o viro para Diana. Ela pega a taça de vinho e saúda o ar, enquanto Vika faz o mesmo, depois bebe da taça.

— Ele está morto! — Ruslan grita. — Pai está morto!

Não me diga.

— É veneno! A comida! — Yuri berra, apontando uma faca para Leonid.

Leonid pula de pé. — Impossível.

— Se há algo nessa comida... — Vlad ruge.

— Pare! — Eu grito, levantando da minha cadeira. — Não é a comida. Papai estava doente.

— O quê? — Rus engasga, olhando para mim de joelhos. Ele está checando por pulsação, apesar de anunciar a morte do nosso pai momentos antes.

— Coração fraco. Ele sabia que isso estava por vir. Um ataque cardíaco, — eu resmungo. — O médico estava justamente dizendo a ele que se ele continuasse no ritmo que estava indo, seu coração iria falhar.

Diana dispara os olhos para os meus em questão.

Sim, baby, estou salvando sua bunda.

— Bem, isso é lamentável, — diz Vlad, sorrindo. Ele retoma seu lugar e puxa o prato de Irina de volta para ela. Seu nariz se contrai e ela esfrega sua barriga redonda.

Vas está sorrindo como um gato que comeu o maldito canário.

— Eu vou chamar uma ambulância, — diz Diana, pousando a taça.

— Já ligamos para eles, madame, — informa um empregado.

— Muito bem. — Ela sorri e continua sua saída.

— Diana, — eu digo a ela. — Nós não terminamos.

Seu olhar se encontra com o meu e ela balança a cabeça. — Mas nós terminamos, Ven. Você é o rei Vetrov agora.

— Isso não é o que eu quero, — eu digo baixinho, então só ela pode me ouvir.

— Você não pode ser meu salvador, — ela sussurra. — Eu não preciso de um anjo da guarda, não mais.

— Foda-se, você não precisa de um anjo. Você precisa de um demônio. Você precisa dos demônios dentro de mim. Você é um anjo negro e, juntos, o anjo e os demônios podem criar um novo mundo, um novo império.

Um lampejo de tristeza brilha em seus olhos, mas depois ela pisca e endurece o olhar.

— Adeus, Veniamin. Minhas condolências pela morte de outro urubu barbudo. — Ela bate os cílios e depois se vai. Eu sinto os olhos em mim dos idiotas ainda sentados ao redor da mesa, como se não houvesse uma fodida pessoa morta, que todos conheciam a maior parte de suas vidas no chão. Eles olham para mim como se estivessem esperando orientação.

— Veniamin? — Rus pergunta, olhando para mim. Ele é patético. Ele cultivou uma barba irregular, mas ele não produz nenhum poder. Isto é o que resta do nome Vetrov.

— Parece que o jantar acabou, — afirmo sem rodeios.

E então eu saio. Tenho planos para colocar em movimento.

Capítulo Vinte e Dois

Diana

Gritos.

De novo e de novo.

As súplicas.

Estou grogue quando acordo do pesadelo que se repete todas as noites desde o The Games. É escuro como breu no meu quarto de infância e velhos medos substituem os recentes.

Ele está morto.

Anton morreu há quase um ano nas mãos de Vlad.

Estou segura.

Eu rolo e olho para o relógio de cabeceira. 3:49 da manhã. Meu pai me pediu para ficar para que pudéssemos discutir o meu futuro amanhã. Certamente não devo isso a ele, mas uma parte minha está curiosa para ver o que ele tem a dizer, para que eu possa ter um grande orgulho em dizer a ele para ir para o inferno, o bastardo. Ele foi o primeiro homem a partir meu coração. Ele me encheu de convicção de que eu poderia ser mais do que apenas uma esposa, então tirou isso e me passou como um prêmio apenas para me deserdar quando eu não estava tão brilhante quanto ele pensava. Vas prometeu comparecer a esse café da manhã comigo. Ele tem sido mais que um irmão. Ele tem sido meu amigo. Quando me senti só, ele era o único em quem eu podia confiar, e ele e Vika me ajudaram em minha vingança.

Meus pensamentos vão para a noite passada no jantar de comemoração. Vika e eu assistimos com alegria quando aquele monstro deu seu último suspiro. Poético, realmente. Morrer em uma mesa de jantar. Ele gostava de salas de jantar... é onde ele nos brutalizou. Quando Vika me contou sobre ele estuprá-la, senti-me ainda mais vingada por matá-lo. Depois de meses de reflexão e planejamento, nós três, Vika, Vas e eu, planejamos o assassinato perfeito. Morte por

escorregar drogas em sua comida, mascarada com um pouco de pimenta. A droga força o coração a acelerar, causando um ataque cardíaco. É a perfeição, já que os traços somem muito rápido para que as provas apareçam em uma autópsia, e só bastou distração e sedução com uma das empregadas para colocá-lo em sua comida. Eu planejei o leite e programei para que ele soubesse em seu último suspiro quem era a responsável. *Era eu, seu filho da puta*. Por mais que eu quisesse cortar sua garganta, era mais satisfatório vê-lo morrer de uma maneira tão indigna. Poético foi vê-lo se contorcer de dor no chão da sala de jantar. Ele me roubou a vida no chão de uma sala de jantar. Ele pegou algo de Vika sobre a mesa da sala de jantar. Foi tão apropriado. Todos olhavam para ele com pena nos olhos. Seus hábitos alimentares e falta de exercício o levaram a esse ponto.

Pobre Yegor Vetrov.

E agora, por padrão, Veniamin liderará essa família. Eu não fiz isso por esse resultado, mas estou feliz que ele tenha algo a reivindicar para si mesmo. Ele sabia que fui eu quem matou seu pai, e me acobertou. Me assusta o quanto eu ainda o amo. E depois de tudo que passou entre nós, ele me deu a morte de seu pai. Às vezes, quando penso nele, é difícil respirar. Ontem à noite, ele e eu no lavabo, foi irresistível. Eu quase perdi o foco. Quase deixei a porra do urubu barbudo me prender e me comer pedacinho por pedacinho. Ele me desarma e alcança o meu interior, me consumindo.

Ven me enfraquece.

Os pensamentos e sentimentos por ele que nunca somem e me sobrecarregam.

Apaixonar-me por ele não era como derrota, afinal; era mais como aprender a andar de novo e depois criar asas e voar... vendo o mundo de uma altura que eu não sabia que existia antes.

Mas como sempre, tive que pagar pelos egos dos homens, e ele foi tirado de mim. Fui forçada a libertá-lo... e ele me permitiu. Ele saiu e foi ser o homem que seu pai criou. Vas me disse que foi ele quem trouxe Kira para os jogos. Que ele estava treinando Hiss, embebedando-se em

um estado de estupor toda noite e levando prostitutas para sua cama. A agonia de saber isso foi torturante. Eu sei como esses homens trabalham, vivi com eles toda a minha vida, mas quando o acusei de ser como eles, ele provou que eu estava certa, e quebrou algo dentro de mim. Mas eu me tornei mais forte. Sou uma lutadora. Uma sobrevivente. Uma leoa ferida, mas ainda poderosa... ainda pronta para rugir. Ele quase me pegou naquele banheiro, quase me fez sucumbir a ele, mas preciso manter o foco. Um babaca morto, falta mais dois. Yegor, Yuri e meu pai precisam sumir. Seus filhos têm melhor senso do que eles. Mesmo Vlad e Vika, gerados pelo próprio diabo, mostram mais valor e honra do que seu pai. É hora de limpar a casa e se organizar.

Permito-me um momento egoísta para pensar sobre o que poderia ter acontecido se o bebê de Anton e o subsequente aborto não tivessem sido jogados bem no meio do meu florescente relacionamento com Ven. Tenho certeza de que teríamos nos apaixonado cada vez mais profundamente. Eu teria dado a ele filhos ou filhas. Eu teria dado a ele minha mão em casamento. Meu tudo.

Mas, como sabia quando tinha dezesseis anos, olhando para o homem que secretamente amava e adorava, essas não eram as cartas que eu recebi. Minha mão era um baralho cheio de reis, e eu era a rainha que tinha que estar no topo. Não podemos voltar a ser dois jovens inocentes que querem mais do que o que lhes foi destinado.

Estou prestes a adormecer quando ouço um rangido. Reconhecimento pinica me fazendo arrepiar. Flashbacks do The Games me assombram. Como me escondi naquele quarto com Kira e desejei que tudo isso acabasse. O estado constante de adrenalina em que estive. Minha reação de luta ou fuga aumentou desde aquele dia fatídico. Estou sempre no limite. Não confiando em ninguém.

Meus pensamentos assombrosos levam a lembranças. Dos tempos em que Anton se esgueirava, arrancava minhas roupas e me brutalizava. Como, apesar do horror, eu comecei a amar isso. Ansiava por isso. E é por isso que não presto para esposa como Irina. Não estou contente em me sentar no banco de trás e deixar alguém dirigir. Eu

tenho sede do perigo. Eu quero jogar os jogos. Sou corrupta e quebrada... como *eles*.

Rangidos.

Meu coração palpita até parar. Tento ouvir sons e lentamente estico minha mão em direção à mesa de cabeceira onde minha arma está. No momento em que meus dedos tocam a mesa, meus piores medos se realizam. Um homem limpa a garganta e depois ataca.

Começo a gritar quando ele me prende e empurra um pano contra o meu nariz. Meu corpo perde toda a energia enquanto a escuridão me rouba.

Não.

Eu deveria saber que eles ficariam insatisfeitos com a minha vitória. Vas até me avisou para tomar cuidado.

Eles nunca me deixariam viver apesar das regras de nenhuma vingança feita fora do The Game. Regras foram feitas para serem quebradas.

***

Eu acordo e meus sentidos estão inundados. Suor. Jogo decisivo. Violência. Eu estou em algum lugar escuro, exceto uma lâmpada solitária acima da minha cabeça. Eu não posso ver além do círculo de luz brilhando sobre mim. Mas posso sentir outra pessoa. Fui amarrada a uma cadeira. Meus tornozelos estão presos firmemente em cada perna e meus pulsos estão amarrados na minha frente. Ainda estou de camisola e calcinha. Pequenas vitórias.

— O que você quer? — Eu exijo, mantendo minha voz fria. — Quem mandou você?

Pelo menos se vou morrer, quero saber quem assombrar.

Metal bate sobre metal atrás de mim. Como se alguém arrastasse um objeto metálico ao longo de uma cerca de arame.

Clink. Clink. Clink. Clink.

Tento inclinar meu corpo para procurar meu agressor. Uma sombra grande e escura caminha ao longo do perímetro.

Clink. Clink. Clink. Clink.

— Se você está tentando me assustar, não vai funcionar, — eu assobio, furiosa que sou vítima de alguém.

Clink. Clink. Clink. Clink.

— Pode muito bem fazer isso rápido, — digo quando o grande corpo sombreado entra em minha visão. — Prefiro que você corte minha garganta e acabe com isso. Juro a você que a boceta não vale a pena. Quem te mandou? Quem pagou por isso? Os Vasilievs? Os Voskoboynikovs?... Os Vetrovs?

O homem, alto e musculoso, hesita ante minhas últimas palavras, depois entra na luz. Ele usa uma máscara de esqui e segura a mesma faca que usei para matar Hiss. Suas luvas pretas de couro estão apertadas em suas mãos grandes, e sua camisa preta de mangas compridas está colada a ele. Silenciosamente, como uma pantera, ele me persegue. Brincando comigo. Filho da puta. Quando ele estende a mão rapidamente e agarra a frente da minha camisola, solto um grito de surpresa. Ele puxa-a para frente e passa a faca no tecido.

Com meus pulsos amarrados, ele é incapaz de tirá-la completamente, mas agora meus seios estão expostos a ele. Ele agarra um e apalpa. Eu cuspo em seu rosto coberto de máscara. Seu corpo se afasta, e por um momento, me preocupo que ele vai cortar minha garganta naquele momento. Ele vira as costas para mim e tira sua máscara de esqui, limpando o cuspe que esperançosamente o atingiu nos olhos.

O terror invade minhas veias. Um homem com a cabeça raspada e tatuagens na nuca, limpa o rosto com a máscara. Luto contra minhas amarras. Um tornozelo não está preso tão apertado quanto o outro. Eu me contorço e puxo, esperando soltá-lo. Ainda estou focada nos meus esforços quando ele se vira. Seu rosto está inclinado para o lado e a pura fome animalesca brilha em seus olhos verdes. Paro de puxar meu tornozelo para ficar boquiaberta para ele.

Um anjo vingador.

Um diabo sombrio

Assustador e bonito.

Maxilar definido. Nariz orgulhoso. Garganta masculina.

Eu me lembro dele desde a minha infância. Quando eu tinha apenas doze anos de idade. Olhei para ele da parte rasa da piscina e vi quando ele tirou a camisa, revelando seu torso magro. Eu me apaixonei então.

Com um sorriso maroto, ele agarra a bainha de sua camisa preta e a arranca. O peito deste homem não está à mostra como o adolescente da minha juventude. Em vez disso, ele é uma obra de arte colorida. Sua calça jeans fica baixa em seus quadris, revelando a perfeita forma em V de seus músculos em seu torso inferior. Ele parece tão jovem e deslumbrante sem a barba. Meu coração palpita no meu peito. Apesar da minha situação, minha boca está cheia d'água. Meus mamilos endurecem e minha calcinha fica úmida.

Sempre foi uma idiota pelo homem errado, Diana.

— Por que estamos aqui? — Eu exijo, minha voz ofegante e carente, me traindo.

— Porque nós temos que estar. — Suas palavras são profundas e roucas. Elas não deixam espaço para discussão. Ele tem razão. A batida do meu coração traidor atesta suas palavras.

— Você veio me matar? — Eu arqueio uma sobrancelha e sorrio. Não deveria, mas o pensamento desperta uma parte minha. A parte arruinada e depravada. Há essa escuridão interior que respira e precisa de oxigênio. Eu não posso negar quem eu sou. O que eles me fizeram.

Ele ri. — Eu vim para reivindicar você.

Veniamin fodido Vetrov se ajoelha na minha frente, pousando a faca ao lado dos meus pés. Cabeça raspada. Sem barba. Olhos violentos e famintos fixos em mim. Seminu e pronto para foder. Jesus. Por que estou tão excitada agora?

Porque você é uma menina má, Diana.

Suja e depravada. Intensa e sexual.

— Eu não sou sua para reivindicar, — murmuro, em seguida, lambo meus lábios. Mentiras. Mentiras. Mentiras. Estou tão sedenta.

Seus olhos verdes observam minha língua, então ele se inclina para frente. Eu solto um gemido quando sua boca cobre meu mamilo. Quente e úmido, sua língua circunda a carne pontuda. Minhas mãos atadas são inúteis. E ainda assim, corro meus dedos avidamente em sua pele nua enquanto ele chupa meu mamilo.

— O que temos é real. Está lá desde sempre e estou cansado de deixá-los interferir, — ele rosna. Seus dentes puxam meu mamilo, me fazendo gritar. — Isso é nosso, e nós estamos tomando isso, moya roza. — Ele se afasta a tempo suficiente para arrancar suas luvas, e então sua mão desliza entre as minhas coxas. — Você está sendo teimosa e está tudo bem. Serei o único a *tomar* se é isso que você precisa.

— Oh! — Eu grito, o prazer imediato zumbindo através de mim como um tiro de adrenalina. Meu ritmo cardíaco aumenta e meu corpo vibra com a necessidade. É o que preciso. Estou com muito medo de ceder... admitir que estou falhando em recuperar-me dele e do nosso amor.

Ele esfrega meu clitóris sobre minha calcinha de seda até que eu esteja ofegando e choramingando. — Você sentiu minha falta, doce Diana?

Mordo meu lábio inferior e nego com minha cabeça. — Não. — Minto.

— Você sentiu falta dos meus dedos tocando em você? — Ele belisca meu clitóris, e eu grito, devassa e carente.

— Não, — minto em um sussurro ofegante.

— Sentiu falta de mim te amando? — Ele salpica leves beijos na minha coxa.

— Não. — Quase choro. Eu controlo minhas emoções. Estou dominada. Euforia e medo me afetam até a medula dos ossos. Quero isso, eu o quero, mas não vou levar outro golpe... eu não aguento se ele partir meu coração. Ele é meu perigo e minha cura.

— Diana, você não pode lutar contra isso. Você é minha e eu sou seu. É só o que é. — Sua risada sombria me deixa alta como uma droga. Eu o quero. Quero tudo o que ele tem para oferecer, não importa

as consequências. Ele é meu para sempre e minha razão. Se alguém vai acabar comigo, é melhor que seja ele.

— Eu posso ser um Vetrov no nome, mas não sou mais o que eles representam, — ele rosna, como se estivesse lendo meus pensamentos, seus dentes raspando ao longo do meu peito enquanto ele massageia entre as minhas pernas. — Assim como você não é nada como seu pai. Mas nós, juntos, somos uma equipe. Rei e rainha absolutos. E você vai ficar bem aqui nesta cadeira à beira do prazer, até você admitir isso, querida.

No limite do prazer?

Desgraçado!

Eu me contorço e me movo, perseguindo seu dedo para gozar. Vou mostrar-lhe que ele não me possui. Mas o monstro sabe o que eu quero. Ele sabe como trabalhar meu corpo. Provocação, importunação e deboche. A cadeira sob mim fica encharcada da minha calcinha, com suor e excitação. Estou carente pra caramba, e incapaz de chegar ao clímax.

— Ven, — aviso. — Eu matei homens por ofensas menores.

— Você não vai me matar, — diz ele presunçosamente.

— Eu vou.

Ele abandona meu peito para segurar minha garganta. Espremendo, ele me puxa até meus lábios pairarem sobre os dele. — Nós vamos foder, e você vai amar isso. Vou fazer você minha. É assim que isso vai acontecer, Diana. Quanto mais cedo você admitir isso, mais cedo você pode gozar em todo o meu pau. Mais cedo vou poder te foder até você esquecer seu sobrenome. E é assim que vou manter você, até que meu anel esteja no seu maldito dedo, e você esteja tão longe de ser uma Volkov que você poderia estar em outro planeta.

— Eu não vou me tornar Vetrov, — assobio, sacudindo minhas amarras. Meus dedos arranham seu peito, mas ele não se intimida.

— Certo que vai, moya roza. Foi decidido no momento em que você me beijou. Implore por isso. Implore para ser minha esposa, — ele insulta.

Cuspo nele novamente e ele rosna. Seu aperto na minha garganta aumenta quando seus lábios pressionam os meus. Estou tonta e confusa, mas quando a língua dele mergulha na minha boca e ele solta meu pescoço levemente, eu o inalo, o devoro, beijo tudo dele.

Ele continua a esfregar círculos no meu clitóris, até que estou quase chorando com a necessidade de gozar. Seu dedo nunca tenta empurrar dentro de mim ou mostrar sinais de parar. Desacelerando, sim. Parando, não. Ele apenas continua provocando e importunando.

— Eu te amo, Diana, — ele murmura, seus dentes beliscando meu lábio. — Eu sempre amei.

Lágrimas vazam dos meus olhos, e posso sentir meu reino cuidadosamente construído rachando no chão. Ele venceu. Ele é vencedor. Eu nunca tive uma chance, porque o amor sempre seria meu maior obstáculo. Um soluço derrotado me escapa.

— Ven, — eu imploro. — Por favor. — Eu também te amo.

Eu não digo as palavras, mas ele deve encontrar o que está procurando no meu olhar. Com outro duro esfregar, ele me leva além do limite. Eu gozo com um grito alto, todo o meu corpo estremecendo. Soluços feios me rasgam quando cedo à sua vitória.

— Não desista tão facilmente, — ele murmura enquanto se afasta e pega a faca. Ele serra as amarras do meu pulso, depois liberta meus tornozelos. — Corra, Diana.

Minha frequência cardíaca acelera. É minha saída? É tão fácil assim? Eu me levanto com as pernas trêmulas e corro para o perímetro escuro. Um grito estridente sai de mim quando eu me deparo com uma cerca de arame. Começo a correr ao longo da cerca, procurando por uma porta. Seus pesados passos batem atrás de mim. Quando chego à porta da gaiola, tento abri-la. Está trancada com um cadeado.

— Por que você me diria para correr se eu não podia ir a lugar algum? — Eu grito por cima do meu ombro. Ele se lança em mim e perco o resto da minha camisola. Minha calcinha é dolorosamente rasgada de mim, e então meus seios estão esmagados contra a cerca.

— Porque amo te pegar, mas você nunca pode escapar de mim. De novo não. Não posso fazer isso, baby. Eu não posso viver sem você. Isso dói demais. Me recuso, — ele rosna enquanto move seu jeans para libertar seu pau.

Ele alinha a ponta de seu pau inchado contra a minha boceta encharcada por trás, e entra em mim brutalmente.

Uma reivindicação.

Estou sendo reivindicada

Um rei dominando sua rainha.

Agarro a cerca e grito enquanto ele me fode. Estou fraca e cansada. Tão cansada de ser forte. Por um momento, deixo minha fera me atacar. Às vezes, não há problema em ser a princesa quebrada em uma torre esperando por seu príncipe. Especialmente quando o seu príncipe é um sombrio. Uma entidade violenta que devora todo o seu ser. Então, ela não se sente tão quebrada. Ela se sente empoderada.

— Eu também te amo, — admito com um soluço.

Ele se retira, me gira para encará-lo e me beija forte. Eu me agarro nele, precisando dele de volta dentro de mim. Suas mãos fortes seguram minha bunda e ele me levanta. Eu afundo de volta em seu pau assim que ele empurra minhas costas contra a cerca. Nós nos beijamos desesperadamente enquanto ele me fode ao estado de esquecimento. Ele estava certo. Não sei meu próprio nome. Tudo que sei é ele.

Outro orgasmo, dele se esfregando contra o meu clitóris ainda sensível, me faz gritar e arranhar sua pele. Estremeço, então solto um suspiro quando o calor dele investe fundo dentro de mim. Sou dele. Esta besta, meu rei, conquistou sua rainha. Ele veio lutar por ela e venceu.

Nós vencemos.

E sei, sem sombra de dúvida, quando deixarmos esta zona de guerra dentro desta jaula, estaremos partindo como uma frente unida. As paredes podem ter desmoronado no reino que eu criei, mas isso foi porque algo melhor foi construído em seu lugar. Algo forte e impenetrável.

Uma rosa com espinhos perigosos.

E sua parede dura e inquebrável a que ela se apega.

Seu esperma sai de mim quando seu pau se suaviza, escorrendo pela parte interna da minha coxa. Fantasias infantis de amor, bebês e felizes para sempre criam raízes em minha mente. Um futuro com alguém, e não contra todos, é um com o qual começo a ansiar.

— Ven?

Suas feições são suaves quando ele me observa com tanto amor que quase começo a chorar de novo. — Sim, moya roza?

— Temos que matar todos eles.

Não tenho certeza se os horrores do The V Games vão desaparecer da minha mente. Yuri. Iosif. Meu pai. Um já foi, falta três.

Ele acaricia meu rosto com ternura. — Nós iremos. Nós vamos mesmo.

Capítulo Vinte e Três

Diana

Uma semana depois...

Eu questionava o significado da minha vida, mas nunca mais. Ele é o significado. Nem sempre foi fácil.

A escuridão desceu ao meu redor como chuva ácida tentando derreter minha inocência. Tentou destruir minha vontade e me puxar pelo pé, mas aprendi a me proteger da tempestade. Eu superei os inimigos por sangue. Ele me permitiu ser quem eu sou. Escuridão e luz, imunda e pura, fúria e paz, diabo e anjo, céu e inferno. Ele não queria me mudar ou moldar-me a um ideal que lhe foi ensinado de como as mulheres deveriam ser. Acessórios frágeis e fracos. Ele me deixa florescer como fogo e gelo.

Fomos testados e, no final, somos os que estão em pé. Nossa luta está longe de terminar. Eu ainda tenho vingança que precisa de sua recompensa, mas por enquanto, vou me deliciar com a beleza de nós dois. O doce sabor da vitória quando eles abaixam Yegor em seu túmulo.

A mão de Ven aperta a minha e eu respiro o ar livre. Vika está do meu lado direito. Isso é tanto sua vitória quanto minha. Vas teve que a persuadir, usar seu amor por ele para manipulá-la a não fazer nada estúpido como matar Rus, mas há hematomas frescos presentes em seu corpo e gelo em seu coração. Ela foi deixada para sofrer em suas mãos por muito tempo, e não vai adiar muito mais. Ele é uma doninha, e sabe disso, então elimina sua frustração e deficiências nela.

Ven desistiu do trono Vetrov, dizendo a Ruslan que ele poderia ter tudo. Ele não quer que eu tenha que pensar em seu pai deste dia em diante. Nosso futuro será construído pelo *nosso* valor, *nossas* regras,

nosso sucesso. Vika planeja ir até o pai dela e pedir a ele para intervir em relação a um divórcio de Ruslan, mas nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer. Ruslan não é apenas um príncipe desprezível. Não, ele é o rei agora e isso beneficia Yuri. Ruslan é fraco e patético, uma peça fácil de manobrar onde Yuri o quer. Eles são todos apenas peões em seu tabuleiro de xadrez.

Irina olha para mim de seu lugar ao lado de Vlad. Vlad continua checando seu relógio como se não entendesse o que está fazendo o padre demorar tanto tempo. Eu quase rio, mas mordo meu lábio para suprimi-lo. Desde a minha vitória dentro do The Games, Vlad fez questão de vir me parabenizar e me assegurar que suas ameaças a minha vida terminaram com Stephan em The Games. Ele disse tudo com um sorriso, como se estivesse discutindo o clima, não minha tentativa de assassinato. Eu aceito, se isso significa que posso estar perto de Irina.

Quando o funeral finalmente acabou, todos nós voltamos para a mansão Vasiliev, para a recepção posterior e uma leitura de um Will Ruslan encontrado dentro dos pertences de seu pai. Ele parece ansioso com a ideia e está carregando a papelada na mão como se tivesse medo de largá-la. Odeio a ideia de estar de volta aqui, mas a dor e o tumulto da morte de Anton não me incomodam como antigamente.

Agora, apenas alívio e felicidade enchem meu coração.

Os lábios de Ven roçam no meu ouvido quando entramos na propriedade. — Vou pegar uma bebida para nós, — ele murmura, me fazendo tremer.

Não me canso dele, seu suave e severo, o amante hesitante misturado com o animal. O leão dentro dele me leva a uma bagunça trêmula. Pensamentos dele devorando meu corpo causam um rubor na minha pele.

— O que você está pensando? — Irina sorri para mim, suas bochechas cheias e pele brilhando.

— Estou pensando em como você está radiante, minha doce irmã, e o quanto sinto falta de passar o tempo com você. — Estendo a mão e a

coloco em sua barriga grande, uma pontada de dor me atravessando, mas é passageiro. Viver no passado e em remorso não vai mudar o resultado.

Ven volta e me entrega uma taça de champanhe. É engraçado que ele tenha escolhido uma bebida comemorativa para mim pela morte de seu pai. Eu o amo por isso.

— Irina. — Ele acena com a cabeça para a minha irmã. — Diana, Vika está procurando por você. Mandei-a para o jardim. — Ele sorri com uma piscadela.

Eu bato no ombro dele e balanço minha cabeça. — Você é muito malvado.

— Vocês ficaram próximas? — Irina interrompe. — Vika e você, quero dizer, — esclarece ela.

Tomo um pouco do champanhe e aproveito as bolhas estourando sobre a minha língua. — Acho que ficamos. — Eu sorrio levemente. Vika é solitária e, como eu, foi traída por todos os homens de sua vida. Irina franze as sobrancelhas e olha para os pés.

— Sombra, — eu murmuro. — Ela não é uma substituta para você. Ninguém poderia substituir você. Sinto sua falta terrivelmente.

Estendendo a mão, ela pega a minha. — Vamos passar algum tempo juntas então. — Eu olho para Ven, e ele acena com a cabeça em segurança.

— Ok. — Eu sorrio e entrego minha taça para Ven. Eu a sigo enquanto ela gentilmente me puxa.

Quando ela entra em uma sala, eu suspiro. Telas colocadas em suportes com traços vibrantes de tintas criando imagens. Ele construiu outro estúdio de arte. Há uma enorme parede de vidro que é uma janela que leva a um jardim de flores. É impressionante. O sol ilumina todos os cantos. É precioso, tal como Irina. Meu coração canta de alegria ao pensar nela pintando aqui. Vlad provou que ele realmente a idolatra, e apesar de ainda doer o quão rápido ele se virou contra mim e depois tirou ela de mim, estou feliz que ela é amada e cuidada. Só espero que

ela possa enfrentá-lo em relação a mim, e sobre passarmos tempo juntas. Eu quero fazer parte da vida da minha sobrinha ou sobrinho.

— Estou preocupada com você, Diana. — Irina fala na sala, me sacudindo das minhas reflexões internas.

— O quê? Por quê? — Me movo em direção a ela e pego suas mãos nas minhas. Ela está nervosa, seus dentes mordendo o lábio inferior. — Irina, o que é? — Eu pergunto franzindo a testa. Talvez Vlad não tenha engolido seu orgulho e ainda queira se vingar de mim.

— Eu preciso te dizer algo que você não pode repetir. Eu prometi a Vlad, e você sabe como a traição é tratada.

Eu rio disso. — Vlad nunca faria mal a você, pequena sombra. — Seu rosto está enrugado, as linhas franzindo sua testa.

— Você está me preocupando agora. Apenas diga, — eu insisto.

Ela solta um suspiro agudo. — Eu não acho que você deva confiar em Vika. Não permita que ela chegue perto de você.

Reviro meus olhos. — Ela não vai me machucar. — Eu coloco alguns fios soltos de cabelo atrás da orelha que caíram de seu rabo de cavalo. Ela agarra meu pulso e vira os olhos nos meus.

— Ela matou Niko, Diana, — ela sussurra tão suavemente que quase não ouço. — Ela é responsável por *ambos* Viktor e Niko.

Eu dou um passo para trás, minha bunda batendo em uma bandeja colocada no balcão. Ela cai no chão, fazendo uma barulheira. Eu me inclino para pegá-la. — Sinto muito, — eu gaguejo, juntando as peças.

— Deixe.

Minha cabeça nada com essa informação, e tudo o que posso pensar é em Ven. Como devastador foi a morte de Niko para ele. Onde ele tolera Ruslan, ele amava Niko. Minha mente volta para o funeral e como Vika estava em pedaços, quase em histeria. Ela é uma boa atriz. Eu já vi a prova disso antes.

— Quem te disse? — Isso poderia ser boato.

— Eu ouvi isso dela em um vídeo que ela não sabia que estava sendo gravado. É uma boa fonte. É por isso que seu irmão não interfere na maneira como Ruslan Vetrov a trata. Ele é o castigo dela.

Oh, Deus. Eu penso no tempo em que ela mencionou algo sobre o irmão aprender a não traí-la. Quando Ruslan a violou e eu a limpei.

Droga.

Não Niko.

— Eu só quero que você seja cuidadosa ao redor dela. Estou preocupada com quanto tempo ela passa ansiando por nosso irmão também.

— Eu não vou deixar ela machucá-lo, — eu prometo. Não Vas. Não depois de tudo que ele fez por mim. Pego-a no meu abraço e depois voltamos para os outros convidados. Vlad marcha em nossa direção quando ele nos vê caminhando juntas pelo corredor.

— Eu tenho procurado por você em toda parte, — diz ele friamente. — Ven disse que você tinha ido ao jardim.

Qualquer outro momento, isso me faria cócegas. Mas agora não. Eu procuro Ven através dos convidados reunidos. Meus olhos prendem nos dele, e sinto desânimo. Vika está à sua esquerda com Vas à sua direita. Uma coisa que Ven me pediu quando terminou de fazer amor comigo na noite em que veio atrás de mim, era sem mais segredos. Minha alma se esvazia e rompo nosso contato visual. Leva quatro segundos para ele me alcançar e me pegar em seus braços. Eu sei porque meu coração bateu quatro pancadas pesadas.

— O que foi, moya roza?

Sinto-me esmagada e não consigo respirar, meus pulmões confinados. Eu agarro as lapelas do casaco dele. — Diana? — Ele exige, medo desfigurando suas feições. — O que foi?

— Diana, — Irina sussurra. Vlad endurece e olha entre nós.

Mas não posso esconder isso de Ven. Sem mais segredos. Ele merece saber. Vlad pode me queimar na fogueira por isso, mas é importante demais para esconder de Ven. Não é justo que ele não saiba.

Se fosse minha Irina, minha pequena sombra, eu gostaria de saber. *Precisaria* saber.

Vlad nunca irá prejudicar Irina. Então isso não vai machucá-la, tenho certeza disso. No entanto, isso *poderia* machucar Ven e eu. Se ele descobrir por conta própria, e souber que eu sabia, isso nos arruinaria. Eu não posso perdê-lo, não de novo, não depois de tudo. Ele tem que saber. É meu dever para ele.

— Vika mandou matar Niko, — solto em um fôlego.

Ele se assusta, seu corpo se solidificando. Irina suspira e Vlad amaldiçoa antes de rosnar o nome da minha irmã.

— Ven, — eu engulo, colocando minhas mãos em seu rosto, mas ele tropeça para trás, seus olhos caindo no chão, e então tudo acontece tão rápido.

***

Três semanas depois...

— Como você está se sentindo? — Eu pergunto, sorrindo para Ven por sob as cobertas.

— Duro, — ele murmura. — Use sua mão novamente. — Ele sorri, e eu aperto sua circunferência na mão esquerda e acaricio para cima, mostrando o meu anel quando faço. Ele propôs no dia depois do funeral de seu pai. Nós escolhemos o meu anel esta manhã e ele gosta de olhar para isso mais do que eu.

— Diga-me que você me ama, — ele exige.

— Eu te amo. — Sorrio, passando a língua sobre sua ponta esticada, o líquido vazando para a minha língua, a explosão salgada fazendo maravilhas ao meu paladar.

Ele se abaixa e me pega debaixo dos braços, me arrastando para cima de seu corpo. — Você está me deixando louco, — ele rosna antes de me virar de costas.

A cabeça de seu pau duro, voraz e desesperado, empurra contra a minha abertura. É lento e torturante quando ele mergulha dentro de mim, me esticando. Nós gememos em uníssono, nossa carne batendo contra carne.

— Eu te amo, — ele diz enquanto pega seu ritmo e bate os quadris contra mim. Minhas unhas cravam em sua pele, arranhando, cravando e incitando seus movimentos.

— Foda-me, Ven, — eu grito. — Mais forte, mais. — Minha mão mergulha entre nós para violentar meu clitóris. Seus dentes afundam no meu ombro e depois nos meus peitos. Um animal. Meu animal. Sua mão agarra minha garganta, apertando e me levando ao limite. Permaneço no limiar da consciência e grito quando ele me leva ao orgasmo, seu pau acariciando minhas paredes internas.

O suor encharca nossa pele quando ele cai e rola do meu corpo.

— Preciso de água, — eu resmungo, rindo.

— Eu vou te pegar um pouco. — Ele sorri, mas estou de pé antes dele e coloco um roupão.

— Eu te amo, meu rei, — falo por cima do ombro.

— Eu te amo, minha rainha. — Suas palavras são roucas, seu sorriso preguiçoso. Se eu continuar olhando para seu peito rígido, suado e tatuado, posso abandonar minha busca por água e nós dois morreremos de sede. Pelo menos morreríamos felizes.

Ando pelos corredores da nova casa que Ven adquiriu para nós. É perfeita. Não muito grande, mas de maneira alguma pequena. Eu vou para a cozinha e pego algumas garrafas de água. Me vejo descendo as escadas até o porão e agito o interruptor para as celas que Ven criara aqui. Abrindo a trava, espio através da fresta e empurro a garrafa através da abertura.

A garrafa é arrancada de minhas mãos, e ouço a tampa estalando e depois sendo engolida. Pouco antes de fechar a trava, os olhos âmbar aparecem no espaço. — Quanto tempo ele está pensando em me fazer sofrer? — Ela diz com raiva.

— Tanto quanto for preciso para ele buscar vingança por seu irmão, Vika. Agora, durma um pouco. Os primos vêm por você amanhã — eu avisei antes de fechar a fenda.

Ven sabe guardar rancor e sabe buscar vingança. Ele é um Vetrov, afinal.

Vulcânico.

Vitorioso.

Valente.

E meu.

Epílogo

Vas

Manter Vika controlada é desgastante. Ela quer mais de mim, mas eu não tenho para dar. Espero que Yuri conceda seu desejo de divórcio, mas é altamente improvável.

— Vamos, Vas, vamos apenas sair discretamente para algum lugar, — ela implora. — Ninguém vai notar.

A última coisa que quero fazer é esgueirar-me para saciar sua necessidade de pau. Meus olhos procuram alguém em particular na multidão, e uma vez que eles se fixam nela, não consigo afastá-los.

— Por que você nunca pode me dar sua atenção, — Vika bufa. — Você está sempre tão distraído.

Estou tão entediado com sua existência mundana. Nem posso fingir agora. Minhas costas endurecem quando percebo Veniamin se afastar da minha irmã Diana e rasgar as pessoas reunidas como uma faca na manteiga. A multidão se abre como a porra do Mar Vermelho... todos menos ela.

Minha estrelinha estragada.

Eu avanço para frente, mas não vou chegar até ela a tempo. Ele a atropela, mandando-a desabada ao chão. A bandeja que ela segurava bate em cima dela, taças indo para todo lado. O ombro de Ven choca-se comigo enquanto ele continua se movendo em direção ao seu alvo... algo atrás de mim.

— Darya, — eu sussurro, ficando com um joelho para limpar a porra da bagunça em cima dela. Ela assobia e tira a mão da barriga. Manchas vermelhas sujam a camisa branca que ela está usando. É a primeira e única vez que a vi autorizada a usar qualquer coisa. Yuri gosta dela nua e complacente.

Porra, ela está sangrando em todos os lugares.

Examino seu corpo por ferimentos, ignorando o rugido acontecendo atrás de mim.

— Está tudo bem, Vas, — Darya sussurra. Não posso deixar de notar todas as contusões em suas coxas, hematomas que o filho da puta colocou nela numa das muitas vezes que ele a estuprou. Ela usa a coleira, mas não a correia hoje. Meu sangue ferve com o fato de que ela é mantida assim. Um dia vou matá-lo por isso. — Eu juro, estou bem, — ela pede. Seus olhos dourados da cor do mel passam por mim e o medo brilha neles.

Eu sigo seu olhar preocupado para Yuri parado atrás de mim.

— Que porra é essa, garoto? — Ele rosna, depois vira-se para gritar para o filho. — Vlad. Por que Veniamin está estrangulando sua irmã? E por que diabos esse bastardo Volkov está preocupado com a porra da *minha* mascote?

Vlad se move para lidar com o tumulto atrás de mim. Eu me viro para vê-lo puxando Ven de Vika.

Merda, que diabos está acontecendo?

Vika arqueja no ar. — Que diabos? — Ela grita, sua voz rouca.

— Todo mundo fora! — Yuri grita. Pés correm pelo chão de azulejos até as saídas.

O que há com as reuniões Vasiliev?

Quando são apenas Volkovs, Vasilievs e Vetrovs na sala, Yuri acende um cigarro.

Ven está vermelho brilhante, e Ruslan se juntou a Vlad, lutando para mantê-lo afastado. Diana está falando com ele em voz baixa, e Vika está me encarando com Darya em meus braços.

— É melhor alguém começar a falar, — Yuri pede enquanto expele uma nuvem de fumaça.

— Este animal tentou me matar e você não o impediu! — Vika grita com o pai.

— Veniamin? — Yuri pergunta.

— Ela matou Niko. — O tom de Ven é mortal.

Vika empalidece e coloca a mão nas feridas que se formam em sua garganta, de Ven sufocando a vida dela.

— Veniamin, é uma pena que as ambições e o ego de Vika tenham saído do controle. O que é necessário para que eu conserte isso? — Yuri pergunta, e todos na sala, exceto Ruslan, estão de boca aberta.

— Papai? — Vika ofega.

— Cale a boca, — ele diz rispidamente. — Você tem sido um fardo para essa família.

— Isso é o que eu ia dizer a você, — afirma Ruslan quando tira alguns papéis de sua jaqueta e os entrega para Ven. — Pai e Yuri fizeram um acordo meses atrás. Você e Vlad possuem as ações para o The V Games, igualmente. Vocês são parceiros. É todo seu.

Ven e Vlad ficam rígidos, e Diana se afasta hesitante, virando-se para procurar no rosto de Yuri a verdade daquelas palavras.

— Yegor estava pronto para passar o bastão para você Ven, e tinha algo sobre Leonid Volkov, — diz Yuri friamente. — Ele conseguiu as ações da Volkov, juntamente com a pequena quantia de Iosif Voskoboynikov. Isso teria dado a você cinquenta e um por cento das ações. Claro, eu não podia permitir isso. Para recuperar esse 1%, concordamos em me demitir e nossos dois filhos assumirão o controle. — Yuri apaga o cigarro. — Então, entenda, nós não queremos nenhum conflito. Vocês, homens, têm que trabalhar juntos, e isso, — ele diz enquanto acena com a mão entre Vika e Ven, — não serve.

— Eu quero vingança pelo meu irmão, — Ven esbraveja.

— Vai custar-lhe um por cento. — Yuri sorri. Bastardo manipulativo. Ele quer que Vlad tenha ações de controle.

— Feito, — Ven diz entredentes.

— Ven, — eu aviso, e toda a atenção recai sobre mim.

— Por que diabos você está aninhado na prostituta do meu pai, Vas? Não finja que se importa comigo, — grita Vika, confundindo minha advertência a Ven como preocupação por ela.

— Ela não é uma prostituta! — Eu digo roucamente.

Oh, Deus, você não sabe quão certo está. Ruslan ri bufando. Ele caminha até Yuri e empurra um documento em sua mão.

— O que está acontecendo? — Vlad pergunta.

Yuri parece furioso ao ler o documento em suas mãos.

— Vlad, — diz Ruslan, um brilho maligno em seus olhos enquanto ele aponta para Darya. — Conheça sua irmãzinha.

O final por enquanto...